

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DOUTORADO**

FELIPE PARISOTO

**O JUDOCA, O *KAMIKAZE* E O TOUREIRO:
A imigração japonesa para o Rio Grande do Sul na trajetória de Teruo Obata**

SÃO LEOPOLDO

2024

FELIPE PARISOTO

O JUDOCA, O *KAMIKAZE* E O TOUREIRO:

A imigração japonesa para o Rio Grande do Sul na trajetória de Teruo Obata

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Maíra Ines Vendrame

SÃO LEOPOLDO

2024

P234j

Parisoto, Felipe.

O judoca, o kamikaze e o toureiro: a imigração japonesa para o Rio Grande do Sul na trajetória de Teruo Obata / por Felipe Parisoto. -- São Leopoldo, 2024.

217 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2024.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maíra Ines Vendrame, Escola de Humanidades.

1.Japoneses – Rio Grande do Sul – História. 2.Imigração – Rio Grande do Sul – História. 3.Judô – Rio Grande do Sul – História. 4.Lutadores marciais – História. I.Vendrame, Maíra Ines. II.Título.

CDU 325.14(816.5)
 325.14(52:816.5)
 796.853.23(816.5)(091)

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

FELIPE PARISOTO

O JUDOCA, O KAMIKAZE E O TOUREIRO:

A imigração japonesa para o Rio Grande do Sul na trajetória de Teruo Obata

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovado em 27 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Máira Ines Vendrame – UNISINOS

Prof. Dr. Alexandre Velly Nunes – UFRGS

Prof. Dr. João Júlio Gomes dos Santos Júnior – UDESC

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg

Prof^a. Dr^a. Isabel Bilhão - UNISINOS

千里の道も一歩から

Senri no michi mo ippo kara

Uma jornada de mil milhas
começa com o primeiro passo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, *sensei* Teruo Obata, por ter permitido esta incursão em sua vida, abrindo por diversas vezes as portas de sua casa e compartilhando suas tão valiosas memórias. Agradeço profundamente sua disposição e esforço em reviver tanto os floridos como os sinuosos caminhos de sua vida.

Agradeço a sempre atenciosa e solícita dona Tania Philips, assim como a atenção dispendida por Patrícia Philips, esposa e enteada de Obata respectivamente, na partilha de suas histórias e sentimentos.

Agradeço aos professores João Osório Marques Ribeiro e Roberson dos Passos, figuras fundamentais tanto na fase inicial desta pesquisa, como durante sua produção.

Agradeço a Wilson Jorge Escandiel, Francisco Xavier de Vargas Neto, Cid Corrêa Rodrigues Júnior, Walter Reyes Bohel, Jorge Moyses Schreiner, Flávio Vanni Pereira e tantos outros judocas que direta ou indiretamente contribuíram a essa pesquisa, acolhendo e compartilhando saberes e fontes.

Agradeço as leituras atentas e as relevantes sugestões dos doutores João Júlio Gomes dos Santos Júnior e Isabel Aparecida Bilhão.

Agradeço ao Dr. Alexandre Velly Nunes (UFRGS) pelos encontros, leituras, conversas e orientações ao longo desta caminhada.

Agradeço a parceria, a cordialidade e as incontáveis contribuições no campo da historiografia por parte de minha orientadora Dra. Maíra Ines Vendrame.

Agradeço à Universidade do Vale do Rio dos Sinos pela formação, da graduação ao doutorado, por ter possibilitado a passagem de tão relevantes mestres em minha trajetória acadêmica e por seu incentivo à formação docente por meio da bolsa de estudos Pe. Theobaldo Frantz.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) por suas inestimáveis políticas de capacitação, sem as quais este trabalho não seria possível.

Agradeço meus pais, Antonio Henrique Parisoto e Margarete Parisoto, por sempre acreditarem na Educação e nunca deixarem de apoiar os filhos, nos mais diversos aspectos, em seus processos formativos.

Agradeço a minha esposa Julia Darol Dall’Alba e minha enteada Violeta Magalhães pelo apoio na presença e na ausência, pela companhia e amparo nesta caminhada de intenso desafio e aprendizado.

Agradeço meus irmãos, Natássia Parisoto e Bruno Parisoto, assim como demais familiares e amigos, pelo suporte, escuta e por tornarem mais leve um período tão desafiador.

Por fim, agradeço minha filha Margarida Darol Parisoto, por me fazer querer ser cada dia uma pessoa melhor.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa é uma biografia histórica de Teruo Obata, um imigrante, nascido em 1931, na cidade de Yokohama (Japão), residente em Porto Alegre nas décadas de 1960 e 1970, proeminente por sua atuação como um dos precursores do judô no Rio Grande do Sul. Por meio dos métodos da História Oral e da Micro-História, transita-se pelas esferas global e local, perpassando os processos políticos, econômicos e sociais do Japão e do Brasil nas primeiras décadas do século XX, de modo a perceber a complexidade dos fenômenos da imigração. Objetivando, assim, refleti-los e problematizá-los em diálogo com a singularidade da trajetória, compreendendo não apenas o espaço de saída, mas também os ambientes de chegada, as dificuldades e possibilidades percebidas pelo imigrante, assim como a sua inserção e estratégias de socialização. Trata-se de um contributo à História da Imigração Japonesa no Rio Grande do Sul e à História do Esporte, campos em que se faz necessário pensar e repensar o papel dos imigrantes nos espaços urbanos, assim como preservar as memórias de redes de indivíduos e de grupos étnicos nas narrativas sobre a História da Cidade e da modalidade.

Palavras-chave: biografia histórica; imigração japonesa; judô.

ABSTRACT

This research is a historical biography of Teruo Obata, an immigrant born in 1931 in Yokohama, Japan, who lived in Porto Alegre in the 1960's and 1970's, a leading figure in introducing judo in the state of Rio Grande do Sul. Through the proceedings of Oral History and Microhistory, it is possible to range global and local spheres, covering the political, economical and social processes in both Brazil and Japan within the first decades of the 20th century, as a way to understand the complexity of the immigration phenomena, aiming to reflect and question the issues involving the distinctiveness of the journey, covering not just the place where the immigrants came from but also the destination setting, the immigrants' challenges and possibilities, as well as their inclusion and socializing strategies. This work contributes to the History of Japanese Immigration in Rio Grande do Sul and to the History of Sport, being thus necessary to think and rethink the role of immigrants in urban spaces, as well as preserving the memories of individuals and ethnic groups in the narratives about the History of the city and of the sport.

Keywords: historical biography; japanese immigration; judo.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Felipe Parisoto conhece Teruo Obata (2016).....	14
Fotografia 2 – Promoção de Obata ao 7° dan (2016).....	17
Fotografia 3 – Primeira entrevista com Teruo Obata (Porto Alegre, 2019).....	19
Fotografia 4 – Teruo Obata (esq.) e seu irmão Goro (dir.).....	44
Fotografia 5 – Teruo Obata em frente às ruínas de sua escola (1947).....	46
Fotografia 6 – Obata em prática com <i>katana</i> (anos 2000, Itapuã, Viamão, RS).....	60
Fotografia 7 – Certificado de aprovação de Obata a <i>Sandan</i> (Tóquio, 1959).....	62
Fotografia 8 – O jovem imigrante Teruo Obata (Japão, data não identificada).....	75
Fotografia 9 – Kasato-Marú (1908, Porto de Santos, São Paulo).....	80
Fotografia 10 – Família Sasada (1958, Japão).....	94
Fotografia 11 – Nova Confeitaria Matheus (Porto Alegre, anos 1970).....	104
Fotografia 12 – Takeo Yano e George Gracie desmaiam em confronto (RJ, 1940)	107
Fotografia 13 – Demonstração Técnica na Academia Ruy Barbosa (1958).....	122
Fotografia 14 – Academia Ruy Barbosa, dojô prof. Loanzi. (aprox. 1960).....	127
Fotografia 15 – Instituto de Cultura Física (08 de março de 1960).....	130
Fotografia 16 – Wilson Escandiel projeta Teruo Obata (1960, Porto Alegre, RS)...	131
Fotografia 17 – Equipe brasileira do <i>Torneo Confraternidad de Judó</i> (1962).....	136
Fotografia 18 – Obata ministra curso de <i>Nage no Kata</i> em Caxias do Sul (1978). .	141
Fotografia 19 – Tokyo Esporte Clube (Aprox. 1980, Porto Alegre, RS).....	144
Fotografia 20 – Tokyo Esporte Clube (II) (Aprox. 1980, Porto Alegre, RS).....	145
Fotografia 21 – Equipamento de kendô recuperado (Ritmo Judô, 2022).....	150
Fotografia 22 – Iwao Sugo e Otto Schneider (Porto Alegre, 1956).....	154
Fotografia 23 – Shunji Hinata e “Loanzi” (Porto Alegre, 1974).....	160
Fotografia 24 – Obata reencontra Ishii (Porto Alegre, 2016).....	162
Fotografia 25 – Cristiano Obata e Teruo Obata (<i>Kodokan</i> , Tóquio, 1994).....	171
Fotografia 26 – Cristiano Obata e Teruo Obata (Itapuã, Viamão, 1996).....	172
Fotografia 27 – Patricia Philips, Tania Philips Obata e Teruo Obata (Porto Alegre, 2016).....	175
Fotografia 28 – Comitiva de Montevideú (Uruguai, 1962).....	179

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Números da Imigração Líquida para Brasil, entre 1881 a1930 (em milhares).....	.78
Tabela 2 – Colonos japoneses no Rio Grande do Sul (1955-1963).....	84

LISTA DE SIGLAS

ACM	Associação Cristã de Moços
CBJ	Confederação Brasileira de Judô
Feevale	Centro Universitário Feevale
FGJ	Federação Gaúcha de Judô
FRGP	Federação Rio-grandense de Pugilismo
GNG	Grêmio Náutico Gaúcho
GNU	Grêmio Náutico União
IJF	<i>International Judo Federation</i>
INIC	Instituto Nacional de Colonização e Imigração.
JAMIC	<i>Japan Migration and Colonization</i>
KKKK	<i>Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha</i>
MHIJB	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.
SOGIPA	Sociedade de Ginástica de Porto Alegre
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 PRÓLOGO.....	.13
2 INTRODUÇÃO.....	.20
3 TERUO OBATA E O JAPÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	.39
3.1 O Judoca: as Artes Marciais e uma nação de contrastes.....	.47
3.2 O <i>Kamikaze</i>: algumas considerações sobre história e memória coletiva....	.65
3.3 O Toureiro: algumas reflexões sobre intercâmbio cultural, o Japão pós-guerra e a verdade do imigrante.....	.71
4 IMIGRAÇÃO E INDIVÍDUO.....	.75
4.1. <i>Issei</i> (a primeira geração).....	.76
4.2 A imigração japonesa no Rio Grande do Sul.....	.81
4.3 Obata chega em Porto Alegre: os anos 1959 e 1960.....	.85
5 TRABALHO, FAMÍLIA E CULTURA: SOCIABILIDADE E IDENTIDADE DE UM IMIGRANTE JAPONÊS EM PORTO ALEGRE NOS ANOS 60 E 70.....	.96
5.1 A origem do judô no Rio Grande do Sul: discussões e contradições (1950- 1960).....	.96
5.1.1. Sequência cronológica dos episódios em análise.....	.96
5.1.2 Concepções clássicas sobre a formação do judô gaúcho.....	.97
5.1.3 Novos e velhos olhares: Takeo Yano revisitado.....	103
5.1.4 Entre réplicas e trélicas: a figura de Aluizio Nogueira Bandeira de Mello....	114
5.2 <i>Sensei</i>: Teruo Obata e sua inserção no judô gaúcho.....	.128
5.3 Tokyo Esporte Clube: o dojô como espaço de partilha.....	.142
5.4 Considerações acerca da presença “japonesa” no judô de Porto Alegre.	151
5.5 Família, afeto e políticas matrimoniais.....	.163
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	.176
REFERÊNCIAS.....	.180
GLOSSÁRIO.....	.191
APÊNDICE A - FONTES PRIMÁRIAS.....	.193
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	200

ANEXO A – CERTIFICADO DE PROMOÇÃO DE OBATA AO 6º DAN DE JUDÔ, REGISTRO 6/248 DE 8 DE DEZEMBRO DE 1979 DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ.....	201
ANEXO B – CRONOLOGIA DA VIDA DO MESTRE TERUO OBATA 7 DAN. REPRODUÇÃO DA PUBLICAÇÃO DE CID CORRÊA RODRIGUES JÚNIOR, <i>FACEBOOK</i>, EM 27 DE OUTUBRO DE 2018.....	202
ANEXO C – LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS Nº 709 – TERUO OBATA.....	204
ANEXO D – UM NOVO CRACK PARA OS NOSSOS RINGS. TAKEO YANO FALA AO “JORNAL DOS SPORTS”. A SIMPLICIDADE DE UM LUTADOR VALOROSO.....	205
ANEXO E – GEORGE GRACIE ENFRENTA TAKEO YANO (1935).....	206
ANEXO F – JIU-JITZU O SPORT SCIENTIFICO DO JAPÃO (1941).....	207
ANEXO G – TERUO OBATA É CONTRATADO NO RUY BARBOSA (1964).....	208
ANEXO H – TERUO OBATA É CONVOCADO PARA O CAMPEONATO INFANTO	209
ANEXO I - ACERVO FOTOGRÁFICO.....	210

1 PRÓLOGO

O ano de 2016 estava apenas em seu início e o calor do verão deixava a capital dos gaúchos. Foi na primeira semana do mês de março, entre os dias 04 e 05, que cerca de 150 praticantes avançados de judô se reuniram, nas dependências do Grêmio Náutico União (GNU)¹, para um dos mais importantes eventos do ano no âmbito estadual, o credenciamento técnico².

As atividades iniciaram já na sexta-feira, com as memórias e a divulgação do livro “Os pioneiros do judô no Brasil³”, de um imigrante japonês chamado Chiaki Ishii, o primeiro medalhista olímpico representando o Brasil na modalidade⁴. O ano era de grande entusiasmo no meio, pois o Rio de Janeiro terminava os preparativos para os Jogos Olímpicos e o Rio Grande do Sul possuía fortes candidatos à seleção nacional⁵.

À época, eu lá estava como responsável técnico por uma equipe litorânea vinculada à Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa)⁶. Aquela sexta-feira repleta de histórias e de lembranças seria o prelúdio de um projeto que germinaria apenas quatro anos depois.

Apesar das memórias e do ensinamento técnico do judoca medalhista olímpico Chiaki Ishii, assessorado por Rodrigo Motta e Wilson Caldeira, serem os pontos centrais do processo formativo daqueles dias, foi um episódio neste evento a raiz desta escrita. Enquanto nomes conhecidos do judô gaúcho treinavam, discutiam ideias e relembavam histórias, sentou-se ao lado do palestrante principal um franzino senhor de feições orientais, vestido com um *judogi*⁷ branco impecável, conversava com o palestrante da noite como se o conhecesse há mais tempo.

¹ Clube esportivo social de Porto Alegre, fundado em 1906. O evento narrado ocorreu na sede Moinhos de Vento, rua Quintino Bocaiúva, 500.

² O Credenciamento técnico é um evento anual realizado pela Federação Gaúcha de Judô (FGJ) que visa o aprimoramento intelectual do quadro de técnicos e auxiliares. É de caráter obrigatório aos professores que objetivam atuar como técnicos da Seleção Gaúcha e/ou atuar na comissão técnica permanente da FGJ no ano de realização, sendo opcional aos demais.

³ ISHII, Chiaki. Os pioneiros do judô no Brasil. São Paulo: Évora, 2015.

⁴ Bronze no Campeonato Mundial de 1971 e nos Jogos Olímpicos de Munique de 1972.

⁵ Mayra Aguiar, Felipe Kitadai e Maria Portela, os três atletas da Sogipa, representaram o Brasil nas Olimpíadas Rio-2016, sendo Mayra Aguiar responsável pela obtenção de um bronze e por se tornar a primeira judoca brasileira a obter dois pódios na competição até aquele momento.

⁶ Felipe Parisoto foi responsável técnico pela equipe da Judomar, na cidade de Tramandaí, entre os anos 2014 e 2017, em substituição ao fundador Paulo Guimarães.

⁷ Uniforme utilizado para a prática do judô. No Brasil, é comum a utilização do termo *kimono* como forma genérica ao se referir aos uniformes utilizados em Artes Marciais japonesas como judô, jiu-jitsu, karatê e aikidô.

O imaginário do judoca brasileiro, sobretudo de uma região de pequena imigração japonesa, ao ver um nipônico de alta graduação, evoca sentimentos múltiplos, ligados à memória, oriundos de uma narrativa mítica e romantizada propagada pelos professores da modalidade ao longo do tempo. Ou seja, era imprescindível que eu soubesse quem era o indivíduo que se encontrava sentado à minha frente, ainda mais pelo fato de ser um *kodansha*⁸.

Meu questionamento foi prontamente respondido pelos veteranos que me circundavam. Tratava-se de Teruo Obata, um dos precursores do judô gaúcho. Naquele momento, conheci àquele que viria a se tornar o biografado da presente tese de doutorado.

Fotografia 1 – Felipe Parisoto conhece Teruo Obata (2016)



Fonte: Acervo Pessoal de Felipe Parisoto

O tempo tudo transforma e movimenta. Em 2017, ingressei como docente titular da disciplina de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *campus* Osório. A dedicação exclusiva, exigência do cargo, fez com que a minha trajetória tomasse contornos inesperados. Uma escola de judô em Tramandaí, por mim gerida, precisou fechar as portas, da

⁸ O judô possui um sistema de graduação que envolve a coloração das faixas usadas na cintura. Ao cumprir os requisitos de tempo, avaliações técnicas e, por vezes, administrativas e acadêmicas, os praticantes podem alcançar novas cores e/ou graus (*dan*). De acordo com o sistema de regras da Confederação Brasileira de Judô, os praticantes com faixas ditas coloridas (*dangai*) podem postular novas graduações mediante avaliação do professor faixa preta, ou maior, que o instrui. A faixa preta, por sua vez, possui cinco graus, sendo suas concessões uma responsabilidade das federações e seus detentores são chamados de *yudansha*. A obtenção do 6º grau até o 8º, tendo a faixa alterada para a coloração coral (branca e vermelha) é por mérito, concedida pela Confederação Brasileira de Judô mediante indicação estadual. Aqueles que chegam neste nível, após excepcionais serviços prestados, são chamados de *kodansha*. A mesma terminologia engloba os detentores das faixas vermelhas de 9º e 10º grau.

mesma forma que os projetos da modalidade, executados na rede escolar privada, outras portas, por outro lado, se abriam.

Com o apoio institucional do IFRS, uma nova equipe de judô surgia como projeto de extensão, ao passo que eu conquistava a faixa preta após um ano de formação específica. Foi um ano de testes e de aprendizado, mas também de intensa inserção no meio desportivo, quando pude conhecer grande parte dos professores formadores e da história da modalidade em nosso estado. Em 2018, as turmas cresceram exponencialmente. Com cursos de formação obrigatórios, participação em estágios, em competições e no acompanhamento dos alunos nos eventos federados, cada vez mais eu me inseria em um campo que sempre dividiu os meus esforços no meio profissional, o de professor de judô. Foram nestes eventos que conheci indivíduos essenciais que impulsionaram esta pesquisa, como João Osório Marques Ribeiro e Roberson Silva dos Passos⁹. O primeiro, um *kodansha*, aluno de Teruo Obata, responsável técnico e fundador da Ritmo Judô¹⁰. O segundo, na época, um acadêmico de educação física, faixa preta 2° *dan*, árbitro, destacado no meio por sua atuação na área de *Kata*¹¹, também técnico da supracitada academia. Ambos contavam - em meio a competições e cursos - com substancial convicção e paixão, sobre o protagonismo de antecessor no desenvolvimento do judô no estado. Lamentavam, contudo, que devido ao afastamento do *sensei*¹² Obata do meio federativo, não foi dado o devido reconhecimento ao seu papel no desenvolvimento da modalidade por parte da Federação. Tal posicionamento pode ser evidenciado pelo relato de João Osório Marques ao Centro de Memória do Esporte, no qual afirma:

[...] meu professor Obata que é sexto Dan a trinta e poucos anos e nunca recebeu uma graduação e não se incomoda, é o cara que merecia, que mais sabe de judô, está com oitenta e três anos e muito lúcido. Quando a

⁹ Roberson dos Passos, juntamente com sua dupla Eliane Pintanel, conquistou, no ano de 2013, o tri campeonato sul-americano de *nage-no-kata*, além de uma vitória no pan-americano de *nage-no-kata*, *kime-no-kata* e *ju-no-kata*. Tais feitos renderam uma titulação de caráter honorífico da presidência da Confederação Argentina de Judô, intitulada “*The Best Kata*” das Américas. Disponível em: <http://www.judors.com.br/2013/10/29/sensei-roberson-passos-agradece-apoio-apos-titulo/>, acesso em 22 de out. 2020.

¹⁰ A Ritmo, localizada, neste período, na rua Lopes Teixeira, 56, jardim Itú, Porto Alegre, foi criada em março de 1996 enquanto entidade registrada e filiada à Federação Gaúcha de Judô. A inauguração do espaço físico, contudo, deu-se em 2000. Fonte: <http://ritmojudors.com.br/ritmo/historia/>, acesso em 22 de out. 2020.

¹¹ Do japonês: forma. No judô é o termo utilizado para sequências técnicas pré-definidas.

¹² Japonês. Aquele que veio antes. Ainda que no meio marcial tenha um significado mais profundo, traduz-se de forma genérica como “professor”.

gente se aperta com os *katas*, tira as dúvidas com ele, quando a gente pode carrega ele para lá e para cá. Ele tinha o dojô dele no Lami até um ano atrás e esse cara está esquecido, isso me incomoda. (Ribeiro, 2015, p.16)

Cid Corrêa Rodrigues Júnior - outro proeminente professor do estado - naquele momento responsável técnico pela equipe de judô do Grêmio Náutico Gaúcho (GNG), de Porto Alegre, também relatou seu descontentamento sobre o tratamento da FGJ com Obata. O citado *sensei* recebeu parcela importante de sua instrução por Fernando Lemos, aluno de Teruo Obata, e manteve grande contato com o professor de seu mestre ao longo das últimas décadas. Sobre o sistema de graduação, disse:

[...] Obata que é um professor japonês, estudou no Japão... Eu falo com ele, frequento, vou na casa dele, ele tem um certificado de 1979 Kodansha. Em 1979 eu estava entrando no judô, eu sou sexto Dan e ele é sexto Dan. É justo isso? Não sei. Para mim não é, entendeu? É político, aí tu cobra das pessoas responsáveis por promover essas pessoas ai eles dizem assim: "Ele não está no meio...". Como assim? O que é estar no meio? (RODRIGUES JUNIOR, 2015, p.5)

É interessante observar, no entanto, que um ano após a publicação dos relatos dos dois professores referenciados, a FGJ concedeu a promoção de Obata ao 7° grau, após um intervalo de 36 anos¹³. Na fotografia que segue, observam-se, da direita para a esquerda, na mesa central, os próprios Cid Corrêa Rodrigues Júnior, João Osório Marques Ribeiro e, ainda, Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski¹⁴. De forma complementar à análise, ao fundo, é válido ressaltar que se encontram dois formadores, atualmente *kodanshas*, do Rio Grande do Sul: Marco Antônio Pretto¹⁵, à esquerda do oficial de colete amarelo, e Christian Pacheco Bertoia¹⁶, à

¹³ A elevação de Obata ao 6° *dan* foi certificada pela CBJ no dia 08 de dezembro de 1979, sob registro n° 6/248, conforme certificação obtida no acervo pessoal de Obata (anexo A, p. 201). O 7° *dan* foi concedido, em caráter excepcional, durante a seletiva para o Campeonato Brasileiro Regional, no dia 12 de março de 2016, no GNU, sede Moinhos de Vento.

¹⁴ Atleta do GNU, foi uma das mais jovens mulheres a obter a faixa preta no estado do Rio Grande do Sul, sendo a primeira *kodansha* na região. Obteve terceiro lugar no Campeonato Pan-Americano, na Argentina, em 1988. Em Barcelona (1992), ficou em segundo lugar na seletiva olímpica. Obteve destaque no campo do *Kata*, participando de competição a nível mundial (Málaga, 2014) e obtendo o título "The Best Kata" das Américas, pela Confederação Argentina. Não foi aluna direta de Obata no âmbito formativo, mas credita parcela de seu aprimoramento técnico avançado ao mesmo.

¹⁵ Na época, 5° *dan* e responsável técnico do Grêmio Literário Oliveira Castilhos (GLOC), de Venâncio Aires, RS. Tornou-se *kodansha* em 2018.

¹⁶ Na época, 6° *dan* e responsável técnico pela equipe *Kageyama* – ONG Mutação, na cidade de Santa Maria, RS.

esquerda de Pretto. Na parte mais frontal, ao lado esquerdo, se encontra André Luís de Oliveira¹⁷, 2º vice-presidente da FGJ na gestão em vigor durante o episódio.

Fotografia 2 – Promoção de Obata ao 7º dan (2016)



Fonte: Telma Cunha / Divulgação: Federação Gaúcha de Judô

O reconhecimento, entretanto, não alterou a concepção dos professores quanto à visibilidade de Obata. Tal evento, por outro lado, marcou uma crescente política de valorização da memória do esporte, por parte da Federação, que culminaria em novas promoções ao nível de *kodansha*, como os casos de Wilson Jorge Escandiel¹⁸, em 2017, Marco Antonio Pretto e Marcelo Cardoso¹⁹, em 2018, Alexandre Velly Nunes²⁰, Ricardo Manoel de Oliveira Borges²¹ e Francisco Xavier de

¹⁷ Responsável técnico da Physio – Associação Physio Judo Bento Gonçalves, RS.

¹⁸ Na época da promoção, ministrava aulas na escola Caldas Júnior, da rede pública estadual, em Porto Alegre, com seus alunos competindo pelo GNU. Era 5º *dan* há cerca de 15 anos. Filho de Luiz Escandiel, tanto pai como filho conviveram e treinaram com Obata, constituindo-se, também, como uma importante fonte oral desta pesquisa. Posteriormente, fundou a Associação Escandiel de Judô.

¹⁹ No período, responsável técnico da academia Fenix de Judô, em Porto Alegre.

²⁰ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenador do projeto Bugre Lucena, da Escola Superior de Educação Física, realizou importantes pesquisas no campo da história do judô. Sua obra “Judô: caminho das medalhas” (Kazuá, 2013), resultante de sua tese doutoral, se configura como importante fonte bibliográfica, dentre outras, para este estudo.

²¹ Proeminente e atuante árbitro de nível internacional, vinculado à Sogipa. Nunes, Kosmann e Shoura (2005, p. 33) citam o atleta como participante de um dos primeiros estágios de treinamento, *Kangeiko*, com professores japoneses, em Ipatinga-MG, em 1979, e também na universidade de *Kokushikan*, no Japão, entre os anos 1986 e 1987.

Vargas Neto²², no ano de 2019, assim como uma série de homenagens e resgates em ocasião dos 50 anos da Federação, fundada em 1969.

Era evidente que havia, naquele momento, um apreço muito significativo e crescente dos praticantes e dirigentes do judô gaúcho pelo passado de Obata. Ao passo que era observada uma lamentação, ademais havia um esforço no sentido de manutenção de uma memória. Em 2018, no mês de outubro, Cid Corrêa Rodrigues Júnior, compartilhou em rede social uma breve biografia de Obata²³, suscitando uma série de comentários que evidenciavam pontos importantes e que foram definitivos para a decisão que eu viria a ter: Obata estava presente de uma forma muito intensa na memória coletiva; tratava-se de um representante reconhecido da modalidade; a comunidade judoísta recebia com grande entusiasmo e respeito as informações do gênero histórico e se evidenciou, em mais de um caso, a necessidade/vontade da construção de uma biografia.

Dentro de meu percurso formativo e profissional, surgia uma aprazível e motivadora possibilidade de conciliação entre a História e o judô, paralelamente, emergia um percurso que merecia ser estudado, tendo eu condições para percorrê-lo. Ao meu lado, mensalmente, sentavam indivíduos que compartilhavam memórias sobre Obata e a história do judô, cabendo a mim aproveitá-las, registrá-las e utilizá-las para compreender e complexificar os processos envolvendo uma comunidade, uma modalidade esportiva e um indivíduo imigrante. Antes de tudo, todavia, era necessária uma aceitação, essa por parte de Obata, de um estudo acadêmico que envolvesse os mais diversos aspectos de sua vida, não apenas o esportivo. E foi no dia 8 de fevereiro de 2019, em um pequeno apartamento da avenida Borges de Medeiros, no centro da capital Porto Alegre, com a articulação de João Osório e Roberson Passos, que tive a oportunidade de realizar a primeira conversa com *sensei* Obata. O mestre do judô mostrou-se detentor de uma história de vida que

²² De acordo com Nunes, Kosmann e Shoura (2005, p. 33), Vargas Neto foi o primeiro atleta do RS a conquistar uma medalha em campeonato brasileiro sênior (1972), primeiro atleta do RS a ser convocado para a seleção brasileira universitária na qualidade de reserva para participar do Campeonato Mundial Universitário no Rio de Janeiro (1978). Dentre os mais antigos professores de judô do estado, atuou na Sogipa e como técnico da seleção gaúcha. Em informação declarada à plataforma lattes, verifica-se, ainda, que foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade La Salle (Unilasalle), Centro Universitário Feevale (Feevale), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Instituto Educacional São Judas Tadeu. No campo político recente, foi secretário de esportes do estado do Rio Grande do Sul, na gestão Eduardo Leite, em substituição ao também judoca João Derly.

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/cid.rodriguesjunior/posts/10210459906133492>, acesso em 22 de out. de 2020. Devido à efemeridade da fonte digital, além da necessidade de registro do indivíduo no site para acesso, a cronologia tal qual publicada por Cid Júnior está disponível no anexo B desta produção (p. 202).

permeia os mais diversos contextos do século XX, permitindo reflexões que extrapolam facilmente o universo esportivo que originou esta pesquisa. E é desta vida, ou deste universo, que se ocupa a produção que segue.

Fotografia 3 – Primeira entrevista com Teruo Obata (Porto Alegre, 2019)



Fonte: Acervo Pessoal de Felipe Parisoto

2 INTRODUÇÃO

O trabalho, que neste momento principia, caracteriza-se como uma biografia histórica. A opção pelo gênero, ainda que de certa forma sob demanda da comunidade judoística, envolve uma série de responsabilidades e de apropriações conceituais de um universo em constante transformação, e em trânsito por variadas ciências. Neste sentido, é importante salientar que a biografia de um indivíduo pode ser escrita com ênfases e análises inumeráveis, sejam elas de cunho histórico, sociológico, antropológico, literário, *etc.* Assim, ao adjetivar a biografia com a expressão *histórica*, insere-se propositalmente esta pesquisa em um campo científico específico: a História e seu arcabouço teórico-metodológico, em diálogo com outras disciplinas.

Além disso, ressalta-se que o próprio termo Biografia não esteve isento de ponderações ao longo do tempo. No campo da Micro-História, cujos procedimentos estão presentes nesta produção, há discussão no que diz respeito à fronteira entre Biografia e a Trajetória. Em linhas gerais, caracteriza-se trajetória como o estudo de um período, uma fase da vida de um indivíduo. Dada as limitações das fontes ou mesmo o interesse de análise do historiador, opta-se pelo uso do termo trajetória quando não há uma abordagem da “totalidade” de uma vida, do nascimento à morte, com todas as ressalvas que o termo pode vir a ter. Para Alexandre Karsburg, contudo, a parte e o todo de uma vida não seriam os únicos aspectos considerados nesta distinção, quando afirma que “o uso do termo trajetória parece ter sido uma saída para quem tinha receio de utilizar o termo biografia em seus estudos – muito pelo baixo prestígio que biografias tinham no meio acadêmico” Karsburg (2015, p.15). Tem-se, dessa forma, consciência das implicações do uso do termo “biografia” no campo historiográfico e suas discussões. Ainda assim, é feita tal escolha não apenas pelo fato de que se traz a existência de Teruo Obata do nascimento à ancianidade nesta pesquisa, como por serem postos em reflexão diversos aspectos de sua vida.

Trazer uma vida ao âmbito acadêmico sugere que tal história transcende o privado e oferece ferramentas para a compreensão da sociedade e dos processos históricos. Não há por objetivo, portanto, reduzir o percurso do imigrante Teruo Obata a sequências de datas e de acontecimentos, mas ligar os fatos uns aos outros, as situações, os contextos, os indivíduos envolvidos, os atos resultantes e as

razões subjetivas, de modo a propor interpretações²⁴, sejam elas de ordem mais global, como a imigração japonesa, ou micro, tão relevante para a compreensão de diferentes processos históricos. Como afirma Maíra Ines Vendrame:

As pequenas ações de um indivíduo na comunidade e em diferentes momentos da vida cotidiana permitem indagar sobre práticas sociais e estratégias dos sujeitos e de todo o grupo familiar. Além disso, ajudam a entender a lógica de funcionamento de uma realidade local e o papel de determinados indivíduos neste universo (VENDRAME, 2013, p.191-192)

Trata-se, assim, de um afastamento dos modelos tradicionais biográficos²⁵, enquadrando-se dentro daquilo que se convém chamar na historiografia de *retornos*, na qual antigos modelos são revisitados, repensados e adequados ao universo científico de seu tempo²⁶. Deste modo, orienta-se, em linhas gerais, esta prática de pesquisa sob a égide das palavras de Benito Schmidt, ao afirmar que:

Os historiadores biógrafos sabem que não podem “esgotar” a personagem, pois neste campo não existem biografias “definitivas”. Seu interesse é acompanhar um percurso singular para, com ele ou por meio dele, sugerir respostas a questões que também interessam a seus colegas de profissão. (SCHMIDT, 2014, p. 142)

Portanto, ao decidir escrever sobre Teruo Obata ou qualquer outro indivíduo, é preciso inicialmente – e obrigatoriamente, considerar a questão-chave: o que é possível aprender a partir desta vida? Por quais motivos Obata merece ser biografado?

Em primeiro lugar, este estudo está inserido na linha de pesquisa “migrações, territórios e grupos étnicos” do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos. Não poderia ser diferente, então, a opção por buscar compreender o indivíduo dentro deste universo da migração/imigração.

²⁴ Pode-se observar neste ponto o diálogo entre a História e as Ciências Sociais. O sociólogo francês Daniel Bertaux, em entrevista, afirma que as interpretações oriundas das ligações dos fatos, situações, atos resultantes e razões subjetivas são elementos a serem considerados naquilo que chama “Relato de Vida” e no que diz respeito ao seu uso como método. (BERTAUX, 2020).

²⁵ O gênero biográfico possui variações substanciais da antiguidade à contemporaneidade, perpassando matrizes como publicidade, religiosidade e romantismo, servindo como enaltecimento de imperadores romanos, subsídio canônico em hagiografias, elevações de sentimento nacionalistas no século XIX ou puro deleite literário. Sobre as transformações da Biografia ao longo da História e sua recepção no meio acadêmico: DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. In: **Topoi**, vol. 10, n.19, 2009, p. 7-16.

²⁶ Cita-se como exemplo deste retorno da Biografia no universo acadêmico: DUBY, Georges. **Guillaume le Maréchal ou le meilleur chevalier du monde** (1984); LE GOFF, Jacques. **Saint Lois**.(1986); GINZBURG, Carlo. **Il formaggio e i vermi. Il cosmo di un mugnaio del '500** (1976).

Quando Teruo Obata chegou ao Rio Grande do Sul, em 1959, a comunidade japonesa no Brasil já havia comemorado o 51º aniversário da chegada do primeiro navio de imigração a São Paulo. Nosso personagem estava, dessa forma, distante do primeiro grande fluxo migratório de japoneses ao Brasil.

Ainda, quando decidiu imigrar, já fazia 14 anos que havia terminado a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o Japão passava por um processo de restabelecimento e crescimento econômico. Elementos que levam ao primeiro problema de pesquisa desta tese: com os olhos postos à história global dos anos 1950 e na interação dialógica entre Brasil e Japão, quais os aspectos contextuais e individuais que levaram Obata a se tornar um imigrante?

Na sequência do trabalho, superado o esforço reflexivo frente a indagação supracitada, insere-se um segundo problema: de que forma ocorreu o processo de inserção e socialização de Obata na Porto Alegre dos anos 1960 e 1970? Redes sociais, relações de trabalho, apropriações e barreiras culturais, mobilidade, moradia e espaços de sociabilidade são pontos fundamentais à compreensão da História da Cidade e da imigração nos espaços urbanos.

Por fim, no âmbito da História do Esporte, questiona-se: como se percebe o papel de Obata na constituição do judô no estado do Rio Grande do Sul? Área de atuação e reconhecimento profissional do imigrante, que não se encerra em si, mas que interage com os aspectos de inserção e socialização na comunidade gaúcha.

Esta tese, portanto, trata-se de uma proposta que transita pelas esferas global e local, que perpassa os processos políticos, econômicos e sociais do Japão e do Brasil nas primeiras décadas do século XX, buscando perceber a complexidade dos fenômenos da imigração através da singularidade de uma vida. Busca-se compreender não apenas o espaço de saída, mas os ambientes de chegada, as dificuldades e as possibilidades percebidas pelo imigrante na cidade de Porto Alegre, assim como a inserção e as estratégias de socialização de Obata.

No âmbito teórico-metodológico, são muitos os caminhos e correntes que se entrecruzam de modo a compor esta escrita. Como citado anteriormente nos apontamentos sobre trajetória, a Micro-História oferece importantes conceitos e discussões que orientam um trabalho que tem por excelência a centralidade de seu estudo no indivíduo e nas suas redes. Giovanni Levi (2016, p. 29) evidencia os seguintes pontos como característicos da corrente: a redução de escala de análise, o debate sobre racionalidade, o indício como paradigma científico, o papel do

particular, a atenção à recepção e à narrativa, uma definição específica do contexto e a rejeição do relativismo. Pontos estes fortemente considerados na construção deste estudo.

Ao falar em redução de escala, o método micro-histórico objetiva a complexificação dos processos de modo a evitar a generalização de modelos explicativos e das conclusões, ou, conforme as palavras de Giovanni Levi (2023):

O micro sugere problemas e conjecturas variando a escala de leitura, que a leitura macro não vê ou negligência. Assim, a ideia da micro-história é que, variando a escala de observação de um fato, surjam novas perguntas gerais anteriormente negligenciadas; e olhar através do microscópio é um recurso para os historiadores, como para as ciências em geral. (LEVI, *in*: VENDRAME e KARSBURG, 2023, p.35)

Tendo em vista, a partir disso, a História como a ciência da especificidade dos casos, o método biográfico possibilita este ponto de vista reduzido intrinsecamente²⁷. Ainda, o que se pergunta ao indivíduo e ao seu meio se torna mais relevante que as consequências de uma trajetória. Tal postura elucubradora será percebida pelo leitor na sequência dos capítulos, nos quais se questionam motivações e estratégias em diálogo com os indivíduos do meio, o contexto e a narrativa histórica tradicional sobre a imigração japonesa.

A Micro-História - como ferramenta da Biografia - permite um afastamento à História dita típica, heroicizante, positivista e/ou romântica. Analisa-se com rigorosidade o particular, o privado, de modo a resgatar fragmentos que acrescentam aos conhecimentos sobre os processos, não com o intuito de relativização, mas sem dúvidas em oposição aos modelos estruturalistas. Linearidade, coerência, continuidade são aspectos muitas vezes forçados em termos interpretativos tanto na historiografia do passado como nos exercícios biográficos. A Micro-História, em diálogo com a escrita da vida, mostra-nos justamente as idas e as vindas dos processos, a não linearidade, o nem sempre coerente e previsível desenvolvimento de um percurso. Muda-se, assim, a visão de realidade e criticam-se as fórmulas pré-definidas.

²⁷ É válido ressaltar que a redução de escala proposta pela Micro-História está vinculada aos demais paradigmas teórico-metodológicos da corrente. Deste modo, quando é afirmado que a redução de escala é intrínseca à Biografia, assim como à História Regional/Local, por exemplo, coloca-se de forma generalista, pois é a forma como essa redução é trabalhada que caracterizará a pesquisa como micro-histórica ou não. Sobre o tema é sugerido: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Micro-história italiana: modo de uso**. Londrina: Eduel, 2012.

Em Linhas gerais, pode-se afirmar que a Micro-História é uma perspectiva metodológica que vai muito além da História Local, da História das Mentalidades, nem se limita à história da vida privada, da vida cotidiana ou da antropologia histórica. Trata-se, assim, de uma corrente que busca relacionar aspectos do micro com o macro, redimensionando a dialética para a reelaboração de grandes modelos e hipóteses de ordem macro-histórica e global, em diálogo constante entre o singular e o plural, dentro de uma perspectiva crítica, científica e racionalista, que se distancia do irracionalismo do pós-modernismo relativista. Possui três importantes paradigmas metodológicos como diretrizes: a mudança da escala de observação, a análise exaustiva e intensiva do universo micro-histórico, com análise da rede de relações, da documentação pessoal e levantamento intensivo de testemunhos; e o paradigma indiciário, o qual busca observar de forma crítica os indícios históricos e não apenas reproduzi-los²⁸. A biografia acadêmica pode, indubitavelmente, valer-se de outros métodos e perspectivas, mas no caso deste trabalho, julga-se que a corrente micro-histórica se apresenta como um contributo essencial.

É válido ressaltar que o Brasil se constitui na atualidade como um ambiente de profunda discussão da Micro-História e o Rio Grande do Sul um espaço privilegiado neste aspecto. Nos últimos anos, foram produzidas relevantes obras como “Micro-história, trajetórias e imigração (2015)²⁹”, “Ensaio de Micro-História (2016)³⁰” e “Territórios da Micro-História (2023)³¹”, sendo tais referências fundamentais para situar o método no contexto historiográfico do século XXI,

Além de Levi, Ginzburg, Karsburg, Vendrame e Rojas, já citados nesta introdução, acrescenta-se como base intelectual a este estudo: as discussões sobre o capital relacional e espacialidade em José Maria Imízcoz Beunza (2010); a vasta

²⁸ Para a compreensão do paradigma indiciário é sugerida a obra de Carlo Ginzburg, “Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2011”, onde ao observar as raízes e desenvolvimento do paradigma, em uma analogia a Freud, Holmes e Morelli, percebem-se a importância do uso de elementos imponderáveis como “intuição, golpe de vista, faro” no ofício do historiador (e não tão somente dele) como ferramentas para o descortinamento dos meios em que o indivíduo estudado está situado. Ainda, consideram-se os questionamentos quanto à rigorosidade do método, conceito de intuição e seus usos ao longo da história.

²⁹ Maíra Ines Vendrame; Alexandre Karsburg; Beatriz Weber; Luis Augusto Farinatti (orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015

³⁰ KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Ines. Investigação e formalização na perspectiva da Micro-História. *In*: VENDRAME, Maíra Ines; KARBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.). **Ensaio de micro-história: trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016

³¹ VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre. **Territórios da Micro-História**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2023.

produção de Edoardo Grendi; as análises do método aplicado em Henrique Espada Lima (2006); dentre outros autores e temas contemporâneos.

A apropriação de determinados conceitos da Micro-História, contudo, não circunscreve esta produção aos seus *limites* teórico-metodológicos. E aqui, grifa-se *limite* propositalmente, uma vez que diversas barreiras conceituais vêm sendo rompidas, tornando difícil, inclusive, determinar até onde as metodologias do historiador podem chegar neste campo. Trazer esta afirmação neste ponto é fundamental, pois se apresenta agora mais uma, e imprescindível, corrente teórico-metodológica para a construção desta pesquisa: a História Oral.

Em diálogo com a bibliografia especializada, com fontes imagéticas e com documentação pessoal do indivíduo, estão os depoimentos orais, como aqueles colhidos e gravados diretamente com Teruo Obata e suas redes. Tal tipologia de fonte perpassa todo este trabalho e o domínio sobre seu trato é fundamental em termos científicos.

Citar, contudo, Micro-História e História Oral em consonância não teria sido simples na última década do século XX e, possivelmente, ainda difícil ao alvorecer do século XXI. Caselatto (2016), em sua produção “História Oral e Micro-História”, evidencia que ambas tiveram caminhos comuns nos seus processos formativos, mas com seus refinamentos e horizontes se distanciaram a partir dos anos 1990. Por outro lado, aponta que gradualmente aparecem exercícios de aproximação, justamente coincidindo com aquilo que foi chamado anteriormente de “rompimento de barreiras conceituais”.

Trazer a História Oral para um trabalho biográfico e histórico possui seus desafios. Primeiramente, tem-se a clara noção de que a fonte oral é *oral*. Apesar de transcrições de entrevistas existirem nesta produção, como é o caso das retiradas do Centro de Memória do Esporte da UFGRS (CEME), a análise das entrevistas gravadas são feitas a partir de arquivos de áudio e vídeo, onde são levados em consideração os aspectos auditivos, como velocidade e entonação, que por vezes são despercebidos na transcrição, ainda que o campo tenha evoluído nas últimas décadas.

Percebe-se a fonte oral como narrativa, com oscilações e uma profunda relação entre a velocidade daquilo que está sendo dito com a intenção do narrador. Como afirma Portelli (1997, p. 29), “apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser uma estratégia para desviar

de outros pontos mais delicados”. Considera-se, assim, nesta esfera metodológica, a intenção do narrador, assim como a distância que toma do discurso.

Compreende-se que a fonte oral não serve para ou tão somente o preenchimento de lacunas deixadas pelos documentos históricos, nos quais é verificada a veracidade do discurso em contraposição a outras fontes, mas como algo carregado de intenção, sentimentos, idealizações e interferências da memória coletiva que carregam em si muitos significados, mais até mesmo do que aquilo que se pode chamar de *fato histórico*. Tais fatores não invalidam a tipologia de fonte, mas enriquecem o trabalho historiográfico, desde que feito com a devida responsabilidade científica, onde há, sim, espaços para a subjetividade.

Sobre a metodologia da História Oral aplicada ao universo do esporte, Alexandre Velly Nunes publicou relevante estudo em 2019³², no qual elenca nove itens a serem considerados ao trabalhar com fontes orais: o critério de seleção de indivíduos; a forma de abordagem e o local de entrevista; a atuação ou imersão na comunidade; o aprofundamento nos registros históricos do entrevistado; estabelecimento de marcadores de narrativas e registro imediato; intervenções durante o relato e estabelecimento de diálogo; a análise dos vídeos e não apenas de transcrições; a recolha de imagens, fotos ou registros históricos do entrevistado; triangulação das narrativas. Ainda que com alguns distanciamentos, como o uso de gravação de áudio e não de vídeo em alguns casos, assim como a pouca indicação por parte de Obata daqueles que se envolveram mais diretamente com sua trajetória³³, os aspectos postos por Nunes (2019) estão fortemente presentes no âmbito metodológico desta tese. Como informado em caráter introdutório, há a inserção do pesquisador no meio desportivo. Além disso, em consonância com o exposto por Nunes (2019), busca-se o respeito às práticas ritualizadas do judô quando a entrevista ocorre neste universo, o entendimento dos ambientes de entrevista e suas particularidades, o estudo prévio da trajetória do entrevistado e seus inter cruzamentos com a vida de Obata de modo a estabelecer um diálogo, a

³² NUNES, Alexandre Velly. A História Oral e as subversões ao método. In: **Olimpianos**, v. 3, p. 1-19, 2019.

³³ No caso da pesquisa de Nunes (2019), a genealogia dos atletas olímpicos tinha a indicação direta dos entrevistados naquilo que dizia respeito às pessoas de relevância no processo de construção de suas carreiras esportivas. Obata, por sua vez, não explicita isso tão diretamente, até por se tratar de um trabalho que aborda sua vida de forma mais abrangente. Por outro lado, como a pesquisa parte de um indivíduo, a escrita de sua vida possibilita gradualmente a percepção dos espaços de maior trânsito e, conseqüentemente, descobre-se quem foram aqueles mais presentes em seus processos.

recolha ou a reprodução de fontes compartilhadas, a atenção às nuances da fala, dentre outros. Com o aporte intelectual das obras de Verena Alberti (2004), Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.) (2006), as produções de José Carlos Meihy (2006), Fabíola Holanda (2010), Antonio Montenegro (2010), Pierre Nora (1993), Paul Ricoeur (2007), Paul Thompson (1992), Alistair Thomson (1997), entre outros, adentra-se às discussões sobre memória, verdade e objetividade.

Dois ainda são os campos de inserção desta tese conforme comentado anteriormente: a História do Esporte e a História da Cidade.

Sobre a História do Esporte enquanto campo de análise, ainda que hajam ocorrências de sua prática desde a Antiguidade, a História enquanto disciplina acadêmica apenas recentemente começou a considerar o estudo das práticas corporais mais seriamente como um tema relevante. De acordo com Melo e Fortes (2010, p.14), originalmente com traços de “subdisciplina” vinculada à Nova História Cultural dos anos 1970, consolidou-se gradualmente a partir do diálogo com outras disciplinas que possibilitaram passar a perceber as “práticas” como um objeto de estudo, processo traduzido pelas palavras de Peter Burke, que afirma:

“Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema para amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como a *International Journal of History of Sport*. (BURKE, 2005, p.78)

Na corrente supracitada, para além de reflexões afins, como em Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, dois intelectuais influenciaram fortemente os estudos sobre a História do Esporte: Norbert Elias e Pierre Bourdieu, que inseriram com maior densidade os problemas e proposições da escrita da história no campo esportivo.

Para além do processo de consolidação do campo internacionalmente, com raízes na Europa e Estados Unidos dos anos 1960³⁴, em âmbito nacional foi apenas na década de 1990 que se tornou possível verificar mais substancialmente o aumento de estudos com maior profundidade e notável aperfeiçoamento teórico/metodológico em História do Esporte. É válido ressaltar, contudo, que tal

³⁴ Sobre este processo, sugere-se: MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: Panorama e Perspectivas. In: **Fronteiras**, Dourados, MS, v.12, n.22, jul./dez, 2010. p.11-35.

aprimoramento e estruturação do campo ocorreu, majoritariamente, na área da Educação Física, tendo os acadêmicos de História continuado com ressalvas e restrições por mais tempo. Ainda assim, observam-se, nos anos 1990, eventos pioneiros no diálogo entre áreas como o I Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada, em agosto de 1990, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (MELO e FORTES, p.13-14)

Hoje, ainda que com reminiscências do passado, o esporte encontra grande aceitação no campo da História por motivos diversos, como a própria consolidação da área, a qualidade científica das produções, o menor elitismo acadêmico frente a práticas populares e a própria força do fenômeno esportivo no Brasil. Informação constatada em inúmeros elementos, como os crescentes espaços destinados ao tema nos eventos nacionais de História. Haja vista que no último ano de escrita desta pesquisa, o 32º Simpósio Nacional de História – ANPUH (2023) contou com um Simpósio Temático destinado à “História do Esporte e Práticas Corporais (ST.078)”, onde foram apresentados 31 trabalhos de pesquisa, com abordagens sobre futebol, boxe amador, corridas de cavalo, ginástica, capoeira, *jiu-jitsu*³⁵, touradas, patinação, dentre outros fenômenos e com uma grande variedade de abordagens. Este espaço de compartilhamento de pesquisas na área que vem de uma constante dos anos anteriores, pois em uma retrospectiva de 10 anos do citado maior evento nacional de História, que acontece a cada dois anos, o Seminário Temático em “História do Esporte” esteve presente em todas as edições³⁶. Um destaque interessante, ainda, deve ser dado ao Seminário Temático “Histórias de Vida no campo do Esporte e da Educação Física (2021)”. Na ocasião foi apresentada por Ana Maria Kich (UFRGS) e Josiana Ayala Ledur (UFRGS) uma síntese de suas pesquisas, abordando a trajetória esportiva de Lara Mary da Cunha Pazos, dentro de uma perspectiva de História das Mulheres, tendo por espaço contextual o universo do judô gaúcho.

Ultrapassando as produções acadêmicas, observa-se historicamente a crescente consolidação da área em decorrência de editais, como das fundações estaduais de amparo à pesquisa, da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP),

³⁵ Neste caso específico, dada a proximidade temática com a presente pesquisa, informa-se que se trata do estudo do Dr. João Júlio Gomes dos Santos Jr. (UDESC, SC), que dentre outras contribuições observa o *jiu-jitsu* a partir de uma perspectiva da História Global. No caso específico do trabalho apresentado, foi abordado o contexto de adoção da arte marcial no universo militar, analisando processos de aceitação e de resistência.

³⁶ Seminário Temático (ST) 69, 2021; ST. 72, 2019; ST. 52, 2017; ST. 65, 2015.

do Ministério do Esporte e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que buscaram nos últimos anos o fomento aos museus e aos centros de pesquisa da Memória do Esporte.

Se por um lado os indicadores apontam para uma área consolidada, não restam dúvidas que cada vez se torna necessária a compreensão de que enquanto campo científico é fundamental nortear as produções dentro de um rigor teórico-metodológico que dialogue com os paradigmas contemporâneos da historiografia e dos debates da disciplina, a despeito de seu caráter multidisciplinar. Afinal, a História do Esporte é, invariavelmente, História. Uma afirmação que pode parecer óbvia por uma questão linguística, mas que não opera na mesma esfera lógica dentro da produção acadêmica.

Assim, deve-se ter a clareza de que “o que mais interessa no estudo histórico das práticas corporais é perceber que os objetos expressam/representam de forma multifacetada um conjunto de dimensões de um quadro de tensões sociais no tempo e no espaço” (MELO e FORTES, 2010, p.25).

Neste sentido, percebe-se o judô trazido como elemento desta pesquisa como um objeto de estudo histórico que permite um diálogo com contextos nacionais e internacionais que transcendem o local. Uma pesquisa que insere o *jiu-jitsu* e o judô como elementos que se transformam e que permitem a compreensão de importantes aspectos constitutivos de indivíduos e análises de processos como socialização, identidade, troca cultural, etc. Discussões trazidas de forma constante e em cenário múltiplos que inserem esta tese no campo da História do Esporte.

Quanto aos estudos acerca da História da Cidade, deve-se trazer já em caráter introdutório a difícil e desafiadora delimitação de área quando um trabalho de pesquisa aponta contribuir neste sentido. A própria opção “Cidade” indica uma postura analítica que difere da História Urbana. Isso é dado pelo fato de que o trabalho que ora se apresenta tem por objetivo, nesta esfera, contribuir dentro do campo social, oferecendo subsídios que enriquecem a compreensão de dinâmicas da cidade de Porto Alegre, como o local de chegada de Obata, sua passagem pela Feira do Livro, Mercado Público, o múltiplo universo de academias de artes marciais e seus funcionamentos, eventos esportivos, o dojô como espaço de sociabilidade, algumas dinâmicas da comunidade japonesa, entre outros, portanto, elementos de uma cidade específica. Por outro lado, as grandes perguntas geradas no campo da Micro-História oferecem subsídios para a compreensão de fenômenos urbanos que

transcendem a capital gaúcha e geram problemas que possibilitam a compreensão de outras cidades, ou seja, pode-se aplicar também uma perspectiva de História Urbana.

“Urbano”, “Cidade” e “Espaço” são conceitos com proximidade e afastamento que permeiam um campo repleto de densos exercícios de reflexão teóricos que ainda encontram resistências, como nas palavras de Charles Monteiro ao afirmar que “falta ainda uma definição clara do que seria a História Urbana entre o empirismo das biografias urbanas produzidas pelos polígrafos, o formalismo da História do Urbanismo feita pelos urbanistas e a História das cidades escrita pelos historiadores” (MONTEIRO, 2012, p. 105).

Na tênue fronteira entre o complexo e o impreciso, de todo modo, se buscou compreender a cidade em que Obata iria se inserir a partir de 1959. Ao longo dos estudos doutorais do autor, foi publicado o artigo “Entre deuses e sarjetas: chegar em Porto Alegre no alvorecer do Século XX (1890-1920)”³⁷. Tal estudo teve o intuito de compreender as visões e os anseios da sociedade gaúcha de modo a provocar reflexões sobre o processo de urbanização e as múltiplas concepções e interesses que o orientam, assim como proporcionar uma visão dos contrastes urbanos do século em surgimento.

Para dar conta da compreensão acerca da cidade, no estudo citado, foram realizadas leituras em diversos prismas e que não se restringiram ao recorte temporal do artigo, com destaque a produções como de Helton Estivalet Bello³⁸, Charles Monteiro³⁹ e Rodrigo de Azevedo Weimer⁴⁰. Além do universo próprio da historiografia da História da Cidade.

O que se observará, ao longo deste trabalho, é que por uma opção de percurso reflexivo, ainda que o autor tenha abordado algumas temáticas em produção prévia, não se adentra em discussões do campo arquitetônico, artístico, de

³⁷ PARISOTO, Felipe. Entre deuses e sarjetas: chegar em Porto Alegre no alvorecer do Século XX (1890-1920). In: **Revista Aedos**, v. 12, n. 27, 2021, p. 145–166. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/108328>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

³⁸ BELLO, Helton Estivalet. Arquitetura e planejamento urbano em Porto Alegre: dos anos 30 aos anos 70. In: KRAWCZYC, Flávio. **Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002, p. 95-120.

³⁹ MONTEIRO, Charles. Crônica e cidade: a Porto Alegre dos anos 70 entre a nostalgia da cidade perdida e a cidade labirinto. In: BOTELHO, Denilson. **História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p. 124 - 142.

⁴⁰ WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Do centro à periferia: “malocas” e remoções na constituição do espaço urbano de Porto Alegre (1952-1973). **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, 2017.

planejamento urbano, deslocamentos de comunidades, ideais de cidade, padrão de crescimento, etc, dentro de grandes campos como História do Urbanismo ou História Ambiental.

Centra-se, assim, a análise nas dinâmicas sociais, na descrição de alguns espaços específicos e por meio das ferramentas metodológicas já citadas nesta introdução se acessa o universo da História Urbana propondo questionamentos oriundos da experiência de Teruo Obata enquanto imigrante japonês e judoca.

Estando claras as opções metodológicas e historiográficas, é válido ressaltar que esta pesquisa constrói sua narrativa analítica dentro de uma organização que possui como fio condutor a vida de Obata, mas que transita entre aspectos do passado e do presente, de modo a compreender a complexidade dos cenários de uma biografia.

Em termos estruturais, o leitor observará que este estudo é composto por três capítulos: Teruo Obata e o Japão: História e Memória; Imigração e Indivíduo; Trabalho, Família e Cultura: estratégias de sociabilidade e identidade de um imigrante japonês em Porto Alegre nos anos 60 e 70.

O primeiro, de caráter contextual, aborda os primeiros anos de vida de Obata, no qual é proposto um diálogo entre a narrativa individual e a compreensão do meio proveniente de bibliografia especializada de história japonesa. São abordados aspectos da infância, família, estudos, inserção do indivíduo no cenário da Segunda Guerra Mundial e no Japão de domínio americano no pós-guerra. Subdivide-se o capítulo em três esferas da vida de Obata, aos quais se intitulou “o judoca, o *kamikaze* e o toureiro”, por se julgar relevantes para a compreensão da sua formação como indivíduo, assim como auxiliares à percepção do meio de origem dos imigrantes que chegam ao Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XX.

O segundo capítulo é destinado às reflexões do fenômeno imigratório. A vinda dos japoneses ao Brasil tem seu início oficial em 1908, com a chegada do navio Kasato-Maru em Santos (SP). A utilização da mão de obra nipônica esteve em seu início inserida no contexto de expansão cafeeira e substituição da escravatura por trabalho assalariado na transição do século XIX para o XX. Com acordos entre Brasil e Japão, gradualmente a população japonesa em território nacional é conduzida para estados diversos, orientada muitas vezes por companhias de imigração. Com o tempo, motivações internas e externas alteraram o perfil da imigração. No caso do

Rio Grande do Sul, apesar de tentativas de estabelecimento a partir do segundo quartel do século XX, a imigração oficial teve início apenas em 1956, 3 anos antes da chegada de Teruo Obata a Porto Alegre.

No segundo capítulo é feita uma revisita ao processo de imigração japonesa no Brasil e as diferenças de motivação entre os períodos, nos quais se procura compreender a verdade do indivíduo em interlocução com o contexto, com o objetivo de entender a política de aproximação ao Japão por parte do governo brasileiro, as visões sobre o japonês no Brasil, como ocorreu a inserção destes imigrantes no território nacional - com ênfase no Rio Grande do Sul, e de que forma a trajetória de Obata nos oferece elementos que, em diálogo com outras trajetórias, permite enriquecer os debates sobre a história da imigração. Conduz-se a análise de modo a centrar os esforços reflexivos na cidade de Porto Alegre. É válido enfatizar que a opção pelo desenvolvimento da imigração apenas no segundo capítulo está diretamente relacionada com uma condução narrativa de caráter biográfico, fator que justifica a abordagem do fenômeno central deste capítulo de forma posterior à infância e adolescência do biografado.

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado “Trabalho, Família e Cultura: estratégias de sociabilidade e construção da identidade de um imigrante japonês em Porto Alegre nos anos 60 e 70” coloca-se como o ponto central do trabalho desta tese. Com os olhos postos na História da Cidade, há um esforço de pesquisa na tentativa de compreender as relações estabelecidas pelo imigrante com o espaço, percebendo como ocorreu a sua adaptação à cidade de Porto Alegre, os locais por onde passou e as redes que nos estabeleceu mais diversos âmbitos de sua vida. Transita-se pela esfera familiar e profissional, com ênfase nesta última, pelo fato de ser onde reside o maior número de fontes resgatadas sobre Obata. O capítulo tem por objetivo permitir uma melhor compreensão do papel e do lugar do imigrante japonês na capital do estado do Rio Grande do Sul, refletir sobre os processos de inclusão e exclusão no ambiente urbano, perceber aspectos de permanência em intercâmbio cultural, além de contribuir com os estudos contemporâneos em História do Esporte.

Em reforço, sobre a organização cronológica desta pesquisa, no primeiro capítulo é analisada a vida de Obata do nascimento (1931) até a sua partida para o Brasil (1959). Contudo, para entender os contextos que o circundam, faz-se necessário um retorno aos grandes processos históricos da História do Japão dos

séculos XVII, XVIII e XIX, fator que resulta em um capítulo que constrói um diálogo entre os tensionamentos do passado japonês com a trajetória do imigrante. O segundo capítulo é dedicado ao fenômeno da imigração japonesa. Portanto, colocam-se os olhares sobre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, tanto no Brasil como no Japão, sendo concluído com a inserção de Obata neste contexto, em 1959. Por fim, o terceiro capítulo é centrado nos processos de socialização de Obata e na história do judô no Rio Grande do Sul. Assim, no que se refere ao segundo elemento, é feito um retorno aos anos 1930, 1940 e 1950 para promover uma compreensão do processo formativo da modalidade no RS, para então dar conta da vida, contexto e relações de Teruo Obata de 1959 até 1980. Por fim, em vias de conclusão, perpassa-se a segunda fase da vida do imigrante (1981-2023).

Para contribuir com as discussões propostas, foi utilizado um conjunto variado de fontes. No campo da História Oral, foram realizadas, pelo autor, três entrevistas formais com Teruo Obata e Tania Philips (2019, 2022, 2023). A primeira, gravada unicamente em áudio, as duas subsequentes, em vídeo. Tais fontes se constituem como eixo central da estruturação da narrativa sobre a vida do biografado, versando sobre os mais plurais universos: educação, imigração, família, lazer, cultura, trabalho, redes, *etc.*

Como subsídio à compreensão de elementos da vida estudada, foi feita uma entrevista com o pesquisador Walter Bohel (2022), que já havia produzido texto em revista na área do judô, assim como artigos científicos originados de entrevista direta com Obata em outro contexto de sua vida, quando mais jovem.

No que diz respeito à vida familiar, não apenas Teruo Obata e Tania Philips contribuíram com suas narrativas, como foi possível entrevistar a enteada Patrícia Philips (2022).

Naquilo que tange à história do judô gaúcho e à interlocução de Obata com este campo, foram utilizadas seis entrevistas com judocas, transcritas, produzidas pelo Centro de Memória do Esporte (CEME/UFRGS) e disponíveis online⁴¹. Ainda no mesmo campo, foram produzidas, em vídeo, seis entrevistas com colegas, contemporâneos e/ou alunos de Obata⁴².

⁴¹ Bazacas (2002), Gaston (2002), Nunes (2014), Rodrigues Jr. (2015), Ribeiro (2015), Santos (2015).

⁴² Ribeiro (2022), Rodrigues Junior (2022), Vanni Pereira (2023), Escandiel (2023), Schreiner (2023) e Vargas Neto (2023).

Em suporte à análise do cenário da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, assim como para perceber indícios importante das redes sociais do biografado, realizou-se entrevista com o imigrante e amigo de Obata, Koji Sasada e sua esposa Regina Watanabe (2023). Ainda, sobre a presença japonesa no judô gaúcho, foi feita uma entrevista com Shozo Sugo (2023), no sentido de trazer novos elementos que possibilitassem compreender a trajetória de Iwao Sugo, um professor de judô de Porto Alegre, imigrante, anterior à Obata.

É importante ressaltar, neste campo e em complemento, que se optou por não disponibilizar os arquivos de áudio e vídeo das entrevistas referenciadas. A motivação para tal postura é pautada por princípios éticos que perpassam o cuidado com a imagem e as vidas daqueles que cederam seus depoimentos a este estudo. Conforme Jefferson Mainardes e Isabel Carvalho (2019), para além dos Comitês ou Comissões de Ética, que possuem um papel institucional de validação de uma pesquisa, constituem-se como elemento de grande, se não maior, importância o próprio exercício da reflexividade e vigilância dos princípios éticos pelo pesquisador. Neste sentido, declara-se esta pesquisa como um instrumento para a compreensão de fenômenos e processos históricos, sem o intuito de engrandecimento ou depreciação de trajetórias individuais. Em inúmeros momentos desta produção foram suprimidos elementos que tensionariam relações contemporâneas, gerando animosidades quando vistos de forma descontextualizada. Há autorização escrita de todos os entrevistados para o uso de suas palavras e imagens. Contudo, dada a liberdade possibilitada nos procedimentos metodológicos, tangenciamentos e juízos de valor foram percebidos com certa frequência. Elementos que tiveram que passar por novos filtros de ponderação, em que se verificou reflexivamente o quanto determinadas colocações de fato eram contributos à reflexão proposta ou apenas elementos que podem soar interessantes, mas que efetivamente poderiam gerar problemas aos entrevistados. Dilemas comuns no campo da História Oral, confrontados nesta pesquisa, considerados em cada linha pontuada e que subsidiam a justificativa pela qual se optou pela não publicização das fontes orais na íntegra. Ainda no campo ético, é importante declarar que este estudo segue rigorosos padrões de coleta de dados e análise com profundo respeito à diversidade, onde a fonte de financiamento ocorreu por bolsa direta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, dentro de uma política de capacitação de professores de escolas

públicas (bolsa Padre Theobaldo Frantz), que não teve nenhuma intervenção no objeto de estudo, metodologias, justificativa ou objetivos traçados.

Em retorno às fontes, somam-se aos 27 depoimentos citados⁴³: documentos pessoais, como certificados de graduação em exame de faixas; atas da Federação Gaúcha de Judô; listas de passageiros de navios de imigrantes; fotos da juventude a ancianidade de Obata e seus círculos; cartas de *kamikaze*; leis; bem como dezenas de artigos de jornais, sobretudo o Diário de Notícias (RS) e as colunas sobre o esporte gaúcho escritas por Jorge Aveline. Foram levantadas, apresentadas e discutidas mais de 100 fontes primárias, que em diálogo com a bibliografia especializada sobre a História do Japão, Imigração Japonesa, História do Rio Grande do Sul e História de Porto Alegre, possibilitam uma série de contribuições aos campos a que este trabalho se propõe analisar.

Antes de partir ao esforço reflexivo, é válido pontuar que no que se refere à produção historiográfica na subárea da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, não é elevado o número de obras acadêmicas sobre o tema. De caráter pioneiro, existem as pesquisas de Dante de Laytano (1967) e Moacyr Flores (1975), ambos proeminentes historiadores e professores do estado. A referida imigração na região é posterior a 1950, ainda que algumas tentativas tivessem sido feitas anteriormente, deste modo, o trabalho de pesquisa de Dante de Laytano é realizado logo após a primeira década do fluxo migratório nipônico, logo, bastante próximo temporalmente. Ambos os historiadores citados usaram tanto análises diretas realizadas com os imigrantes como os dados da JAMIC, Imigração e Colonização Ltda., empresa fundada em 1956 com a finalidade de auxiliar os japoneses no âmbito da orientação técnica e compra de terrenos, tendo sede em Porto Alegre e com jurisdição que cobria o Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Assim, tais estudos precursores são ricos em informações tanto pessoais, como sobre quantitativos de imigrantes, áreas ocupadas e valores praticados. Não houve, no entanto, significativa produção posterior nos anos seguintes.

⁴³ Neste ponto, é importante enfatizar que a centralidade das entrevistas está na relação do indivíduo com o Obata, aspecto que permite uma restrição substancial de narrativa de modo a viabilizar a análise de um número significativo de trajetórias que se cruzam. Em todos os casos, buscam-se observar o local e o período onde as pessoas se conhecem, os espaços que frequentavam e se as características da personalidade de Obata são abordadas. Contudo, dentro de uma perspectiva indiciária, de diálogo, de valorização das perguntas e sem pretensões quantitativas, opta-se por um modelo de entrevista não restrito à questões preestabelecidas. Em termos quantitativos, o segundo capítulo trabalhado é centrado nos próprios depoimentos de Obata sobre a fase inicial de sua vida.

Em publicação de 1980, na obra *a Presença Japonesa no Brasil*, de Hiroshi Saito, Laytano (1980, p. 56) comenta que o estudo sobre o japonês no extremo sul estava apenas em seu início, citando somente sua obra e de seu ex-assistente Moacyr Flores como estudos mais abrangentes na área. Nos anos 1990, destaca-se a produção de Marco Antônio Tuchtegen Ushida (1999), uma monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

No século XXI, elevou-se o número de produções, com a particularidade de se concentrarem principalmente nos aspectos culturais dos japoneses e/ou se centrarem em espaços de análise mais reduzidos, como a Colônia de Ivoti (criada em 1966) ou Santa Maria (com estabelecimento de comunidade desde 1958)⁴⁴. Produções que dialogam com o conhecimento histórico, mas não se restringem à ciência histórica, perpassando áreas diversas como Saúde, Estudos Japoneses, Letras e Ciências do Desporto.

No âmbito de produções de pós-graduação, em 2013, Alexandra Begueristain da Silva defendeu a dissertação de mestrado em Ciências Sociais sobre práticas religiosas em Santa Maria. Em 2019, a mesma autora defendeu na UFSM tese de doutorado em História sobre associações de imigrantes japoneses dentro do mesmo espaço de análise de sua pesquisa pregressa. Também em 2019, Tomoko Kimura Gaudioso, professora do Instituto de Línguas Modernas da UFRGS, defendeu sua tese em História sobre a presença do governo japonês e sua política para a preservação da memória, da identidade e perpetuação da etnia japonesa no exterior, tendo por principal espaço de análise no Brasil o Rio Grande do Sul.

Com relação ao caso específico da História do judô no Rio Grande do Sul, dentro do recorte temporal desta pesquisa, foi apresentada recentemente, em dezembro de 2021, por Francisco Xavier de Vargas Neto, a obra “Academia Ruy Barbosa, dojô professor Loanzi: o velho casarão”, na qual foram levantadas fontes inéditas sobre aquilo que pode ser considerado o início do judô na cidade de Porto

⁴⁴ A exemplo cita-se: o trabalho de pesquisa de Johannes Doll (2002), professor da Faculdade de Educação da UFRGS e estudioso sobre envelhecimento, onde é feito pequeno relato de pesquisa interdisciplinar na colônia de Ivoti; alguns estudos de pesquisadores orientados por Doll, como Aline Midori de Moraes Tanaka (2003), no âmbito da imigração e envelhecimento, com espaço de aplicação de questionário na colônia de Ivoti; de Santos (2003), com a análise da integração cultural do japonês na cultura brasileira a partir de análise também da colônia de Ivoti; Soares & Gaudioso (2008), sobre os 50 anos da imigração japonesa em Santa Maria; Silva & Soares (2013), acerca da identidade e memória das mulheres Nikkei em Santa Maria; Soares & Gaudioso (2013), sobre gastronomia, culinária e identidade étnica.

Alegre. Por Walter Reyes Boehl, em 2019, foi publicado um artigo intitulado “Judô em Porto Alegre (décadas de 1950 e 1960): itinerário da prática na cidade”. Período que compreende a chegada do professor Obata ao estado, sendo o mesmo citado neste contexto. Em 2018, o mesmo autor havia publicado de forma independente uma obra de trajetórias do judô gaúcho. No âmbito de pesquisas finais de pós-graduação, Alexandre Velly Nunes, professor adjunto da UFRGS, defendeu sua tese de doutorado em 2011, intitulada “A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais”, na Universidade de São Paulo (USP), estudando a história do judô brasileiro. Utiliza-se, também, nesta pesquisa o livro resultante da tese, “Judô caminho das medalhas (2014)”. Em 1999, Luís Maduro defendeu, na UFRGS, a dissertação de mestrado intitulada “A História do Judô no Rio Grande do Sul: das primeiras manifestações aos Jogos Olímpicos de Atlanta”. Desse modo, observa-se que não existem muitas produções específicas, mas são indubitavelmente contributos essenciais.

Em linhas gerais, este estudo se justifica a partir da necessidade contemporânea de trabalhos de pesquisa acadêmica que pensem o imigrante em espaços urbanos plurais – não colônias, assim como a pouca exploração e/ou disponibilidade das memórias de determinados grupos étnicos na construção da história da cidade de Porto Alegre. Ainda, mas não menos importante, devido à demanda específica do meio esportivo no registro biográfico de Obata.

HISTÓRIA DO JAPÃO: CRONOLOGIA POLÍTICA

Paleolítico	50/35.000 – 13/9.500 a.C
Período Jomon	13/9500 – 300 a.C
Período Yayoi	300 a.C – 250 d.C
Período Yamato	250 – 538 (período Kofun) 538 – 710 (período Asuka)
Período Nara	710 – 794
Período Heian	794 – 1185
Período Kamakura	1185 – 1333
Restauração Kemmu	1333 – 1336
Período Muromachi	1336 – 1392 (período Nanboku-cho) 1467 – 1573 (período Sengoku)
Período Azuchi-Momoyama	1573 – 1603
Período Edo	1603 – 1868
Império do Japão (1868 – 1945)	1868 – 1912 (período Meiji) 1912 – 1926 (período Taisho)
Japão (1945 - presente)	1926 – 1989 (período Showa) 1989 – 2019 (Heisei) 2019 – presente (Reiwa)

Observação: a tabela acima possui o intuito de dar clareza ao leitor quanto à divisão da História Política do Japão de um modo geral. Os destaques em negrito se referem a termos e períodos abordados nesta pesquisa doutoral. É válido ressaltar que naquilo que tange o Período Edo e anteriores, existem divergências quanto algumas datas de início e término, que se dá, sobretudo, pelas múltiplas interpretações daquilo que efetivamente simboliza o início de uma Era. Ainda, no caso dos períodos iniciais, trata-se de aproximações que apresentam variações de centenas e, por vezes, milhares de anos. Não coube a este estudo adentrar tais discussões e julgar criticamente as referidas datações.

3 TERUO OBATA E O JAPÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Teruo Obata nasceu e cresceu em Yokohama, região metropolitana de Tóquio, em 30 de novembro de 1931⁴⁵. Anos antes, em 1923, sua cidade havia sido devastada por um sismo de magnitude entre 7,9 e 8,3 na escala de Richter que destruiu não apenas Yokohama, mas causou estragos também em Chiba, Kanagawa, Shizuoka e Tóquio. Tal destruição, chamada de *Kanto Daishinsai*, foi catalizada por um tufão que alimentou os incêndios e levou Yokohama às ruínas⁴⁶. Apesar de um passado trágico, o cenário que se colocava era de uma cidade em gradual recuperação e modernização, o que poderia inserir o jovem Teruo em um universo de inúmeras possibilidades. Contudo, o contexto econômico do país não era favorável.

O início da Era Showa (1926-1989) foi marcado por profundas crises em nível nacional e internacional. Apesar de o Japão ter se beneficiado economicamente com o suprimento de mercados deficitários asiáticos na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), com um crescimento econômico de 50%, exportações triplicadas e produção industrial quintuplicada, com benefícios, sobretudo, aos conglomerados financeiros ou industriais verticalmente ligados ao Império do Japão (*zaibatsu*)⁴⁷, a economia do país não esteve imune aos efeitos das crises do Entreguerras. Nesse sentido, é importante salientar que a recessão econômica acentuada a partir de 1927 levou um quarto dos bancos japoneses à falência. A seda, importante produto de exportação, teve expressiva queda de valor no final dos anos 20, situação similar que ocorreu com o arroz, em 1930, em decorrência da recessão mundial. Entre 1926 e 1931, os índices dos rendimentos monetários rurais caíram de 100 para 33, enquanto na cidade a população aumentava substancialmente e gerava uma série de problemas sociais (HENSHALL, 2017, p.156-157).

No espectro político, divergências ideológicas antagonizavam aqueles que defendiam um Japão mais conservador frente aos grupos adeptos às continuidades

⁴⁵ Data verificada no RNE (Registro Nacional de Estrangeiros), na lista positiva de passageiros provenientes do navio *Argentina-Maru* e, ainda, confirmada por meio de certificado de aprovação ao exame de *Sandan*, emitido pela *Kodokan* (Japão).

⁴⁶ Sobre o evento e suas estatísticas, ver: TAKEMURA, Masayuki; MOROI, Takafumi (2004). Mortality Estimation by Causes of Death Due to the 1923 Kanto Earthquake. In: **Journal of Jaee**. v. 4, 2004, p. 21–45.

⁴⁷ Controlavam boa parte da economia japonesa entre o Período Meiji e a Segunda Guerra Mundial. Com a intervenção dos aliados no território japonês pós-1945, as *zaibatsu* foram reconfiguradas em *keiretsu*.

da modernização e aproximação com o ocidente, este último processo em curso desde a Era Meiji (1868-1912).

Para situar em termos temporais, visto que a História do Japão não é substancialmente contemplada nos percursos formativos brasileiros, é válido ressaltar que por um longo período, de 1603 a 1868, o Japão passou por um forte isolamento político e econômico, com relativa paz interna, chamado “Período Edo” ou, ainda, “Shogunato Tokugawa”. A partir da Batalha de Sekigahara (1600), encerrou-se uma fase de guerra civis entre os feudos no Japão⁴⁸, consolidando-se um processo de centralização do poder e unificação, simbolicamente completo com a concessão do título de chefe-militar (*shogun*) à Tokugawa Ieyasu. Por mais de 200 anos, o Japão permaneceu encerrado em si, em um sistema agrário-feudal. Um isolamento quase absoluto do restante do mundo, interrompido com o advento da Era Meiji (1868-1912), um período de transformação na história do território, sendo sua compreensão fundamental para entender o Japão moderno.

No ano de 1853, em 08 de julho, houve um episódio derradeiro para iniciar um processo de rupturas intensas: a chegada do comodoro americano Matthew C. Perry à Baía de Edo. O oficial veterano da marinha tinha como missão a abertura de, pelo menos, um porto para comércio do Japão com os EUA. A ameaça do uso da força e a superioridade militar americana, dentro da lógica da diplomacia das canhoneiras, permitiram a entrega de uma carta de intenções do presidente Millard Fillmore ao governo japonês. Em fevereiro de 1854, o comodoro retornou para a devida resposta, e no dia 31 de março, na Convenção de Kanagawa, foi assegurada a proteção da propriedade americana no território e abertos os portos de Hakodate e Shimoda para o comércio com os EUA, apenas um de uma série de tratados desiguais típicos do Imperialismo. O Japão, gradualmente, inseria-se no grande contexto de trocas mundiais do século XIX.

A redução de sua soberania, aliada ao sentimento de humilhação, levou o governo japonês a adotar uma série de medidas de modernização, centradas, sobretudo, no âmbito militar. Potências mundiais – França, Rússia, EUA, Alemanha e Reino Unido – auxiliaram na compra de navios com novas tecnologias, na

⁴⁸ O termo “feudal” é frequentemente utilizado na historiografia ocidental quando se refere ao Japão pré-Meiji. Isso ocorre devido às características gerais compartilhadas entre este sistema típico de diversos territórios da Europa medieval com a um período específico da história japonesa marcada pela economia agrícola, as relações de interdependência e concessão territorial entre imperador e senhores (daimiôs), divisão de classes e relações de suserania e vassalagem. Quando circunscrito à história japonesa, é adequado o uso do termo “sistema *Bakuhan*”.

construção de fábricas de armamentos e treinamento de tropas. Enquanto isso, gradualmente, a cultura ocidental penetrava no Japão. Durante o período Tokugawa, o *shogun* (chefe militar) possuía mais poder e influência que o imperador, este ocupante na altura de uma função quase simbólica, ainda que na segunda metade do XIX cada vez mais se via sua interferência nos assuntos de Estado. Com a morte do Imperador Komei, em 1867, os clãs de oposição ao shogunato que defendiam a extensão das reformas às esferas não militares, juntamente ao jovem imperador Mutsuhito, iniciaram um período de conflito com os defensores do Shogunato que resultaram, inclusive, em batalhas armadas (Guerras Boshin – 1868-1869). Em 1868, sob pressão, ocorre a renúncia do *shogun* e a restauração do poder do Imperador (Restauração/Revolução Meiji).

A Era Meiji foi marcada em um primeiro momento pela perseguição aos adeptos do shogunato, mas, sobretudo pelas profundas reformas econômicas e sociais de caráter liberal e centralizador, com abolição do sistema Han (feudalismo japonês), confisco de terras, redução do poder dos *daimyos* (equivalentes aos senhores feudais) e dos samurais, criação de um exército nacional, fortalecimento do sentimento de nacionalismo e adoção de símbolos pátrios, criação de um xintoísmo de Estado, perseguição ao budismo, autorização do cristianismo (questões diplomáticas), educação ocidentalizada. Além disso, chegada da 2ª Revolução Industrial ao território, renúncia dos tratados desiguais, consolidação do Japão como potência, além das políticas expansionistas na Ásia que contribuíram para o fortalecimento do papel do exército e demarcaram as políticas de inimizade e aliança que viriam a ser determinantes no papel do Japão nos conflitos do século XX.

É fundamental, logo ao início deste trabalho de pesquisa, que se tenha a clareza que o Japão possui em sua história este cenário intenso de transição no século XIX, pois os elementos resultantes destes processos de troca entre ocidente e oriente, marcam não apenas as transformações políticas e econômicas⁴⁹ do território japonês, como provocam intensos contrapontos e lentas

⁴⁹ É válido o adendo de que, para Brett L. Walker (2017, p. 200), a transformação econômica foi um elemento crítico da Restauração Meiji, uma vez que havia a percepção por parte dos restauradores de que a riqueza industrial se traduzia em força nacional, abraçando práticas e teorias econômicas ocidentais. Contudo, ainda que houvesse uma rápida industrialização no final do século XIX, por vezes rotulada de “modernização tardia”, comenta que é fácil exagerar neste sentido, como se houvesse uma ruptura absoluta, provocada pela capitalização e industrialização, desconsiderando os indicativos protocapitalistas e protoindustriais com evidências generalizadas.

transformações/incorporações no âmbito cultural. Fundamental ressaltar, ao lançar novamente os olhares ao biografado desta pesquisa, que o nascimento de Teruo Obata se encontra há pouco mais de 60 anos de um Japão feudal e isolado, forçosamente aberto e com tensões nas mais diversas esferas. Aspecto verificável no modo de agir e pensar no universo rural e que, de modo geral, contrastava com o universo urbano, apresentando inúmeros conflitos nas suas interlocuções. Como é percebido nas mais diversas experiências históricas, os cenários de crise acentuam e radicalizam os discursos, em um contexto onde perseguem-se culpados e buscam-se soluções mais dramáticas.

Obata, então, insere-se neste universo de crises econômicas, contrastes e fortes antagonismos ideológicos e culturais que ao longo desta pesquisa permitirão reflexões importantes daquilo que o constituiu como indivíduo. Filho de Yoshi (mãe) e Kingiro (pai), nosso personagem narra que seu pai teria sido oficial de tanque na Guerra da Manchúria e morrido quando Teruo tinha apenas 8 anos. É difícil determinar, contudo, o contexto da morte paterna. Quando é verificada a expressão “Guerra da Manchúria”, encontra-se na historiografia 3 eventos principais no século XX: a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905); a Invasão da Manchúria (1931-1932) e a Batalha da Manchúria (1945). A primeira é descartada por questões cronológicas. No segundo caso, Obata comenta que tinha 8 anos quando o pai morreu, não coincidindo com a Invasão da Manchúria (1931-1932). Este conflito, contudo, entre japoneses e chineses com início em 18 de setembro de 1931 e término em 27 de fevereiro de 1932, levou à anexação do território pelo Império do Japão até o final da 2ª Guerra Mundial, além de uma série de conflitos diplomáticos mundiais. Infere-se que o pai possa ter morrido em eventos decorrentes da anexação.

Teruo teve 10 irmãos. Em entrevista, em 2019, ao ser questionado quantos irmãos possuía, respondeu 8, não levando dois em consideração. Porém, sua esposa, dona Tania Maria Philips Obata, interrompeu-o dizendo que eram 10, citando duas mulheres. Quando foi questionado, na sequência, sobre sua posição entre os irmãos (se mais velho, do meio, mais novo), respondeu: “o último, mais novo”, sendo novamente interrompido por sua esposa que disse: “não, mas tem a Yuko!”, ao passo que dito por Obata: “irmã, irmã”. Trata-se de um dado válido de ressaltar, uma vez que este estudo possa servir de base para outros do gênero. A fronteira linguística por vezes apresenta alguns pormenores que passam despercebidos ao falante nativo. Irmãos e irmãs são palavras distintas e o uso do

coletivo masculino abarcando ambos os gêneros pode gerar confusão ao estrangeiro que não possui domínio pleno ou avançado da língua.

A memória, ainda, é uma fonte que requer um tratamento específico, cuidadoso, sobretudo quando se trata de uma narrativa única e de uma pessoa mais velha. Obata, por ser um indivíduo de relevância histórica para o judô no Rio Grande do Sul, já passou por diversas entrevistas e estudos publicados, reproduzindo trajetórias múltiplas e divergentes ao longo das últimas décadas. Em caráter de exemplo, em mais de um caso aparece o nascimento de Obata em 1930, como é o caso de entrevista publicada na revista *Randori*⁵⁰ ou mesmo em recente publicação de 2022, na obra de Vargas Neto “Academia Ruy Barbosa, dojô professor Loanzi: o velho casarão⁵¹”. Neste último caso, verificou-se que se tratou de interpretação equivocada de documentação japonesa. Quanto ao caso da entrevista, a mesma revista do judô gaúcho, produzida por curto período de tempo entre os anos 2010 e 2015, apresentou versões diferentes da mesma história. Enquanto o volume 8 (2015) apresenta o nascimento de Obata em 1930, sob narração de Miguel Noronha⁵², a primeira edição da revista, volume 1 (2010), já apresentava, escrito por Walter Boehl, o nascimento correto, assim como outros dados que viriam a divergir da versão de 2015, como por exemplo o número de irmãos apresentados no volume 8, no qual é citado como “único filho homem entre sete irmãs” (NORONHA, 2015, p. 28).

As narrativas e fotos familiares apontam o equívoco da informação apresentada em revista de ampla circulação no meio esportivo. Ademais, na primeira entrevista realizada para esta pesquisa em 2019, Teruo Obata recordou com grande carinho de um dos irmãos, Goro, mostrando a foto que segue. Sobre a relação fraternal, comentou que eram com ele que treinava pela manhã o judô e o kendô, atividades marciais que começou a aprender ainda jovem no ambiente escolar. A senhora na parte central da foto, vestida de *kimono*, trata-se da esposa de Goro.

⁵⁰ NORONHA, Miguel. O cara: Teruo Obata. In: **Revista Randori**. V. 8. 2015. Disponível em: https://issuu.com/revistabastidordabola/docs/pdf_output, acesso em 05 de fevereiro de 2022.

⁵¹ VARGAS NETO, Francisco Xavier de. **Academia Ruy Barbosa, dojô prof. Loanzi: o velho casarão**. (Ainda sem dados de publicação), 2022.

⁵² Na época, repórter fotográfico da Federação Gaúcha de Judô e produtor da revista *Randori*.

Fotografia 4 – Teruo Obata (esq.) e seu irmão Goro (dir.)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata.

Sobre sua infância e pré-adolescência, ainda que as memórias familiares existam, é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que se configura como o evento mais predominante, sendo usada frequentemente como marco temporal da primeira fase de sua vida, em entrevista concedida a Walter Reyes Boehl, narra:

Naquela época, o Japão estava na miséria. Faltava tudo. Lembro que eu não tinha sapatos. Usava apenas tamancos. Não tinha o que comer. Com a guerra, todos os japoneses tinham que lutar. Só não iam as crianças, as mulheres e os velhos. Então eu comecei a trabalhar entregando jornais. Minha jornada iniciava-se cedo, às cinco horas da manhã. Lembro que tinha que me esconder quando os aviões militares dos Estados Unidos estavam sobrevoando o nosso território. Quando eles saíam, eu voltava a entregar os jornais. Era muito frio. O inverno muito rigoroso. Eu andava somente de tamanco em temperaturas de zero a três graus negativos. Meus pés congelavam, mas eu precisava trabalhar. (BOEHL, 2010, p. 7)

Tal narrativa dificilmente seria diferente dentro deste espaço e tempo. Tendo em vista que, ao final do conflito mundial, os recursos japoneses estavam sendo solicitados ao máximo devido aos esforços militares. Em 1943, a escassez de alimentos e a legislação de mobilização do trabalho atingiam com crueldade tanto a

população japonesa como as dos territórios ocupados. Afirma Kenneth G. Henshall (2017, p.179) que a partir de setembro do mesmo ano todas as mulheres com menos de 25 anos que não eram casadas foram mobilizadas para trabalhar na agricultura e indústria. Quanto aos alimentos, no final do ano as rações dadas à população forneciam apenas 1405 calorias diárias. Obata, por sua vez, recorda sobre o pão duro que recebia e que a complementação ocorria com o peixe, o que era possibilitado devido o acesso ao mar de Yokohama. É difícil determinar com precisão a datação de tal memória sobre o alimento citado e o recurso empregado, mas se configura como observação interessante sobre as alternativas buscadas frente ao cenário de carestia.

Além da fome e da miséria, Obata recordou em suas narrativas da destruição causada pelos bombardeios na cidade. Contou, em entrevista, na ocasião em caráter cômico, um episódio em que se protegia dos bombardeios em sua casa colocando um boné/chapéu como se fosse um capacete, afirmou que perdeu irmãos no conflito⁵³ e que o fogo “queimou tudo”.

Na foto em sequência, ainda adolescente e com uniforme escolar japonês (*gakuseifuku*), posa em frente às escadas de sua escola que, assim como sua casa, foi arrasada pelos ataques americanos.

⁵³ Em entrevista (2019), afirmou que teriam sido três mortos diretamente em razão da guerra.

Fotografia 5 – Teruo Obata em frente às ruínas de sua escola (1947).

Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata.

Com a rendição japonesa em 1945, Obata ainda viveria 14 anos no Japão até sua partida para o Brasil. Nesta fase, outros diversos elementos foram importantes e moldaram seu perfil de imigrante e a si enquanto indivíduo. Concluiu os estudos superiores em Economia, teve novas relações afetivas, trabalhou como controlador no porto de *Yokohama* e entrou em contato com um novo Japão que emergia no pós-guerra. Não cabe a este capítulo, entretanto, avaliar os pormenores de cada aspecto da vida de nosso biografado. De todo modo, elencam-se aqui três pontos que permeiam muito intensamente as narrativas sobre a vida de Obata e que podem oferecer elementos para entender um pouco mais sobre este japonês que imigra na transição dos anos 1950 e 1960, são eles: sua inserção no meio do judô em fase escolar, assim como suas graduações à *shodan*, *nidan* e *sandan*; o fato dele ter feito o treinamento de *kamikaze*; a forte presença da cultura americana em sua justificativa de imigração.

Os subcapítulos seguintes enquadram-se nesta primeira fase da vida de Obata, além disso perpassam e possibilitam compreender as fortes transformações dos cenários da História do Japão, permitindo uma maior apreciação das formas de

pensar e visões de mundo em um país que sai de um isolamento rigoroso para uma política de expansão territorial e diálogo com o ocidente. De um Império em ascensão para uma nação derrotada. Por meio de um esforço reflexivo, observa-se o judoca, o soldado e o “toureiro”. Nas próximas linhas, busca-se compreender este indivíduo e as tensões que o formam a partir dos pontos que usualmente mais chamam atenção em sua trajetória. Objetiva-se não apenas entender Obata com as decisões e conflitos constituintes da sua experiência de vida, mas o meio que o origina e molda de forma a perceber também a pluralidade de perfis dos imigrantes japoneses que irão posteriormente se dirigir ao território do Rio Grande do Sul.

3.1 O Judoca: as Artes Marciais e uma nação de contrastes

No que diz respeito às interfaces da cultura e do lazer, quando analisada a trajetória de Teruo Obata dentro de sua totalidade, é inegável o papel preponderante de uma de suas atividades: o judô, a prática despendeu enorme esforço na juventude e, posteriormente, dela fez importante elemento de adaptação como imigrante. Por meio do judô houve o reconhecimento deste indivíduo em um universo específico do esporte no Rio Grande do Sul. Além disso, como a maior parte⁵⁴ dos trabalhos que abordam Obata é oriunda do meio esportivo, esta acaba sendo a esfera com maior número de depoimentos e fontes. Devido aos pontos supracitados é atribuída uma atenção especial à modalidade tanto neste primeiro momento da tese como nos subsequentes. Este subcapítulo, especificamente, é destinado à arte marcial e seu diálogo com a fase inicial da vida de Obata. Tem-se por objetivo não apenas dar a conhecer as diretrizes e contexto de formação do judô, mas, sobretudo compreender como esta arte marcial está inserida em um universo de transformações que permite perceber as tensões ideológicas e sociais do Japão na primeira metade do século XX e como este aspecto pode ser visto de forma individualizada na constituição do perfil de imigrante de Obata.

Andrew Yiannakis (2017) divide os sistemas de luta japonesas em cinco grandes grupos, devidamente organizados cronologicamente. O primeiro, denominado “Sistemas Clássicos Primitivos (Sistemas de *Bujutsu*)⁵⁵, abrange os estilos marciais mais antigos, compreende o período de 900 até 1602, possui forte

⁵⁴ Dentro do esforço desta pesquisa, não foram encontrados trabalhos que abordam Obata dentro de uma perspectiva histórica sem a centralidade na sua trajetória esportiva.

⁵⁵ Early Classical Systems (Bujutsu Systems). Tradução Livre.

influência chinesa, sem sistematização até os séculos XV e XVI e com objetivo específico de preparar a classe guerreira para o campo de batalha. Enquadram-se neste grupo os métodos como *Daito Ryu*, *Takenouchi Ryu*, *Takagi Ryu*, *Sekiguchi Ryu*, *Seigo Ryu* e *Yoshin Ryu*. O segundo grupo, chamado “Sistemas Clássicos Tardios com Ramos ou Derivações Híbridas⁵⁶”, diz respeito ao período que se estende de 1603 até 1860 (aproximadamente), abarca os Sistemas Clássicos Primitivos com suas transformações ao longo da Era Edo (1603-1867/68) até a Restauração Meiji (1868). O Japão, durante aquilo que convém chamar no ocidente de segunda metade da Era Moderna, passou por um período de significativa paz no território, razão pela qual os samurais perderam pouco a pouco suas funções enquanto classe guerreira, fazendo com que gradualmente a arte do *bujutsu* fosse transformada em budô⁵⁷, processo acentuado com chegada do Comodoro Matthew C. Perry e a Revolução Meiji (1868), período que marca, de modo geral, o fim do feudalismo japonês e uma acentuada ocidentalização que muda profundamente o universo social, político, militar, educacional e econômico do Japão, como visto anteriormente.

O terceiro grupo, intitulado “Período Tradicional (1860-1930)”, abrange duas fases políticas da História do Japão, a Era Meiji (1868-1912) e a Era Taisho (1912-1926). Nesta etapa, a supracitada ocidentalização e a modernização colocaram em dúvida as práticas e métodos do passado. No caso das Artes Marciais, as transformações não as anularam, mas fortaleceram os aspectos formativos do budô. No Japão aberto ao ocidente, em relativo rompimento com o passado e em um universo militar transformado⁵⁸, a filosofia, os princípios morais e a etiqueta das Artes

⁵⁶ Late Classical System with Hybrid Branches And/Or Derivations. Tradução Livre.

⁵⁷ Os conceitos de *Jutsu* (presente em *kenjutsu*, *ninjutsu*, *jujutsu*, *etc*) e *Do* (como *kendo*, *judo*, *aikido*, *etc*) são muito presentes no mundo marcial. Enquanto *Jutsu* é utilizado como conceito mais vinculado ao universo técnico, o *Do* é traduzido de forma corrente como “caminho”, indicando que os princípios de determinadas Artes Marciais extrapolam o universo técnico marcial e objetivam uma formação mais ampla em diversos aspectos da vida. É importante salientar, contudo, que o uso ou não do “*Do*” nas nomenclaturas contemporâneas estão atreladas aos processos históricos, mas não refletem necessariamente nas práticas dos centros de Artes Marciais. Ainda, a utilização da terminologia não é uniforme e muito daquilo que é traduzido como Budô nos dias de hoje é uma invenção moderna.

⁵⁸ O uso de armas de fogo no Japão remonta ao período anterior ao fechamento da Era Edo (1603-1867/68). Já na Idade Média, com as invasões de Kublai Kahn no período Kamakura (1185-1333), granadas de cerâmica e flechas explosivas começaram a ser empregadas nos conflitos militares, ainda que sem produção em larga escala. No período Muramashi (1336-1573), o cenário militar começa a se transformar. Em 1543, chegaram os portugueses e seus mosquetes na ilha de Tanegashima, instrumento promissor e que teve o design copiado pelos japoneses com o nome de *hinawaju*. Apesar de poderoso, a pouca praticidade e dificuldades no campo da velocidade mantiveram a espada como principal instrumento militar até o século XVIII. Com a abertura comercial japonesa, no século XIX, rifles, revólveres e metralhadores sepultaram as armas

Marciais tomavam proporções ainda maiores dentro de uma perspectiva com ênfase na formação do caráter e escopo educacional. Durante a Era Meiji é possível observar, por meio da legislação, um claro combate ao passado e suas práticas, não apenas com objetivo ideológico, mas clara intenção de suprimir o poder e influência dos samurais. A título de exemplo, em 1870, os agricultores e mercadores foram proibidos de se vestirem como samurais e usarem espadas. Em sequência, proibiu-se o uso de espadas pelos samurais. E, finalmente, em 28 de março de 1876 foi promulgado o Édito de Abolição de Espadas, onde se proibia o uso de espadas em público (com exceção aos antigos *daimyos*⁵⁹, exército, agentes da lei e em cerimônias formais). (KAPP, KAPP & YOSHIHARA, 2002, p.37). Os três éditos citados são chamados de *Haitorei* e são apenas algumas das medidas tomadas contra a cultura e privilégios da classe guerreira. Em 09 de agosto de 1871, foi emitido o *danpatsurei* (édito do cabelo cortado), no qual era incentivada a retirada daquilo que se pode chamar de “coque samurai” e substituir por corte mais ocidental (*zangiri*). Em 10 de janeiro de 1873, os samurais deixaram de monopolizar a força armada do país, sendo o exército substituído por um modelo mais moderno e ao estilo ocidental, por recrutamento (*chouheirei*). A Era Meiji, ainda, em 1876, suspendeu importantes privilégios financeiros hereditários no Japão (*chitsuroku shobun*), sepultando de vez uma série de reminiscências feudais no território. Tais colocações são relevantes não apenas para entender que as Artes Marciais tradicionais japonesas estão inseridas em um cenário de ruptura, mas que este é o mesmo contexto de nascimento de muitos dos imigrantes que viriam apenas algumas décadas depois, em 1908, como será abordado no segundo capítulo desta tese.

Ademais, é no terceiro grupo que se enquadra a arte marcial praticada por Obata e muitos daqueles que virão a compor as suas redes sociais. A união de “*Ju*” (柔 – Suave) e “*Do*” (道 – caminho) formam o nome deste sistema japonês fundado em 1882 por Jigoro Kano. Não é possível, contudo, perceber o desenvolvimento da Arte em si sem a apropriação da própria trajetória de seu fundador.

Jigoro Kano nasceu em Mikage, próximo à Osaka, em 28 de outubro de 1860. Seu primeiro nome foi Shinnosuke, tendo alterado para Jigoro posteriormente. Seu

clássicas no campo de batalha.

⁵⁹ Japonês. Do século X ao século XIX, foram os grandes senhores terra do Japão que governavam, de forma hereditária, os territórios em uma relação de subordinação ao grande chefe militar da nação (*Shogun*). *Lato sensu*: senhores feudais.

pai, Jirosaku Mareshiba Kano, foi um funcionário de alto escalão do governo Meiji. Sua mãe, Sadako, era oriunda de uma importante família, mas faleceu quando Jigoro Kano ainda era muito jovem (9 anos). Por volta dos 10 anos, mudou-se para Tóquio, deixando a casa da família e indo morar na casa de seu pai. Aos 11 anos, frequentou a escola privada *Seitatsu Shojuku*. (SANTIAGO, 2002, p.2)

Na adolescência, entre 13 anos e 14 anos, Kano estudou inglês e alemão, além de cultura geral na academia *Ikuei Gijuku*. O jovem Jigoro, portanto, estava fortemente inserido neste mundo de transição, seja estudando línguas e culturas ocidentais, como vivendo em Tóquio e com o pai diretamente envolvido com um governo de ruptura. Em 1874, ingressou na Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio para se aprofundar nos estudos de língua inglesa. Com a conclusão desta fase de estudos, ingressou, em 1875, no Departamento de Literatura da escola *Kaisei*, posterior Universidade Imperial e atual Universidade de Tóquio. Dos 17 aos 21 anos, viveu intensamente sua vida universitária. Foi neste contexto que Kano entrou em contato mais intensamente com o universo das Artes Marciais que deram início a este capítulo. Em 1877, aos 17 anos, ingressou na escola de *jujutsu*⁶⁰, estilo *Tenshin-Shinyo*, com um mestre de nome Hachinotsuke Fukuda. (SANTIAGO, 2002, p.2-3)

Dentre os inúmeros sistemas Clássicos Primitivos e suas ramificações e hibridismos, encontra-se o uso de armas como lanças, espadas e arcos, assim como o combate corpo-a-corpo. Em meio às tais práticas estava o *jujutsu*, definido pelo próprio Jigoro Kano como “um sistema de ataque em que se podia arremessar oponente, bater nele, chutá-lo, apunhalá-lo, chicoteá-lo, estrangulá-lo, torcer-lhe ou entortar-lhe os membros e imobilizá-lo”. (KANO, 2008, p.19).

O *jujutsu*, contudo, não foi o único esporte praticado por Jigoro Kano durante sua vida universitária. O baseball, por exemplo, foi um esporte ao qual destinou seus esforços. Inclusive, fundando, em 1878, o primeiro clube da modalidade no Japão, o “Clube de Baseball Kasei”, mais um aspecto que reforça sua aproximação com o ocidente. Em retorno à arte marcial, em 1879, morreu Fukuda, tendo Kano o sucedido. No mesmo ano, ingressou no dojô de Masatomo Iso, de estilo *Tenshin-Shinyo-Ryu*. Foi no ano de 1881, Jigoro Kano se graduou com especialização em

⁶⁰ No Brasil, é comum a distinção popular dos termos jujutsu (柔術) e jiu-jitsu (柔術). Tal diferença é enfatizada como diferenciação das práticas antigas, frente ao sistema contemporâneo centrado no combate de solo (*Ne-Waza*). Contudo, trata-se da **mesma palavra** que sofreu alterações devido às [controversas] interpretações fonéticas.

Literatura, Ciências Políticas e Economia, ingressando no Departamento de Filosofia para estudar Ética. Seu novo mestre, Iso, morreu e Kano novamente mudou de dojô e estilo de *jujutsu*, indo treinar o *Kito-Ryu*. (SANTIAGO, 2002, p.3)

O ano de 1882 foi um período de muitos episódios importantes na vida profissional de Jigoro Kano, sucederam-se diversos acontecimentos, foi nomeado professor de Ciências Políticas e Economia do colégio *Gakushuin*, destinado aos filhos dos nobres japoneses. Graduou-se no Departamento de Filosofia da Universidade Imperial de Tóquio e fundou duas escolas: a *Kobunkan*, destinada ao ensino de inglês para chineses, e a *Kano Juku*, uma escola preparatória de formação integral. Contudo, para além da vida profissional no universo das letras, foi a fundação de outro espaço neste ano que marcou de forma derradeira a História das Artes Marciais Japonesas: a *Kodokan*⁶¹.

Transformando e ressignificando os estilos de *jujutsu* que teve contato no passado, Kano iniciou, no templo budista de Eishoji, o ensino daquela que viria a ser uma das artes marciais japonesas mais difundidas no mundo: o judô. Sobre esta criação, conta o próprio fundador:

Em minha juventude, estudei *jujutsu* com muitos mestres famosos. Seus vastos conhecimentos, o fruto de anos de pesquisa constantes e de ricas experiências, foram muito valiosos para mim. Naquela época, cada pessoa apresentava sua arte como um conjunto de várias técnicas. Ninguém percebia o princípio único que existia por trás do *jujutsu*. Quando eu percebia diferenças nas formas de ensino das técnicas entre um professor e outro, em geral me sentia perdido, sem saber qual era a correta. Isso me levou a procurar um princípio que delineasse o *jujutsu*, um princípio que fosse aplicado sempre que se atacasse o oponente. Após um abrangente estudo sobre o assunto, percebi um princípio único que unia tudo: era necessário fazer o uso mais eficiente possível das energias mental e física. Com este princípio em mente, estudei novamente todos os métodos de ataque e defesa que tinha aprendido, mantendo apenas aqueles que estivessem de acordo com o princípio. Descartei os que não estavam de acordo e substituí-os por técnicas em que o princípio estava corretamente aplicado. Ao conjunto de todas as técnicas resultantes chamei então de judô, para distinguir essa arte de sua predecessora, e é ela que ensinamos na Kodokan. (KANO, 2008, p.19-20)

O judô é uma excelente exemplificação de práticas do passado que são transformadas por forte influência do contexto. Se for continuada a leitura da obra “Judô Kodokan”, de Jigoro Kano, é possível perceber com clareza a ênfase da arte marcial no desenvolvimento do corpo e do caráter, com a constante ressignificação

⁶¹São três os ideogramas presentes em Kodokan. Em tradução livre: ko (estudo, método), do (caminho), kan (lugar), “Lugar para estudo do caminho”.

dos conceitos para a vida. Como primeiro princípio e meta do caminho suave, Kano coloca o judô como Educação Física e, neste sentido, busca justificar a prática e orientar suas metodologias no intuito de desenvolver um corpo harmonioso e indivíduos saudáveis, inclusive em contraposição a determinadas práticas esportivas do período que, por focarem no aspecto competitivo, centravam no desenvolvimento dos músculos necessários aos movimentos específicos em detrimento de outros secundários⁶². (KANO, 2008, p. 24). Em complemento, Kano desenvolve em sua obra a importância dos treinamentos mentais, éticos e estéticos que contribuem para a visualização da ênfase no budô. Não cabe a este estudo em específico a compreensão e desenvolvimento pormenorizado destes aspectos no cenário marcial, mas serve para ilustrar este universo de mudanças que não deixará isenta a forma de pensar e perceber o mundo de seus praticantes, além de subsidiar a compreensão do contexto em que Obata se insere.

A escola para ensino do judô, denominada *Kodokan*, fundada no já informado templo de Eishoji, em 1882, com área de treino de apenas 20m² distribuídos em 12 *jos*⁶³, teve uma rápida ascensão, assim como seu próprio fundador no âmbito marcial. Inicialmente, eram poucos os pupilos de Kano⁶⁴, dentre eles os destacados Tomita Tsunejiro e Saigo Shiro. Nos primeiros anos, o número sofreu pouca alteração, seja por motivos de desconhecimento das diferenças do judô frente ao antigo *jujutsu*, como pela própria dificuldade de espaço de treino (em 1883, um ano após a fundação, Kano mudou o dojô para uma espécie de depósito muito pequeno, com pilares e úmido, fatores que não contribuíam com a adesão à modalidade). Todavia, a partir de 1885 já começava a crescer exponencialmente. As inscrições em 1887 chegaram próximas a 500 e em 1892 havia 2755 estudantes devidamente matriculados (SHUN, 1998, p. 166). Tal sucesso se deu em grande parte pela publicização das vitórias dos alunos de Jigoro Kano frente aos praticantes de diversas modalidades de *jujutsu* nas competições organizadas pelo Departamento

⁶² Dentre as práticas criadas neste sentido está aquilo que Kano chamou de *Seiryoku Zen'yo Kokumin Taiiku* (Educação Física Nacional de Máxima Eficiência), a qual destina um capítulo inteiro de sua obra.

⁶³ Japonês: medida de superfície e módulo de tatame.

⁶⁴ Tomita Tsunejiro foi o primeiro aluno a se inscrever em 5 de Junho de 1882. Foram ainda alunos iniciais de Kano: Higushi, Arima, Nakajima, Matsuoka, Amano Kai e Shiro Saigo, este último famoso na personagem central do filme "Sugata Sanshiro" (1943), de Akira Kurosawa.

de Polícia Metropolitana de Tóquio⁶⁵, assim como pelas disputas individuais contra desafiantes de outras escolas, episódios comuns no período⁶⁶.

Em termos de estrutura pedagógica e etiqueta, em 1895 se estabeleceu o *Go-Kyo*, os cinco grandes grupos de técnicas (com retificações posteriores). Em 1907, o *judogi* (uniforme) tomou as mesmas características que nos dias de hoje, mesmo ano em que se normatizou o *nage-no-kata* (formas de projeção) e o *katame-no-kata* (formas de domínio no solo). Em 1921, foram definidos os dois grandes princípios orientadores da prática judoística, o *Seiryoku Zen'yo* (Princípio da Máxima Eficiência com o mínimo de esforço do corpo e o espírito) e o *Jita Kyoie* (Princípio da Prosperidade e Benefícios Mútuos). (SALVADOR, 2002, p. 4-7). Ou seja, desde o princípio se estabeleceram diretrizes de ensino que deram certa clareza e padronização à arte, elementos importantes para a sua divulgação e estabelecimento.

No âmbito internacional, o judô esteve desde cedo inserido em contextos de produção intelectual, acadêmicos e apresentações no exterior, foi no ano de 1897 que Takejiro Yuasa fez apresentações de judô em Melbourne, na Austrália. Dois anos depois, em 20 de setembro de 1899, um professor de Yale foi a *Kodokan* para ter contato com essa arte em ascensão. Em 1901, já havia instrutor chefe de judô na Universidade de Cambridge e o responsável pela modalidade na instituição fez visita à *Kodokan*. No mesmo ano, em 16 de dezembro, Sr. McDonald, cônsul britânico, visitou a *Kodokan* com oficiais da marinha inglesa. A partir de então, inúmeras visitas internacionais aconteceram na principal escola da modalidade, ao passo que o número de alunos registrados passava de 6000. A partir de 1902, foram intensificadas as ações de promoção do judô internacionalmente, como é o caso de Yamashita que demonstrou e, posteriormente, ensinou judô ao presidente Theodore Roosevelt e sua esposa. Outros discípulos de Kano, ainda, foram enviados para

⁶⁵ O episódio onde os judocas de Jigoro Kano venceram as disputas contra desafiantes de outras escolas de *jujutsu*, por meio de um evento organizado pelo departamento de Polícia de Tóquio, é conhecido como “A Vitória de 1886” e é normalmente atribuída na vasta literatura sobre a história do judô como um episódio decisivo para a popularização e reconhecimento da *Kodokan*.

⁶⁶ Diversos foram os desafios enfrentados pelos pupilos de Kano ao longo da consolidação da modalidade. Hoje, a *Kodokan* mantém uma denominação especial aos quatro maiores “defensores do estilo”: *Kodokan Shitenno* (quatro guardiões da *Kodokan* ou, literalmente, quatro reis celestiais), composto por Tsunejiro Tomita, Yamashita Yoshitsugu, Yokoyama Sakugiro e Shiro Saigo. A raiz da expressão está relacionada à mitologia hindu, devidamente apropriada e ressignificada no budismo japonês (sobre o assunto, ver: CHAUDHURI, Saroj Kumar. **Hindu Gods and Goddesses in Japan** (2003)). As histórias acerca das vitórias no período inicial do judô são imbuídas de um caráter lendário, permeadas por controvérsias, e se constituem como elemento importante nas narrativas de fundação da modalidade. Para o aprofundamento do tema, sugere-se a pesquisa sobre a rivalidade da *Kodokan* com a escola Totsuka de *Yoshin-Ryu jujutsu*.

Europa, América do Norte e do Sul, como Maeda, Satake, Ito, Ono, etc. Em 1916, o cônsul da Rússia realizou visita à escola de treinamento do exército japonês para assistir o treinamento de judô. Em 1918, foi aberta sucursal da *Kodokan* na Coreia. No ano de 1919, Kano explicou fundamentos do judô ao Dr. Dewey da Universidade de Columbia. Em 1922, realizou uma série de conferências na Coreia, Manchúria e Taiwan. Já em abril do mesmo ano, Edward, Príncipe de Gales, presenciou apresentação de judô na sua viagem ao Japão. Em 1929, professor Hudson, da Universidade de Oxford, visitou a *Kodokan* e assistiu demonstrações dos princípios da arte. No mesmo ano, o filósofo e vencedor do prêmio Nobel, Rabindranath Tagore, visitou a *Kodokan* e solicitou que Kano enviasse professor à Universidade de Bombay. Em 1930, a *Kodokan* recebeu a visita de Dr. Claus, da Universidade de Sophia, Tóquio. (SALVADOR, 2022, p.4-8).

No âmbito da educação básica, em julho de 1907, as escolas de ensino secundário do Japão foram convidadas à *Kodokan* para ver apresentações e instruções sobre o judô. Em 1908, o judô tornou-se disciplina. Em 1915, fez-se revisão dos currículos de formação de professores para inclusão do judô nas formações de Educação Física, ao mesmo tempo em que Jigoro Kano realizava conferências sobre o caminho suave a diversos instrutores de artes marciais a convite do Ministério da Educação. Em 1917, uma série de conferências foram novamente promovidas para os professores de educação secundária. Em março de 1923, foi fundada a Associação de Judô dos Estudantes de Tóquio e na sequência a *Kodokan* também seria aberta para crianças. Nos anos seguintes, em 1927, fez-se a primeira competição entre equipe de estudantes de Tóquio contra estudantes da Manchúria. A partir de 1931, o judô e o kendô passaram a fazer parte do currículo esportivo das escolas de preparação de professores. Em 1935, foi realizado o primeiro campeonato das escolas primárias.

Exponencial crescimento, divulgação internacional e reconhecimento público intrinsecamente atrelados à trajetória do fundador, retornando, assim, aos passos de Kano, para além de seus contornos familiares⁶⁷, é muito importante observar que ao longo de sua vida, o criador do judô destinou grande esforço na compreensão das metodologias e possíveis interlocuções entre os paradigmas ocidentais de ensino com o universo escolar e acadêmico japonês. Também se empenhou na divulgação

⁶⁷ Em 1891, casou-se com Sumako Takezoe, filha mais velha do então embaixador coreano, Seizei Takezoe. Com a esposa, teve nove filhos, seis meninas e três meninos.

do judô no exterior e esteve intensamente imerso no universo político nacional e esportivo internacional.

Em 1887, aos 27 anos e com a *Kodokan* já em processo de consolidação, foi fundado o dojô da Universidade Imperial de Tóquio e Kano gozava de ascendente prestígio no meio educacional. Pelo governo, foi enviado à Europa para estudar os sistemas privados de educação. No ano seguinte, tornou-se dirigente da já citada escola *Gakushuin*, destinada à elite japonesa e enviou uma série de instrutores da *Kodokan* para ensinar na Academia Naval. Renunciou o cargo na *Gakushuin* e fechou sua escola *Kobukan*, em 1889, tendo em vista a realização de uma nova viagem à Europa para estudo das instituições educacionais. Retornou ao Japão, dois anos depois, e foi nomeado conselheiro do ministro da educação, ao passo que deixou Tóquio para se tornar diretor da Escola Superior de Kumamoto, retornando apenas em 1893, ano em que foi nomeado diretor da Escola Normal Superior, futuramente Universidade Kyoiku e, atualmente, Tsukuba. No mesmo ano, tornou-se secretário do ministro da educação.

No ano de 1896, Kano foi encarregado pelo governo da educação de jovens chineses, dois anos depois, foi nomeado diretor de educação primária do Ministério da Educação. Tornou-se, em 1909, o primeiro japonês nomeado ao Comitê Olímpico Internacional. Em 1911, ajudou na formação da Associação Atlética Amadora do Japão, instituição que contribuiu para o desenvolvimento dos esportes no Japão, sendo Kano o primeiro presidente. No mesmo ano de 1911, foi nomeado presidente da Federação de Esporte do Japão e estabeleceu um departamento exclusivo para treinamento de instrutores de judô. Um ano depois, 1912, esteve nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, acompanhando a estreia do Japão nos jogos, ocasião em que recebeu uma medalha comemorativa das mãos do rei da Suécia pela promoção esportiva dentro de um “espírito elevado”. Ainda em 1912, realizou sua quarta viagem à Europa para estudos das instituições de ensino. No ano de 1920, recebeu prêmio do governo japonês pelos serviços prestados à comunidade e viajou para Europa e EUA a fim de divulgar o judô na ocasião dos Jogos Olímpicos da Bélgica, além de novamente se dedicar aos estudos das estruturas educacionais europeias. Foi a Shangai, um ano depois, para estudos sobre Educação e um ano depois foi nomeado membro da Câmara Alta do Japão. Tornou-se professor emérito do Colégio de Preparação de Professores de Tóquio, em 1924, ao passo que aos 25 dias do mês de fevereiro 1926, realizou uma conferência sobre jovens e judô, onde

participou o príncipe imperial. Neste ano, em 4 de abril, a família imperial visitou a *Kodokan* para ver demonstrações e assistir conferências sobre princípios do judô, altura em que se passa a ensinar judô no lugar de *jujutsu* às crianças. Um ano depois, visitou Okinawa onde estudou o Karatê. Em 1928, esteve nas Olimpíadas de Amsterdã, em diversas reuniões no meio esportivo europeu e assistiu campeonato de judô em Shangai. Foi recebido, em 1932, na *Kodokan* o prefeito de Tóquio e discutida a possibilidade da cidade sediar os Jogos Olímpicos de 1940. No mesmo ano, Kano deu palestras aos universitários estrangeiros da Universidade de Tóquio e viajou a Los Angeles para prestigiar a 10ª Olimpíada. Após, em 1933, novamente partiu para o estrangeiro, na companhia de discípulos, para difundir o judô na América e na Europa. Foi, ainda, a Viena para investigações no campo da educação. Entre 28 e 31 de agosto de 1933, o *The Times* publicou reportagem sobre as conferências de Kano. Viajou, um ano depois, para Atenas para reunião do Comitê Olímpico Internacional (COI) e celebração dos 40 anos das Olimpíadas Modernas. Na sequência, dirigiu-se à Paris para captação de apoio dos membros do COI para as Olimpíadas de Tóquio de 1940. Em 1935, o periódico “Asahi” o concedeu o troféu de “pai do desporto japonês”, um ano depois, assistiu aos Jogos Olímpicos de Berlim. Em 1938, participou da 37ª sessão do COI, no Cairo, onde foi debatida a possibilidade de mudar a sede dos Jogos de 1940, previstos para Tóquio, em razão da guerra entre Japão e China. Após o término da reunião, durante o regresso, Jigoro Kano acabou por falecer, vítima de pneumonia, no dia 4 de maio, às 5h33min, a bordo do navio Hikawa Maru. (SALVADOR, 2022, p.3-8).

Observa-se, assim, que Jigoro Kano atuou intensamente na divulgação do judô desde a criação da modalidade (1882) até a data de sua morte (1938). Kano foi um intelectual que, com domínio de língua inglesa, somado aos seus inúmeros contatos acadêmicos, políticos e sociais na alta sociedade de Tóquio, possibilitou um significativo desenvolvimento do judô tanto dentro do país como no exterior. Os princípios técnicos, éticos e estéticos, portanto, não podem ser vistos de forma exclusiva como responsáveis pelo sucesso da arte marcial ao longo do século XX, pois é consenso nas produções o papel preponderante da figura de Jigoro Kano para o êxito e difusão do judô.

Nota-se, ainda, que Kano esteve sempre estudando a educação europeia, seus modelos e se dedicando na interlocução do Japão com o ocidente, seja absorvendo, como contribuindo. Elementos que permitem ver uma *Kodokan* e um

fundador de caráter mais aberto às trocas com o ocidente, fator que aproxima a instituição e o indivíduo de uma perspectiva política mais progressista. Contudo, o cenário de formação da modalidade é mais complexo e não esteve restrito a Kano e a *Kodokan*.

Em retorno à formação do judô, durante a Era Meiji, enquanto por um lado o budô cada vez mais se modernizava, adquiria aspectos científicos, se transformava com ênfase no caráter e adicionava elementos novos à sua metodologia (como as graduações e as instruções verbais), por outro lado remetia suas raízes ao legado do *bujutsu* e sua relação intrínseca com as Artes Marciais do passado. Jigoro Kano em seus discursos e ações de divulgação do judô frequentemente se reportou ao novo, não assumindo posturas ultranacionalistas ou conservadoras. Pelo contrário, se colocou como um entusiasta dos esportes ocidentais, enviou aluno para introdução do judô na América e abriu a *Kodokan* para mulheres. A ascensão do nacionalismo no Japão, contudo, faz com que determinados grupos se apropriassem das Artes Marciais, ou fizessem delas um baluarte, para o reforço de ideais nacionalistas e conservadores. Nesta linha, Inoue Shun (1998, p. 171-172) narra que o *Dai Nippon Butoku Kai*⁶⁸ teve um papel fundamental para o desenvolvimento institucional e ideológico do budô⁶⁹ no Japão. Tal associação, criada em 1895 na ocasião do 1100º aniversário da fundação da antiga capital⁷⁰ pelo imperador Kanmu, tinha por fim a promoção do espírito marcial do Imperador Kanmu, que teria sido responsável pela base do *Wakon* ou “puro espírito japonês”.

O judô, o kendô e o kyudô eram compreendidos na transição do século XIX para o XX, por esta associação e desdobramentos, como uma ideal forma única de educação física que trazia em si a essência do espírito do povo japonês. Em 1899, a associação construiu o *Butokuden*⁷¹ e gradualmente espalhou suas ramificações pelo Japão. Todo mês de maio seus membros organizavam um festival reunindo instrutores de Artes Marciais do Japão e em 1905 construíram um instituto de treinamento para professores de Artes Marciais, que se tornou uma escola em 1912 e em 1919 foi renomeado para *Budo Senmon Gakko*, dentro do espaço do *Butokuden*. Nas décadas de 1920 e 1930, o *budô* enquanto conjunto de conceitos e

⁶⁸ Tradução livre: Associação da Virtude Marcial do Japão

⁶⁹ Ainda que o budô seja utilizado dentro de uma noção de ressignificação/ampliação do *Bujutsu*, o termo também é correntemente usado como generalização para o conjunto das mais diversas Artes Marciais japonesas tradicionais.

⁷⁰ Heian-Kyo (Kyoto)

⁷¹ Centro da virtude marcial.

agrupamento das Artes Marciais Japonesas teve um crescimento significativo, a *Kodokan* de Jigoro Kano seguia o mesmo rumo conforme visto. Todavia, com a ascensão do nacionalismo japonês dentro do contexto de conflitos na Manchúria, na guerra com a China e mesmo no conflito do pacífico já na Segunda Guerra Mundial, o budô vai sendo gradualmente associado ao pensamento ultranacionalista e de centralidade no imperador típico do período. As Artes Marciais foram elevadas à condição de *kokugi*⁷² e se tornaram um aspecto importante na mobilização para a guerra. O citado *Butokuden*, centro do budô e criado na senda da tradição feudal, foi reorganizado em 1941 e passou ser controlado diretamente pelo governo. Sob tal aspecto, conclui Shun (1998, p.172), o budô no âmbito escolar (*gakko budo*) marcou um uso governamental dos valores morais e educacionais das Artes Marciais, mas dentro daquilo que se queria enquanto nação em guerra.

Assim, analisando-se com atenção, o budô promovido pelo Estado diverge em pontos do judô de Jigoro Kano. Enquanto o primeiro pregava um sentimento de entrega e devoção à nação, o segundo é originalmente, tal qual seu fundador, de caráter mais progressista, típico de um cenário mais urbano de transição. É evidente, contudo, que o espírito de formação de uma arte marcial não é suficiente para determinar as balizas de seu desenvolvimento em todo o território e nem as imagens criadas sobre ela a partir de um esforço nacional de idealização (e ideologização) do budô. Ainda, o próprio Jigoro Kano, dada sua proximidade com o governo, não esteve isento de mudanças de postura em alguns discursos frente aos objetivos da arte ao longo do século XX.

De todo modo, o que se observa no Japão da transição dos anos 1930 para 1940 é, via de regra, uma depreciação dos esportes ocidentais em favor das Artes Marciais que teoricamente carregariam em si a essência do passado e da alma japonesa. O conceito de modernidade como o novo, como antagonista do passado e possibilitador do desenvolvimento, foi posto relativamente⁷³ de lado e visto, pelo contrário, como um problema ao Japão conservador do período. Neste sentido, os esportes importados foram vistos cada vez mais como símbolos do individualismo, egoísmo e liberalismo ocidental. Já o budô era traduzido como atemporal e detentor

⁷² Esporte Nacional.

⁷³ Opta-se pela utilização de “relativamente” devido ao fato da noção de modernização tecnológica propiciada pelo ocidente não ser colocada em contestação. Há um termo japonês que define justamente este pensamento: *wakon yosai*, traduzido como espírito japonês com aprendizagem ocidental. Pode ser compreendido como a adoção de modelos ocidentais, mas sem descartar os valores da sociedade japonesa, harmonizando-as.

dos verdadeiros valores a serem seguidos. Tal tensão entre o budô e os esportes ocidentais foi transformada apenas com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando a intervenção americana o proibiu devido a sua associação com o militarismo e ultranacionalismo, somado ao perigo que por si só representava.

A principal sede do budô, o *Butokukai*, foi encerrado em 1946. Gradualmente, contudo, a esportivização das Artes Marciais permitiu uma reabertura gradual dos principais núcleos das modalidades. Os instrutores da *Kodokan* desde a proibição das Artes Marciais estiveram autorizados a ensinar o judô às tropas americanas, fator importante para a compreensão da Arte enquanto esporte por parte dos ocupantes e da liberação do judô até mesmo no âmbito escolar alguns anos depois. A *Butokukai*, por outro lado, devido ao seu histórico, foi encerrada. Já a *Kosen*⁷⁴ foi incorporada à *Kodokan*. Em 1948, fundou-se a Federação Nacional de judô e foram promovidos os primeiros campeonatos da modalidade. Na década de 1950, o budô foi gradualmente retomado no Japão, mas necessariamente com a premissa de esporte, dentro de uma proposta de democratização do Japão. O budô escolar também retornou nos anos 1950, tendo o judô como precursor em 1950, *shinai kyogi*⁷⁵ em 1952 e kendô em 1957. No caso do judô, em 1956 foi realizado o primeiro campeonato mundial em Tokyo e em 1964 foi incorporado aos Jogos Olímpicos⁷⁶.

A formação do judô esteve, portanto, envolta de usos políticos e ideológicos que atravessaram dojôs e indivíduos, gerando visões diversas sobre a própria função social da arte marcial, assim como concepções divergentes que foram difundidas tanto no Japão como no exterior. Ao longo desta tese, tal problematização aparecerá no âmbito do judô no Brasil.

No que diz respeito à interlocução da arte marcial com o biografado desta pesquisa, de acordo com Boehl (2010), em consonância com a cronologia de Rodrigues Junior (2018), Obata teria iniciado a prática de judô aos 8 anos, quando ingressou no primeiro ano do colegial. A prática de arte marcial, seja ela kendô, judô

⁷⁴ O judô de Jigoro Kano, ensinado na *Kodokan*, não foi o único modelo no Japão. Como foi observado neste capítulo, o judô do *Dai Nihon Butokukai* teve um crescimento muito significativo e serviu como instrumento do governo japonês. Nesta mesma linha está o *Kosen Judo*, oriundo do termo *Koto Senmon Gakko*, que era nada mais que o judô ensinado e difundido nas escolas técnicas. Sua maior característica era a ênfase no *ne-waza* (técnicas de solo) e sofria críticas dos integrantes do modelo Kano uma vez que era permitida a condução para o solo sem uso de *tachi-waza* (técnica de pé) e o combate neste cenário era por tempo ilimitado.

⁷⁵ Esporte originado da ressignificação/simplificação do próprio Kendô que só seria permitido anos depois, também ressignificado neste contexto de desmilitarização e democratização do Japão.

⁷⁶ Inserido nos Jogos Olímpicos em Tóquio de 1964, ausente nos Jogos Olímpicos no México de 1968, retomado nos Jogos Olímpicos na Alemanha de 1972 e todos os subsequentes.

ou sumô, era incentivada por uma questão de tradição. Havia um certo desprezo pelos meninos, por parte da comunidade, que optavam por não participar, sendo vistos como covardes ou medrosos. Obata, devido sua constituição física, optou pelo judô e kendô.

Na primeira modalidade, teve um progresso mais acentuado, mas é interessante o fato da segunda prática não aparecer de forma tão frequente nos escritos sobre a trajetória de Obata, provavelmente pelo fato dele não tê-la usado de forma profissional. Lembra das práticas de kendô com seu irmão Goro. Em complemento, em foto disponibilizada por Eliane Pintanel Prondzynski, é possível ver Obata em exercício com espada em seu dojô no Brasil, prática provavelmente oriunda deste vínculo não abandonado com o kendô e dificilmente provinda do judô.⁷⁷

Fotografia 6 – Obata em prática com *katana*⁷⁸ (anos 2000, Itapuã, Viamão, RS)



Fonte: Acervo Pessoal de Eliane Pintanel Prondzynski

Ainda antes da Segunda Guerra, Obata se matriculou na academia *Kobukan*, de Yoshi Hayakawa, em Yokohama, onde treinou até a derrota japonesa em 1945, altura em que a intervenção americana no território proibiu as Artes Marciais. A

⁷⁷ Afirma-se “dificilmente”, pois há uso de espada no judô, mas em casos muito específicos.

⁷⁸ Japonês. Catana/Katana. Espada tradicional japonesa de lâmina curva e fio único.

prática foi retomada apenas três anos depois, em 1948. Porém, de acordo com Obata, eram muitas as dificuldades do período para a realização da atividade, como tatames de folhas de árvore, quimonos improvisados com casacos de tecido forte e alimentação reforçada com batata-doce e moranga (Boehl, 2010, p. 8).

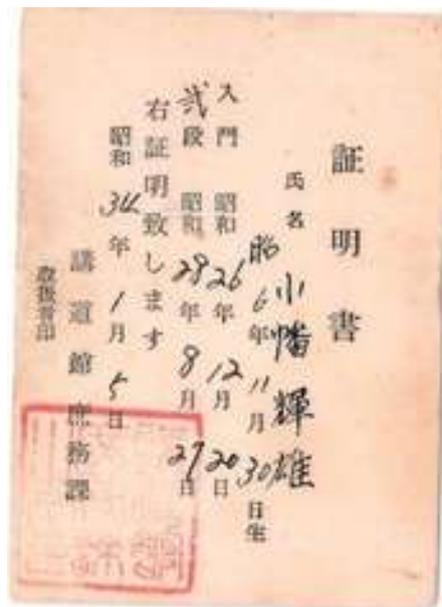
O auge de sua prática de judô no Japão teria acontecido nos anos 1950, quando manteve a regularidade dos treinos e conquistou três graus (*dans*) da faixa preta, dentre eles o primeiro (*shodan*). Obata comenta que chegou à *Kodokan*, em Tóquio, em dezembro de 1951 para prestar seu exame de faixa preta⁷⁹. O exame, possibilitado com o incentivo de seu professor Hayakawa, teria ocorrido com muita preparação, uma vez que Obata tinha consciência que a falha acarretaria mais um ano de treinamento para a prova. No período, de acordo com o imigrante, seria necessário realizar cinco *shiais*⁸⁰ e não ser derrotado. Contudo, havia alguns critérios para a redução deste número. Obata, por exemplo, por ter pontuação em competição, teria apenas lutado com “três magrinhos”, vencido as lutas e recebido a graduação (Boehl, 2010, p. 8).

Um dado importante é que de acordo com a cronologia de Cid Corrêa Rodrigues Jr., Obata teria sido promovido a *shodan* em dezembro de 1950, *nidan* em 1952 e *sandan* em 7 de abril de 1959. Tal cronologia é seguida por Vargas Neto (2022, p. 16). Walter Bohel, por outro lado, aponta a data de dezembro de 1951 para a promoção a *shodan* e agosto de 1953 para a promoção a *nidan*. De acordo a certificação abaixo apresentada, há um registro de Obata na *Kodokan* em 20 de dezembro de 1951, sendo seu registro a *Nidan* em 27 de agosto de 1953. É difícil determinar por meio do certificado se o *shodan* de Obata foi de fato em 1951, mas é contestável a datação de 1952 apresentada por Cid Jr. e Vargas Neto quanto ao *Nidan*.

⁷⁹ O dado está de acordo com Bohel (2010) e com o registro de faixa emitido pela *Kodokan*.

⁸⁰ Japonês. *Shiai / Shiai Kumite*. Luta recreativa com regras e tempo definidos. A luta em treino, com relativização das regras e para fins exclusivos de treinamento, é chamada de *randori*.

Fotografia 7 – Certificado de aprovação de Obata a *Sandan*⁸¹(Tóquio, 1959)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata.

Dois anos após a graduação no 1º grau (*shodan*), Obata retornou à *Kodokan* com o objetivo de obter o 2º grau (*nidan*). Em entrevista, conta sobre o processo: “Esta prova foi mais difícil. Fiz combates com oponentes pesando mais de 80 quilos. Venci as cinco lutas. [...] Pesava 63 quilos. Queria comer para ficar mais pesado, mas não adiantava, não engordava” (BOEHL, 2010, p.8 *apud* OBATA, 2010, p. 8) e complementa, ao falar sobre os mais de 150 candidatos à promoção de *dan* naquele ano, “estavam separados por *dan*. Ficavam os vermelhos de um lado e os brancos de outro. Permanecia lutando o vencedor até perder”. (BOEHL, 2010, p.8 *apud* OBATA, 2010, p.8). Uma memória de Obata deste período, a qual manifesta com admiração, é a de um candidato ao 2º grau chamado Kaminawa. Neste cenário onde o vencedor permanecia até sua derrota, o aspirante teria vencido 24 lutas em sequência e sido elevado ao 3º *dan* por mérito.

A única data onde não há divergência quanto à graduação de Obata é a obtenção do 3º grau (*sandan*), em 05 de janeiro 1959, mesmo ano de sua vinda ao Brasil.

Partindo para a análise da inter-relação do judô com a trajetória de Obata, diversos são os pontos a serem considerados e que se constituem como relevantes na História da Imigração Japonesa. Foi possível observar que o judô é oriundo de

⁸¹ Tradução livre: Certificação grau 3 (na data de 5 de janeiro no ano 1959). Nome: Teruo Obata. Nasceu no dia 30 de novembro no ano 1931. Iniciação no dia 20 de dezembro do ano de 1951. Grau dois em 27 de agosto no ano 1953. KODOKAN. Departamento de Assuntos Gerais.

um cenário de ruptura, subsidiado por um discurso de inovação e modernidade, mas que intrinsecamente carrega aspectos dos períodos anteriores naquilo que tange a técnica, ainda que reavaliada, e a estética. Em complemento, observou-se que a *Kodokan* não foi a única instituição promotora do judô, mas que a arte foi difundida também por outras entidades como as escolas técnicas (*Kosen*) e o *Dai Nihon Butokukai*, este último não apenas promotor das Artes Marciais japonesas ditas tradicionais (budô), mas também difusora de uma forma de perceber o mundo mais conservadora e em sintonia com o universo político do Japão Imperialista e Nacionalista da primeira metade do século XX. O projeto político e ideológico do budô na escola, no qual Obata foi partícipe, certamente deixou marcas na própria concepção de arte marcial e que, como será visto na sequência, não condiz com uma visão uniforme dos japoneses imigrantes, sejam aqueles que já haviam efetuado o processo antes da Era Showa (1926-1989), sobretudo no pós-guerra.

O universo micro-histórico, neste caso, pode demonstrar, como em um laboratório, tais tensões. No ano de 2022, em conversa com a professora Dra. Tomoko Kimura Gaudioso, filha de imigrantes contemporâneos a Obata, comentou que havia constatado que o imigrante japonês “não gostava de judô”, por trata-se de uma arte em muitos pontos agressiva. Tal afirmação foi levada em consideração, sobretudo após uma conversa informal com a Sra. Satoe Imasato (2022), imigrante japonesa moradora de Porto Alegre, que dentre suas colocações afirmou: “não conheço japonês em Porto Alegre que faz judô, só Obata-san”.

Em reencontro com Teruo Obata no dia 14 de julho de 2022, foi lhe apresentado um questionamento em relação as afirmações das duas senhoras supracitadas, ao passo que Obata afirmou categoricamente: “não, mentira! Japonês ama judô. Japonês não pode não gostar de judô. A espada e o judô são o espírito do japonês”.

Ainda que em um primeiro momento possa parecer apenas uma questão de gostos e ponto de vista, a resposta de Obata complexificou a compreensão de seu processo. Isso porque no nascimento desta pesquisa, tinha-se por pressuposto que os contextos de vida de Obata o teriam feito ser um japonês mais próximo ao ocidente, aspecto que facilitaria sua adaptação que, inclusive, foi feita com redes majoritariamente de brasileiros que de japoneses. Sabia-se que Obata viveu sua vida em ambiente urbano, logo mais próximo da cultura ocidental, fez judô, que via de regra possuía a modernidade e a transformação em suas premissas. Dirigiu-se

ao Brasil sob alegação da influência do cinema americano, da cultura ocidental, como se vera na sequência. Seu posicionamento conservador frente a arte marcial não anula as constatações anteriores, mas de certa forma comprova o universo de tensões culturais que vivia o japonês no cenário circundante em termos temporais à 2º Grande Guerra Mundial. Neste caso, apesar de uma visão inicial de um Obata mais ocidentalizado, é possível que alguns elementos já vistos nesta tese tenham contribuído com esta postura conservadora frente ao judô, dentre elas o judô escolar promovido pelo Estado. Não obstante, outros fatores podem estar contribuindo para esta postura em relação ao judô, como a formação de novas memórias, mais cristalizadas e românticas, comuns no avançar da idade.

Deste modo, o Obata judoca demonstra em termos micro-históricos a complexidade e a pluralidade do imigrante japonês que precisa lidar com as tessituras deste universo histórico. E aquilo que pode parecer contraditório em um primeiro momento, já há muito foi diagnosticado por Ruth Benedict, ao afirmar:

Tanto a espada como o crisântemo fazem parte do quadro geral. Os japoneses são, no mais alto grau, agressivos e amáveis, militaristas e estetas, insolentes e corteses, rígidos e maleáveis, submissos e rancorosos, leais e traiçoeiros, valentes e tímidos, conservadores e abertos aos novos costumes. Preocupam-se muito com o que os outros possam pensar de sua conduta, sendo também acometidos de sentimento de culpa quando os demais nada sabem do seu deslize. Seus soldados são disciplinados ao extremo, porém, são igualmente insubordinados. (BENEDICT, 1972, p.10)

Ainda que as palavras da obra clássica de Benedict possam por um lado classificar o comportamento japonês dentro de uma dualidade quase que estanque, já indicavam no passado tais conflitos. Olhar o oriental com olhos ocidentais é um desafio ainda no século XXI. Por vezes, tem-se a tendência de buscar uma lógica imediata aos caminhos e uma explicação linear às decisões. Contudo, o ser humano e suas trajetórias são permeadas de idas e vindas, conflitos e desafios que, sob influências e individualidades, compõem a grande sinfonia da História Humana. Obata carrega em si o Japão em conflito. Representa em suas ações e pensamentos o passado e o futuro, o conservadorismo e a modernidade. Ele é um judoca que percebe a espada como espírito do japonês, que como será visto, serve o Japão em um contexto de Guerra. Que perde irmãos, casa e sua escola pelas mãos do exército americano, mas que quando cita suas influências culturais, seja o cinema ou os livros lidos, faz menção quase que tão somente os Estados Unidos.

Na sequência, serão observados outros dois universos: o *Kamikaze* e o “Toureiro”. Da defesa da nação ao Adeus.

3.2 O *Kamikaze*: algumas considerações sobre história e memória coletiva

Meu querido pai e minha querida mãe. Neste momento a nação está na encruzilhada da derrota, e o problema pode ser resolvido apenas pela retribuição individual da benevolência Imperial. Nessa conexão, nós que seguimos a carreira militar não temos escolha a fazer. [...]. Por o Japão ser um domínio Imperial, eu farei um ataque corporal em um avião para retribuir a benevolência Imperial. Eu estou conformado em fazer isso. A vocês, eu fui obediente até o fim. Yukio (SEKI, 2002, p. 50-51)

As palavras do tenente Seki Yukio (1921-1944), hábil e experiente piloto do 201º grupo aéreo, exitoso em sua missão suicida, representam uma importante fase da História do Japão que é ainda envolta em discussões e distorções: o suicídio como tática de guerra. Nesse sentido, ao retornar para o biografado desta pesquisa, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), há um elemento que usualmente chama atenção. Obata realizou treinamento como piloto *kamikaze*. Tal episódio, afirmado em entrevistas e reproduzido em caráter enaltecido no meio esportivo, é um aspecto que pode ser analisado por diversos prismas.

Para que se situe historicamente, o uso sistemático dos pilotos *kamikaze* foi uma estratégia defensiva usada apenas na fase final do conflito global, tendo sua primeira utilização em 25 de outubro de 1944, na Batalha de Leyte, nas Filipinas, contexto de morte do militar que iniciou este subcapítulo. As unidades militares eram chamadas de *Taiatari Tokubetsu Kogekitai*⁸² e seus membros denominados oficialmente *Tokubetsu Kogekitai*⁸³. A palavra usada para denominar a unidade, *Shinpu* ou *Kamikaze*, traduz-se por “Vento Divino” e é uma alusão às tempestades que permitiram vitórias derradeiras sobre os mongóis no século XIII (1247 e 1281). Em linhas gerais, eram pilotos que davam suas vidas em ataques aéreos suicidas. O interessante, contudo, é que permeiam estes atos desde elementos que constituem a ideologia política propagada, a formação intelectual dos indivíduos e propaganda que permitem compreender um pouco mais tanto a sociedade do período como os usos feitos posteriormente na construção de imagens sobre o Japão e o japonês.

⁸² Unidade especial de ataque por choque corporal.

⁸³ Unidade especial.

No ocidente, difundiu-se uma visão substancialmente negativa quanto à prática *kamikaze*, narrada, sobretudo pelos países inimigos como Estados Unidos e Inglaterra. Afirma Henshall (2017, p. 181) que embora eventualmente fossem usados aviões normais nas missões, na maioria das vezes os tais “aviões” eram meramente bombas providas de asas e instrumentos rudimentares de pilotagem, não podendo desviar do destino e sem combustível para regresso. Seriam chamados entre os aliados de bombas *baka*⁸⁴(idiotas/estúpidas) e seus pilotos eram jovens com menos de 20 anos e com apenas algumas semanas de treino. Portanto, uma medida desesperada e simplória. Atribuiu-se ao *Kamikaze* o adjetivo de fanático, oriundo de um processo de doutrinação envolto por uma narrativa de espírito samurai que justifica o nobre sacrifício pela pátria e pelo imperador. Tal visão estereotipada e homogeneizante foi reproduzida por muitos meios ao longo das primeiras décadas da segunda metade do século XX. Apesar de já há muito superado no oriente, no ocidente cada vez mais vem sendo esclarecido tal aspecto do passado japonês.

No ano de 2012, Edelson Geraldo Gonçalves, em sua dissertação de mestrado “O Dever do Sacrifício”, buscou justamente entender as motivações e a heterogeneidade deste grupo no qual Obata teve breve passagem. Em seu estudo, é possível perceber que em termos contextuais, o surgimento dos pilotos *kamikaze* se delineou ainda antes da supracitada batalha de 1944. Em 1942, a batalha de Midway⁸⁵ representou para os aliados uma vitória decisiva para os rumos dos conflitos no oriente, invertendo a vantagem nipônica do espaço. Na ocasião, a marinha japonesa sofreu uma grande perda em material de guerra e humano. Com a morte de boa parcela dos pilotos experientes, somado ao pouco tempo para treinamento de novos e escassez de petróleo, o Japão viu-se em uma situação bastante sensível para o domínio do pacífico, que se agravou com o avanço do conflito. Dentre os episódios mais fatídicos e que representam o declínio do poder naval imperial está a Batalha do Mar das Filipinas (19 e 20 de junho de 1944),

⁸⁴ De acordo Inoguchi e Nakajima (1967, p. 171-173), tal expressão era usada no que dizia respeito aos torpedos Ohka.

⁸⁵ A batalha de *Midway*, realizada em junho de 1942 (meses após o ataque a *Pearl Harbor*), foi um dos conflitos determinantes aos rumos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Travada entre Estados Unidos e o Império do Japão, de caráter aeronaval, resultou em perdas substanciais à marinha japonesa, como porta-aviões, cruzadores e mais de uma centena de pilotos navais. Sobre contexto, dimensionamento e perdas, ver: DULL, Paul S. **A battle history of the Imperial Japanese Navy, 1941-1945**. Washington: Naval Institute Press, 2007.

conflito que os americanos chamaram de “*The Great Marianas Turkey Shoot*”, tamanha a facilidade de abate e desproporção de perdas⁸⁶.

Nestes eventos citados e correlacionados, tendo em vista os pontos críticos que muitas vezes se encontravam os pilotos, era convenção utilizar o abalroamento como último recurso. Contudo, tendo em vista a potência do ataque suicida, gradualmente a concepção de sua utilização de forma estratégica e premeditada foi amadurecendo no meio militar japonês (GONÇALVES, 2012, p. 85-87). Assim, como resultado da sucessão de derrotas no pacífico, do êxito das táticas de abate dos americanos, da inexperiência dos pilotos japoneses e da escassez de recursos, há a culminância do uso estratégico dos *kamikaze* em Leyte, em 1944. Enquadra-se o suicídio dentro de uma lógica de morte útil, tendo em vista que de todo modo era cada vez mais inevitável. A questão fundamental deste subcapítulo, contudo, não diz respeito à análise do processo de implementação ou impacto efetivo do uso dos *Kamikaze*, mas a compreensão do *éthos* que circunda este universo.

A narrativa veiculada pelos meios de comunicação japoneses da época, se observada, aquele era traduzido como um herói voluntário, exemplo de dedicação e serenidade a ser seguido pela nação. Por outro lado, com os olhos nas fontes históricas, a propaganda do voluntariado não se sustenta, sendo a designação para a função o recurso mais frequente, ainda que com uma roupagem de liberdade.

Ederson Geraldo Gonçalves (2012, p. 96), ao analisar os registros dos oficiais Inogochi e Nakajima, observa que havia perturbação e pouco entusiasmo por parte dos oficiais indispostamente designados às missões suicidas do contexto da Batalha de Okinawa (1945). Os oficiais seguem com suas narrativas do voluntariado *Kamikaze* ao descrever a reunião do comandante Tamai Asaichi com os 23 sobreviventes do 201º grupo aéreo, onde o alto oficial ao indicar a estratégia suicida idealizada pelo almirante Onishi Takijiro, recebeu a aceitação de todos os membros presentes. Seria este o padrão comum de recrutamento, onde um grupo recebia a designação e seus membros deveriam optar ou não sobre atuarem como *kamikaze*. Usualmente, era um método de coerção por diversos fatores: primeiramente, devido

⁸⁶ Ainda que exista divergências de dados, aspecto comum em História Militar, aponta-se uma média de 3000 mortes de japoneses em oposição a pouco mais de 100 mortes de americanos. Em termos de material militar, os EUA teriam apenas sofrido a avaria de um navio e a destruição de pouco mais de 100 aviões, contra um número muito maior de perdas japonesas, onde as referências mais moderadas apontam a destruição de pouco mais de 300 aviões e as tradicionais indicam mais de 600, além do afundamento de três porta-aviões, dois navios-tanque e a avaria de mais 5-6 navios.

ao sentimento de companheirismo e lealdade ao regimento ao qual o voluntário fazia parte e provavelmente havia desenvolvido laços, onde uma negativa colocava o indivíduo em uma situação de abandono aos parceiros de batalha; em sequência, caso laços de amizade não sejam o suficiente para a opção pelo sacrifício, há o fato de que era possível, em represália, enviar o militar às zonas de confronto mais sangrentas ou, ainda, ignorar sumariamente a negativa. Somado aos pontos citados, há ainda o aspecto da cultura da vergonha, tendo em vista que a mentalidade do meio militar era fortemente alicerçada no *bushido*. A mácula da renúncia ao dever do sacrifício não desonra apenas o indivíduo, mas a sociedade japonesa, a família do “covarde” e a instituição militar.

Ao adentrar no universo destes indivíduos, pode-se perceber a humanidade que permeia as ações de suicídio. O medo, o receio, a insegurança e a indisposição frente ao sacrifício aparecem nas narrativas dos próprios *kamikaze*, assim como discursos de bravura e ultranacionalismo que não podem ser desconsiderados. A História, quando observada de forma crítica, permite desconstruir certas mitificações. Neste caso, os estudos contemporâneos mostram os combatentes suicidas muito mais humanizados. Contudo, se por um lado anula determinadas romantizações, também desconstrói estereótipos. Do *ethos* ao contexto de guerra, percebe-se uma lógica e um sistema que afasta os militares japoneses da simples categorização de “fanáticos”.

No que tange o recrutamento para a função, Lamont-Brown (1997, p.8-9) categoriza quatro grupos, em devida ordem cronológica: os Cruzados Patrióticos; os Salvadores da Face da Nação; os Jovens Racionalistas; os Valentes Designados. Os primeiros, descendentes dos samurais e imbuídos de honra e nacionalismo, estavam prontos para o sacrifício. O segundo grupo, teriam sido aqueles motivados pelo exemplo dos seus antecessores. E o terceiro, estudantes universitários e voluntários muitas vezes coagidos, sendo o quarto, formado por adolescentes delinquentes, assim como jovens de baixa renda ou de estamentos inferiores (dentro da ordem pré-industrial).

A historiografia contemporânea, todavia, já desconstruiu, ou, pelo menos, ressignificou tais categorizações. A coerção e a preferência pelos novatos (*kohai*⁸⁷) já

⁸⁷ Japonês. Forma de tratamento baseada no status. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o *Kohai* é uma espécie de novato em comparação ao membro mais veterano (*senpai*) de uma organização. Trata-se de uma relação pautada em princípios de respeito e exemplo, mas que permeiam aspectos mais complexos da própria constituição da sociedade japonesa. Ver:

era uma tendência desde o início do uso sistemático dos *kamikaze*. Ainda, na fase final do conflito global, a situação era tão crítica que até pessoas de maior proeminência política eram recrutadas. De todo modo, a estrutura dos grupos de Lamont permite observar uma realidade inegável do sistema: apesar da construção positiva da imagem do *kamikaze* no esforço de guerra, com a evolução do conflito era necessário quantidade e a lógica para o recrutamento não é um voluntariado de jovens de espírito samurai, mas mais uma seleção imposta aqueles “mais dispensáveis”. E aqui se diz dispensável não apenas os mais pobres, por uma questão social, ou jovens, pela inexperiência, mas os indesejáveis pelo governo, como os estudantes e formados em humanidades, onde encontravam-se muitos dos radicais opostos ao governo (como anarquistas e marxistas) (GONÇALVES, 2012, p. 97). Tendo postas, em linhas gerais, a lógica de criação e as ressignificações do conceito de *Kamikaze*, algumas análises são relevantes naquilo que diz respeito ao biografado desta pesquisa.

Obata, em suas narrativas, não costuma evidenciar de forma heroica ou grandiosa a sua participação na Segunda Guerra Mundial, ainda que seja válido ressaltar que em suas memórias, de modo geral, não apareça de forma substancial uma condução lógica que indique exaltação de si.

Neste sentido, a “humildade”⁸⁸ seria aspecto do perfil de Obata e ressaltado por muitos dos indivíduos que o conheceram já no Brasil, ainda que a conduta e forma de agir do japonês não se manifeste de modo que seja simples a explicação a partir de conceitos ocidentais. De todo modo, neste caso, a elevação deste aspecto da trajetória (a inserção quase heroica de Obata no universo de guerra) parece um fenômeno de construção de História Oral dentro do conceito de Memória Coletiva, uma vez que a idealização do passado de um indivíduo cabe bem ao discurso de formação de um grupo, aqui especificamente a comunidade do judô gaúcho.

Salienta-se que no início da Segunda Guerra Mundial, em 1º de setembro de 1939, Obata tinha apenas 7 anos, portanto, no último ano do conflito, momento no qual realizou o ingresso no universo militar que o poderia conduzir à ação *kamikaze*,

KIKUCHI, Wataru. **Relações Hierárquicas do Japão Contemporâneo: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa**. USP, tese de doutorado, 2012.

⁸⁸ Inserem-se aspas ao conceito “humildade” sem o intuito de negação, mas para que se observe com cuidado a utilização de um termo que possui sua construção no ocidente dentro de uma noção de virtude. A humildade, sem conotação financeira, remete à modéstia, a não ostentação de si a partir da narração de seus feitos e vitórias. A polidez de trato e respeito ao próximo que independe da hierarquia. O que se coloca é que determinados procedimentos de conduta social podem ser elementos ligados a aspectos culturais japoneses

sua idade era de 13 anos. Sua participação foi de apenas um semestre e conta Teruo (2022) que suas funções se concentraram em pequenos treinamentos físicos e, sobretudo, o cavar buracos no solo devido aos ataques aéreos americanos. Era um pré-adolescente, em contato com a dureza da realidade da guerra, aspecto que certamente contribuiu com a formação de seu caráter. Ainda que pouco tempo nas Forças Armadas, possivelmente absorveu elementos ideológicos que justificavam sua função. Seu recrutamento vai ao encontro da tradicional divisão de Lamont, onde caracteriza o quarto e último grupo como formado por adolescentes delinquentes, assim como jovens de baixa renda ou de estamentos inferiores. Isso pode ser confirmado seja pela idade de Obata como pela descrição das dificuldades que passou quando entregava jornais e o frio congelava seus pés.

Destaca-se que não cabe aqui realizar julgamentos de valor, mas é significativo observar os usos do passado na construção do conhecimento histórico e narrativas. O judoca Obata, como visto anteriormente, sem dúvidas possui aproximações com o *kamikaze*, pois as tensões de um universo em transformação permeiam ambos. Todavia, da mesma forma que os conflitos simbólicos e ideológicos moldam o perfil do imigrante, tais dicotomias e antagonismos são por vezes anulados em prol de generalizações estereotipadas que servem a propósitos narrativos. Neste sentido, a trajetória de Obata serviu e serve de subsídio, em muitos casos, a algumas idealizações da história do judô no Rio Grande do Sul. O *kamikaze*, de forma oposta aos discursos ocidentais do pós-guerra, é associado ao *bushido* pela comunidade esportiva. Porém, ainda que em certa medida não seja uma afirmação incorreta, ignora-se hodiernamente a complexidade dos fenômenos.

Em uma sociedade onde o parecer⁸⁹ e a vergonha se constituem como elementos indissociáveis do como agir, os *kamikaze* legaram ao mundo contemporâneo fontes e imagens de bravura, ainda que estas já analisadas e até certo ponto relativizadas pela historiografia, que dialogam com a visão romântica das Artes Marciais frente ao japonês e ao espírito samurai. Obata, deste modo, é um produto deste amálgama de contextos, interpretações e reinterpretações, idealizações e reavaliações, usos, exageros e seleções em relação ao passado. Mesmo assim fornece subsídios relevantes para pensar a maneira como os japoneses, aqui no caso os imigrantes, podiam se relacionar com eventos históricos

⁸⁹ Em uma perspectiva teatral. Aparentar.

específicos, experiências individuais e coletivas, na reconstituição de suas identidades e memórias.

3.3 O Toureiro: algumas reflexões sobre intercâmbio cultural, o Japão pós-guerra e a verdade do imigrante

No âmbito do lazer e da formação cultural, ainda, Obata comentou em entrevista (2019) que gostava de livros. Citou, contudo, apenas um autor de sua preferência: Ernest Miller Hemingway (1899 – 1961). Recordou, inclusive, que o escritor havia recebido o Prêmio Nobel de Literatura de 1954 com “O Velho e o Mar (1952)”, mas que antes havia escrito a obra “Por quem os sinos dobram (1940)”. Em complemento, recordou com entusiasmo que viu no cinema o filme *Sangue e Areia* (1941), obra baseada em livro homônimo⁹⁰ de Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928) e que narra a história de um jovem que sonha em ser toureiro como seu pai. Tal obra cinematográfica se configura como um dos aspectos que normalmente chamam atenção daqueles que ouvem ou leem a história de Obata, pois em todas as narrativas até hoje apresentadas, Obata coloca o filme como importante elemento motivador de sua saída do Japão. Inspirado na história, o jovem Teruo sonhava em ir para a Espanha e ser toureiro, mas teria acabado no Brasil por não ter o visto necessário para seguir viagem.

Aos olhos e ouvidos ocidentais, as afirmações de Obata soam como curiosas, interessantes e até mesmo divertidamente exóticas. Todavia, com a devida atenção historiográfica, existem pontos muito relevantes para serem analisados nestas colocações. Primeiramente, o fato de que apesar dos americanos terem incendiado sua cidade e levado membros de sua família à morte, a cultura dos Estados Unidos, e do ocidente por extensão, estava muito presente no imaginário de Obata. Ele consumiu livros e filmes ocidentais. Além disso, o fato da narrativa individual e da particularidade da trajetória usualmente anularem o contexto japonês pós-guerra e a especificidade da vinda de Obata estar inserida no universo histórico de maior fluxo de imigrantes japoneses para o Rio Grande do Sul.

Em relação ao primeiro ponto, sobre a presença do ocidente na constituição cultural do japonês na primeira metade do século XX, pode-se resgatar a dualidade apresentada no início deste capítulo, inserindo Obata justamente no contexto urbano

⁹⁰ Em espanhol, *Sangre y Arena*, publicado em 1908.

modernista, de proximidade ao ocidente, em contraposição ao meio rural mais conservador. Tal aspecto se sobressai ainda pelo fato de Obata estar colocado durante toda sua formação na região metropolitana de Tóquio. Este elemento que aqui se pontua deve ser levado em consideração, pois pode se configurar não como peculiaridade do universo privado, mas como um indício do perfil do imigrante urbano, não tão comum na primeira fase da imigração japonesa para o Brasil, iniciada em 1908, mais frequente principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Perfil este que pode afetar diretamente o cenário de adaptação e aculturação dos indivíduos, já mais próximos da cultura ocidental. Ainda, mas definitivamente não menos relevante, deve-se considerar que a adolescência e primeiros anos da vida adulta de Obata estão inseridos em um contexto de ocupação americana que deixou marcas profundas na cultura nipônica⁹¹ .

Nessa perspectiva, é importante resgatar que com a rendição japonesa em agosto de 1945, o Império do Japão foi forçado a assinar um documento denominado *U.S Initial Post-Surrender Policy for Japan*, produzido pelo *SWNCC – State-War-Navy-Coordinating-Committee* dos EUA e aprovado pelo presidente Harry Truman. Este documento de caráter regulatório e imposto à nação derrotada, tinha dois objetivos principais: primeiramente, assegurar-se de que o Japão não voltaria a se tornar uma ameaça aos EUA e à paz mundial, em termos práticos, reduzindo drasticamente o poder e influência das forças armadas japonesas, para então transformar o Japão de governo totalitário, ultranacionalista e fascista⁹² em uma nação democrática a partir de conceitos como liberdade de expressão, liberdade religiosa e respeito aos Direitos Humanos, previstos na Carta das Nações Unidas. Para certificar-se da correta condução dos processos, instaurou-se um comando de supervisão das forças aliadas no território⁹³ e fez-se uma intervenção militar com a liderança do general Douglas MacArthur. Tal presença americana no território definiu diversos dos rumos políticos, sociais e econômicos tomados pelo Japão no pós-guerra, assim como foi importante elemento transformador da cultura japonesa.

⁹¹ Existem importantes e complexos estudos desta fase, dentre eles um vencedor do Pulitzer, denominado *Embracing Defeat: Japan in the Wake of World War 2*, escrito por John W. Dower, obra sugerida para aprofundamento temático.

⁹² Não é consenso na historiografia a utilização do termo fascismo para a caracterização da política no Estado japonês durante o Estatismo da Era Showa. A ausência de aspectos como a figura carismática do ditador, de partido único ou de uso da força para a chegada ao poder são alguns dos pontos elencados nas discussões contemporâneas.

⁹³ Supreme Commander of the Allied Powers (SCAP)

Deve-se cuidar as generalizações quando se fala em americanização da cultura japonesa, mas é inegável que os Estados Unidos contribuíram substancialmente para sua hodierna configuração. Como foi observado neste capítulo, o pensamento e a produção ocidental já apresentavam forte influência no território antes dos anos 1940. Com o advento da intervenção, contudo, o Japão não se encontrava em condições de decidir seu próprio futuro e a presença do ocidente foi ainda mais intensa que nos anos predecessores.

De acordo com Shunya Yoshimi (2008, p. 84), no que diz respeito à experiência das pessoas diretamente envolvidas na ocupação, a “América” apresentou-se como uma fonte avassaladora de autoridade, contra a qual era muito difícil montar qualquer desafio. Mais que uma fonte de influência de estilo de vida, foi uma força de intervenção sempre presente e que não podia ser desafiada. De modo geral, a cultura japonesa do período foi moldada em uma relação constante tanto no âmbito do consciente como do inconsciente. No primeiro caso, a partir dos mecanismos de censura, perseguição e políticas culturais impostas. No segundo, devido aos efeitos da interlocução constante entre ocupante e ocupado, sobretudo naquilo que diz respeito às relações da população japonesa com o exército de ocupação, onde de modo geral o ocidente se colocava mais como uma força sedutora que efetivamente proibitiva. A título de exemplo, Shunya Yoshimi (2008, p.84) cita o fato de muitos jovens cantores japoneses encontrarem emprego no ramo de entretenimento das tropas americanas, nas bases, de certa forma isolados da sociedade circundante e em condições de trabalho boas, principalmente tendo em vista à realidade japonesa.

As interfaces desta relação são complexas e um campo rico em discussões no âmbito dos Estudos Culturais, tendo em vista que ao longo da história tanto foi chamada a cultura japonesa do pós-guerra como americana, como se fez um esforço contrário, com uma retórica de negação de conexão e marginalização de seus aspectos mais obscuros, como o “*black market*”⁹⁴ ou as “*pan-pan girls*”⁹⁵.

⁹⁴ Com o colapso do sistema de distribuição e racionamento no Japão pós-guerra, somado as amplas áreas abertas pela destruição, prédios evacuados, inflação acelerada e fraco controle governamental, os mercados negros cresceram exponencialmente e marcaram a cultura japonesa do período, influenciando de forma decisiva nas novas estruturas urbanas do Japão moderno. Ver: HATSUDA. Kosei. Tokyo's Black Markets as an Alternative Urban Space: Occupation, Violence, and Disaster Reconstruction. In: **Journal of Urban History**. 2022. p. s/n.

⁹⁵ Prostitutas ilegais, muitas vezes bastante jovens, cuja existência está ligada diretamente à ocupação das forças militares estrangeiras e seu capital. Foram vistas por muito tempo como representantes do erotismo, decadência, liberdade sexual e materialismo. Por outro lado, também símbolos da vitimização, humilhação e trauma nacional. Ver: TAKEUCHI, Michiko. **Pan-Pan Girls**

É indubitável que espaços e regiões japonesas possuem variações naquilo que diz respeito à influência americana. Porém, com os olhos postos sob a história do imigrante Teruo Obata, é impossível negar a forte presença ocidental.

Ter a clareza da magnitude desta intervenção é aspecto fundamental para entender a imigração e os perfis de imigrantes no Rio Grande do Sul. Teruo Obata transita por esferas que demonstram a complexidade que afeta e diferencia fortemente aqueles que chegaram ao pós-guerra daqueles que já se encontravam no Brasil. O percurso do personagem analisado nesta tese serve como um laboratório para refletir sobre a maneira como a cultura ocidental, especialmente a norte-americana, podia influenciar na tomada de decisões e expectativas de jovens japoneses.

Na gênese deste trabalho, ao se recortarem os objetivos desta tese, propôs-se entender os contextos de origem dos imigrantes japoneses do Rio Grande do Sul em diálogo com a singularidade da trajetória de Obata. O judoca, o *kamikaze* e o toureiro nos permitem vislumbrar este Japão oscilante e de contrastes, que perpassa uma sociedade em constante diálogo e conflito com o novo e externo. Que aceita o moderno e também reage. De antagonismos. De vitórias e derrotas. De construções e imposições. Em 1959, Obata deixou um novo Japão, mais ocidentalizado, democrático e pacífico, mas carregou em si a herança cultural da velha terra do sol nascente e da nova. Gradualmente em sua trajetória, tais aspectos vão sendo observados, conforme serão ressaltados nos capítulos seguintes, mas deixam de serem vistos com estranheza para dar lugar a reflexões que explicam um grupo: o dos imigrantes.

4 IMIGRAÇÃO E INDIVÍDUO

Fotografia 8 – O jovem imigrante Teruo Obata (Japão, data não identificada)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata.

A trajetória de Obata no Brasil é complexa, pois atravessa contextos interestaduais e toma contornos bastante peculiares com a chegada no Rio Grande do Sul. Observá-la de perto, em diálogo com o conhecimento histórico e com outras fontes de memória, permite compreender e complexificar o processo de imigração japonesa. Este trabalho, como explicitado em caráter introdutório, tem por recorte espacial de análise a cidade de Porto Alegre naquilo que diz respeito à adaptação e à socialização de Obata. Contudo, antes de fazê-lo, deve-se pôr em evidência o próprio fenômeno migratório, com suas raízes e motivações.

Obata, ainda que independente em suas ações e decisões, esteve situado em um universo que teve início nos primeiros anos do século XX e já estava em vias de conclusão no final dos anos 1950: a imigração japonesa em massa para o Brasil. Seria irresponsável deixar tal resgate de lado, bem como, uma análise pretérita mais detalhada que se crê importante para a percepção daquilo que estaria pósteros. Neste sentido, o presente capítulo é destinado a rever as raízes da imigração

japonesa e de que forma ela se transforma e se conecta com Teruo Obata, para deste modo ser pensada e repensada em interlocução com a trajetória do indivíduo.

4.1. Issei (a primeira geração)

A história da imigração japonesa no Brasil está inserida originalmente no contexto das demandas oriundas do setor agrícola no alvorecer do século XX. Em termos cronológicos, é válido recordar que o século XIX foi um período demarcado na historiografia como de forte fluxo imigratório em decorrência dos interesses de expansão e ocupação territorial no Brasil, somado a política de branqueamento do Império brasileiro, as ideias de progresso, ao declínio e abolição da mão de obra escrava negra africana, urbanização, leve industrialização, assim como as inter-relações de circunstâncias locais no estrangeiro que favoreciam o fenômeno. No caso do Japão, a explosão demográfica, a concentração fundiária, o desemprego e a fome originados com a transição de um cenário “agrário-feudal” para o urbano-industrial-capitalista da Era Meiji (1868-1912), com o olhar atento às generalizações, como já observado no primeiro capítulo deste estudo.

Posterior aos grupos europeus majoritários do período, a imigração japonesa não foi também a primeira imigração asiática, tendo em vista os chineses ainda aos tempos de D. João VI. A propósito, se tais levas já ocupavam o território nacional ao longo do XIX, o Japão e o Brasil nem sequer haviam estabelecido laços diplomáticos até 1895, quando aos 5 dias do mês de novembro foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre a República dos Estados Unidos do Brasil e o Império do Japão. Como consequência direta, instalaram-se representações diplomáticas nas capitais, sendo Sutemi Chinda o primeiro diplomata japonês responsável pelo estreitamento das políticas internacionais a atuar no Brasil e Henrique Carlos Ribeiro Lisboa o representante do Brasil no Japão (DAIGO, 2008, p.6). Contudo, a execução do processo migratório de japoneses para o Brasil, de interesse mútuo, foi adiada em decorrência do cenário econômico desfavorável irrompido nos anos 1890 e acentuado do final da década.

O ambiente brasileiro, no final do XIX, foi propenso à expansão cafeeira. As enfermidades que atingiram os cafezais da ilha de Ceilão⁹⁶ colocaram o Brasil em uma posição favorável no comércio internacional. A significativa inflação do período,

⁹⁶ Na época, uma colônia britânica. Em 04 de fevereiro de 1948, conquistou sua independência e, posteriormente, o território passou a ser chamado de Sri Lanka.

e consequente desvalorização cambial, foi positiva à exportação, assim como a política de empréstimos que favoreceu a expansão agrária privada. Ainda, o aumento da infraestrutura de transportes e a abundância de terras foram catalisadores de uma economia ascendente que tinha na política de imigração a resolução para seu déficit de mão de obra. Política que, no cenário de descentralização republicano, estava nas mãos de estados, como é o caso de São Paulo, com uma classe política fortemente vinculada ao latifúndio monocultor (FURTADO, 2005, p. 185). No entanto, o último decênio do XIX foi marcado por duas crises no setor. Primeiramente, o “Pânico de 1893” afetou o consumo e o preço do café no mercado internacional. A depreciação externa da moeda ajudou a absorver o impacto da crise no Brasil. Além disso, uma nova depressão econômica no mercado mundial, em 1897, acentuou os problemas, reforçando a pressão sobre a massa de consumidores urbanos e gerou uma situação crescente de tensão social. O setor do café, que não suportava novas depreciações, passou por uma crise de superprodução, fator que afetou diretamente a renda dos cafeicultores e sua possibilidade de arcar com as folhas de pagamento de novos imigrantes⁹⁷.

Com um olhar aos números, observa-se de fato um declínio a partir de 1896 na imigração que retoma suas forças a partir de 1906, não apenas devido à recuperação econômica no ocidente, mas também políticas nacionais e estaduais de valorização e proteção do café.

⁹⁷ Sobre as crises de 1893 e 1897 é sugerida a obra: MARICHAL, Carlos. Nova História das grandes crises financeiras: uma perspectiva global 1873-2008. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016

Tabela 1 – Números da Imigração Líquida para Brasil, entre 1881 a1930 (em milhares)

	Chegadas	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses
1881-1885	133,4	32	47	8	8	-
1886-1890	391,6	19	59	8	3	-
1891-1895	659,7	20	57	14	1	-
1896-1900	470,3	15	64	13	1	-
1901-1905	279,7	26	48	16	1	-
1906-1910	391,6	37	21	22	4	1
1911-1915	611,4	40	17	21	3	2
1916-1920	186,4	42	15	22	3	7
1912-1925	386,6	32	16	12	13	5
1926-1930	453,6	36	9	7	6	13

Fonte: Leslie Bethell (ed.). **The Cambridge History of Latin America**, Vol. IV, p.131. In: FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 12° ed, 2006, p. 275.

Deste modo, ainda que houvesse interesse no fomento da imigração japonesa em 1895, a mesma acabou tomando forma apenas no século XX, dentro do cenário de recuperação econômica. Em abril de 1905, o terceiro titular da Legação japonesa, ministro Fukashi Sugimura, realizou uma visita a diversos pontos do Brasil, originando relatórios que, com as palestras do secretário da Legação japonesa no Brasil, Sr. Kumaichi Horiguchi, influenciou a vinda de imigrantes japoneses, em um primeiro momento de caráter individual (DAIGO, 2008, p. 8).

Outro episódio de destaque neste processo ocorreu em 1906, com a chegada de Ryu Mizuno, em São Paulo, presidente da *Kokoku Shokumin Kaisha*⁹⁸, na companhia de Teijiro Suzuki. Na ocasião, Mizuno se encontrou com o ministro Sugimura, em Petrópolis, e apresentou seu projeto para trazer imigrantes para o país, recebendo o apoio do alto oficial e a concessão de um intérprete, Miura, para então se deslocar ao estado paulista e iniciar uma discussão sobre seus planos com o governador Jorge Tibiriça, Carlos Botelho, secretário da agricultura, e Bento Bueno, diretor-presidente da sociedade imigratória em São Paulo. Na ocasião,

⁹⁸Companhia Imperial de Emigração.

concluiu-se que a imigração em massa de japoneses era inviabilizada pelos entraves na legislação, seriam então necessárias mudanças/acréscimos nas leis, tanto no Brasil como no Japão, e Mizuno não poupou esforços para que acontecessem, resultando numa empreitada bem-sucedida.

Em 1907, Mizuno retornou e – sob a égide da nova lei 1045-c, de 27 de dezembro de 1906 e do decreto 1458, de 10 de abril de 1907 – firmou o contrato entre o Estado de São Paulo e a *Kokoku Shokumin Kaisha*⁹⁹. Em linhas gerais, o contrato determinava que, em um prazo de três anos, a Companhia Imperial de Colonização deveria recrutar um total de 3 mil imigrantes-família¹⁰⁰ para trabalhar nas fazendas de café do Brasil. A remessa deveria ser ao porto de Santos e a primeira leva de mil imigrantes tinha que chegar no mês de maio de 1908. Em complemento, o governo brasileiro arcaria com o compromisso de 10 libras da passagem de navio, devendo os fazendeiros que contratassem os imigrantes restituir-lhe 4 libras retiradas do salário dos próprios estrangeiros. Cláusulas essas que não foram seguidas plenamente devido a dificuldades burocráticas e de articulação. Ainda que Mizuno tenha chegado no mês de janeiro de 1908 no Japão, reunir grupos familiares não foi uma tarefa fácil. Apenas em fevereiro a *Kokoku Shokumin Kaisha* conseguiu a aprovação para recrutar novos imigrantes e o Ministério das Relações Exteriores, tendo em vista os entraves documentais e burocráticos para comprovação de parentescos, sugeriu uma ampliação de prazo, indeferido pelo ministro residente Ushida.

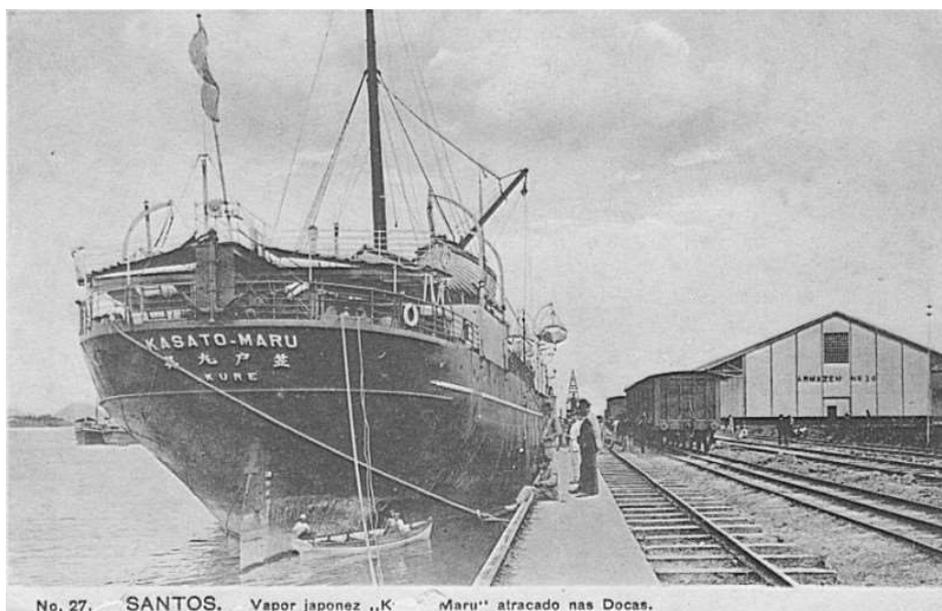
As dificuldades, entretanto, mostraram-se tão limitadoras que foi necessário prorrogar o prazo até junho em acordo com o Estado de São Paulo. Ainda assim, a seleção ocorreu às pressas, muitas famílias foram formadas por casamentos de fachada ou parentescos falsos. Ademais, não foi possível reunir a quantidade prevista¹⁰¹.

⁹⁹ A participação de Ryu Mizuno para a consolidação da colonização japonesa no Brasil foi expressiva e são correntes as referências a este indivíduo como “o pai da imigração” ou mesmo “o herói da imigração”, sobretudo em âmbito jornalístico e/ou comemorativo. Sobre tal fase de sua trajetória, sugere-se: REZENDE, Tereza Hatue. **Ryu Mizuno - Saga Japonesa em Terras Brasileiras**. Instituto Nacional do Livro/Aliança Cultural Brasil-Japão. Curitiba, 1991.

¹⁰⁰ Havia restrição por parte do governo brasileiro com os imigrantes individuais, com intuito de trabalhos temporários, chamados em japonês de *decasségui/dekasegi*.

¹⁰¹ Os presentes dados, assim como outras informações ricamente documentadas, estão disponíveis na exposição virtual “100 anos da imigração japonesa no Brasil”, organizada pela Biblioteca Nacional da Dieta, disponível em: www.ndl.go.jp/brasil/pt/index.html, acesso em 01/03/2022.

Fotografia 9 – Kasato-Maru (1908, Porto de Santos, São Paulo)



Fonte: *wikimedia commons*.

A chegada do navio Kasato-Maru, no dia 18 de junho de 1908, que atracou no Porto de Santos, marcou o início da imigração japonesa em território nacional, apesar das vindas individuais e até mesmo de pequenos grupos anteriormente. Quando uma família sai do Japão e se estabelece em um território, dá-se ao grupo a denominação de *issei* (一世)¹⁰².

Apesar da discussão sobre os primórdios da imigração japonesa no Brasil, não há por objetivo nesta pesquisa o tratamento do processo de estabelecimento colonial japonês no século XX, centrado, sobretudo, no Estado de São Paulo. Para tanto, são diversos os estudos já efetuados em âmbito acadêmico, assim como levantamentos de memórias e sínteses produzidas em decorrência das comemorações de 1908, centenário do início da imigração nipônica para o Brasil¹⁰³.

¹⁰² 世= sei (geração, sociedade). *Issei* (imigrante japoneses/primeira geração); *Nisei* (2° geração); *sansei* (3° geração); *yonsei* (4° geração), etc.

¹⁰³ Em uma esfera mais informativa, mas rica em documentação, sugere-se a mostra virtual “100 anos de imigração japonesa”, disponível em português pela Biblioteca Nacional da Dieta. www.ndl.go.jp/brasil/pt/index.html, acesso em 01/03/2022.

4.2 A imigração japonesa no Rio Grande do Sul

Sobre a imigração japonesa no estado do Rio Grande do Sul, aponta-se a data de 20 de agosto de 1956 como oficial, pois foi momento da chegada de 23 jovens japoneses com o objetivo de radicação, não sendo estes, contudo, os primeiros a tentarem se estabelecer em solo gaúcho, Soares e Gaudioso (2008, p.48) indicam que o primeiro imigrante japonês a pisar no Rio Grande do Sul teria sido o médico Yunosuke Nemoto, proveniente de Ibaragi, em 1920, e o Sr. Eito Asaeda, em 1924, de Yamaguchi. Tais dados não sofreram alterações nas últimas décadas, corroborando com os estudos precursores de Dante de Laytano e Moacyr Flores.

A primeira tentativa de colonização japonesa no estado teria sido em Horizontina, região de Santa Rosa, em 1936. Segundo Laytano (1980, p. 59), ela iniciou em 1933, quando o governo do Rio Grande do Sul contratou a empresa Dahne Conceição & Cia para a medição de uma área em Santa Rosa que seria dividida em 5 mil lotes de 25 hectares. A empresa seria encarregada pela publicidade do empreendimento e atração dos colonos, enquanto a companhia de imigração *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*¹⁰⁴ os encaminharia para a região. O processo não foi marcado pelo dinamismo, uma vez que observadores e emissários da referida companhia visitaram as margens do rio Uruguai entre 1935 e 1936 sem que houvesse qualquer ocupação. Com a pressão do governo do estado sob a empresa contratada, alinhou-se o processo e a companhia de imigração encaminhou 10 famílias, que já estavam em São Paulo, pagando-lhes os lotes.

De acordo com Kôei Ogasawara (2004, p. 230-243), o empreendimento fracassou devido às limitações impostas, em 1940, pelo governo brasileiro, no que diz respeito à posse de terras por estrangeiros em um raio de 150 quilômetros a partir da fronteira¹⁰⁵, no contexto da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Porém, por outro lado, Moacyr Flores (1975, p.73) afirma que a questão do supracitado decreto-lei mascara o real motivo do fracasso colonizador: as dificuldades e imperícias de administração.

¹⁰⁴ KKKK - *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*: Companhia Ultramarina fundada em 1917 que atuava tanto nas Américas (Brasil, Peru, Colômbia, Cuba), como nas Filipinas. Geria emigração, atividades coloniais de compra e venda, entre outras atividades administrativas e financeiras da comunidade nipônica fora do Japão.

¹⁰⁵ Ver: decreto-lei nº 1.968, de 17 de janeiro de 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/del/1940/del1968.htm. Acesso em 07 de fevereiro de 2022.

Conforme a bibliografia, ocorreu, ainda, outro insucesso. Em 1936, em São Sebastião do Caí, um fazendeiro adiantou 2 contos de réis à *KKKK* com o objetivo de instalar 5 famílias japonesas em sua propriedade. Dois anos depois, em 21 de abril de 1939, o cônsul Masaki Yodagawa, Érico O. Melo e Tomioka, visitaram a região onde foi feita proposta para a instalação de mais 50 famílias, além das 5 já estabelecidas. Oferta declinada pelo fazendeiro, passadas três semanas da visita do cônsul, as 5 famílias saíram da fazenda e 3 contos de réis foram devolvidos ao fazendeiro, referente ao total do adiantamento feito pelo mesmo (FLORES, 1975, p.74).

A 2ª Guerra Mundial (1939-1945) interrompeu, com pequena exceção¹⁰⁶, o fluxo migratório. Movimentação retomada nos anos seguintes para o Rio Grande do Sul, seja com imigrantes oriundos do estado de São Paulo, seja diretamente do Japão, neste último caso, fenômeno motivado pela repatriação de japoneses da Manchúria, China e Coréia (excesso populacional). No contexto brasileiro, cita-se a criação do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC)¹⁰⁷ como mais um elemento catalisador.

Com é possível verificar, 1956 constitui-se como o ano marco para a imigração no Rio Grande do Sul devido ao caráter individualizado das chegadas anteriores ou fracassos dos empreendimentos pretéritos. Foi em agosto do citado ano que 23 homens jovens e solteiros chegaram ao porto de Rio Grande, a bordo do navio Brasil-Marú, com o intermédio do Sr. Hoshiko, para serem encaminhados a granjas nos arredores da capital, com objetivo de formação de uma cooperativa agrícola. Empreendimento fracassado em decorrência de alterações no cenário político, gerando uma dispersão de 7 jovens para Santa Catarina e os demais a outras granjas gaúchas. (LAYTANO, 1980, p. 60).

¹⁰⁶ Soares e Gaudioso (2008, p. 52) afirmam que houve o caso de uma família que se estabeleceu no ramo do comércio neste período do conflito mundial.

¹⁰⁷ Órgão criado pela Lei nº 2.163, de 5 de janeiro de 1954. Surgindo como uma autarquia vinculada ao Ministério da Agricultura, absorveu o pessoal e o acervo da Divisão de Terras e Colonização, do Departamento Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, bem como do Conselho de Imigração e Colonização, que foram extintos na ocasião. Desapareceu em 11 de outubro de 1962, quando da criação da Superintendência de Política Agrária (Supra), que absorveu suas atribuições. Cabia ao INIC traçar e executar o programa nacional de colonização, tendo em vista a fixação dos imigrantes e o maior acesso dos nacionais à pequena propriedade agrícola; assistir e encaminhar os trabalhadores nacionais migrantes de uma para outra região, e orientar e promover a seleção, a entrada, a distribuição e a fixação de imigrantes no país. (INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO (INIC), 2022).

Na altura, outras levas de imigrantes se dirigiram ao estado. Em 1957, após demanda à JAMIC¹⁰⁸, 36 famílias e 4 solteiros chegaram ao porto de Rio Grande e foram encaminhados à fazenda São Pedro (70km de Uruguaiana)¹⁰⁹. Ainda no mesmo ano, na fazenda de André de La Justina (60km de São Luís Gonzaga), foram destinadas 97 pessoas (16 famílias) que chegaram em Rio Grande com o navio Santos-Marú¹¹⁰. Laytano (1980, p. 61-62) afirma que de 1955 até abril de 1963 foram afetadas 27 viagens com desembarque em Rio Grande, mas muitos japoneses vieram também a partir do Porto de Santos. De acordo com o censo, há um crescimento da comunidade nos anos 1960, com a passagem de 165 famílias e 87 solteiros (1018 pessoas), em março de 1959, para 453 famílias e 165 solteiros (2251 pessoas), em dezembro de 1965.

Quanto à distribuição, reproduz-se na sequência a tabela de acordo com os dados de 1955 a 1963 da JAMIC. É evidente, contudo, que o levantamento das informações realizadas na época não levava em consideração a mobilidade.

¹⁰⁸ *Japan Migration and Colonization*: empresa de colonização, criada pelo governo japonês, visando, por meio de financiamentos, a imigração de japoneses para os territórios da América Latina e Havaí. Possuía escritório em Porto Alegre e seu acervo documental subsidiou muito das pesquisas precursoras sobre a imigração japonesa no Rio Grande do Sul citadas neste trabalho.

¹⁰⁹ O objetivo era contratar o grupo por 4 anos para que plantassem arroz. As famílias, contudo, abandonaram o local após 8 meses de trabalho, até mesmo com subnutrição, e foram encaminhados ao meio rural de Santa Maria.

¹¹⁰ Da mesma forma que a situação anterior, a adaptação foi um problema significativo. Após 6 meses, passada a primeira colheita de milho, soja e mandioca, 10 famílias se encaminharam para Porto Alegre e 6 para São Paulo.

Tabela 2 – Colonos japoneses no Rio Grande do Sul (1955-1963)

Localidade	Entrada	Nº de Grupos	Nº de Famílias	Solteiros	Observações
Osório	1955-59	3	2	5	2 famílias e 1 solteiro por conta própria.
Viamão	1956-64	23	22	38	
Guaíba	1956-63	12	7	15	
Taquara	1956-62	2	2	1	
Vila Nova	1956-62	8	4	14	
Uruguaiana	1957	1	5		
Fazenda S. Pedro	1957	1	36	4	
Fazenda Justina	1957	1	16		
Canoas (Santa Rita)	1958-62	6	13	2	5 famílias em Santa Rita
Vacaria	1958-60	3	4	7	
Itapuã	1958-62	3	3	6	
Camaquã	1958-60	4	17	2	
Bagé	1958-61	3	9		
Santa Maria (Taquarembo)	1958-62	7	21	2	
Livramento	1958	1	7		
Lami (Porto Alegre)	1958-62	10	14	20	
Rio Grande (Quinta)	1959-61	3	5	7	7 solteiros por conta própria
Pelotas	1959-62	6	15	4	
Santa Vitória	1959-61	5	18		
São Leopoldo	1959-61	6	9	2	
Dois Irmãos	1960-61	2	4		
Caxias dos Sul	1960-61	2	3		
Sapucaia	1960-63	4	5	3	3 solteiros com imig. técn. (Kurashiki)
Gravataí	1960-62	7	10		
Rincão (Porto Alegre)	1960-63	3	5		
Pedro Osório	1961	1	4		
Jaguarão	1961	1	3	1	
São Borja	1962	1		5	
Outros	1956-63		43	8	2 famílias e um solteiro saíram do Estado.
TOTAIS			306	155	

4.3 Obata chega em Porto Alegre: os anos 1959 e 1960

De acordo com listagem de passageiros¹¹¹, Teruo Obata chegou ao porto de Santos no dia 13 de agosto de 1959. Proveniente de Kobe, a bordo do navio “Argentina Maru”, desembarcou aos 27 anos, solteiro, declarado agricultor, até então residente em Kanagawa¹¹² e sem destino definido.

Os dados gerais apresentados dialogam com a trajetória até então posta, com uma exceção: a declaração de agricultor. No primeiro relato de vida de Obata, o trabalho no campo, com agricultura ou mesmo com afazeres simples de cultivo de hortaliças sequer apareceu. O jovem Teruo estudou, viveu em ambiente urbano, trabalhou em região portuária. É, no mínimo, intrigante refletir sobre este dado e sua implicação ao campo historiográfico. Seria uma omissão de informação de trajetória? Uma mentira isolada ou um procedimento padrão?

Alessandro Portelli (1997, p. 36-37) afirma que “nenhuma pesquisa [...] é completa, a menos que se tenha exaurido tanto as fontes orais como as escritas, e as primeiras são inesgotáveis”. E complementa, “O trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui as fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição”. Traz-se este ponto não apenas para confirmar a importância da oralidade na produção histórica, mas para provocar uma reflexão àqueles que trabalham, ensinam ou pesquisam sobre o fenômeno da imigração. É fundamental observar a individualidade das trajetórias, tendo em vista que nem sempre a fonte escrita oficial retrata a realidade. Um trabalho de levantamento poderia verificar o número de agricultores japoneses declarados que entraram em território nacional, mas um olhar mais atento permite inferir que a utilização de determinadas classificações podem ser, por vezes, estratégias, tendo em vista a limitação imposta pelo idioma, o interesse do imigrante por um lugar no mercado de trabalho ou mesmo uma forma de contornar a legislação.

Em conversa com Tomoko Kimura Gaudioso (2022)¹¹³, a professora, descendente de imigrantes que chegaram em 1962, comentou que aparentemente

¹¹¹ Ver: anexo C, p.204.

¹¹² Kanagawa é uma prefeitura do Japão, localizada na ilha de Honshu, tendo Yokohama como capital.

¹¹³ Realizada em 21 de fevereiro de 2022, em ambiente virtual.

Obata utilizou tal justificativa da mesma forma que sua família, tratando-se de uma estratégia adotada por japoneses para aceitação em território nacional.

O comentário da supracitada professora encontra eco nas imposições e preconceitos frente a imigração japonesa no Brasil. Inúmeras foram as leis regulatórias que buscaram controlar o fluxo de imigrantes ditos “indesejáveis”, “não brancos europeus”, tendo em vista os aspectos raciais que permearam a produção legislativa no Brasil ao longo da primeira metade do século XX. Provavelmente, o exemplo de maior clareza deste fenômeno é o do médico e político Miguel Couto (1865-1934), professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e membro eleito da Academia Brasileira de Letras, em 1916. Couto, juntamente a outros integrantes da elite intelectual brasileira, foi um ávido defensor dos pensamentos eugenistas no Brasil, um movimento encarado de forma científica na transição do século XIX para XX, no qual se tinha o entendimento de que os aspectos positivos e negativos de uma sociedade estavam intrinsecamente ligados a questões genéticas, respaldando, assim, políticas de branqueamento da população.

De acordo com Geraldo (2009, p. 181-182), Couto incentivou, em 1929, a realização do I Congresso Brasileiro de Eugenia na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Evento este, rememorado em seu discurso, de 1933, quando político membro da Assembleia Constituinte de Vargas. O mesmo usou de diversos estudos do período, como a tese “O problema eugênico da imigração” de Azevedo Amaral (1881-1942), para defender a concepção de que a imigração tinha um importante papel na criação de valores étnicos, condenando a ideia de que a mesma fosse vista de forma simples com obtenção de mão de obra. Na altura, apresentou emenda que proibia a entrada de negros e estipulava uma proporção de 5% para os asiáticos, proibindo Estados de legislar de forma autônoma nesta matéria.

No avançar da Era Vargas, não foram cessadas as discussões de caráter eugênico para o controle da imigração japonesa. Pelo contrário, foram somadas às discussões geopolíticas referentes ao perigoso imperialismo e expansionismo japonês na Manchúria, além da noção construída de povo inassimilável, um problema ao nacionalismo e mobilização pela integração nacional de Vargas.

É importante recordar que com o avanço da 2ª Guerra Mundial, o Japão se colocou como uma das potências do eixo. Portanto, inimiga do Brasil. Assim, foram constituídas barreiras imigratórias ao longo tempo, mantendo a preferência ao setor

agrícola. Deste modo, o uso da declaração de agricultor de Obata não corresponde à sua realidade, mas uma estratégia para entrada em território nacional. Superado tal problema, as narrativas sobre a trajetória do imigrante indicam que o mesmo permaneceu pouco tempo em São Paulo, mas divergem em diversos pontos. Cid Corrêa Rodrigues Júnior (2018), aponta em sua cronologia:

4/JUL/1959 com 28 anos OBATA viaja de YOKOHAMA para o porto de SANTOS- BRASIL. Sensei Obata conta que queria ir para a ESPANHA, e alguém na época lhe disse que em Porto Alegre – RS, a cada duas semanas saia um navio para ESPANHA, então ele comprou passagem para PORTO ALEGRE, onde acabou ficando. Já neste ano trabalhou no Mercado Público numa lancheria. Lá conheceu o Sensei Tatu Luiz Escandiel, que na época comentou com um Policial chamado Pedro do Choque (amigo do sensei Osvaldo Monteiro), dono de uma academia no Bairro Menino Deus chamado, Clube de Cultura Física, que ele Obata era faixa preta de judo, então foi convidado para dar aula lá pelo Pedro. (RODRIGUES JÚNIOR, 2018)

Apesar do equívoco naquilo que diz respeito à idade de Obata na ocasião de sua chegada e pequena diferença de datação quanto à saída do Japão¹¹⁴, Cid C. Rodrigues Jr. subsidia uma frequente narrativa no meio judoístico: que a motivação de Obata ao ir para o Rio Grande do Sul era pegar um navio em direção à Europa. Escandiel (2023) comenta em entrevista que Obata teria ido para Porto Alegre devido ao fato de ter perdido um navio para a Espanha em São Paulo, sendo que na capital gaúcha seria possível pegar um novo. No primeiro caso, dá-se a entender que Porto Alegre é o local de onde sai o navio para a Espanha, enquanto no segundo a capital mais ao sul do Brasil aparece como uma alternativa a perda do transporte. De todo modo, há proximidade entre o texto e o depoimento, pois ainda que o processo não esteja em sintonia ou com peças faltantes, o objetivo é o mesmo.

Francisco Xavier de Vargas Neto (2022, p.16) não adentra neste período, limitando-se a afirmar que “inicialmente tinha a ideia de ir para a Espanha”. Alexandre Velly Nunes, por outro lado, traz uma versão diferente:

Obata chegou ao Brasil em 13 de agosto de 1959 e, finalmente em São Paulo no dia 15 do mesmo mês e ano. Nessa época a região já tinha muitos japoneses e por isso migrou para o Rio Grande do Sul, seguindo a orientação de um jornal japonês editado em São Paulo. Seu sonho era ser

¹¹⁴ Obata faz aniversário em novembro. Portanto, tinha 27 anos na ocasião da chegada. Quanto à data de saída do Japão, o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil indica o dia 02/07/1959 para a partida do Argentina Maru.

toureiro em Barcelona, mas a dificuldade de conseguir um visto e, a impossibilidade de migrar para os Estados Unidos, contribuíram para a sua fixação no Rio Grande do Sul. (NUNES, 2011, p.62)

A versão de Nunes aponta para uma desilusão em continuar sua jornada já em São Paulo, sendo o Rio Grande do Sul a alternativa de vida em território nacional. Outros autores também apontam para este caminho, mas não sem suas divergências. Boehl (2018, p. 29) reproduz parcialmente a versão de Nunes, mas complementa que quem indicou a ida de Obata para Porto Alegre teria sido Massao Shinohara, um amigo que há tempos treinava judô em São Paulo e que comentou que ninguém permanecia ensinando judô na capital do Rio Grande do Sul por muito tempo. Portanto, uma oportunidade. Boehl, ainda, complementa que Obata chegaria ao sul do Brasil apenas em 1960.

A narrativa de Boehl coloca em encontro dois indivíduos de grande relevância para a modalidade. No caso de Massao Shinohara, o mesmo se trata de figura reconhecida a nível nacional e internacional, tendo sido fundador da Associação de Judô Vila Sônia (SP), técnico da seleção brasileira em 1984 (Los Angeles), *sensei* de atletas de nível olímpico, além de único 10° *dan* de judô no Brasil até a data de sua morte, em 2020, aos 95 anos¹¹⁵.

Na década de 1950, Massao Shinohara já era professor de judô e morava em São Paulo. O problema que se apresenta na narrativa de Boehl (2018), mas, é o fato de que aquele era descendente de imigrantes japoneses¹¹⁶ e não um imigrante. Tendo nascido no Brasil, apesar de já ser professor de judô nos anos 1950, causa um estranhamento a mencionada amizade. Quando questionado sobre este vínculo com Massao Shinohara, Teruo Obata (2022) comentou que conhecia um Shinohara, mas que não fazia judô.

Outro elemento da narrativa de Boehl (2018) que destoa das demais é a informação da chegada de Obata apenas em 1960, aspecto que gera um pequeno problema de cronologia quando em confronto com determinadas fontes e relatos como será visto na sequência. Nesse sentido, buscou-se ordenar as peças deste quebra-cabeça a partir das próprias entrevistas realizadas com Obata. Em 2019, foi dito pelo professor que após sua chegada em Santos, o mesmo não tinha

¹¹⁵ MORRE MASSAO SHINOHARA, ÚNICO 10° DAN DO BRASIL E TÉCNICO DA EQUIPE OLÍMPICA DE JUDÔ EM 1984. **Globo Esporte**, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/judo/noticia/morre-massao-shinohara-unico-10o-dan-do-brasil-e-tecnico-da-equipe-olimpica-de-judo-em-1984.ghtml>, acesso em 13 de outubro de 2023.

¹¹⁶ Filho de Nobuichi e Matsu Shinohara, imigrantes provenientes do Japão com chegada em 10/05/1914, a bordo do navio Teikoku-Marú.

perspectiva de emprego, domínio de idioma e um inglês muito rudimentar¹¹⁷. Ainda, não sabia como poderia chegar à Espanha, seu objetivo. Obata frisou três pontos desta primeira fase: por três meses morou com um “traficante de bonecas japonesas” antes de se encaminhar para o sul do país; leu em um jornal que Porto Alegre tinha poucas famílias japonesas e havia oportunidades; ficou sabendo no porto de Santos que talvez fosse mais fácil pegar um navio pequeno em Porto Alegre para conseguir chegar à Europa.

Na entrevista de 2019, a ligação da saída de Obata de São Paulo com a possibilidade de pegar um navio para a Espanha em Porto Alegre e concretizar seu sonho de ser toureiro se mantém. Aparentemente, contudo, não se tratava de ter “perdido” um navio, mas, em um universo de difícil comunicação e acesso à informação, somado aos poucos recursos financeiros e necessidade de um visto, ter encontrado uma possibilidade de chegar ao seu destino partindo de um porto menor e em navios mais simples.

Em complemento, em 2019, é constatado que o imigrante morou de favor e que de fato viu em um jornal, conforme narrou Nunes (2011), as oportunidades que o sul oferecia. Ainda que não conseguisse partir imediatamente à Península Ibérica, poderia trabalhar, adquirir recursos e, no futuro, conseguir o visto necessário.

Ao chegar a Porto Alegre, Obata recorda que dormiu na Praça da Alfândega, estando acontecendo na altura a Feira do Livro de Porto Alegre¹¹⁸ e que havia muitas pessoas. Em consulta ao jornal *Diário de Notícias*, foi verificado que a quinta edição do evento teve inauguração em 23 de outubro de 1959¹¹⁹ e término em 7 de novembro¹²⁰. Ao levar em consideração que a praça está localizada em região de grande fluxo de viajantes e no centro da cidade, junto ao porto, o episódio não apenas é perfeitamente coerente com o cenário de chegada de Obata, como

¹¹⁷ Obata (2019) conta que a língua inglesa foi aprendida, sobretudo, a partir de sua experiência no porto de Yokohama, tendo em vista que aquilo que se ensinava nas escolas japonesas era bem básico.

¹¹⁸ Evento cultural existente na cidade desde 1955, foi idealizada pelo jornalista Say Marques, do jornal *Diário de Notícias*, em conjunto com livreiros e editores da cidade. É patrimônio imaterial desde 2010.

¹¹⁹ “Feira do Livro” Inaugurada ontem. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 35, n° 198, 24 de outubro de 1959, p.8. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: ago. 2023.

¹²⁰ Feira do Livro: encerrada ontem com grande êxito. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 35, n° 211, 8 de novembro de 1959, p.1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: ago. 2023.

converge com a média de tempo indicada sobre a permanência em São Paulo (3 meses).

Sobre o evento, em notícia de 1º de novembro de 1959, é evidenciado tanto o grande fluxo de pessoas, como a presença de estrangeiros, certamente não apenas por sua fama em consolidação, mas pelo local que ocupava. É dito:

De maneira geral, os livreiros com quem falamos são unânimes em afirmar que esta V Feira do Livro foi a melhor de tôdas. [...] Efetivamente, grande tem sido o movimento de vendas e a presença de povo nas coloridas barracas da Praça da Alfândega, que tem arrancado exclamações de admiração e simpatia dos turistas estrangeiros que nos visitam. (A Feira: Grande Sucesso. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, nº 205, 01 de novembro de 1959, p. 12)

Em termos de clima, ainda em confirmação ao episódio narrado por Obata, o Sr. Leopoldo Boeck, membro da comissão organizadora da Feira e dono da Livraria Sulina, afirmou em notícia que “a atual feira repetiu o sucesso da primeira, contribuindo, para isso, o bom tempo que tem feito”¹²¹. É possível que o imigrante tenha dormido entre as instalações do evento. Quanto à manhã seguinte ao seu despertar no centro da cidade, Obata (2019) contou que ficou sabendo que nas proximidades do Mercado Público com a Borges de Medeiros havia a pastelaria de um senhor de sobrenome Torige¹²². Uma distância de 500 metros. Ali, em sua língua materna, poderia conseguir informações e orientações.

Com frequência não constam nas descrições de trajetória já feitas os primeiros dias de Obata em Porto Alegre. Afinal, é comum nas produções sobre ele a supressão de elementos da vida quando não vinculadas ao judô. De todo modo, é narrado por Obata (2019) que neste contexto do Mercado Público, logo ao chegar, conheceu “*Sasada-san*” que o encaminhou para trabalhar com ele na chácara do “Sr. Jung”, em Viamão, na agricultura.

Tal fragmento da trajetória de Obata se constitui como um elemento muito interessante do ponto de vista histórico, pois integra o imigrante às dinâmicas da

¹²¹ Chessman Esgotado. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, nº 205, 01 de novembro de 1959, p. 12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: ago. 2023.

¹²² Não foi identificado o imigrante. De acordo os registros do Museu Histórico da Imigração Japonesa para o Brasil, apenas uma família de sobrenome “Torige” chegou ao Brasil, em 30/08/1929. Não é possível afirmar que se trata de um indivíduo deste grupo, ainda que a Sra. Tania Philips (2023) tenha afirmado que já se tratava de uma pessoa já mais velha, a quem chamavam de “macaco velho” ou *senpai*.

própria imigração japonesa no Rio Grande do Sul. Moacyr Flores (1975) apresenta os subsídios necessários à compreensão deste contexto ao afirmar que:

Na década de 50, Naotaka Hoshiko, gerente de uma fazenda de 10.000 hectares em Cidreira, de propriedade da Imobiliária Pinhal, convidou a Noritoshi Sasada, Kodama e Kamimura para trabalharem com mais 20 alunos da Escola Técnica da Faculdade de Agronomia de Kagoshima, Japão, em regime de parceria, nas terras da fazenda que gerenciava. Não havendo, na época, consulado do Japão em Porto Alegre, levaram 4 anos para aprontar a documentação necessária à emigração, o que ocasionou a desistência dos alunos, emigrando apenas Sasada, Kodama e Kamimura em 1959. Os três localizaram-se em Viamão, já que a Imobiliária Pinhal desistira da agricultura, passando a se interessar em loteamento na orla marítima. (FLORES, 1975, p.76)

Complementa Flores (1975, p.76) que “em 1960 chegaram a Viamão 23 alunos de Noritoshi Sasada e mais seu irmão Toyohiko Sasada, agrônomo e professor. Existem, contudo, pequenas dúvidas de datação apresentada pelo referido autor.

De acordo com as listagens de passageiros, Noritoshi Sasada saiu do Japão em 15/09/1955, chegando ao Brasil em 08/11/1955¹²³. No texto de Flores não fica claro se é afirmado que Noritoshi Sasada chegou em 1959 ou apenas Kamimura. Quanto à chegada do irmão de Noritoshi, *sensei* Toyohiko Sasada, de acordo com o MHIJB¹²⁴, o mesmo saiu do Japão em 30 de dezembro de 1958, a bordo do Brazil Maru, desembarcando em território nacional no dia 05/02/1959, junto de sua família composta por Masako, Iwao, Hiroshi, Koji, Naoko e Keiko.

Em 2023, foi realizada entrevista com o Sr. Koji Sasada e sua esposa Sra. Regina Watanabe. Na ocasião, foi possível dar luz a importantes pontos. Koji Sasada nasceu em 21/08/1954, sendo apenas uma criança na ocasião de sua chegada em fevereiro de 1959. Conta que antes de seu núcleo familiar vir ao Brasil, seu tio, Noritoshi, já havia se estabelecido no estado¹²⁵ e que o motivo da vinda de seus pais e irmãos estaria nas grandes oportunidades que a região oferecia, uma vez que já nos primeiros anos seu tio conseguiu comprar até mesmo um caminhão.

Sr. Koji Sasada (2023) comentou que vinha de uma família de pessoas com boas condições financeiras, médicos e professores. Não se tratava, portanto, de

¹²³ LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO TJISADANE. Santos, 08 de novembro de 1955. Disponível em: http://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005788.pdf, acesso em 20 de outubro de 2023.

¹²⁴ Imigrantes.ubik.com.br/Busca/Familia?IdRegistro=47252, acesso em 20 de outubro de 2023.

¹²⁵ Aspecto em pleno diálogo com a fonte apresentada que aponta o ano de 1955 para a chegada de Noritoshi Sasada no Brasil.

uma imigração em razão de miséria, mas motivada por oportunidades apontadas por antecessores. Seu pai, Toyohiko Sasada, se deslocou ao Rio Grande do Sul para aplicar tecnologia agrícola em um território ainda deficitário neste sentido e com muitas oportunidades. No ano de 1959, deslocou-se para Viamão e em conjunto com outros japoneses trabalhou em um sistema de arrendamento nas terras do “Sr. Jung”. Antes de qualquer questionamento sobre o proprietário das terras, Koji Sasada imediatamente perguntou: “sabe quem é o Jung?”. Respondendo imediatamente: “o Ayrton Senna da época”. O comentário de Sasada (2023) somado à descrição de Obata (2019) sobre o mesmo ser dono de revendedora de carro em Porto Alegre, permitiu a fácil identificação do indivíduo, por se tratar de figura de grande fama na época: Norberto Jung (1903-1976), pioneiro no automobilismo de rua e estradas no Rio Grande do Sul, campeão nacional e internacional, idealizador da primeira equipe gaúcha de competição automobilística, a Galgos Brancos (MADURO, Paula Andreatta, 2010, p. 43).

Ao que tudo indica, o Sr. “Sasada” que convidou Obata a trabalhar em Viamão foi Toyohiko Sasada, pai do entrevistado Koji Sasada. Um dado importante colocado por Koji (2023) é que sua família ao chegar, em 1959, foi diretamente para Viamão, sendo que já em 1960 deixaram de trabalhar na fazenda de Norberto Jung. Informação relevante na descrição de trajetória de Obata, pois contribui na confirmação de chegada do mesmo ao Rio Grande de Sul no final de 1959¹²⁶. Teruo Obata, da mesma forma que Toyohiko Sasada, não ficou muito tempo¹²⁷ em Viamão. Em 1960, retornou ao centro de Porto Alegre e começou a trabalhar na pastelaria do Sr. Torige, no Mercado Público.

Um aspecto que chama atenção na trajetória de Obata é que as produções mais tradicionais sobre ele transparecem certa separação do indivíduo com as próprias dinâmicas da imigração. Entretanto, vê-se que um elemento para sua ida a Porto Alegre é um jornal em japonês que fala deste universo. Ainda, sua “recepção” em solo gaúcho ocorre na pastelaria de um japonês e sua primeira inserção no mercado de trabalho esteve diretamente ligada ao contexto da imigração japonesa

¹²⁶ Apesar de muitos indicativos naquilo que diz respeito à chegada de Obata de 1959, Boehl (2018) encontra eco no estudo tradicional de Flores (1975), que coloca o ano de 1960 como o de chegada de Toyohiko Sasada em Viamão. Por outro lado, a datação de 1960 encontra diversos problemas, não apenas entrando em conflito com autores como Nunes (2011), mas também com a narrativa de Koji Sasada (2023), do próprio Obata (2019) e de algumas fotos datadas de 1960 no acervo de Escandiel, que serão vistas no decorrer desta produção e que, por sua vez conflitariam com a lembrança de chegada na Feira do Livro (realizada sempre no final do ano).

¹²⁷ Obata (2019) comenta que teria ficado no máximo 1 ano.

para o Rio Grande do Sul. Deste modo, observa-se que ainda que as aspirações individuais possam ser vistas como determinantes nas narrativas, fazendo com que o sonho de ser toureiro e a tentativa de ir para a Espanha se constituam como elementos diferenciadores de Obata que poderiam excluí-lo das regras de uma perspectiva de macro-estruturante, na verdade apenas mostram a complexidade do fenômeno migratório, cujo contexto absorve um universo de grande amplitude e que só pode ser devidamente, ainda que parcialmente, compreendido a partir da redução da escala de análise.

Nos anos 1960, os caminhos de Toyohiko Sasada e Teruo Obata seriam direcionados para universos diversos. Narra Flores (1975, p.76) que neste período os imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul dedicavam-se à produção de verduras e legumes, atividade sujeita às intempéries do clima e padrão de consumo da população. Os imigrantes do período chegaram à conclusão que seria necessário fundar uma colônia com cooperativa de forma a conseguir inserir os produtos japoneses em grandes mercados consumidores, organizando melhor o sistema colonial até então mais individualizado e que fazia com que os colonos japoneses concorressem uns com os outros. Assim, diz Flores (1975, p.76-77), 26 famílias reunidas procuraram terras em Triunfo, Santo Antônio, Osório, Caí e Estância Velha para fruticultura, acabando por comprar 160 hectares, de propriedade de teuto-brasileiros, no município de Ivoti, em 20/12/1966. Os hectares foram divididos por critérios de produtividade dos terrenos¹²⁸. Cada lote foi vendido pelo preço de Cr\$ 2,380,00 e o financiamento foi intermediado pela JAMIC – Emigração e Colonização Ltda, com o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul e o Banco Nacional de Habitação. O primeiro a chegar foi, justamente, Toyohiko Sasada, em 20/12/1966, onde acomodou a família em uma casa emprestada por lenhadores que exploravam as matas de acácia.

A análise histórica da formação e estabelecimento da colônia de Ivoti não cabe a esta pesquisa, mas é indubitavelmente interessante observar estes intercruzamentos. Toyohiko Sasada permaneceria o restante de sua vida como residente em Ivoti, até seu trágico falecimento, vitimado por um crime de grande violência já no século XXI. Apesar do isolamento pelo qual se via a colônia de Ivoti frente aos teuto-brasileiros, aspecto que dificultou a aculturação, os colonos da

¹²⁸ Quanto mais fértil o terreno, menos terra tinha no lote. Lugares muito ruins ficaram para a Cooperativa de Ivoti.

região mantiveram contato com imigrantes de outras localidades a partir de eventos culturais, como as gincanas esportivas (*undokai*), e relações comerciais. A família Sasada ainda voltaria a se encontrar com Teruo Obata, demonstrando essa interrelação da comunidade no estado. Koji Sasada comentou que no final dos anos 1970 foi aluno de judô de Obata por uns dias e, em 2023, ainda estava fortemente presente no seu círculo de amizade.

Na foto que segue, da esquerda para a direita, de pé ao fundo: Prof. Toyohiko, Hiroshi, Masako e Naoko. Na frente, o pequeno Koji. Atenção especial pode ser dada às vestimentas como indicativo do padrão socioeconômico familiar.

Fotografia 10 – Família Sasada (1958, Japão)



Fonte: Acervo Pessoal de Koji Sasada

Em retorno ao centro de Porto Alegre, Obata (2019) comenta que, em 1960, o Mercado fica aberto de noite e sempre tinha gente. A polícia, por sua vez, tinha posto nas proximidades, de modo a controlar a criminalidade da zona comercial. Os policiais iam à pastelaria para tomar café e havia um que gostava de jiu-jitsu, o “Pedro”. Em determinada altura, o Sr. Torige falou ao policial que tinha na pastelaria um faixa preta de judô: Obata. Pedro, impressionado, imediatamente o convidou para treinar e ensinar judô ao seu grupo de amigos no Instituto de Cultura Física, dando início à trajetória do imigrante na referida modalidade esportiva na capital.

Obata havia recém se dirigido ao sul do país e seus contatos profissionais ainda estavam restritos à pequena comunidade japonesa. Todavia, rapidamente, o imigrante se inseriu na sociedade brasileira, utilizando para tanto um elemento de sua cultura, o judô.

Ao analisar o universo colonial japonês, por vezes se observa um discurso de isolamento como característica da cultura japonesa, esse como outros inúmeros elementos, que não são considerados, dificultaram a aculturação e interação social dos imigrantes japoneses, como a questão linguística.

Analisar a trajetória e escolhas de Obata, permite adentrar em um campo instigante: o da integração e da valorização da cultura do imigrante. Do outro como elemento de construção e de agregação. Uma característica exclusiva de Obata ou existem situações semelhantes observáveis?

De Lazer a instrumento de trabalho e ferramenta de socialização, o terceiro capítulo desta pesquisa é destinado a compreender esta inserção de Teruo Obata no universo do judô gaúcho, assim como pelos seus caminhos e descaminhos, compreender os percursos do imigrante de modo a possibilitar a integração ao cenário urbano de Porto Alegre nas décadas de 1960 e 1970. Antes, contudo, será destinada uma profunda análise às discussões sobre a consolidação da arte de Jigoro Kano no Rio Grande do Sul.

5 TRABALHO, FAMÍLIA E CULTURA: SOCIABILIDADE E IDENTIDADE DE UM IMIGRANTE JAPONÊS EM PORTO ALEGRE NOS ANOS 60 E 70

5.1 A origem do judô no Rio Grande do Sul: discussões e contradições (1950-1960)

5.1.1. Sequência cronológica dos episódios em análise

11/1914 → Passagem de Conde Koma por Porto Alegre, RS. Sem legado.

1931 (elemento de discussão) → o japonês Takeo Yano chega ao Brasil.

1935 → Apresentação de lutas por Aluizio Nogueira Bandeira de Mello¹²⁹ (Loanzi) no centenário de Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

1938 (elemento de discussão) → “Loanzi” se estabelece em Porto Alegre.

Déc.1950 (elemento de discussão)

→ Takeo Yano chega em Porto Alegre e → Aluizio Nogueira Bandeira de Mello ministra aulas no Hotel Majestic. ministra aulas de lutas em Porto

→ O dojô de Takeo Yano passa do Hotel Alegre.

Majestic para a sede do Sport Club Ruy

Barbosa.

→ Takeo Yano se retira do Rio Grande do Sul e o dojô do Ruy Barbosa é passado para o Januário Dias Resende.

→ Januário Dias Resende convida ou negocia com “Loanzi” para ministrar aulas no Ruy Barbosa que é transferido da “Rua da Praia (Andradas)” para a Riachuelo n° 1036. A nova sede é referenciada pela comunidade do judô gaúcho de “Dojô Professor Loanzi”, “Academia Professor Loanzi” ou, observado em citações contemporâneas, de “o velho casarão”.

→ **Abril de 1958:** “inauguração” do dojô prof. Loanzi, no E.C Ruy Barbosa.

¹²⁹ Nenhuma obra sobre o “professor Loanzi” apresentou documentos oficiais ou dados governamentais que confirmasse a grafia de seu nome. Nunes (2011, p.65) utiliza apenas uma vez o nome de “Loanzi” em sua tese: Aloíso [sic] Bandeira Nogueira de Mello, com a supressão de um “i” e, ao que tudo indica, a inversão da ordem dos sobrenomes. No atlas de esporte, Nunes, Kosmann e Shoura (2005) trazem o nome “Aloísio Bandeira de Melo”. Jorge Aveline, em seus artigos de jornal das décadas de 1950 e 1960, por raras vezes usa o nome completo de seu professor: Aloisio Nogueira Bandeira de Melo. Francisco Xavier de Vargas Neto (2022), em sua obra dedicado ao dojô “prof. Loanzi”, o nomeia “Aloizio Nogueira Bandeira de Mello”. Maduro (1999) utiliza o nome “Aluizio Nogueira Bandeira de Mello”. Nesta produção será utilizada a forma “Aluizio Nogueira Bandeira de Mello”, com base na ata n° 3 de 7 de maio de 1969, da Federação Gaúcha de Judô. A reunião foi convocada pelo próprio prof. Loanzi, onde há a possibilidade dele ter sido consultado sobre a grafia de seu nome. Ainda, há a possibilidade do mesmo ter conferido a ata, uma vez que consta sua assinatura no documento. É válido ressaltar que na assinatura não consta o primeiro nome e sobrenome, mas é verificável a duplicação de “i” em Mello.

→ **1959**: Estágio de Osvaldo Monteiro do Santos, Nilton Cardoso de Souza e Delamar Teixeira da Silva na Academia Budokan de Ryuzo Ogawa.

→ **1959**: Chegada de Teruo Obata em Porto Alegre.

5.1.2 Concepções clássicas sobre a formação do judô gaúcho

Falar sobre a arte de Jigoro Kano no sul do Brasil é como adentrar um sinuoso terreno de incontáveis irregularidades. Com uma história subsidiada, sobretudo, por fontes memorialísticas, os últimos anos foram marcados por intensos debates nos mais diversos cenários do judô gaúcho. Apesar desta pesquisa estar centrada na vida de Teruo Obata, acredita-se que são válidas algumas ponderações acerca destas discussões, considerando não apenas o fato de que Obata viria a se inserir muito significativamente neste contexto, como em consideração aos leitores oriundos do meio judoísta.

Em princípio, é importante considerar que são raros os estudos acadêmicos na área. A formação da modalidade no estado do Rio Grande do Sul remete aos anos 1950 e seus precursores, de modo geral, não tiveram a preocupação em registrar os pormenores deste processo formativo¹³⁰. Assim, durante a segunda metade do século XX, os fragmentos desta história permaneceram vivos, principalmente, por meio da oralidade.

No ano de 1999, Luiz Alcides Ramires Maduro defendeu sua dissertação de mestrado “A História do Judô no Rio Grande do Sul: das primeiras manifestações aos Jogos Olímpicos de Atlanta” (ESEF/UFRGS). O trabalho de Maduro é uma obra que vem servindo desde então como base para as produções sobre a modalidade, ou como subsídio ou como objeto de contestação. Independente da forma como é utilizada, sua pesquisa é o ponto de partida acadêmico daquilo que é intitulado aqui de “concepções clássicas”. É importante considerar que a citada dissertação se debruça sobre um período temporal amplo, fator que resulta em uma análise sintética sobre o período formativo do judô gaúcho, deixando em aberto algumas questões que vem sendo trabalhadas nos últimos 20 anos.

¹³⁰ Dentre as poucas exceções, destaca-se o trabalho de grande importância de Jorge Aveline, jornalista e faixa preta de judô, que manteve a coluna “Judô em Revista” no jornal Diário de Notícias (RS), além de escrever inúmeros artigos sobre a modalidade ao longo dos anos 1950 e 1960.

Com o advento do século XXI, novas produções e elementos de análise surgiram. Em 2002, o Centro de Memória do Esporte, vinculado à antiga ESEF da UFRGS, iniciou um processo de produção de entrevistas intitulado “Garimpendo Memórias”. Gradualmente, depoimentos de agentes históricos da primeira fase do judô gaúcho foram sendo registrados e publicados, resultando em fontes primárias importantes e hodiernamente revisitadas.

Em 2005, Alexandre Velly Nunes, Fernanda Torres Kosmann e Maurício L. Schames, tendo por base a obra de Maduro e algumas fontes primárias em comum, além de relatos do projeto Garimpendo Memórias, dentre outras produções mais generalistas, publicaram uma cronologia do judô no Rio Grande do Sul¹³¹. Tal produção contribuiu para sedimentar alguns aspectos históricos.

No âmbito acadêmico, novas produções surgiram. Em 2011, Maduro publicou sua tese “A formação e sua influência no papel do treinador de judô no planejamento do treino e nas competições” (Universidade do Porto). O trabalho doutoral não teve por objetivo a retomada das discussões acerca da história do judô gaúcho, mas reafirmou dados de caráter contextual conforme feito 12 anos antes. Tal fato demonstra a pouca alteração nas concepções acerca da formação do judô gaúcho nos primeiros 10 anos do segundo milênio.

No mesmo ano de 2011, Alexandre Velly Nunes apresentou uma tese doutoral intitulada “A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais” (USP), onde é realizado um vasto levantamento de fontes orais, imagéticas e escritas da história do judô no Brasil. Sua pesquisa, dentre outros contributos, traz novos olhares sobre a formação do judô no sul do Brasil, pois problematiza aspectos de formação e caracterização dos indivíduos precursores do judô em Porto Alegre, assim como algumas informações dissonantes daquilo que vinha sendo afirmado na década anterior. A tese de Nunes (2011), posteriormente adaptada no livro “Judô: caminho das medalhas” (Ed. Kazuá, 2013), se encontra em um limiar temporal de revisitas ao tema. Todavia, apesar das complexificações e

¹³¹ Boehl (2018) referencia a obra como: NUNES, Alexandre Velly; KOSSMANN, Fernanda Torres; SCHAMES, Maurício. *In*: MAZO, Janice Zarpellon. (Org.) Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Nesta tese, foi utilizado o nome conforme a publicação, disponível no site do Conselho Regional de Educação Física do Rio Grande do Sul: <http://crefrs.org.br/atlas/cd/texto/judo.pdf>, acesso em 25 de setembro de 2023. Em consulta a Alexandre V. Nunes, verificou-se que se o nome do autor Maurício Schames, corretamente ajustado por Boehl, foi publicado erroneamente como Shoura. Contudo, opta-se nesta pesquisa por manter o sobrenome do autor tal qual a publicação, com a devida referência ao erro.

dissonâncias, Nunes, assim como Maduro, é trazido na discussão deste trabalho dentro da categoria “concepções clássicas”, seja por critério de proximidade entre as narrativas, seja pelo caráter de grupo precursor no universo destas discussões no ambiente acadêmico.

As produções científicas de Maduro (1999) e Nunes (2011) se caracterizam ainda hoje como pontos de partida nas ponderações sobre as raízes do judô gaúcho. Os autores tiveram, e ainda possuem, certo protagonismo nas narrativas, das obras que subsidiam trabalhos e os próprios autores ministram cursos formativos na Federação Gaúcha do Judô.

No primeiro momento deste capítulo, considera-se importante apresentar aquilo que por muito esteve consolidado. Na sequência, apresentar-se-ão as discussões contemporâneas. Optou-se por esta estrutura devido à densidade de informações, assim como a complexidade dos avanços e recuos temporais necessários.

Dando início às concepções clássicas da formação do judô gaúcho, Maduro (1999, p.30) afirma que o Rio Grande do Sul teve breve contato com o judô em novembro de 1914, quando Mitsuyo Maeda¹³², partindo do Uruguai e tendo por destino o norte do país, fez apresentações em Porto Alegre. A passagem de Maeda pelo Brasil no início do século é bastante documentada na história do esporte, tendo em vista a substancial contribuição deste na inserção do judô no país, assim como sua influência no jiu-jitsu brasileiro. Todavia, é consenso nas produções clássicas e contemporâneas que tal passagem, ainda que de ilustre judoca, não tenha deixado uma herança a ponto de desenvolver a modalidade em Porto Alegre e ser considerada a raiz da prática no extremo sul do Brasil.

Deste modo, dentro de uma concepção de que se faz necessário um legado para se falar em raiz do surgimento da modalidade no Rio Grande do Sul, os olhos dos estudiosos do esporte acabam por se prostrarem na transição dos anos 1940 para 1950. Sendo neste período, justamente, que aparecem as maiores divergências.

¹³² Mitsuo/Mitsuyo Maeda (1878-1941), também conhecido como Conde Koma, foi um importante judoca japonês e pioneiro na disseminação do judô no Brasil e em outros países da América do Sul. Aluno direto de Jigoro Kano, foi enviado ao exterior como parte de uma expedição do governo japonês para difundir a cultura japonesa. Em solo brasileiro, Maeda passou a dar aulas de judô e a lutar em apresentações e desafios contra lutadores de outras Artes Marciais, contribuindo para a popularização do judô no país. É um dos principais responsáveis pelo surgimento do chamado *jiu-jitsu* brasileiro (VIRGÍLIO, 2002).

Maduro (2011), tendo por base o relato de Carlos Matias Pauli de Azevedo¹³³, afirma:

No Rio Grande do Sul, o judô começou a ser praticado ao final da década de 1940. Os primeiros professores de judô [...] foram pessoas sem formação acadêmica, que trabalhavam dando ênfase ao aspecto de defesa pessoal, participando de apresentações de circo e “desafios públicos”. Ao contrário de Estados como São Paulo, onde houve grande imigração japonesa no início do século, o Rio Grande do Sul não teve contato com os aspectos mais gerais da cultura nipônica, o que pode ter contribuído para uma compreensão mais restrita do judô, no seu início. De qualquer forma, estes professores pioneiros conseguiram implantar as bases para o desenvolvimento posterior do judô. (MADURO, 2011, p.19)

Dentre estes professores citados como pioneiros por Maduro, está Aluizio Nogueira Bandeira de Mello, o professor “Loanzi”¹³⁴, sendo a este último e seu dojô creditado a “provável origem” do judô no Rio Grande do Sul. Maduro (2011, p. 20-22) comenta que o judô gaúcho aconteceu, em grande parte, por obra e inspiração de “Loanzi”, ainda que este não tenha sido o precursor, mas sim o japonês Takeo Yano.

O dojô de “Loanzi” funcionava no Sport Club Ruy Barbosa¹³⁵ e neste espaço foram formados diversos atletas e lideranças que institucionalizaram a prática no estado. A narrativa que se apresenta de forma mais corrente é de que um japonês de nome Takeo Yano teria ficado pouco tempo em Porto Alegre nos anos 1950, ensinado judô e repassado o dojô do Ruy Barbosa para um senhor de nome Januário Dias Resende, um comerciante português que era dono de açougue e de um restaurante. Tal concessão do espaço ocorreu devido a uma dívida de Yano no restaurante e que após o episódio, Januário convidou Aluizio N. Bandeira de Mello (Loanzi) para ministrar aulas de judô no local, dando continuidade à prática e a expandindo.

¹³³ Carlos Matias Pauli de Azevedo, nascido em 1947, foi judoca do Ruy Barbosa e responsável pelo ensino de crianças iniciantes de 1964 a 1974. Foi dirigente da Federação Gaúcha de Pugilismo e diretor técnico da Federação Gaúcha de Judô durante a gestão de Ricardo Rodrigues Gaston. Foi presidente da Federação Gaúcha de Judô de 1983 a 2007. (VARGAS NETO, 2022, p. 21-22)

¹³⁴ O apelido “Loanzi” é frequentemente mais usado que o próprio nome do professor, seja nos relatos orais, como nas fontes escritas. Vargas Neto (2022, p. 8) comenta que foram encontradas duas origens para a alcunha: 1) o título de “Barão de Loanza”; 2) o professor usava muito uma pomada para traumatismos e lesões denominada “Linimento de Sloan”, resultando assim na denominação “Loanzi”.

¹³⁵ Sport Club Ruy Barbosa, posteriormente Esporte Clube Ruy Barbosa, foi um clube de futebol brasileiro, com sede em Porto Alegre, fundado em 21 de outubro de 1915. Disputou campeonato cidadão com importantes clubes da capital, como Grêmio e Internacional. Sua sede original funcionou na Rua da Praia (hoje, Rua dos Andradas), havendo neste local um dojô para a prática de judô. Com o tempo, mudou-se para a esquina da rua Riachuelo com a Caldas Junior, tendo o professor Loanzi acompanhado a transição. (VARGAS NETO, 2022, p. 5-6)

Em termos de datação, Nunes, Kosmann e Shoura (2005, p.33) confirmam a passagem de Conde Koma em novembro de 1914 no RS, apontam que não foram encontrados registros da prática no estado entre 1915 e 1939, indicam uma demonstração de luta por parte do professor “Loanzi” nas festividades do centenário da Revolução Farroupilha em 1935. Também afirmam que as práticas de lutas se confundiam em nomenclatura na década de 1940 de forma a não ser possível afirmar que o judô de Jigoro Kano pudesse estar representado na capital¹³⁶ e remetem o início no estado ao ano de 1950, com Takeo Yano. Assim, ressaltam:

1950: Takeo Yano inicia aulas de Judô no Hotel Majestic, sendo esta possivelmente a primeira turma de alunos de Judô no Rio Grande do Sul. Chega a Porto Alegre, retornando de viagens internacionais o paraibano Aloísio Bandeira de Melo. Suas aulas eram inicialmente ministradas na sede do Esporte Clube Cruzeiro que era localizada na rua dos Andradas. (NUNES, KOSMANN E SHOURA, 2005, p.33)

Sobre Takeo Yano, em complemento, afirma Nunes (2011) em tese doutoral:

Outros, como Takeo Yano que chegou ao Brasil em 1931, contribuíram para a divulgação do judô/jiu-jitsu em diversos locais. Yano, depois de um período no Rio de Janeiro, esteve em São Paulo, onde ministrou aulas e participou de desafios. Entre 1951 e 1953 esteve no Rio de Janeiro e no final do mesmo ano, ou no início de 1954, foi para o Rio Grande do Sul. Esteve em Porto Alegre na década de 1950 por cerca de dois anos. Sua estada no Sul não foi muito longa e ele deixou o estado antes de 1959. Segundo consta, na cultura popular do judô gaúcho, Yano teria perdido no jogo a posse de sua academia e depois disso rumou para o nordeste do país. Seus alunos, brasileiros de origem e envolvidos em outros estilos de luta, responsabilizaram-se pela divulgação do judô, quando a nomenclatura ainda se confundia com o jiu-jitsu. (NUNES, 2011, p.62)

Nunes (2011), deste modo, coloca Takeo Yano como um precursor, mas ressaltando que sua passagem foi curta. Tal aspecto poderia ser consonante com a supracitada tese de Maduro que coloca “Loanzi”, o professor legatário da academia Ruy Barbosa, como principal difusor do judô no estado, não fosse o fato de Nunes (2011) colocar em dúvida a formação de “Loanzi”, como o mesmo não sendo oriundo do judô, mas do jiu-jitsu, aspecto que será evidenciado e problematizado mais a frente nesta pesquisa. Outro ponto interessante destacado pelo referido autor se

¹³⁶ Em seu estudo de genealogia esportiva, Nunes (2013) resgata esta problemática da terminologia. Na fase inicial desta pesquisa, foram explicadas as distinções entre judô e *ju-jitsu*, assim como seus contextos de origem. Nunes (2013, p. 53), contudo, pontua que em 1925, um édito imperial alteraria o nome das antigas escolas de *ju-jitsu* para judô. Kano, por sua vez, integrou diversas destas escolas à *Kodokan* que adotaram o nome *Judo Kodokan*. A imigração anterior e posterior ao édito, somada à difícil definição daquilo que era de fato o judô de Kano no pós-1925, resultam em problemas de pesquisa e conceituação por parte dos estudiosos contemporâneos.

refere ao fato de que o dojô de Yano teria sido perdido devido a aposta em jogo e não por dívidas no restaurante de Januário, um contraponto, pelo menos até onde se pode inferir quanto aos serviços prestados em um empreendimento do gênero.

Em linhas gerais, para além dos contributos reflexivos de Nunes acima citados, pode-se afirmar que aquilo que unifica os discursos das produções clássicas é: o não legado de Conde Koma no Rio Grande do Sul; a ausência de dados que indiquem a prática de judô instituída no estado na primeira metade do século XX; o indicativo de Takeo Yano como um precursor do judô no RS, mas com breve estada, de forma a ser possível relativizar seu impacto; a passagem do dojô Ruy Barbosa de Takeo Yano para Januário Dias Resende; a transmissão deste mesmo dojô de Januário para Aluizio Nogueira Bandeira de Mello (Loanzi). Ainda, é documentada já nas primeiras produções acadêmicas a participação da seleção gaúcha no 1º Campeonato Brasileiro de judô (1954), assim como é reconhecido o impacto simbólico e prático do estágio de três alunos de “Loanzi” na academia de Ryuzo Ogawa (SP), em 1958, sendo este um importante marco de transição na história da modalidade no sul do Brasil.

As concepções clássicas permitiram um vislumbre mais organizado e, até certo ponto, amparado por fontes diversificadas, mas, ao mesmo tempo em que forneceram uma narrativa sobre o passado do judô gaúcho, suscitaram discussões e, por motivos diversos, inconformidades no meio. Adendos, críticas e elucubrações surgiram, motivados por memórias discrepantes e potencializados pelas novas ferramentas de comunicação cada vez mais acessíveis devido a popularização da internet e a alfabetização digital no século XXI. Novos espaços que abordaram a história do judô no Rio Grande do Sul a partir de entrevista e cronologias eclodiram - como comunidades e páginas em redes sociais, o site Portal do Judô¹³⁷, a revista Randori¹³⁸, entre outros.

Dentro deste debate, com uma gama de informações circulantes em um universo bastante restrito, poderia se supor uma rápida atualização ou estabelecimento de discussões dinâmicas, não fosse a especificidade de um meio

¹³⁷ O *site* idealizado e alimentado por Walter Boehl teve grande atividade entre os anos 2007 e 2015. Além de acompanhar eventos esportivos, Boehl realizava entrevistas, publicava artigos e dava voz a membros da comunidade do judô gaúcho. Na altura da produção desta tese, a última publicação do *site* foi, coincidentemente, sobre história, no ano de 2017.

¹³⁸ Sob responsabilidade de Miguel Noronha, a revista Randori foi produzida e impressa no início da década de 2010. Teve poucas edições e contava com uma grande diversidade de temas: entrevistas, política esportiva, lazer, comércio, relatos de competição, etc.

onde a produção acadêmica se concentra, na maioria dos casos, no campo das Ciências da Saúde, com foco em desempenho e/ou ensino. Soma-se a isso, as naturais barreiras de secundarização da escrita do passado, frente às demandas do cotidiano de uma modalidade esportiva – por vezes de alto rendimento, o empirismo nos processos formativos de professores de judô e a grande pluralidade dos campos de atuação não-acadêmicos de seus praticantes. Apesar dos pontos colocados, eventualmente, discussões mais elaboradas, reflexivas e com contributos às narrativas surgiram. Dentre as que se destacam, estão as tentativas de resgate e revisões do papel de Takeo Yano.

5.1.3 Novos e velhos olhares: Takeo Yano revisitado

Em 2015, Gustavo Tanger Jardim publicou um ensaio intitulado “O surgimento do Judô no Estado do Rio Grande do Sul: uma análise da década de 1950-1960”. A produção, entregue à comissão de graus da Federação Gaúcha de Judô, se insere como um divisor de águas nas produções sobre história do judô gaúcho. Jardim (2015) traz as memórias de Irineu Pantaleão Bazacas, indivíduo deste contexto formativo dos anos 1950. Como afirmado pelo autor, trata-se de um trabalho que se coloca na pretensiosa missão de afirmar como nasceu o judô gaúcho (Jardim, 2015, p.2), redesenhando o surgimento do judô no estado (Jardim, 2015, p. 15).

Jardim (2015) parte do pressuposto que as produções clássicas deixam “transbordar diversas dúvidas sobre a introdução do esporte” no Rio Grande do Sul. Para preencher as lacunas, resgata alguns pontos que julgou acobertados ao longo dos últimos anos. Em síntese, a obra de Jardim questiona o excesso de importância dada à Loanzi em detrimento a Takeo Yano, indivíduo a quem julga ter sofrido um apagamento. Em termos de organização, discorre sua pesquisa em oito itens, sempre tendo por base as memórias de Bazacas.

Inicialmente, Jardim (2015, p. 2-5) afirma que Takeo Yano era um dentre diversos lutadores que participavam de lutas de ringue e que desembarcaram na capital gaúcha no século passado. Sua origem era japonesa e a chegada em Porto Alegre ocorreu no final de 1950, aos 42 anos. Comenta que o proprietário do “Café e Confeitaria Matheus” patrocinava lutadores, fornecendo passagens e hospedagens no “Hotel Magestic” [sic]¹³⁹. O lucro dos espetáculos era dividido entre os atletas e a

¹³⁹ Neste ponto, refere-se ao Hotel Majestic, atual Casa de Cultura Mário Quintana.

vinda de Yano está inserida neste contexto. Relevantes dados históricos aparecem neste primeiro momento: uma fonte de recursos de lutadores em Porto Alegre nos anos 1950, assim como o perfil de um grupo de hóspedes do Hotel Majestic. Ainda, no âmbito da história da cidade, foi encontrada a seguinte imagem da supracitada cafeteria, localizada na rua dos Andradas em frente à Praça da Alfândega.

Fotografia 11 – Nova Confeitaria Matheus (Porto Alegre, anos 1970)



Fonte: Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul.

Quanto ao Hotel Majestic, empreendimento construído entre os anos de 1916 e 1933 e projetado pelo arquiteto Theodor Alexander Josef Wiederspahn, é interessante observar que, de acordo com o *site* oficial do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, após o auge do hotel nos anos 1930 e 1940 – hospedando políticos importantes como Getúlio Vargas, nas duas décadas posteriores (1950-1960) o hotel foi vítima da desfiguração desenvolvimentista que atingiu o centro da maioria das cidades brasileiras, passando a sofrer a concorrência de novos hotéis que contavam com instalações mais amplas e modernas. Os antigos hóspedes foram, gradualmente, substituídos por lutadores de “*cath*” e luta livre, além de solteiros, viúvos, boêmios e poetas solitários como Mario Quintana (SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, s.d.).

Ao observar a narrativa utilizada para a descrição oficial de um dos patrimônios de Porto Alegre e as memórias de Bazacas, percebe-se uma consonância na história deste universo de lutadores no centro da capital gaúcha. Ainda, será observado no prosseguimento desta pesquisa que estes lutadores comporiam parcela dos primeiros praticantes de judô na capital, onde muitos eram adeptos do citado “*catch-as-catch-can*”, um estilo de luta livre que enfatiza a adaptabilidade e a variedade de técnicas de *grappling*.

Em sequência, Jardim (2015, p. 4, p. 9-10) afirma que Takeo Yano imigrou para o Brasil na década de 1940. Não está clara, no entanto, a origem desta informação, a não ser pelo fato de que no relato de Bazacas consta que “ele [Takeo Yano] veio para o Brasil em 1945” (*In*: Jardim, 2015, p.21). Não há lista no MHIJB entre os anos de 1941 e 1950¹⁴⁰ e o motivo é bastante claro na historiografia. Conforme visto no segundo capítulo desta pesquisa, o Estado Novo e a 2ª Guerra Mundial são cenários de forte antiniponismo e cessão do fluxo migratório de japoneses para o Brasil, retomado apenas na década de 1950. O nome Takeo Yano aparece nos registros do MHIJP, em 1931, porém, em consulta à lista de passageiros do navio Rio de Janeiro Maru, com chegada em 16 de dezembro de 1931, linha nº 79, há a chegada de uma mulher de nome Takeo Yano, inserida em um grupo familiar com marido e sobrinho. Para elucidar esta discrepância de mais de uma década entre as análises, assim como a dúvida quanto à lista de passageiros, foram feitas pesquisas nos jornais da época para verificar a passagem de Yano pelo Brasil. Constatou-se que é vasta a documentação referente ao histórico de lutas deste imigrante japonês na década de 1930, assim como elementos que atestam sua longa permanência em território nacional.

Em 7 de outubro de 1934, o carioca “*Jornal dos Sports*” apresenta o recém-chegado Takeo Yano na capital do Brasil. Em notícia intitulada “Um novo crack para nossos rings. Takeo Yano fala ao jornal dos Sports. A simplicidade de um lutador valoroso”, é narrado:

Temos entre nós mais um “crack” para os nossos rings”. É elle o japonéz Takeo Yano, um typo sympathico de lutador, de uma simplicidade admiravel. Não conta proesas nem se julga capaz de executar nenhuma. É de uma modestia rara. Em companhia do illustre sportsmen capitão Luiz Souto, director da Liga de Sports da Marinha, Takeo Yano veio á nossa redacção, tendo palestrado longamente comnosco. Trata-se de um jovem japonéz, de

¹⁴⁰ Em consulta ao MHIJB, em 25 de julho de 2023, foi constatado que não se tratam de documentos não digitalizados, mas inexistentes na instituição.

70 kilos, que se encontra em nosso paiz ha 3 annos. Começou a praticar jiu-jitsu no Japão, onde disputou mais de 200 combates. No Brasil, lutou apenas uma vez em Manaus, com um sargento pernambucano, um homem de 84 kilos. A luta era de 6 rounds, de accordo com o regulamento japonéz. Em cada um dos tres primeiros rounds, o adversario bateu e acabou desistindo da luta. No Pará, alem de instructor auxiliar do Conde de Koma, tendo ensinado a uma turma de officiaes da nossa Armada, foi treinador da Polícia e do Club do Remo, tendo preparado numerosos rapazes. Aqui, está contractado pela Liga de Sports da Marinha, onde está treinando uma turma de cerca de 20 officiaes, e irá em breve treinar tambem uma turma de 60 rapazes da Escola Naval. Takeo Yano lutará breve no Rio, possivelmente com George Gracie. Elle está disposto a enfrentar qualquer adversario, de accordo com as regras do professor Jiguro Kano. (JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro, ano 4, n° 1041, 7 de outubro de 1934, p.5¹⁴¹)

Atenção especial deve ser dada à afirmação de que Yano estava no “paiz ha 3 annos”, ou seja, confirmando a chegada em 1931 a partir de uma entrevista feita com o próprio. A notícia acima transcrita está disponível anexo a esta pesquisa¹⁴². Um ano depois, em 28 de setembro de 1935, o *Caderno Ring* anuncia a luta de Yano contra seu “velho” rival George Gracie. Ainda, a fonte apresenta pequeno histórico da trajetória de Yano, onde afirma que ele “também apresentar-se-á em condições excepcionaes. Tem treinado no Flamengo e no Club Naval, onde é instrutor da officialidade da nossa marinha de guerra” (RING, 1935, p.1)¹⁴³. Tal permanência de Yano continua a ser atestada pelas notícias de jornal ao longo dos anos 1930 e que adentram os anos 1940, como as em decorrência do insólito episódio marcado na história do judô e do jiu-jitsu brasileiro onde Yano e George Gracie desmaiam juntos em decorrência de um estrangulamento duplo.

¹⁴¹ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

¹⁴² Anexo D, p. 205

¹⁴³ Anexo E, p. 206

Fotografia 12 – Takeo Yano e George Gracie desmaiam em confronto (RJ, 1940)



DESMAIARAM OS DOIS LUTADORES — Teve um desfech o sensacional a luta de jiu-jitsu, de sábado à noite, entre o japonês Yano e o brasileiro George Gracie. Quasi no final do encontro, houve um estrangulamento duplo, que provocou a perda dos sentidos dos dois lutadores. O cliché acima reproduz um flagrante estupendo da luta, no momento exacto em que Gracie e Yano estavam desmaiados no tablado do ring — (Not. na 6ª pag.)

Fonte: Diário da Noite (RJ), ano 12, n° 3905, 18 de março de 1940, p.1.

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Hemeroteca Digital)

Em 03 de abril de 1941, são encontradas demonstrações técnicas de Takeo Yano do também lutador Geo Omori, no jornal *Sport Illustrado*, n° 156, em artigo nomeado “Jiu-jitzu, o sport scientifico do Japão”¹⁴⁴.

Assim, investigando-se as fontes e as produções anteriores, não está claro na pesquisa de Tanger Jardim, e por extensão no relato de Bazacas, se esta afirmação de vinda nos anos 1940 está inserida em um cenário de decisão por imigração de fato, em que se pressupõe que o indivíduo deixa definitivamente o Japão para morar no Brasil, o assumindo como pátria e caracterizando os anos 1930 como meras estadas, ou ainda se tal informação se trata de um equívoco no relato de Bazacas. Interessante observar que Tanger Jardim faz justamente uma crítica às produções anteriores, em que afirma que “os trabalhos científicos elaborados pelos estudiosos do Judô não conseguiram, até o presente momento, fornecer uma resposta satisfatória às indagações acerca das datas e dos responsáveis pelo surgimento do Judô no nosso estado” (JARDIM, 2015, p.1).

¹⁴⁴ Anexo F, p. 207

Ainda que a centralidade de seu trabalho seja efetivamente na história do judô no Rio Grande do Sul, inclusive a crítica supracitada, Jardim deixa transparecer em caráter introdutório um dos desafios das fontes orais, elemento basilar de sua produção. De todo modo, afirma-se que Takeo Yano estava no Brasil na década 1940, aspecto consonante com as já apresentadas produções clássicas e fontes jornalísticas.

Prosseguindo à análise da narrativa de Jardim (2015), é informado por Bazacas que “[Takeo Yano] de profissão agricultor. Como não entendia de agricultura e não gostava de trabalhar no campo, ficou na cidade de São Paulo”, e complementa que “para se sustentar, passou a ministrar aulas de Judô em uma academia na Avenida Ipiranga e, também, fazer lutas de katz, no que igualmente era muito bom” (BAZACAS, 2015, p.1). Nunes (2011, p. 62), afirma que “Yano, depois de um período no Rio de Janeiro, esteve em São Paulo, onde ministrou aulas e participou de desafios”. Ainda sob a égide dos jornais da época, foi constatado que de fato Yano esteve no Rio de Janeiro, tendo em vista as notícias já citadas anteriormente ou mesmo outras como no *Jornal dos Sports* (Rio de Janeiro, ano 5, nº 1324, p.4), em notícia intitulada “Ono é um lutador extraordinário”. Nesta é informado que o capitão Luiz Souto em Belém, durante o período de quase dois anos “foi aluno dedicado do famoso Conde de Koma e aqui [RJ] treina frequentemente com Yano”. Todavia, não se dá por encerrada as problemáticas acerca desta fase inicial de Yano. Em tese doutoral, Cairus (2012) afirma que Takeo Yano era “um agricultor assentado na Amazônia na metade dos anos 1930 (estado do Amazonas) para trabalhar em projeto para produção de juta em Parintins e Itacoatiara¹⁴⁵” (HEMMING, John, 1985, p.121. *In*: CAIRUS, 2012, p. 87). No artigo “Um novo crack para nossos rings”, transcrito anteriormente, é afirmado que Yano “No Brasil, lutou apenas uma vez em Manaus” e afirma ainda que “No Pará, além de instructor auxiliar do Conde de Koma, tendo ensinado a uma turma de officiaes da nossa Armada, foi treinador da Policia e do Club do Remo¹⁴⁶”, elementos que dão, relativa, credibilidade à supracitada informação de Hemming (1985). Quanto à declaração de agricultor, trazida por Jardim (2015), em diálogo com a informação de

¹⁴⁵ Tradução livre: Takeo Yano was an agricultural technician settled in Amazon by the mid-1930s (Amazonas state) to work in the project to produce jute at Parintins and Itacoatiara. (HEMMING, John, 1985, p.121. *In*: CAIRUS, 2012, p. 87)

¹⁴⁶ JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro, ano 4, nº 1041, 7 de outubro de 1934, p.5. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Cairus (2012), possivelmente se enquadra na mesma situação de Obata e tantos outros imigrantes ditos agricultores, conforme discutido no capítulo anterior desta tese.

O estudo de Jardim (2015, p.4) segue com a informação de que Yano seria faixa preta de 3º nível (*sandan*), dito campeão de uma província ao sul do Japão e aluno de Hajime Isogai, um importante membro do *hall* da famosa *Kodokan*¹⁴⁷. Tais informações se constituem como um dos grandes pontos de contestação na pesquisa de Tanger Jardim, pois questiona os elementos de formação duvidosa ou difícil distinção entre judô e jiu-jitsu afirmados por autores clássicos como Maduro e Nunes. Walter Boehl (2019, p. 4-5) retoma estas afirmações, tendo por base as memórias de Bazacas, em artigo intitulado “Judô em Porto Alegre (décadas de 1950 e 1960): itinerários da prática na cidade”, além de reproduzir o discurso de chegada em São Paulo. Trazer ao público a existência destas divergências, assim como suas contribuições e limitações crê-se importante para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Em retorno à obra de Jardim (2015), pode-se afirmar que certamente há mérito nas suas reflexões que buscam as relações de Yano com o judô *Kodokan* para a desconstrução de uma imagem de prática marcial confusa e pouco nipônica na raiz do judô gaúcho. Entretanto, é difícil o estabelecimento de uma base documental que dê o devido suporte argumentativo às suas teses. Quanto à formação oriunda de Hajime Isogai, são apresentadas citações provenientes de páginas da internet que não se encontram mais no ar. Por outro lado, em consulta a fóruns e sites não vinculados ao universo acadêmico, se percebe que a relação de Yano à Isogai faz parte de afirmações correntes no universo do jiu-jitsu e em sites enciclopédicos como *Wikipedia*. Bazacas (*In: JARDIM, 2015, p. 21*) afirma que Yano seria campeão em uma província no sul do Japão e com base nesta informação, subsidiada pela corrente vinculação de Yano com Isogai, afirma Jardim (2015, p. 4): “fora aluno de Hajime Isogai, professor de judô que ministrava aulas na ilha de Honshu, localizada no sul do Japão. Assim, quando Yano se refere ao título de campeão de uma província no sul do Japão, provavelmente seja na localidade de

¹⁴⁷ Hajime Isogai (1871-1947) ingressou na Kodokan em 1º de outubro de 1891. Foi um eminente judoca, reconhecido por sua maestria em técnicas de solo e enviado por Jigoro Kano à região de Kansai, no sul do Japão, dentro de uma política de disseminação do Judo Kodokan. Atingiu o 10º dan em 22 de dezembro de 1937. KODOKAN JUDO INSTITUTE. **Hajime Isogai**. Disponível em: kodokanjudoinstitute.org/doctrine/palace/hajime-isogai/, acesso em 24 de julho de 2023.

Honshu”. Neste fragmento, Jardim, provavelmente, cometeu um equívoco, uma vez que *Honshu* se trata da maior ilha do Japão. A província ao sul, para onde foi enviado Hajime Isogai, chama-se *Kansai*, que por sua vez possui Kyoto como uma de suas prefeituras. O espaço onde Takeo Yano teria tido aulas seria nesta região do centro-sul japonês. Ou ainda, como aparecem em alguns casos, no *Dai Nihon Butokukai*, entidade para onde o Hajime Isogai foi enviado por Jigoro Kano¹⁴⁸.

Não cabe a esta pesquisa seguir adentrando à vida de Takeo Yano, pois não se trata do objetivo traçado inicialmente. Para tanto, seria necessário uma maior busca nas produções de história do esporte na primeira metade do século XX, assim como levantamentos de documentos, certificados e depoimentos familiares, como feito com o biografado desta pesquisa, Teruo Obata. Esse maior aprofundamento sobre o percurso de Yano terá que ficar para estudos futuros.

De todo modo, neste capítulo, apresentou-se um o diálogo entre autores que buscam estudar história do judô no Rio Grande do Sul, indicando contradições, cuidados a serem tomados e possíveis elementos que podem vir a ser objetos de pesquisas posteriores no futuro. É importante ressaltar que, em termos historiográficos, tais divergências e conflitos de narrativas são muito comuns tendo em vista os limites da Memória, conceito que vem sendo profundamente discutido nas últimas décadas enquanto fonte para produção do conhecimento. Deve-se lembrar, primeiramente, que a memória é subjetiva e influenciada por fatores como experiências, emoções e crenças, podendo levar a distorções. Ainda, há o aspecto físico da saúde cerebral, onde não é raro o esquecimento conforme o avanço da idade do entrevistado, gerando omissões e até mesmo ênfases excessivas. Assim, ao levar em consideração a memória como subjetiva, individual e de difícil triangulação de fontes em todos os seus nuances, são produzidas versões de histórias não unificadas e/ou coerentes. Cabe, portanto, a atenção e a crítica dos diversos fenômenos narrados neste debate.

Superadas as discussões acerca da problemática da vida de Takeo Yano, todos os autores convergem para o surgimento do judô gaúcho na transição da década de 1940 para 1950. Conforme visto no início deste subcapítulo, Nunes (2011) e Maduro (2011) trazem Takeo Yano como um precursor do judô no Rio Grande do Sul, mas de passagem breve e sem definição, assim como sem certeza

¹⁴⁸ KODOKAN JUDO INSTITUTE. **Hajime Isogai**. Disponível em: kodokanjudoinsitute.org/doctrine/palace/hajime-isogai/, acesso em 24 de julho de 2023.

sobre sua formação enquanto judoca. Ao passo que Nunes (2011, p. 62) afirma que ao final de 1953 ou início de 1954, Takeo Yano foi para o estado gaúcho, onde esteve por cerca de 2 anos. Jardim (2015, p.4), por outro lado, destaca:

para participar das noitadas de lutas de ringue é que Takeo Yano desembarcou na Capital gaúcha, no ano de 1950. Após a apresentação, impressionado com a aptidão de Yano, Carlos Matheus – filho do dono do patrocinador “Café Matheus”-, resolveu propor a um grupo de amigos que custeassem a permanência do lutador na Capital Gaúcha para que ele os ensinasse sua técnica. Através da elaboração de um “sistema de cotas” para o pagamento das despesas com passagens, estadia e alimentação é que o entusiasta Carlos Matheus convenceu alguns amigos a participar do plano. Restou combinado entre eles que a mensalidade de outros alunos e a renda das lutas ficariam com Yano. (JARDIM, 2015, p.5)

E complementa, com as memórias de Bazacas, ao trazer os nomes da primeira turma de judô: Carlos Matheus, Abraão Chaines (arquiteto), Francisco Chaines (proprietário da pastelaria Chaines), Cláudio Bergamaschi (engenheiro), Carlos Alberto Dariam (empresário), Theodoro Mascarenhas (engenheiro), Jorge Mascarenhas (economista), Dali Woleman (médico), Carlos Fraga (arrozeiro), Irineu Pantaleão Bazacas, Januário Resende, João Graf, Jorge Aveline, Yvao Sugo e Yto Nagachi, sendo os últimos 6 citados pagadores de mensalidade fixa (JARDIM, 2015, p.6).

O local da prática seria um pequeno terraço no 7º andar do Hotel Majestic, obtido por meio da amizade de Carlos Matheus com o proprietário do estabelecimento. Sem tatames, o chão era coberto de serragem e lona. Ainda, a ausência de banheiros fazia com que a higiene pós-treino fosse feita por meio de baldes de água jogados uns nos outros. Tal estrutura teria durado apenas até 1951, quando, devido aos custos elevados para a manutenção de Yano no hotel, o dojô foi transferido para o Sport Clube Ruy Barbosa¹⁴⁹, após intermediação do grupo com o delegado Cavali, presidente do referido estabelecimento (JARDIM, 2015, p.6-7).

Na continuidade da cronologia de Bazacas, de 1951 a 1953, Takeo Yano teria ensinado judô no Sport Clube Ruy Barbosa. O acordo realizado entre os alunos de Yano e o clube supracitado era que o uso do dojô seria sem custos para o professor desde que os sócios pudessem treinar a modalidade também de forma gratuita. Com isso, Yano passou a morar no clube, os judocas que o sustentavam assumiram mensalidades como os demais e o professor passou a almoçar no restaurante de

¹⁴⁹ Na época desativado enquanto clube de futebol, sustentado por policiais e destinado ao lazer destes com mesas de ping-pong e carteados. (JARDIM, 2015, p. 7)

Januário Dias Resende, na rua João Alfredo. Com o retorno de Yano à São Paulo em 1954, Januário assumiu o dojô (JARDIM, 2015, p. 7-8). Irineu Pantaleão Bazacas (*In*: JARDIM, 2015), diverge de Maduro (1999) e Nunes (2011), afirmando em relato que a posse do dojô foi dada a Januário após o mesmo quitar as dívidas contraídas por Takeo Yano em jogos de cartas, boates e no já citado restaurante.

Em vias de conclusão de sua argumentação, Jardim (2015, p. 11-14) apresenta uma série de informações específicas e relevantes à discussão do tema, conforme segue. As faixas eram divididas em 3 *kyus* (níveis iniciantes) de faixa marrom e 10 *dans* (níveis) de faixa preta. Assim, ao final de 1951, Irineu Bazacas, Januário Resende, Dali Wolemann, Theodoro Mascarenhas, Yvao Sugo, Jorge Aveline e Carlos Matheus foram promovidos ao 3° *kyu*¹⁵⁰. No início de 1952, alcançaram o 2° *kyu* e o 1° *kyu* no final do ano, com exceção de Carlos Matheus que havia deixado a prática. Em 1953, os membros do grupo acima avançaram à faixa preta (1° *dan*). A partir de então, organizaram-se campeonatos abertos para divulgar o judô, de modalidades mistas dado o pequeno número de praticantes, com uso de quimonos, em ringues, com três combates intercalados entre as lutas de “*catch-as-catch-can*”. Em cada noite eram feitos dois combates classificatórios, com duas duplas cada, fazendo os vencedores a final. A partir de 1954, os alunos de Yano mantiveram o judô vivo em diversos cenários: Januário foi responsável pelo dojô do Ruy Barbosa até a transferência do espaço a Aluizio N. Bandeira de Mello (Loanzi) em 1956; Jorge Aveline assumiu a presidência da Federação Gaúcha de Pugilismo (1954) e fundou o departamento de judô, entidade que teria enviado os atletas Vitor Pulcost (faixa marrom), Abraão Chaines (*shodan*); Francisco Chaines (*nidan*), Carlos Fraga (*nidan*) e Theodoro Mascarenha (*sandan*)¹⁵¹, a primeira delegação gaúcha de judocas, ao Campeonato Brasileiro de 1955 (Salvador, BA); por fim, pelo motivo da venda do dojô do Ruy Barbosa em 1956, Bazacas, Yvao Sugo e João Graf pararam de frequentar o espaço e tomaram novos rumos. Yvao Sugo foi convidado para ministrar aulas de judô no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, local para onde foi juntamente com Bazacas; Januário Resende, na segunda metade da década de 1950, ministrou aulas de judô no Sport Club Internacional, levando sua equipe a diversos “grenais” de judô, tendo Bazacas e Graff como participantes.

¹⁵⁰ As graduações marciais em *kyu* são em ordem decrescente, enquanto os *dans* são em ordem crescente.

¹⁵¹ É enfatizado na narrativa de Bazacas que os *dans* eram concedidos para que os judocas lutassem nas divisões de faixa das competições, uma vez que não havia divisão de idade e peso. Tal fato justificaria, inclusive, a permanência do técnico (Januário Resende) no 1° *dan*.

Em linhas gerais, Jardim (2015) enfatiza três pontos centrais: Takeo Yano era judoca, chegou em Porto Alegre em 1950 e ficou tempo o suficiente para formar faixas pretas. Os seus alunos seguiram divulgando o judô podendo ser este japonês considerado a origem do judô no Rio Grande do Sul.

Walter Boehl retoma esta discussão em 2019, indo ao encontro dos estudos de Jardim (2015). Utiliza a mesma fonte (Bazacas) para a datação, retomando a desconstrução da “formação duvidosa” dos primeiros professores naquilo que se refere a Yano, assim como o papel deste na formação do judô gaúcho.

Assim, tanto Jardim (2015), quanto Boehl (2019) divergem das produções clássicas quanto formação e permanência de Yano, mas não discutem os aspectos de formação duvidosa de Loanzi, pelo contrário, reforçam. Em ambos os casos utilizam o depoimento de Ricardo Rodrigues Gaston (2002) como subsídio tanto para afirmar que Loanzi não era judoca, onde salienta: “o que eu tive no início da minha participação no judô foi o professor Loanzi [...] nós não tínhamos o judô, o professor Loanzi não era professor de judô, o negócio dele era chão, de pé não fazia nada” (GASTON, 2002, p.1), como para reforçar o judô de Yano:

[...] o judô tem uma passagem que acho que tu não tens aí. É esteve lá conosco quase um ano, um japonês, e ele não diz que era quarto, nem quinto, nem sexto nem sei. Não me pergunta porque eu não sei o nome dele [riso]. Eu quando entrei já tinha gente feita e ele tinha ido embora. O mal dele todo é que ele jogava, ele recebia dinheiro hoje, no outro dia botava numa mesa de jogo que tinha lá no Rui, no velho Loanzi no Rui Barbosa. [...] E nós perdemos aquele japonês. [...] E esse cara que começou nosso judô ali no Rui Barbosa. Ele mostrou para todo mundo que jiu-jitsu é uma coisa e o judô é outra. (GASTON, 2002, p. 11)

As colocações de Ricardo R. Gaston (2002) dialogam com Nunes (2011, p.65) que enfatiza: “os professores que entrevistei foram unânimes em afirmar que Loanzi era do jiu-jitsu e não ensinava técnicas de projeção”. Não é sem subsídios, portanto, que Boehl comenta que “a modalidade ensinada por Takeo Yano parece se aproximar mais do estilo de o judô de Jigoro Kano” e complementa: “Considera-se que o ensino institucionalizado do judô em Porto Alegre principia no início da década de 1950” (BOEHL, 2019, p. 7-8). Uma discussão, aparentemente, bastante antiga. Em acesso às memórias de Bazacas, é dito pelo professor:

Havia uma rivalidade entre o judô e o jiu-jitsu e o *catchs*. Cada um dizia que era melhor que o outro. O pessoal do *catchs* dizia que a luta livre era o melhor que tinha como arte marcial; o jiu-jitsu por sua vez dizia que o judô

não valia nada e vice-versa, até hoje existe isso, o pessoal do judô diz que o pessoal do jiu-jitsu não é grande coisa (BAZACAS, 2002, p. 3-4)

E complementa, ao falar do momento após a sua saída e de outros alunos de Takeo Yano do Ruy Barbosa:

E, o negócio se dividiu, passou um lado a dizer que o outro não prestava, que um era... Eles diziam que nós treinávamos era jiu-jitsu, e que o jiu-jitsu não prestava, que o judô era deles. Quer dizer, era aquele negócio, para divulgar a parte deles do judô que era no centro e o pessoal ir para lá. De fato, eles tiveram muitos alunos. Eu acho que eles tiveram, naquela época, perto de cem alunos. (BAZACAS, 2002, p. 7)

Portanto, vê-se que a discussão judô/jiu-jitsu não esteve restrita apenas ao campo histórico da formação de professores, mas também ao universo da publicidade e das rivalidades, que certamente permearam as percepções que se constituíram enquanto memória coletiva ao longo do tempo.

Como demonstrado, entre os anos 2011 e 2019, produções de história do judô no Rio Grande do Sul não apenas buscaram resgatar o papel de Yano, como contestaram o excesso de importância dada a Loanzi, inclusive pondo em dúvida a sua formação e o caráter de seus ensinamentos. Em consequência, a produção acadêmica de Nunes (2011), as formações oficiais ministradas pelo mesmo na FGJ, assim como as reflexões de Jardim e Boehl, resultaram em reconhecimento de mérito de pesquisa por algumas esferas da comunidade, como em profundas críticas por outras. Em continuação, apresenta-se o estágio atual da escrita da história do judô gaúcho, com suas discussões, limites e contradições.

5.1.4 Entre réplicas e trélicas: a figura de Aluizio Nogueira Bandeira de Mello

As ponderações acerca da história do judô gaúcho não se deram por encerradas na década de 2010. Francisco Xavier de Vargas Neto, em sua obra “Academia Ruy Barbosa, dojô Prof. Loanzi: o velho casarão”, retoma esta discussão em 2022, com clara discordância frente as produções anteriores, onde afirma:

Este estudo acontece porque, atualmente, no meio judoístico tem acontecido algumas discussões, que geraram dúvidas e diferentes interpretações sobre os fatos que estamos tentando elucidar, como nomes, datas, locais e outras informações relevantes para o conhecimento da história do Judô no Rio Grande do Sul. (VARGAS NETO, 2022, p. 6)

Em complemento, Vargas Neto (2022, p. 5) ao enfatizar “queremos destacar que [este livro] não é um “estudo de caso”, portanto, não nos basearemos em um documento para reconstrução dessas memórias”. De forma introdutória, ainda que sutil, estabelece uma crítica metodológica aos estudos anteriores mais recentes que possuem como aspecto basilar as memórias de Irineu Pantaleão Bazacas.

Quanto as contribuições da citada obra a esta pesquisa e para as discussões, primeiramente, Vargas Neto (2002, p.11) concorda que a passagem de Conde Koma em 1914 não deixou legado e ainda que sua obra tenha sido dedicada ao “Dojô professor Loanzi”, reconhece que a Academia Ruy Barbosa não foi a primeira a difundir o judô no estado do Rio Grande do Sul. Afirma que foram muitos os professores que trabalharam na difusão e formação da modalidade no território gaúcho, como Januário Dias Resende, Iwao Sugo, Irineu Pantaleão Bazacas, João Graf Vassaux, Bugre Ubirajara Marimon Lucena, entre outros. Ainda, que muitos foram os clubes a ofertar judô a partir da década de 1950: Instituto Porto Alegre de Judô, Associação Cristã de Moços (ACM), Escola Militar, Ginásio Esparta, Sociedade Recreativa SORVES, Kurashiki (São Leopoldo), Grêmio Foot Ball Porto Alegre, Sport Club Internacional, Academia Passo Fundo, etc.

Examina-se que muitos dos nomes citados por Vargas Neto (2022) vão ao encontro das memórias de Bazacas e das listagens apresentadas por Jardim (2015) e Boehl (2019), porém, o referido autor afirma que:

o período de permanência de Takeo Yano em nossa cidade é de difícil precisão, pois são distorcidas as realidades encontradas nas pesquisas que efetuamos. Fala-se desde 9 anos, 3, e menos de 2 anos. Porém há informação de que ele deu aulas para um grupo de comerciantes, amantes das lutas e para outros que já haviam praticado Judô, como Januário, Jorge Aveline (faixa preta promovido por Loanzi) e João Graf que aprendeu judô na Suíça com o renomado professor francês Vallee. Graff veio para o Brasil como faixa marrom e foi promovido a sho-dan pelo já famoso professor Augusto Cordeiro, em sua academia na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, isso desborda de certas memórias que atribuem a Yano a sua graduação. (VARGAS NETO, 2022, p.11)

A obra de Vargas Neto volta a problematizar a datação apresentada sobre a permanência de Yano, assim como questiona o conteúdo da listagem de alunos e graduações apresentadas nas produções que o antecedem. No entanto, possui suas limitações em âmbito acadêmico, pois ao passo que se apresenta como resultado de larga pesquisa em fontes orais, trabalhos acadêmicos e fontes primárias escritas e não escritas, não se atém às formalidades do trabalho científico e acaba por, na

maioria dos casos, não citar a origem de seus dados. Um elemento facilitador à comunidade judaística que o lê, mas que a credibilidade das informações está ligada, sobretudo, à própria credibilidade da trajetória do autor. Ainda assim, apresenta indicativos de caminhos controversos que um pesquisador pode tomar. A formação de João Graf Vassoux na Suíça e recebimento da faixa preta no Rio de Janeiro são informações apresentadas por Nunes (2011, p. 95), oriundas de entrevista com o próprio indivíduo e certificado cedido pelos filhos, conflitando com as apresentadas por Bazacas, presentes na produção de Jardim (2015).

Ainda, em retorno à dissertação de Maduro (1999, p. 35), é apresentada fonte jornalística¹⁵² que noticia o 1º Campeonato Brasileiro de Judô, realizado nos dias 12, 13 e 14 de outubro de 1954, nas dependências do Tijuca Tênis Clube, no Rio de Janeiro. Consta que a delegação foi composta pelo treinador Januário Dias Resende (diretor técnico da Ruy Barbosa), Daly Volkmann, Teodoro Saibro Neto, Teodoro Mascarenhas, Roberto Schames, Nelson Cardoso e João Graff. O primeiro teria disputado na faixa preta e os demais nas categorias inferiores. Tais informações são trazidas também por Nunes, Kosmann e Shoura em 2005 e convergem com as críticas de Vargas Neto (2022) ao demonstrarem determinadas limitações nas memórias de Bazacas. Algo perfeitamente comum no universo da história oral, mas que se apresentam como relevantes neste contexto de críticas metodológicas existentes nas produções contemporâneas sobre o judô gaúcho, uma vez que a datação e permanência se constituem como elementos importantes nas construções de argumentos sobre o legado de Takeo Yano. Ainda, Maduro (1999, p. 32), aponta notícias da *Folha da Tarde/Edição Esportiva*, de 12 de junho e 24 de julho de 1953, noticiando torneios de jiu-jitsu no Sport Clube Ruy Barbosa, tendo por diretor técnico Januário Dias Resende, aspecto que incide em dúvidas sobre a datação apresentada e reforça os problemas de terminologia.

Em termos de análise, pode-se afirmar que as discussões sobre as raízes do judô no Rio Grande do Sul não estão encerradas. Existem lacunas que, apesar de problematizadas, não tiveram subsídios e fontes levantadas o suficiente para serem preenchidas. De todo modo, são salutares tais retomadas. Além disso, é importante salientar aos pesquisadores que a distância temporal entre esta produção e o cenário de formação da modalidade é de 70 anos, fator que torna a utilização da

¹⁵² AMARO JÚNIOR. Os gaúchos no primeiro Campeonato Brasileiro de Judô. In: **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 13 out. 1954, p.10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023...

história oral com os agentes históricos cada vez mais limitada, seja pelos desafios da memória, seja pela cada vez maior escassez de fontes. Ou seja, alguns limitadores vão surgindo àqueles que desejam elucidar estas questões que esta tese não teve a pretensão de se debruçar. De todo modo, sempre haverá a possibilidade de visitar fontes armazenadas, prospectar novos documentos ou procurar indícios com as narrativas que permanecem com as novas gerações.

Observa-se, para além das divergências, que a década de 1950 se constituiu como cenário de substancial crescimento do judô na cidade de Porto Alegre. Dentre estes espaços, não é por acaso que os primeiros estudos sobre o judô colocam o dojô do Ruy Barbosa, ou dojô do professor “Loanzi”, como de grande importância neste cenário de consolidação.

De acordo com Vargas Neto (2022, p. 7-9), o paraibano Aluizio Nogueira Bandeira de Mello, nascido em Areia, em 1897, teria iniciado sua carreira no universo dos esportes de combate aos 14 anos, possivelmente na luta livre, tendo sido Campeão Brasileiro nos anos 1914 e 1916 pelo Exército Nacional. Na Argentina, em 1917, conquistou o título de campeão Sul-Americano. Foi aluno de Mitsuyo Maeda (Conde Koma) e, a partir de 1925, tornou-se lutador profissional e professor de esportes e defesa pessoal. De 1925 a 1930, morou no Rio de Janeiro. Na década de 1930, morou em Belo Horizonte, onde foi dirigente de academia. Em 1935, fez demonstrações de lutas em Porto Alegre, cidade onde fixou residência em 1938. É bastante difícil verificar na obra de Vargas Neto a origem das informações postas, pois as fontes de pesquisa foram apresentadas apenas de forma introdutória. De todo modo, tais dados biográficos acima colocados, como origem, histórico de lutas e vínculo com Maeda, foram verificados em pequenas descrições de trajetória nos jornais gaúchos dos anos 1950, sobretudo o *Diário de Notícias*¹⁵³.

Maduro (1999, p.31) indica que Loanzi “estabeleceu-se em Porto Alegre nos primeiros anos da década de 50 [...] após viajar por vários lugares do mundo, retornou a Porto Alegre. Costumava mostrar a seus alunos fotos e vistos no seu passaporte”. Nunes, Kosmann e Shoura (2005) também trazem a década de 1950

¹⁵³ O histórico de lutas na década de 1910 pode ser encontrado em: AVELINE, Jorge. Hoje a inauguração do dojô Prof. Loanzi. *In: Diário de Notícias*, Porto Alegre, ano 34, nº 45, 23 de abril de 1958, p. 15. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023. Sua vinculação à Maeda e outros lutadores do universo das lutas pode ser encontrada em: AVELINE, Jorge. O prof. Loanzi no “dojô” do Esporte Clube Ruy Barbosa. *In: Diário de Notícias*, Porto Alegre, ano 34, nº 34, 10 de abril de 1958, p. 12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

como a de chegada de Loanzi. Bazacas (*In: Jardim, 2015, p. 21*), informa que “Loanzi” chegou em Porto Alegre em 1953 para ensinar luta livre no E.C. Cruzeiro¹⁵⁴, tendo reunido todos os lutadores de “Katz” da época, que passaram a treinar com ele¹⁵⁵. Em complemento, Bazacas afirma que “Loanzi” teria feito amizade com Yano e que assistia as aulas do Ruy Barbosa para ao final ficar aprendendo as técnicas e seus nomes com o japonês, algo que teria cessado com a saída de Yano do dojô, novamente elemento que desvincula Loanzi do judô.

Vargas Neto (2022, p. 9) traz a informação de que, inicialmente, Loanzi ministrava aulas de judô e defesa pessoal no primeiro andar do antigo prédio da loja Mesbla e no dojô da sede social do Esporte Clube Cruzeiro, localizada onde hoje se encontra a Galeria di Primio Beck¹⁵⁶. Senhor Flávio Vanni Pereira (74) (2023), em entrevista concedida a esta pesquisa, recorda que sua entrada no judô foi aos 6 anos, em dezembro de 1955 ou mais tardar janeiro de 1956, com o professor “Loanzi”, em um dojô localizado acima do antigo Cine Rex. Tais informações são complementares, pois o local citado por Pereira (2023) é justamente a sede social do clube trazida por Vargas Neto (2022), também presente em obras clássicas como a de Maduro (1999, p. 31) e, até certo ponto¹⁵⁷, nas memórias de Bazacas. É interessante observar, ainda, que Nunes (2014, p. 14) traz a informação que no E.C. Cruzeiro, na década de 1950, George Gracie¹⁵⁸ dava aulas de jiu-jitsu.

Sobre a divergência de Vargas Neto em relação à chegada de “Loanzi” frente aos demais pesquisadores, foi encontrada a seguinte informação no jornal *Diário de Notícias* de 1969:

¹⁵⁴ O E. C. Cruzeiro foi um clube de futebol de Porto Alegre fundado em 14 de julho de 1913. Surgiu motivado pelo descontentamento de torcedores do Internacional. Na década de 1950, sua sede social se encontrava na Praça da Alfândega, centro histórico de Porto Alegre. (MARQUES, 2010)

¹⁵⁵ Dentre os mais participativos para o desenvolvimento do judô gaúcho: Moacir Dorneles (o “Tarzan Mirim”, futuro presidente da Federação Rio Grandense de Pugilismo) e Luís Escandiel (o “tatu”).

¹⁵⁶ A galeria di Primio Beck está localizada na Praça da Alfândega. Tem entrada pela Rua das Andradas e General Câmara. Iniciou a sua construção em 1958, sob condução dos arquitetos C. Peña e L. Hubner.

¹⁵⁷ Diz-se até certo ponto pois é afirmado “chegou em Porto Alegre em 1953 para lecionar luta livre no esporte Clube Cruzeiro, situado onde hoje é o cemitério João XIII [Sic]”. (*In: Jardim, 2015, p. 21*). São diversas as fontes, portanto, que citam o E.C. Cruzeiro, mas a sede social (Praça da Alfândega) e o Estádio da Montanha (atual cemitério João XXIII) são lugares distintos.

¹⁵⁸ Bazacas (2002, p.1) cita em suas memórias “Carlos Gracie”, ao passo que o entrevistador pondera a possibilidade de ter sido Gastão Gracie, um irmão “menos famoso”. Independente do indivíduo, é importante observar que em tais memórias consta que o as aulas do Gracie foi no “Esporte Clube do Cruzeiro, que era lá na Montanha – hoje é, onde é um cemitério”. Ou seja, não se trata da Sede Social, no centro.

Mil novecentos e trinta e oito, 12 de junho. Chegava a Pôrto Alegre, transferido que foi de Belo Horizonte, o prof. Loanzi. Exercia as funções de gerente procurador da IBM, logo acumuladas com as de preparador físico do saudoso “Rôlo Compressor”. A grande repercussão em torno de seu nome, fama esta adquirida graças às academias que montou na então capital federal e Belo Horizonte, logo fêz com que o grande judoca se dispusesse a contar e ensinar os gaúchos os segredos do florescente esporte oriental, além do box e jiu-jitsu. Sua primeira academia nesta cidade foi no prédio antigo da Mesbla onde hoje é a matriz do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. Muitas foram as queixas enviadas ao prof. Loanzi devido as oscilações do teto da loja, pois a academia era no primeiro andar. Com o pessoal entregue ao aprendizado da nova maneira de defesa pessoal, os lustres em exposição, na firma do andar térreo, passavam o dia balançando, e às vêzes um se desprendia, caindo, aos cacos no chão. Foi êle o primeiro instrutor do extinto e famigerado “choque”, e devido a seu sucesso, também a Sogipa, ACM, Brigada Militar e Polícia do Exército. Contrataram seus serviços. Desde 1938, cada vez entrando mais na intimidade dos esportes, o judô foi ganhando terreno, e hoje não há quem o desconheça. (Uma luta que ensina a viver. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 45, n° 53, 4 de maio de 1969, p. 16.¹⁵⁹)

A notícia acima transcrita ao passo que subsidia a informação de Vargas Neto (2022) sobre o estabelecimento de Loanzi em Porto Alegre no ano de 1938, assim como de um local de prática (antigo prédio da Mesbla), dá a entender que “tão logo” após sua chegada passou a ensinar judô, claramente um conflito com informações de data e a inserção de mais um elemento para as discussões acerca da formação de Loanzi. Em uma insistência de pesquisa, buscou-se novas descrições da trajetória do professor para verificar se os elementos de datação e formação se repetiam.

No *Jornal do Dia*(1966), foi encontrada matéria sobre o estabelecimento de Loanzi em 1938, mas que se empenhou inicialmente no ensino do jiu-jitsu e, posteriormente, no ensino do judô, conforme segue:

O Esporte Clube Ruy Barbosa comemorou em 21 de outubro do ano passado seu cinquentenário de fundação e atividades esportivas. Dedicar-se êle, inteiramente, hoje, ao judô. [...] Seu Diretor é o conhecido professor Loanzi e João Ferreira Cavalle é o presidente da agremiação. O professor Loanzi foi quem introduziu o esporte de kimono aqui no Rio Grande do Sul. Seu trabalho tem sido árduo e muitas vezes cheios de alegrias e desilusões. Quando aqui chegou em 1938, introduziu o Jiu-Jitsu, sua luta predileta, mas com a introdução do Judô, o professor Loanzi viu-se obrigado, juntamente com seus alunos mais competentes receber aulas do professor Kuraxi, e do professor Ogava, passando muitos dias envergonhado. Não desistiu e faz o que pode para ver sempre em ascensão o Judô no Rio Grande do Sul e em franco progresso. (Judô: ceder para vencer. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 19, n° 5171, 27 de janeiro de 1966, p. 20¹⁶⁰)

¹⁵⁹ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

O artigo ao mesmo tempo que oferece mais um elemento de sustentação às afirmações de Vargas Neto (2022) acerca da importância e chegada de Loanzi, também sustenta as elucubrações sobre a vinculação de “Loanzi” ao jiu-jitsu e apenas posterior aprendizagem de judô. Detalhes relevantes, como a formação com Ogawa, serão retomados ao avançar das discussões.

Na sucessão cronológica, a segunda metade da década de 1950 será marcada pela passagem do dojô do Esporte Clube Ruy Barbosa, sob responsabilidade de Januário Dias Resende, ao professor “Loanzi”. A datação não é precisa nos estudos mais antigos. Bazacas (*In*: Jardim, 2015, p. 21) aponta o ano de 1956 para o negócio que envolvia a passagem do dojô de Januário para “Loanzi”. Por outro lado, Vargas Neto (2022, p. 9) comenta que:

[Loanzi] foi convidado por Januário Dias Rezende, de alcunha Português [...] a lecionar no Sport Club Ruy Barbosa que planejava mudar-se da Rua da Praia para a nova sede situada na esquina das Ruas Riachuelo com Caldas Júnior, ocupando o piso superior de um antigo casarão de dois andares

Primeiramente, é válido considerar que “negócio” e “convite” são expressões que envolvem um cuidado analítico por parte do leitor. Em segundo lugar, não há muita clareza de quando ocorreu esta passagem da sede do Ruy Barbosa da Rua da Praia para o casarão da Riachuelo e nem se Loanzi chegou a ministrar aulas na antiga sede. Porém, de acordo com Vargas Neto (2022, p.12), o novo dojô da Academia Ruy Barbosa teve inauguração oficial em 24 de abril de 1958¹⁶¹.

Retomando a entrevista com Flávio Vanni Pereira (2023), é posto que este dojô “em cima do Cine Rex” teria durado pouco tempo a contar de seu ingresso, no verão de 1955/1956. Apesar de considerar que era bastante jovem, afirma que não tem memórias de um dojô do Ruy Barbosa na Rua da Praia. Destaca também que Heron Rassier¹⁶² iniciou em 1956, tendo sempre treinado no Casarão, nunca “no Rex”. Portanto, que em 1956 já estariam no casarão da Riachuelo. Explica, ainda, que a inauguração oficial de 1958 se tratava de uma estratégia para “acordar” o

¹⁶¹ Sobre o espaço, comente que tinha entrada pela rua Riachuelo, nº 1036, subia-se um andar de escada íngreme e já se deparava com o shiai-jô à esquerda. Uma área de não mais de 30 metros quadrados, onde inicialmente o solo havia sido recoberto com serragem e revestido com uma lona (VARGAS NETO, 2022, p. 9-10).

¹⁶² Heron Rassier: um dos mais antigos alunos de professor Loanzi, tendo iniciado a prática em 1956. Foi representante do Rio Grande do Sul em competições nacionais devido ao seu bom nível técnico. Foi instrutor de Loanzi nos horários da tarde e grande incentivador do judô pelotense. (VARGAS NETO, 2022, p. 20)

judô, mostrar que o Loanzi se encontrava lá, mas que o “Casarão” já estava em funcionamento. Inclusive, salienta que tal episódio de inauguração ocorreu em abril (1958), tendo em fevereiro (1958) ido para o Rio de Janeiro com o professor Loanzi, na academia de Augusto Cordeiro. Pereira (2023) entende que era muito pequeno na época para dimensionar a importância da formação com Cordeiro, mas que ao chegarem de volta a Porto Alegre fez um encontro a portas fechadas com Loanzi e seus instrutores de modo a atualizá-los com as novidades do Rio. O mesmo apenas replicava, junto a “Loanzi”, aquilo que fizeram na capital federal, mas reconhece que este evento foi um prelúdio do desenvolvimento cada vez maior da Academia Ruy Barbosa, antes ainda daquilo que a literatura clássica e mais contemporânea coloca como divisor de águas na história do clube e, possivelmente, do judô no Rio Grande do Sul: o estágio de judocas gaúchos com Ryuzo Ogawa, em São Paulo (1959).

Na imagem abaixo, Flávio Vanni Pereira demonstra técnica de amortecimento de quedas. A foto é datada em 22 de abril de 1958 e Pereira (2023) acredita ter sido na “inauguração” do dojô, episódio no qual “Loanzi” havia pedido para que demonstrasse algumas “novidades do Rio”.

Fotografia 13 – Demonstração Técnica na Academia Ruy Barbosa (1958)

Fonte: Acervo de Flávio Vanni Pereira.

Acerca desta citada inauguração do dojô de Loanzi em abril de 1958, foram encontradas algumas notícias que parecem ajudar a elucidar, em concordância e complemento a Pereira (2023), que se trata de uma reforma e não da mudança da sede. Consta no jornal Diário de Notícias, de 10 de abril de 1958:

Dentro de breves dias, conforme tem sido amplamente divulgado pela imprensa, o Prof. Loanzi vai inaugurar o novo “tatami” do Esporte Clube Rui Barbosa – tradicional agremiação desportiva de nossa capital e inteiramente dedicada ao judô e defesa pessoal. Conforme tivemos oportunidade de constatar, em recente visita que realizamos às dependências do Rui Barbosa, as novas instalações e modificações havidas na estrutura interna do referido clube vão colocá-lo em destaque daqueles desportos, situando-o, sem dúvida alguma, como um dos mais completos do sul do país. (AVELINE, O prof. Loanzi no “dojô” do Esporte Clube Ruy Barbosa, 1958, p. 12¹⁶³)

¹⁶³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Quanto à datação, Jorge Aveline anuncia no jornal *Diário de Notícias* a inauguração do novo dojô na noite do dia 23 de abril de 1958¹⁶⁴. Em relatório posterior, o mesmo colunista cita que o evento ocorreu em 24 de maio de 1958¹⁶⁵.

Em 1959, como citado anteriormente, há um episódio que marca profundamente o dojô prof. Loanzi e a comunidade do judô gaúcho. Narra Vargas Neto (2022, p. 13) que o “salto técnico” do Ruy Barbosa teria acontecido quando “Loanzi” contatou seu sensei e mestre Ryuzo Ogawa para que recebesse três de seus alunos em São Paulo: Nilton Cardoso¹⁶⁶, Osvaldo Monteiro¹⁶⁷ e Delamar Teixeira¹⁶⁸. Na obra de Maduro (1999), assim como no atlas do esporte de Nunes, Kosmann e Shoura (2005), não há indicativo do tempo deste estágio, apenas que ocorreu em 1959. Vargas Neto (2022, p. 33) afirma que a pequena delegação passou três meses treinando com Ogawa, ao passo que Jorge Aveline, em sua coluna “Judô em Revista”, *Diário de Notícias*, de 28 de agosto de 1959, anunciava o retorno do trio:

[...] três instrutores locais estiveram para São Paulo a fim de ali fazerem observações e tirar um curso especial de judô. Estagiaram eles na academia Ogawa, presidente da Budokan do Brasil. Assis, Nilton Cardoso da Silva foi à capital paulista para confirmar sua faixa preta enquanto que os outros dois, Delmar Teixeira da Silva e Osvaldo Monteiro dos Santos, 1° Kiu da Faixa Marron, conseguiram classificar-se com 1° Dan da Faixa Preta. (AVELINE, Jorge. Judô em Revista. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, nº 151, 28 de agosto de 1959, p. 10¹⁶⁹)

Na entrevista de Osvaldo Monteiro (2014), quando questionado sobre a escola de Ogawa, é dito pelo entrevistado o cotidiano e as características da

¹⁶⁴ AVELINE, Jorge. Hoje a inauguração do dojô Prof. Loanzi. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, nº 45, 23 de abril de 1958, p. 15. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

¹⁶⁵ AVELINE, Jorge. Pleno êxito na inauguração do “Dojô” prof. Loanzi. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, nº 53, 3 de maio de 1958, p. 11. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

¹⁶⁶ Nascido em Bagé, em 05/01/1937, foi um importante instrutor e competidor da Academia Ruy Barbosa, tendo vencidos inúmeros combates na categoria meio médio e absoluto. Morou e foi responsável por diversas turmas no Ruy Barbosa. Na década de 1970, abriu a Academia Farroupilha, na av. João Pessoa, em Porto Alegre. (VARGAS NETO, 2022, p. 17)

¹⁶⁷ Nascido em 1934, iniciou o judô em 1957. Foi servidor do batalhão de choque da Polícia Civil. Atuou como técnico no Clube Leopoldina Juvenil, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e, principalmente, no Recreio da Juventude, onde deixou grande legado. Na ocasião de seu falecimento, portava o 9° *dan* de judô, sendo um nome muito respeitado no meio. (VARGAS NETO, 2022, p. 18)

¹⁶⁸ De raras informações pessoais, foi um importante judoca do E.C. Ruy Barbosa. Era compadre de Osvaldo Monteiro e também integrante do batalhão de choque da Polícia Civil. Foi diversas vezes integrante de seleção gaúcha para competições fora do estado. (VARGAS NETO, 2022, p. 18).

¹⁶⁹ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Budokan, assim como é confirmado que seus acompanhantes foram Delamar Teixeira da Silva e Nilton Cardoso. Entretanto, quando é questionado o tempo de permanência em São Paulo, é respondido “Eu fiquei lá em São Paulo, eu fiquei uns dois anos...”. Não está claro no relato se ouve a mistura de experiências neste caso (tendo acontecido mais de uma ida ao longo da trajetória), falha de memória, erro de digitação ou mesmo confusão de termos na hora do relato. A julgar que o próprio Osvaldo Monteiro (2014) recorda que o episódio ocorreu entre 1959 e 1960 e a supracitada coluna de Aveline ser de agosto de 1959, possivelmente tenha se tratado de “uns dois meses”.

Tal episódio é marcado como um importante salto técnico pela comunidade do judô gaúcho. Todavia, tal qual a magnitude de sua importância, são muitas as discussões oriundas deste episódio. Alexandre Velly Nunes (2014), em entrevista, é enfático no que diz respeito a relação de Ogawa com Loanzi e como isso impacta o nascimento do judô no Rio Grande do Sul. Dentre suas observações mais importantes está o fato de que Ryuzo Ogawa era do jiu-jitsu. Destaca: “Ryuzo Ogawa era um grande disciplinador, era um cara durão, e é um dos grandes nomes do judô brasileiro, ele nunca foi *Kodokan*, ele não era e nunca foi [...]” (NUNES, 2014, p. 16). Nunes, ainda, recorda de um comentário feito a ele por uma de suas fontes de pesquisa: de que não apenas se tratam de estilos diferentes (o judô *Kodokan* e a Budokan de Ogawa), como o professor tinha uma rixa com Jigoro Kano e que se referia ao fundador do judô como “aquele velho”, possivelmente um conflito oriundo do período do contexto relacional com o Imperador do Japão. De acordo com autor, “parece que o Ogawa chegou a dar aulas para o Imperador, mas o Jigoro Kano é que ficou de treinador do Imperador.” (NUNES, 2014, p. 16).

Vargas Neto (2022), ciente da problematização acima apresentada, discorda da fonte de Nunes (2014) e afirma:

Em entrevista com Hatiro Ogawa, filho de Matsuo Ogawa e neto de Ryuzo Ogawa, [...] hoje responsável pela academia Budokan, recebemos importantes informações sobre o seu avô e o desenvolvimento da Escola Budokan do Brasil. Ryuzo Ogawa conheceu Jigoro Kano em 1922 e como era praticante e conhecedor profundo do estilo de Jiu Jitsu, Kashima Shin yô Ryu, foi convidado por Kano, em 1923, para uma apresentação no Palácio Imperial de Tóquio, ao Imperador Taysho. Devido a esta apresentação, tornou-se muito conhecido do Judô como grande mestre daquele estilo e amigo de Jigoro Kano. (VARGAS NETO, 2022, p. 13)

É interessante que tanto Nunes (2014) quanto Vargas Neto (2022) tiveram contato direto com Hatiro Ogawa, mas com informações conflitantes quanto à relação do fundador da Budokan com Kano.

A relação de inimizade ou amizade de Ogawa e Kano, mas não resolve o fato de que a Budokan ocupa um papel de destaque nas normativas e universo técnico das práticas de um dos dojôs mais influentes do Rio Grande do Sul.

“Loanzi” saber judô ou não, assim como ter vinculação com Jigoro Kano ou não, são discussões muito relevantes para uma comunidade onde diversos praticantes da primeira geração já faleceram e seus alunos, com um vínculo sentimental muito presente, prezam pela escrita de um passado condizente com seus anseios e aquilo que possuem como estabelecido. A recepção de problematizações e, por vezes, críticas como as estabelecidas nos últimos anos, perpassam indivíduos diretamente envolvidos, assim como conflitam com sentimentos de respeito, admiração e gratidão que acabaram por gerar situações como visto contemporaneamente na escrita da história do judô no Rio Grande do Sul. Soma-se a este contexto, o complexo cenário de relações interpessoais da comunidade judoísta gaúcha.

Em termos críticos, é importante tomar cuidado para que os problemas de terminologia entre judô e jiu-jitsu - ocasionados por fatores diversos, como alteração de legislação japonesa, variação do período de imigração de japoneses, utilização dos termos como sinônimos pela mídia, dentre outros – não se tornem mais uma dificuldade de puritanismo marcial, onde se faz necessária a comprovação de vínculo com Jigoro Kano como validação da raiz da prática, do que efetivamente compreender a sua historicidade, que carrega em si os trânsitos entre as artes, caracterizando as escolas brasileiras. Não apenas uma questão local, mas de história global, onde o próprio Japão passou pela supressão de escolas de *jujutsu*, que tiveram continuidade de suas práticas, ou parte delas, em “novas” escolas de judô.

De todo modo, a comunidade gaúcha, tanto em Yano como em “Loanzi”, remetem a uma possível raiz *Kodokan* com Conde Koma, reforçada em Isogai (no caso de Yano) e incorporada com aspectos do “bushidô” com Ogawa¹⁷⁰ (no caso de Loanzi). E para além da periodização, é constatável que Takeo Yano esteve no Rio

¹⁷⁰ A Budokan é legatária do resgate do “Espírito do Japonês”, típico do contexto pós-Meiji, conforme visto no primeiro capítulo desta tese.

Grande do Sul, sua passagem é documentada, e a vinculação com a *Kodokan* tem, até certo ponto, subsídios nas fontes e contribuiu com a formação da modalidade no estado.

“Loanzi”, por sua vez, independente da formação, teve papel significativo na divulgação do judô enquanto modalidade, onde é amplamente citado em fontes dos anos 1950 e 1960, sendo o E.C. Ruy Barbosa um dojô de referência em prática nomeada de judô, com participação em competições estaduais e nacionais ao longo da década de 1950. Ainda, o Ruy Barbosa foi importante centro de formação/treinamento de judocas que levaram a modalidade para o interior do estado¹⁷¹ e “Loanzi” foi articulador e membro organizador do Campeonato Nacional de Judô em 1959, em Porto Alegre¹⁷².

É importante considerar que estudos de genealogia como o de Nunes (2011) permitem visualizar as diversas correntes que compõem o judô brasileiro, mas dificilmente conseguem perceber, dada a amplitude do espectro de análise, os microprocessos de interlocução entre o judô *Kodokan* e as inúmeras vertentes de *ju-jitsu*, seja nas esferas locais, seja nas originárias (no Japão). Apesar de tais limitações, são muito competentes em demonstrar em como estes processos são complexos e se confundem.

Quando reduz-se a escala de análise, a partir de um olhar micro-histórico, “Loanzi” permite uma percepção local deste universo macro de inter-relações entre judô e jiu-jitsu, que se integram, se fundem e dão nova forma a modalidades, que apesar do seu apego aos aspectos ditos tradicionais japoneses, possuem suas transformações e características regionais, formados destas misturas e das significações e ressignificações de uma cultura oriental em território de grande pluralidade.

“Loanzi”, nos anos 1950, se insere em um universo que já vinha sofrendo mutações e influências há décadas. Percorreu inúmeros estados e, até onde indicam os trabalhos clássicos, países. Os intercâmbios, adaptabilidade aos regramentos, divulgação do “judô”, trânsito de alunos, legado e aspectos de memória individual e

¹⁷¹ No caso da década de 1950, em Bagé (Tomam grande incremento em Bagé os esportes do ringue. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 263, sexta-feira, 09 de janeiro de 1959. p.10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023), dentre outros nas décadas seguintes, como Caxias do Sul (com Osvaldo Monteiro), Tramandaí, Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul e Encruzilhada do Sul (com Joel Guarilha, que já era graduado em jiu-jitsu antes de chegar ao RS, mas treinou judô no Ruy Barbosa). (VARGAS NETO, 2022, p. 18 e 20).

¹⁷² NUNES, Elcy. Prof. Loanzi: “êste será o maior campeonato brasileiro de judô”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, n° 184, 08 de outubro de 1959, p.13

coletiva, permitem remeter Aluizio N. Bandeira de Mello à raiz do judô gaúcho, sem necessariamente enquadrá-lo em divisões rígidas baseadas unicamente nos quase inexistentes registros de sua formação.

Invariavelmente, a Academia Ruy Barbosa, o professor Loanzi, seus legatários, assim como os demais membros da comunidade de judocas do RS, vieram a incorporar (ou seguir incorporando) o judô *Kodokan* às suas práticas. Dentre seus responsáveis, o primeiro após a consolidação da modalidade em Porto Alegre: Teruo Obata.

Fotografia 14 – Academia Ruy Barbosa, dojô prof. Loanzi. (aprox. 1960)



Fonte: Acervo de Wilson Jorge Escandiel.

Na foto acima, registro da década de 1960 no E.C. Ruy Barbosa, destaque para: professor “Loanzi” na extrema esquerda. No lado direito de “Loanzi”, Delamar. Terceiro em pé, da direita para a esquerda: Teruo Obata. No lado esquerdo de Obata: Cleto Alves Mendes. Na sucessão, ao lado de Mendes, Carlos Matias Pauli de Azevedo. Importante, referenciar também, visto às problematizações apresentadas, a imagem de Ryuzo Ogawa em pequeno quadro central.

Será explorado, na sequência, como o imigrante central desta pesquisa se integra a esta história do nascimento da arte suave no sul do Brasil, para isso, antes

são importantes algumas considerações. As contribuições acadêmicas acerca da história do judô no Rio Grande do Sul remetem ao ano de 1999. Nos últimos 23 anos, novas reflexões, dados e discussões surgiram, seja no meio universitário, seja em decorrência dele.

Pode-se considerar que a escrita da história da modalidade está ainda em seu início, visto que as produções acadêmicas clássicas produziram sínteses que deram conta de contextualizar seus trabalhos e que não tinham por objeto central de análise exclusivamente os períodos dos anos 1950 e 1960.

As reflexões de Jardim (2015), o trabalho de síntese de Boehl (2019) e o estudo de Vargas Neto (2022), dentre outros, possuem seus papéis nas discussões e complexificações deste processo formativo, mas ainda apresentam suas limitações, pois centram suas análises, sobretudo, em dois indivíduos: Yano e “Loanzi”.

Vargas Neto (2022, p. 11), quando cita a multiplicidade de espaços de judô que surgem a partir da década de 1950¹⁷³, permite o vislumbre de caminhos que podem ser tomados pelas pesquisas futuras, que ainda podem encontrar em Yano e Loanzi fontes de descoberta, mas que também devem se permitir percorrer estes outros espaços tão carentes de análise e que podem vir a se desdobrar em novas compreensões sobre o universo de relações e legados do judô no Rio Grande do Sul. Buscou-se, assim, neste subcapítulo, não apenas permitir aos leitores perceber o estado atual das discussões, com algumas contribuições de análise e subsídios de fontes, bem como instigar pesquisadores a explorar estes territórios ainda em aberto.

5.2 Sensei: Teruo Obata e sua inserção no judô gaúcho

Ainda que sejam diversos os aspectos que possibilitam a socialização e permanência de Obata no Rio Grande do Sul, sem dúvidas o judô foi um fator determinante em sua trajetória. De acordo com Vargas Neto (2022), em consonância com a narrativa de Escandiel (2023), a primeira interlocução de Obata com o judô no Rio Grande do Sul foi no Instituto de Cultura Física, localizada na Av. Getúlio Vargas, Porto Alegre, no bairro Menino Deus. O *kodansha* Wilson Jorge Escandiel, 69 anos,

¹⁷³ Instituto Porto Alegrense de Judô, Associação Cristã de Moços (ACM), Escola Militar, Ginásio Esparta, Sociedade Recreativa SORVES, Kurashiki (São Leopoldo), Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Sport Club Internacional, Academia Passo Fundo, etc.

o “tatuzinho”, lembra sobre o local e sobre seu início na prática do judô com apenas 6 anos, onde conta:

Meu pai, um certo dia, disse para mim: olha, hoje nós vamos conhecer um esporte que tem que usar quimono. Chama-se judô. Ele me levou pela mão, eu estava apreensivo, e quando cheguei lá no bairro do Menino Deus, uma academia de halterofilismo, famosa academia de halterofilismo do professor Arnóbio Sigaran – foi um famoso mentor, um cara forte, de poder aquisitivo muito alto, e era proprietário de várias residências, várias mansões no Menino Deus, e numa das casas tinha essa academia de musculação. Daí meu pai me levou nessa academia e no fundo dessa academia tinha um tablado lá, uma lona com esteira e meu pai disse: senta aí. Aí eu fiquei sentado quando ele foi botar o quimono. Quando eu cheguei lá tinha vários homens, só homens. Tinha o pessoal da polícia de choque. Porque quem descobriu o sensei Obata foi o Pedro *caçapa*, um policial do choque que andava pelo mercado [...]. Então aí eu sentado num banco, assim, de madeira, aqueles homens fortes de quimono, de repente me sai um japonês, *sensei* Obata, magrinho, fininho, elegantemente vestido, com quimono, [...], sempre falando em japonês, claro, não sabia falar em português, aí ele comandou o *taiso*, depois que todo mundo se fez o *taiso*, ele botou todo mundo sentado um do lado do outro, assim, e pegou um por um e [Escandiel bate vigorosamente os dedos da mão, algo que na linguagem coloquial indica batida] descambou o laço. Seoi-otoshi, tai-otoshi, de-ashi-barai. Aquilo me encheu os olhos. Foi como se um super-herói meu aparecesse na minha frente. Ele magrinho, japonês, derrubando aqueles homens todos. Aquilo me fascinou. Era aquilo que eu queria. Eu não queria ver aqueles homens monstros da luta livre. Eu queria ver aquilo ali. (ESCANDIEL, 2023)

As memórias de Escandiel são importantes historicamente por inúmeros aspectos: resgatam a interlocução entre esportes em um espaço de prática de halterofilismo, assim como o indivíduo Arnóbio Sigaram¹⁷⁴. Ademais, para além das características físicas e técnicas de Obata, permite rever um local de treinamento da primeira geração do judô gaúcho, assim como a informação por depoimento de um recurso de treinamento de indivíduos da polícia de choque do município. Portanto, tal rememoração pode servir de subsídio em diversos âmbitos da História do Esporte. De todo modo, volta-se a centralidade de análise a Obata.

É válido observar que a descoberta de Obata no mercado por Pedro “caçapa”, da polícia de choque - e a consequente condução do imigrante ao Instituto de Cultura Física, é uma informação que aparece nas memórias de Escandiel (2023). Também surge na cronologia de Rodrigues Junior (2018) e na obra de Vargas Neto (2022), mas não é presente nas produções de Noronha (2015) e Boehl

¹⁷⁴ Arnóbio Sigaran criou a primeira academia do estado, o ginásio Sparta, sendo posteriormente também fundador da Federação Gaúcha de Culturismo.

(2019). A turma do Instituto de Cultura Física, assim como os integrantes citados anteriormente, se encontra presente na foto que segue:

Fotografia 15 – Instituto de Cultura Física (08 de março de 1960)



Fonte: Acervo Pessoal de Wilson Jorge Escandiel

Na fotografia, Teruo Obata se encontra ao centro. A única criança da foto é Wilson Jorge Escandiel. Imediatamente ao lado de Obata, na direita, está Luiz Escandiel, o “tatu”, enquanto no lado esquerdo de Obata se encontra Pedro “caçapa” e, no grupo, também ajoelhado, Sr. Dante, da polícia civil.

Na sequência, em foto da história do judô gaúcho, Wilson Jorge Escandiel aparece projetando Teruo Obata, acompanhado dos senhores Pedro e Dante, também no Instituto de Cultura Física, em 1960.

Fotografia 16 – Wilson Escandiel projeta Teruo Obata (1960, Porto Alegre, RS)

Fonte: Acervo Pessoal de Wilson Jorge Escandiel

Escandiel (2023) narra que o referido grupo de judô permaneceu no Instituto de Cultura Física por um ano, quando Aluizio Nogueira Bandeira de Mello, o professor “Loanzi”, convidou Obata e a equipe para treinar no Esporte Clube Ruy Barbosa. A transição de espaço para a realização do judô se apresenta como mais um ponto complexo na construção da biografia de Obata. Primeiramente, deve-se levar em consideração que a datação das fotos de Escandiel apontam o início de 1960 como período de docência de Obata em Porto Alegre. Escandiel (2023), por sua vez, comenta que um ano após seu ingresso no judô, sua turma foi treinar no

Ruy Barbosa, ou seja, no ano de 1961. A cronologia de Rodrigues Junior (2018) indica o ano de 1962 para o episódio, ao passo que é afirmado por Vargas Neto (2022, p. 16) que “[Teruo Obata] em 1964, foi contratado pelo Professor Loanzi para dar aulas na Academia Ruy Barbosa, levando ainda seu numeroso grupo de alunos, entre os quais Luiz Escandiel e seu filho Wilson Jorge”.

Em pesquisa nos jornais do período, foi encontrada a seguinte notícia de 30 de abril de 1964¹⁷⁵:

[...] Outro assunto de grande interêsse para os pupilos do prof. Loanzi e simpatizantes do esporte do tatami, é a presença, já para êste ano, do renomado Prof. Obata, um dos maiores conhecedores da técnica judoística do Brasil. Naquela Academia, o referido Prof. será o encarregado de ministrar as aulas diárias, o que até a presente data, vinha sendo feito, com grande esforço, sòmente pelo Prof. Ubirajara Custódio. A presença do renomado Prof. Obata, é sem dúvida alguma, um motivo de grande júbilo para os simpatizantes do judô, já que o mesmo tem além de um 2.0 ano no judô, títulos honrosos no caratê, sumô, luta-livre e tantos outros galardões do esporte pugilístico japonês. (Judô: “Academia Prof. Loanzi” em franca atividade este ano. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 18, n° 4658, 30 de abril de 1964, p. 11¹⁷⁶)

A notícia acima confirma a contratação de Obata no Ruy Barbosa, todavia, não há elementos suficientes para afirmar como acontece a transição do biografado para a academia de ‘Loanzi’. Escandiel (2022), conforme visto anteriormente, informa que o deslocamento de sua equipe acontece já em 1961. Há, aqui, um lapso temporal de 3 anos. Todavia, não se trata exatamente de um problema.

Por meio do cruzamento entre as informações recolhidas em fontes escritas e registros orais, é possível inferir que Obata chegou ao Brasil em 1959. E, nos anos 1960 já ministrava aulas de judô em Porto Alegre, lecionando no Instituto de Cultura Física e, entre 1961 e 1964, ocorreu a transição de sua equipe para o Ruy Barbosa, onde em 1964 se tornou instrutor contratado.

As obras clássicas e cronologias produzidas possuem suas limitações e não dão conta de explicar como ocorreu a incorporação de Obata ao Ruy Barbosa. Apenas dois autores, que utilizam uma entrevista em comum com o imigrante, citam elementos a serem considerados com a devida atenção: Boehl e Noronha.

Walter Boehl (2018, p.67), além da divergência quanto à chegada de Obata em Porto Alegre (1960), afirma que o mesmo teria se dirigido em um primeiro

¹⁷⁵ Anexo G, p. 208.

¹⁷⁶ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: out. 2023.

momento para Viamão e lá ficou sabendo de uma competição de Sumô. Fez sua inscrição no torneio, onde os atletas Delamar Teixeira, Cleto Alves Mendes, Gilberto, Praia e outros do Esporte Clube Ruy Barbosa também participaram. Ao derrotar os lutadores do professor Loanzi, dentre outros, Obata se tornou o primeiro campeão gaúcho de sumô. O expressivo resultado de Obata na competição teria despertado o interesse de Loanzi que o convidou para dar aulas no Ruy Barbosa, sendo o convite prontamente aceito, indo Obata morar na academia e dar aula o dia inteiro. Noronha (2015, p. 28) acompanha a versão de Boehl e traz a informação que a competição ocorreu na academia Classic, em Sapucaia, sendo vencida por Obata devido ao alto grau de polimento técnico, ainda afirma que foram os atletas que convidaram aquele para treinar na Ruy Barbosa e não cita nada de proposta de emprego por Loanzi.

Tal fragmento da história de Obata trazida por ambos os autores possuem limitações, apesar das contribuições que apresentam. Deve-se observar que ambos usam a mesma fonte, mas com narrativas diversas. Assim, foi necessário buscar mais fontes para contribuir com a discussão e verificar aspectos que possam contribuir não apenas com a percepção da trajetória de Obata, como com a história do universo em que ele se encontrava inserido.

O jornal *Diário de Notícias*, do dia 11 de junho de 1961, noticia o “primeiro torneio de Sumo no RGS”. O texto incide em algumas dúvidas, suposições e esclarecimentos, valendo ser analisada em diversos aspectos. Inicialmente, apresenta-se a data e local do evento, onde é dito:

Tendo por sede as magníficas dependências do Lanifício Kurachiki S.A – conceituado estabelecimento industrial do município de Esteio, realizou-se no dia 28 de maio, último domingo, o primeiro certame de SUMO dentro do Rio grande do Sul. [...] Competiram as seguintes equipes: Pôrto Alegre, Gravataí, São Leopoldo, Viamão, Guaíba e Lami. (AVELINE, Jorge. Primeiro torneio de Sumo no RGS. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, ano 37, n° 84, 11 de junho de 1961, p. 18¹⁷⁷)

O Lanifício Kurashiki, onde ocorreu o evento citado, localiza-se, hoje, em Sapucaia do Sul. Tal município, entretanto, não existia na altura do primeiro torneio de sumô. Sapucaia era um distrito de São Leopoldo que foi emancipado em 20 de agosto de 1961. Tanto o distrito de Sapucaia, como o município de Esteio fizeram parte do 7° distrito de São Leopoldo, sendo atualmente municípios limítrofes. Não

¹⁷⁷ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: out. 2023.

há, portanto, significativo distanciamento espacial entre a coluna do *Diário de Notícias* e a narrativa de Noronha (2015). Quanto ao local do torneio, pode-se deduzir que o conflito entre o texto de Noronha (2015) e o jornal se dê por problema de transcrição ou escuta da parte do pesquisador, tendo em vista que o nome do lanifício deve ter sido pronunciado por Obata da mesma forma que a grande parte dos nipônicos, utilizando o silabário *katakana*, pronunciaria a palavra inglesa *classic*: “ku, ra, shi, ki”.

Em complemento à análise, por se tratar de um jornal de Porto Alegre e uma coluna escrita por Jorge Aveline, a notícia dá destaque à equipe que representou a capital, “todos integrantes do tatame do Esporte Clube Rui Barbosa, sob direção do prof. Loanzi”. Competiram: Cleto [Alves Mendes], Delamar [Teixeira da Silva], Issao (?) (capitão), Rafael H, [Ricardo] Gaston. Não consta na notícia a participação de outros atletas do Ruy Barbosa, mas observa-se que há de fato a participação dos judocas de “Loanzi” na primeira competição de sumô no estado, assim como coincidem as informações da participação de Delamar Teixeira da Silva e Cleto Alves Mendes. Ainda, o eventual convite dos lutadores da capital à Obata neste torneio coincidiria com a narrativa de Escandiel (2023) sobre o período de transição do imigrante para o Ruy Barbosa.

Por fim, mas não menos importante, é informado o campeão absoluto, assim como seus oponentes, e a equipe campeã geral (Viamão). No primeiro caso, o vencedor geral foi um indivíduo de nome Fuke, inclusive nomeado como “judoista”. Aqueles que o enfrentaram para a disputa do título foram: Abe, Fujita e mais um lutador cujo nome a qualidade do microfilme analisado não permitiu compreender¹⁷⁸. Constata-se, assim, que apesar de todas as proximidades da notícia com a narrativa de Bohel e Noronha, não se confirma neste trecho qualquer indicação de Obata como campeão gaúcho geral no 1º torneio de sumô do Rio Grande do Sul.

Quanto aos campeões por equipes, foi vencedora a representante de Viamão, justamente a localidade que Bohel e Noronha indicam como onde Obata ficou sabendo do torneio. Ainda, citam-se os integrantes: Kimula, Abe, Niho, Kobata e Udon. Infelizmente, não sendo possível identificar os indivíduos no microfilme e sendo “Kobata” um sobrenome ainda mais comum que “Obata” nas listas de

¹⁷⁸ Algo como “Fulusio”.

imigração¹⁷⁹, não é possível afirmar que tal campeão por equipes fosse ele, podendo se tratar de um erro de grafia no nome. De todo modo, se assim o fosse, confirmar-se-ia um presumível título de campeão gaúcho [por equipes]. Ainda, caso de fato seja outra pessoa, citam-se também equipes de outras localidades, como o Lami, onde Obata poderia estar inserido. Independente da precisão de alguns dados, a narrativa de Noronha e Boehl encontram eco em fonte histórica, sendo plausível em diversos aspectos, dentre eles o cronológico, este encontro de Obata com os judocas do Ruy Barbosa em um ambiente de combate.

A supracitada competição, além de um cenário de análise importante para compreender a trajetória de Obata, é um elemento rico para a escrita da história da imigração japonesa no estado do Rio Grande do Sul. Um evento esportivo de luta japonesa, englobando equipes de nipônicos de diversas localidades da região metropolitana, realizado nas dependências de um lanifício de imigrantes, é um demonstrativo, já no início da imigração japonesa no estado, do papel do esporte enquanto elemento de socialização com o brasileiro (vide equipe de “Loanzi”), entre os próprios imigrantes das colônias e comunidades japonesas, assim como componente de manutenção de determinados padrões culturais que os identificam enquanto pertencentes a um grupo étnico específico. Além da etiqueta e ritualística própria do sumô, na premiação, conforme informado em notícia, buscou-se manter os “aspectos tradicionais”, onde foram dados troféus, medalhas, garrafas de vinho e sacos de adubo.

Outro aspecto a ser considerado é que na notícia anteriormente citada sobre a contratação de Obata no Ruy Barbosa em 1964, é dito que o professor era possuidor de títulos honrosos, dentre eles na modalidade sumô.

Dando sequência ao período que corresponde aos primeiros anos de Obata integrado ao esporte da capital gaúcha, há registro da participação do imigrante como membro da seleção brasileira no *Torneo Confraternidad de Judó*¹⁸⁰. No período, as distâncias e seletivas eram mais penosas, de modo que o Brasil foi representado integralmente por uma equipe gaúcha. Saíram de Porto Alegre rumo a Montevideo, com parada para dormir na estação de trem Santana do Livramento:

¹⁷⁹ 74 “Kobata” frente a 46 “Obata” no sistema de busca do Museu História da Imigração Japonesa no Brasil, em 14 de setembro de 2023.

¹⁸⁰ Boehl (2018) afirma que foi em 1961 ou 1962. De acordo com Vargas Neto (2022, p. 23), realizado no Clube Bohemios, em Montevideo.

Justino Viana, Teruo Obata, Cleto Alves Mendes, Luiz Escandiel (Tatu), Ubirajara Duarte Custódio (Bira), Aluizio de Mello (Loanzi), Santos e Gilert. (Boehl, 2018, p.67)

Sobre a competição, alguns detalhes, como resultados e estrutura, são narrados por Walter Boehl:

Na época, não havia divisão de peso. Eram cinco lutas. O primeiro combate foi entre Brasil e Uruguai, vitória brasileira. A final contra os argentinos, o professor Loanzi trocou o Cleto e Tatu de posições e deixou o Obata na posição cinco. Na última luta, o Brasil estava com a desvantagem no placar. A Argentina tem duas vitórias contra uma brasileira. Obata pega um portenho com mais de 120 quilos e consegue um empate milagroso, mas não o suficiente para conquistar o título. (BOEHL, 2018, p.67)

Com o término da competição, teria havido um princípio de conflito entre “Tatu” e Cleto Alves Mendes, pois a equipe tinha recebido apenas 5 troféus de prata, ficando “Tatu” sem premiação. Por julgar que Cleto Alves Mendes não merecia ter recebido, por ter perdido, teve uma discussão que resultou em Obata dando seu troféu a “Tatu” para apaziguar a situação. (BOEHL, 2018, p.67)

Na imagem a seguir, o uruguaio Nelson Sanches (de joelhos à esquerda) recebe a equipe brasileira e os troféus de 2º lugar da competição em seu dojô.

Fotografia 17 – Equipe brasileira do *Torneo Confraternidad de Judó* (1962)



Fonte: Acervo Pessoal de Wilson Jorge Escandiel

De acordo com Escandiel (2023), na fotografia, em pé, da esquerda para a direita: Ubirajara Duarte Custódio (Bira), “Russo”, “Süffer”, Cleto Alves Mendes e Luiz Escandiel (Tatu). De joelhos, da esquerda para a direita: Nelson Sanches, Justino Viana e Teruo Obata.

A atuação no Instituto de Cultura Física em 1960, possível competição de sumô em 1961, seleção brasileira em Montevideu, contratação no Ruy Barbosa em 1964. A década de 1960 ainda reservou outros espaços de protagonismo de Obata no cenário do judô gaúcho. Vargas Neto (2022, p. 16) comenta que após algum tempo a contar da contratação de Obata no Ruy Barbosa, ele ministrou aulas no Círculo Social Israelita. Apesar de não haver uma clareza em termos de datação, o Diário de Notícias de 22 de setembro de 1967 (p.10) traz a convocação de juizes, dentre eles Teruo Obata – C.S. Israelita, para o Campeonato Citadino Infante-Juvenil de Judô, realizado em 23 e 24 do mesmo mês no Ginásio Concórdia, indicando a atuação do imigrante nesta sede social de judeus já no início da segunda metade da década de 60.

No final da década, em 1969, Obata aparece integrado a um dos mais simbólicos e importantes eventos na história do judô no estado: a fundação da Federação Gaúcha de Judô.

Durante o período de formação do judô gaúcho nas décadas de 1950 e 1960, a modalidade esteve vinculada à Federação Rio-grandense de Pugilismo (FRGP). Narra Maduro (1999, p.39) que a FRGP era dirigida por Moacir Dorneles, “o Tarzan Mirim”, e a instituição era responsável por diversas modalidades para além do boxe inglês, como o sumô, a luta-livre e o judô, sendo este último o seu principal departamento. Com a justificativa de que os recursos do judô estariam sendo repassados para outras modalidades, os dirigentes, como Ricardo Gaston, teriam visto a necessidade de uma federação específica. A estratégia, no entanto, seria antes de fundá-la, eleger “Loanzi” como presidente da FRGP, pois Moacir Dorneles não facilitaria a perda de tão importante departamento.

A eleição de Aluizio N. Bandeira de Mello de fato ocorreu para a presidência da FRGP. A posterior criação da Federação Gaúcha de Judô, em 1969, não foi, tampouco, livre de disputas e de conflitos de interesse. Criaram-se dois grupos que divergiam quanto à liderança, um que tinha por representante Ricardo Gaston e

outro o próprio prof. “Loanzi”. Cenário que não resultou em uma eleição, mas na fundação de duas federações de judô.

A primeira ata de criação a ser redigida, ocorreu no dia 11 de março de 1969. Não apenas Obata lá estava, como a reunião ocorreu no Círculo Social Israelita, rua João Telles, nº 508, espaço de atuação do professor, como visto anteriormente. Na sede, “reuniram-se os dirigentes das Sociedades Gondoleiros e Vila América, do Círculo Social Israelita e dos Judôs Clubes Portoalegrense e metropolitano” (FGJ, Ata I, p. 1, 1969)¹⁸¹.

Após um mês da fundação da FGJ, no dia 24 de abril de 1969, foi fundada por “Loanzi”, com o apoio de entidades como Sogipa, E.C. Ruy Barbosa e Judô Clube Pelotense, a Federação Riograndense de Judô. Sobre sua continuidade, é dito: “esta federação não teve êxito e foi dissolvida em seguida, ficando acordado entre os grupos que não haveria entidades rivais e sim uma única Federação que aglutinaria, inclusive em seus postos de diretoria, integrantes das duas facções”. (MADURO, 1999, p. 40).

A atual Federação Gaúcha de Judô (FGJ) é a mesma criada na sede do Círculo Social Israelita, em 11 de março de 1969. Ainda que houvessem alguns motivos formais que atrasaram o reconhecimento da mesma frente a Confederação Brasileira de Judô¹⁸², episódio que ocorreu apenas em 4 de setembro de 1970, a comunidade do judô gaúcho considera a ata de fundação como o elemento simbólico para as comemorações de aniversário.

Não restam dúvidas nos escritos contemporâneos que a FGJ teve importante papel na promoção da modalidade no estado do Rio Grande do Sul. Naquilo que tange sua equipe diretiva, é válido comentar que Obata foi o único dirigente japonês

¹⁸¹ Federação Gaúcha de Judô. **Ata N° 1**. Porto Alegre, 11 de março de 1969.

¹⁸² Maduro (1999, p. 43) afirma que o argumento utilizado por Ricardo Gaston é que estavam incluídas as modalidades de karatê e sumô nos estatutos da FGJ, elemento que precisou ser retirado para a aprovação frente a Confederação Brasileira.

na nominata¹⁸³, mais um aspecto relevante para compreender a estruturação do judô gaúcho em seus primórdios.

Quanto aos elementos de legado técnico de Obata na esfera esportiva gaúcha, são dois os pontos mais citados nas obras e memórias analisadas: o ensino do judô *Kodokan* e a difusão dos *Katas*.

No que diz respeito ao “ensino do judô *Kodokan*”, a formação de Obata, assim como sua certificação na *Kodokan*, foram apresentadas no primeiro capítulo desta pesquisa. A discussão acerca da introdução do judô no Rio Grande do Sul foi analisada em seus pormenores na primeira fase deste capítulo, com suas versões e controvérsias, não sendo adequada a síntese neste momento dada a sua complexidade. É válido considerar que foram perpassadas análises contextuais, de terminologia e interpretações que podem, inclusive, legar a Obata a titularidade da introdução do judô no Rio Grande do Sul. Todavia, percebeu-se que as reflexões contemporâneas e desta própria pesquisa não conduzem a tal caminho interpretativo. De todo modo, Obata é reconhecido por trazer uma série de características, nomenclaturas e metodologias próprias do judô japonês que contribuíram para moldar a “arte suave” no sul do Brasil ou, como afirmado por Flávio Vanni Pereira (2023), “refinar” o judô gaúcho.

Quanto ao segundo ponto, Vargas Neto (2022, p.16-17) intitula Obata de “o grande mestre e incentivador da prática dos diferentes Kata”. Em termos de definição técnica, Jigoro Kano (2008, p.25) aponta que são dois os aspectos principais do treinamento de judô: o desenvolvimento do corpo e o treinamento das formas de ataque e defesa. Para que se atinjam os propósitos, existem dois treinamentos principais: o *kata* e o *randori*. Sobre o primeiro, define a obra “Judô Kodokan (2008)”:

¹⁸³ A saber: Ricardo Rodrigues Gaston (Presidente); Zilmar Medeiros Albuquerque (Vice-Presidente); Mauro Calichio, Cloé Gomes Rodrigues, Vinícius Dias Garcia, Feliciano Augusto Dornelles da Silva, Eron Araújo e José Silveira (Membros do Tribunal de Justiça Desportiva); Liege Cândida Barreto, Joel Paladino e Marino Abrahão (Membros suplentes do Tribunal de Justiça Desportiva); Salomão Aguiniski, Emílio Felício dos Santos, Cleon Guatimozin, Milton Pozzolo de Oliveira, Euribiades Alexandrino Benites (Membros do Conselho Superior); Teruo Obata e Wilson Batalha (Membros suplentes do Conselho Superior); Loreno Leonel Tonin, Norton Romeu, Garcia Bergonzi e Afrânio Sanches Loureiro (Membros do Conselho Fiscal); Edgar Irio Simm, Willy João Schiling e Ton Camilo Stephon Sobrinho (Membros suplentes do Conselho Fiscal); Edson Cássia (Secretário Geral); Alsina Montersini (1° Secretária); Cláudio Nunes Souza (2° Secretário); Gunther Schinke (1° Tesoureiro); Franci Ponce (2° Tesoureira); João Graf Vassaux (Diretor Técnico).

O *kata*, palavra que significa “forma”, é um sistema de movimentos preestabelecidos que ensina os fundamentos do ataque e da defesa. O *kata* inclui técnicas para bater, chutar, apunhalar e várias outras, além de usar os movimentos de arremessar e segurar o oponente, que também são praticados no *randori*. Essas técnicas são praticadas apenas no *kata*, porque somente nesse sistema os movimentos são preestabelecidos e cada participante sabe o que o outro fará. (KANO, 2008, p.25)

Os *Kata* tradicionalmente ensinados na *Kodokan* são: *Nage no Kata* (formas de arremesso), *Katame no Kata* (formas de agarramento), *Kime no Kata* (formas de decisão), *Kodokan Goshin Jutsu* (formas de autodefesa Kodokan), *Ju no Kata* (formas de gentileza), *Itsutsu no Kata* (as cinco formas), *Koshiki no Kata* (formas antigas), *Seiryoku Zen'Yo Kokumin Taiiku no Kata* (*kata* de educação física nacional de máxima eficiência) (KANO, 2008, p.149)¹⁸⁴.

Não está claro nas entrevistas e obras até então produzidas quais os *kata* especificamente foram ensinados por Obata. Cid Corrêa Rodrigues Jr. (2018) pontua que nos anos 1960 Obata teria começado a ensinar *Nage no Kata* e *Kime no Kata* e em notícia do *Pioneiro*, de 10 de junho de 1978, é descrito:

O Departamento de Judô do Recreio da Juventude promoveu no último fim de semana a vinda a Caxias de uma delegação da Federação Gaúcha de Judô, entre os quais o diretor técnico Antônio Shiminoto e professor Obata. A delegação foi recepcionada pelo responsável técnico Darcy Mandelli e pelo auxiliar, Voltaire Chaves Camargo. Na sede esportiva do Recreio da Juventude, os visitantes ministraram aula prática aos judocas do clube esmeralda. A aula de nage na Kata, milenar técnica japonesa de judô. O nage na Kata é uma das formas mais primitivas do judô, que recolheu e codificou todos os seus ensinamentos. Essa forma é imutável há mais de mil anos. Os encarregados do Depto. de judô do Recreio da Juventude, aliás, realizam atualmente um curso de nage na Kata, em Porto Alegre, destinado a aspirantes à faixa preta. O curso é ministrado pelo professor Obata. No dia 11 de junho, cerca de 50 judocas do Recreio da Juventude estarão participando do 1º Campeonato Municipal de Judô, categorias mirim até juvenil. As exibições do Campeonato serão realizadas no Ginásio Pedro Carneiro Pereira. O Campeonato faz parte da programação Semana de Caxias. (Judocas em Caxias do Sul. **Pioneiro**, Caxias do Sul, ano 30, nº 62, 10 de junho de 1978, p.60)¹⁸⁵

Para além dos aspectos históricos, contestáveis em diversos pontos e escritos dentro de um viés romântico ou de mercado, verifica-se que o *Nage no Kata*

¹⁸⁴ Existem outras variações de tradução para os *kata*. Neste caso, foram mantidas as opções de termos utilizadas por Wagner Bull, responsável pela tradução da obra *Judô Kodokan* (2008) para o português. No passado recente, um novo *kata* foi adicionado a lista de formas ensinadas: o *Kodomo no Kata* (forma das crianças, em tradução livre), conforme MESSNER, Nicolas. The IJF Releases the new Version of the Kodomo-No-Kata. 2020. Disponível em: www.ijf.org/news/show/new-version-kodomo-no-kata, acesso em 03 de outubro de 2023.

¹⁸⁵ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: out. 2023.

não apenas era ensinado por Obata, como já nos primeiros anos da FGJ se apresentava como elemento fundamental na formação de faixas pretas. Ainda, é interessante observar que a notícia evidencia a transposição da fronteira municipal e metropolitana pelo imigrante, que em 1978 ministrava cursos na serra gaúcha. Trânsitos importantes onde é possível vislumbrar não apenas um contributo, mas um importante mecanismo de difusão da cultura nipônica no estado do Rio Grande do Sul: as formações em Artes Marciais.

Fotografia 18 – Obata ministra curso de *Nage no Kata* em Caxias do Sul (1978)



Fonte: *Pioneiro*, Caxias do Sul, ano 30, n° 62, 10 de junho de 1978, p.60.

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Hemeroteca Digital)

Teruo Obata para além do Instituto de Cultura Física, Ruy Barbosa, Círculo Social Israelita e das atividades promovidas pela Federação Gaúcha de Judô, ocupou outros espaços enquanto judoca nos anos 1960 e 1970, como o Leopoldina Juvenil (Bohel, 2018, p.68), a Associação Cristã de Moços (ACM) e a Brigada Militar

(Rodrigues Júnior 2018) e a Stylo (Ribeiro, 2022). Contudo, dentre os locais por onde passou e ministrou aulas de judô, há um frequentemente lembrado pelo impacto que causou no cenário do judô metropolitano na época e pelo vínculo inerente a Obata: o Tokyo Esporte Clube.

5.3 Tokyo Esporte Clube: o dojô como espaço de partilha

Com a gradual adaptação nas dinâmicas da cidade, assim como significativa inserção no meio esportivo, passando por importantes espaços de prática que delineiam o surgimento do judô no Rio Grande do Sul, Obata fundou seu dojô próprio para a prática da arte de Jigoro Kano: o Tokyo Esporte Clube¹⁸⁶.

De acordo com Boehl (2018, p.68), depois de anos ensinar no Círculo Social Israelita e no Leopoldina Juvenil, em 1964, Obata fundou o “Clube Tokyo de Judo”, localizado na avenida Osvaldo Aranha, número 138, em frente ao prédio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

As narrativas e fontes dos anos 1960, conforme visto anteriormente, permitem perceber Obata devidamente inserido nas dinâmicas do judô gaúcho ao longo dos anos 1960. Ainda, é narrado por diversos estudiosos, alunos, familiares, assim como pelo próprio Obata, subsidiado em fontes que serão vistas no decorrer deste trabalho, que de fato o professor fundou seu próprio dojô, mas diferentemente da notícia de contratação do imigrante no Ruy Barbosa em 1964, da vinculação ao Círculo Social Israelita na convocação do Juvenil em 1967 ou da sua participação na fundação da FGJ, não foram encontrados documentos ou notícias da fundação da academia. Ainda assim, com o amparo das memórias coletadas dos praticantes de judô do período (1960-1970), e as próprias vinculações de Obata a outros espaços nos anos 1960, é possível afirmar que existem fortes indicativos de que a datação apresentada por Boehl para a fundação do que ele chamou de “Clube Tokyo de Judo” esteja equivocada.

Em entrevista realizada com Vargas Neto (2023), o professor comenta que a Tokyo de Obata teria sido criado por volta de final de 1970 ou 1971, durando apenas uns 3 ou 4 anos. Após tal afirmação, foi reiterada a pergunta: - “o senhor então não tem memória que tenha existido a academia Tokyo em 64, 65?”. Ao passo que foi categoricamente respondido pelo professor: - “de jeito nenhum! Isso eu asseguro!”

¹⁸⁶ Tokyo Esporte Clube (Schreiner, 2023) e (Philips, 2022); Tokyo Judo Clube (Escandiel, 2023), (Osório, 2022) e (Vargas Neto, 2022); Clube Tokyo de Judo (Boehl, 2010).

Exclamação repetida algumas vezes, seguida da afirmação de que viu a criação da academia Tokyo. Para subsidiar sua certeza, cita que a senhora Franci Ponce¹⁸⁷ era secretária da FGJ na sua fundação (1969) e, posteriormente, no ato da inauguração da Academia Tokyo de Judô, redigindo a ata de fundação. Portanto, já nos anos 1970.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa, em sua totalidade, remetem aos anos 1970 e indicam que o local, sem dúvidas, tratou-se não apenas de um importante espaço de treinamento, mas também de socialização que nos permite compreender práticas e dinâmicas da comunidade japonesa na cidade.

Sobre o local, Jorge Moyses Schreiner (2023), 67 anos, aluno de Obata nos anos 1970, recorda que era um casarão humilde em frente a escola de engenharia da UFRGS. Dr. Moyses, conforme conhecido pela comunidade do judô, é lembrado por Rodrigues Junior (2022) e Ribeiro (2022) como possivelmente um dos alunos preferidos de Obata, se não o maior deles, assim como o mais técnico. Ao ser questionado sobre suas lembranças sobre seu local de treino, Schreiner (2023) rememorou sua trajetória. Natural de Carazinho (RS), fez judô ainda no primário com um inspetor de polícia cujo nome não recorda, mas que o incutiu o interesse pela arte marcial. O ensino secundário fez em Porto Alegre, no colégio Rosário, e foi neste contexto que teve contato com Obata. Comenta que morava perto da Redenção e por pouco mais de um mês fez judô em uma academia que ensinava judô e karatê nas proximidades.

Certo dia¹⁸⁸, ocasionalmente, em passagem pela Osvaldo Aranha, passou em frente a academia de Obata, onde leu “Tokyo Esporte Clube”. Ao parar para assistir, ficou impressionado com aquilo que observou: um japonês ministrante, faixa preta, com um grande número de japoneses treinando, e ainda que em um dojô pequeno, uma turma altamente compenetrada. Impressionou-se, sobretudo, pela riqueza de detalhes técnicos nas explicações de Obata, como a posição dos pés e das mãos na execução dos golpes de projeção. Perguntou se poderia iniciar o treinamento com eles, sendo prontamente autorizado. Ainda sobre o local, para além da humildade do casarão de madeira, recorda que o dojo não era muito grande. Ao entrar havia um corredor e na direita já se encontrava o dojô. Os tatames eram tipo “palha” e

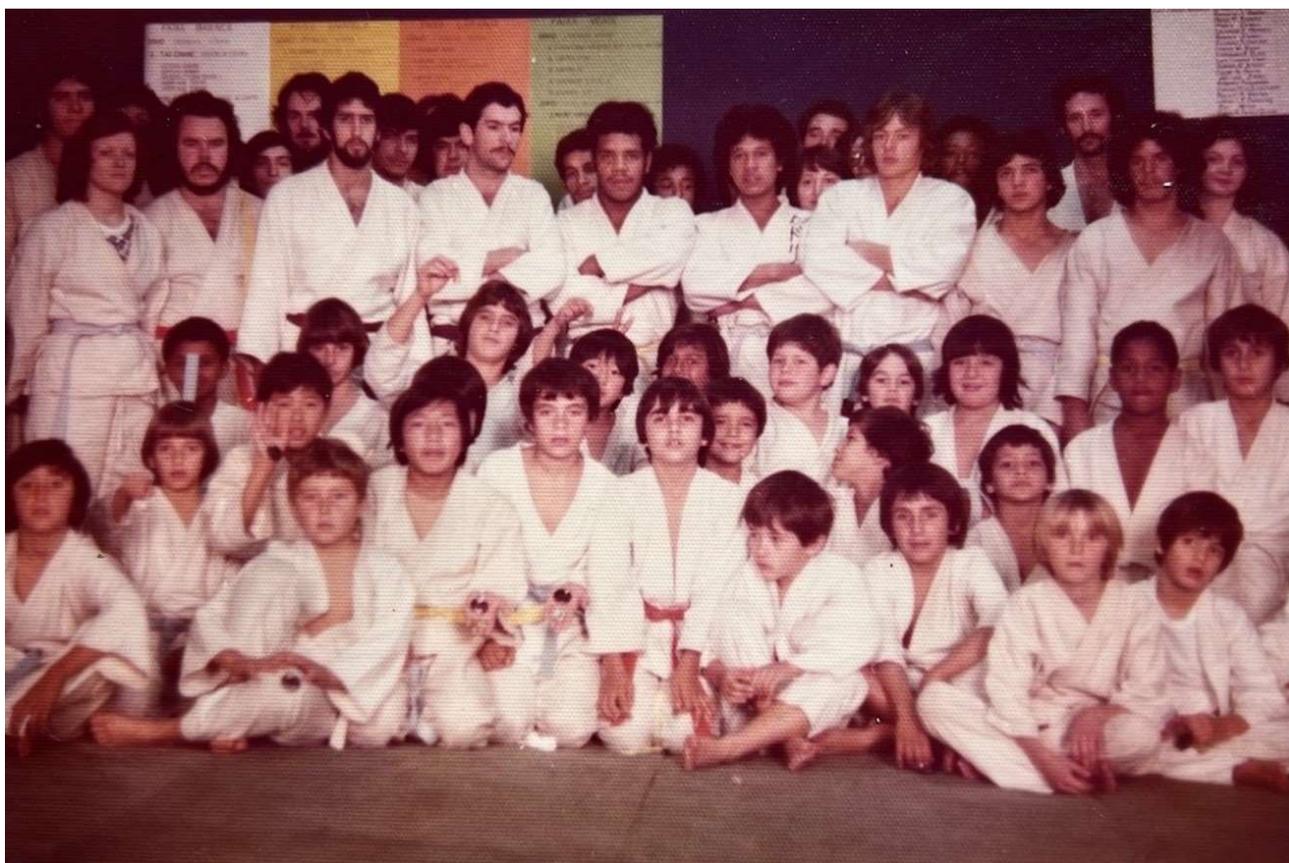
¹⁸⁷ Na ata de fundação de FGJ, Sra. Franci Ponce, declarada desquitada e funcionária pública, assina como uma das representantes, junto com Ricardo Rodrigues Gaston e outros, do Judô Clube Metropolitano.

¹⁸⁸ Schreiner (2023) não recordou exatamente o ano, mas inferiu ter sido em 1973.

revestidos de lona verde. Era um quadrado pequeno onde treinavam todos. As dimensões, inclusive, permitiam apenas que 2 duplas, em média, lutassem por vez.

Nas paredes, havia cartazes com as cores das faixas e aquilo que era necessário saber em cada uma, um recurso pedagógico interessante, tendo em vista a origem japonesa de Obata e narrativas contemporâneas quanto à metodologia tradicional das Artes Marciais. Passando o dojô, em direção aos fundos, havia uma pequena academia de musculação com pesos, saco de pancada e *makiwara*¹⁸⁹. Na sequência do corredor, chegava-se à residência de Obata. Na imagem que segue, podem-se ver os citados cartazes coloridos, assim como uma parcela dos judocas do Tokyo.

Fotografia 19 – Tokyo Esporte Clube (Aprox. 1980, Porto Alegre, RS)



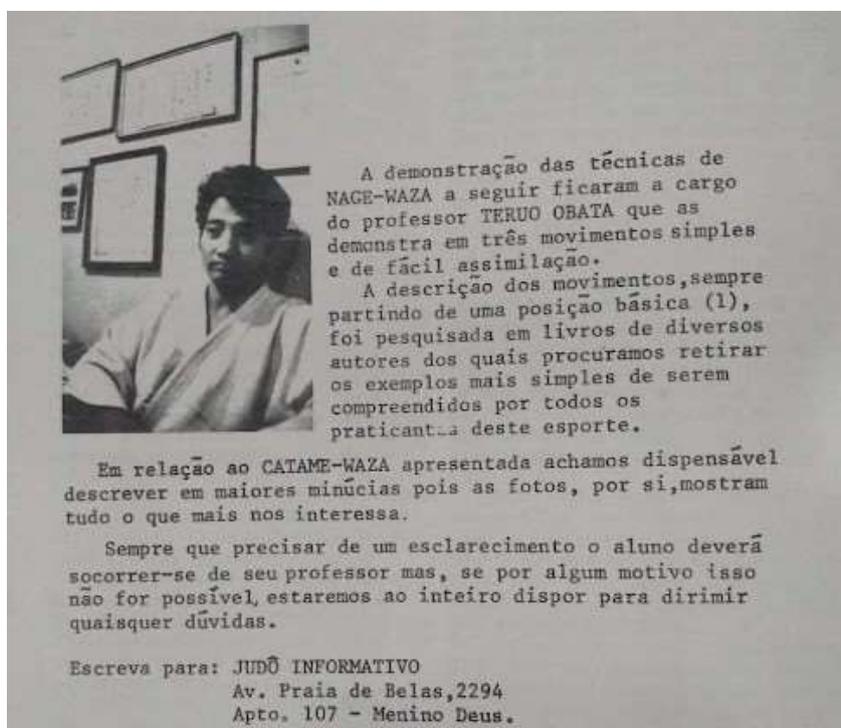
Fonte: Acervo Pessoal de Jorge Moyses Schreiner

¹⁸⁹ Japonês: a tradução literal é “palha enrolada”. Trata-se de um instrumento muito comum nas Artes Marciais que usam técnicas de pancada, como socos e chutes, (*atemi-waza*). Tem escopo semelhante ao saco de boxe, servindo para condicionar o corpo. Seus modelos mais difundidos são o *shuri* (tábua chata de madeira com alvo na altura do osso externo), *naha* (semelhantes ao anterior, mas com altura diversa para possibilitar golpes mais baixos) e *ude makiwara* (arrendado para permitir golpes laterais). De acordo com Schreiner (2023), o modelo da Tokyo era o *shuri*.

Em entrevista com João Osório Marques Ribeiro (2022), o *kodansha* de 71 anos recorda do espaço como importante centro de confluência de judocas e japoneses. Ribeiro comenta que começou o judô na Associação Cristã de Moços do Rio Grande do Sul (ACM), no final de 1968, com o professor faixa roxa Francisco Xavier de Vargas Neto. Recorda que nos anos 1970, um elevado número de judocas se encontrava aos sábados na Tokyo para diversos tipos de treinamentos.

Obata instruía no universo técnico do judô pela manhã, onde também aconteciam *randoris*, e de tarde ensinava *mokuso*¹⁹⁰, primeiro socorros, redução, acupuntura, os *kata* e também outras Artes Marciais, como o kendô. Ao avançar da tarde, Ribeiro (2022) relembra que por vezes, após um pouco de sakê, *sensei* Obata sentava sobre a mesa e entoava cantigas em japonês e traduzia simultaneamente. A dita mesa também foi lembrada por Schreiner (2023), ao comentar que era nela que Obata esperava seus alunos na entrada do dojô, momento eternizado em publicação de distribuição local, conforme fonte abaixo:

Fotografia 20 – Tokyo Esporte Clube (II) (Aprox. 1980, Porto Alegre, RS)



Fonte: Judô Informativo.

A imagem cedida por Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski

¹⁹⁰ Japonês: contemplação silenciosa, meditação.

Escandiel (2023) também relata com emoção a academia e suas dinâmicas, rememora:

A Tokyo ele formava, assim, bons lutadores. Samurais, assim mesmo, obedientes. [...] que lindo como era aquilo. E vinha japonês de Ivoti, que faziam sumô, mas eram amigos do *sensei*. [...] Então aos sábados de manhã ninguém era obrigado a ir, mas o *sensei* dizia: - sábado treino aqui no dojô!. Ficava assim o dojô [Escandiel faz sinal com as mãos de grande quantidade]. [...] E a Tokyo abria as janelas e dava para a Osvaldo Aranha. Então era aquele grito, aquela gritaria, aquela pancadaria, as pessoas passavam e ficavam assustadas olhando, assim sabe? E era estreito o tatame, uma tábua do lado para segurar os tatames, e volta e meia, eu fui um que deu de cabeça ali, desmaiava! Então azar! Outra coisa, o *sensei* deixava a vontade, cada um faz seu *taiso*, tudo aquecido, então tá, aí botava uns 3, 4 na frente e [sinal com mão indicando combate]. Bah! Horrível, horrível! *Randori* direto. Depois, aí, depois tinha que “aturar” o *sensei* a fazer sushi para a gente, todos sentados, loucos de fome, e ele cantando em japonês. [Escandiel imita o pessoal batendo palmas] Muito bem, *sensei!* [...] Nos oferecia sakê e a gente tomava e batia palma para ele que ele cantava em japonês. [...] Querido, querido, meu mentor, meu ídolo.

Escandiel (2023), Schreiner (2023) e Ribeiro (2022) permitem vislumbrar um dojô com muitas particulares. Para além dos detalhes estruturais do espaço e próprios do judô, seus relatos revelam inúmeros aspectos relevantes para a compreensão de Obata e da própria imigração japonesa.

A bebida após o treino (sakê), a preparação da comida (sushi), a cantoria em japonês, a prática da acupuntura e do kendô, além do universo próprio da arte em que alunos e visitantes de Obata estavam inseridos, mostram o dojô como significativo espaço de partilha de conhecimentos do oriente e aspectos culturais do Japão em um mundo que ainda dava os primeiros passos na Revolução Informacional.

No caso do imigrante, de forma ainda mais intensa que os torneios, como visto no caso do sumô, observa-se que a arte marcial e o dojô possibilitavam a manutenção de uma série de padrões culturais que agiam como facilitadores de inserção em uma sociedade tão diversa, inclusive possibilitando a continuidade, ainda que parcial, do uso da língua materna em ambiente profissional e de lazer, independente da diversidade sociocultural em que se estava inserido.

Ademais, tratava-se de um ponto de encontro de japoneses, seja de comunidades já estabelecidas e em visita, como as de Ivoti, conforme narrado por Escandiel (2023), seja como ponto de amparo e hospedagem de alguns japoneses

em processo de estabelecimento ou trânsito (RIBEIRO, 2022). De fato, o uso do dojô como hospedagem foi confirmado por Obata e dona Tania (2023), ressaltando que por muitas vezes isso foi feito, mas nunca cobrado. Tal desapego financeiro e episódios de benevolência, aparentemente, foram características marcantes do professor, evidenciadas nas palavras de Schreiner (2023): “um coração tão bom [...] que no início ele me cobrava até a mensalidade, depois não me cobrava mais”. Ainda sobre esta condição de albergagem, foi questionado a Obata sobre onde imigrantes ficam sabendo de si de do dojô como possibilidade de se hospedar. A resposta permite vislumbrar um pouco das dinâmicas da cidade: a pastelaria do Sr. Torige, o mesmo local onde Obata foi recebido no primeiro dia de sua chegada. Por se tratar de um ponto de grande fluxo, situado em uma região de chegada, japoneses que frequentavam o espaço recebiam algumas orientações e informações do proprietário, dentre elas a possibilidade de pouso no dojô de Obata, extremamente conveniente por ser relativamente perto e não ter custo.

Quanto às memórias familiares do espaço, a enteada Patricia Philips (2022)¹⁹¹, criança no período, afirmou em entrevista não ter grandes lembranças dos seus primeiros anos de vida, mas ressalta uma série de episódios que foram bastante marcantes em sua trajetória. Dentre eles, diz que por volta dos três anos de idade morava com a família nos fundos da “Tokyo Esporte Clube” e que a estrutura, localizada na Avenida Osvaldo Aranha, foi destruída posteriormente para dar lugar ao estacionamento da Santa Casa de Misericórdia. Ainda que entrevistas com praticantes e amigos tenham já indicado o local, Patrícia Philips resgata um aspecto curioso e único ao chamar a reconhecida academia Tóquio de “dojô mal-assombrado”. Em uma narrativa de experiências sobrenaturais, desde um homem de guarda-chuva em um dia ensolarado que teria entrado no dojô, até seus medos de caminhar pela casa à noite, Patrícia evidenciou categoricamente o motivo de seus tormentos de infância: atrás do dojo ficava o necrotério de uma das mais importantes instituições de saúde do município, a supracitada Santa Casa de Misericórdia.

Em complemento, recorda que o dojô do Tóquio era grande e muito movimentado, pois Obata já era reconhecido pela sua trajetória em outros espaços. Observa-se que o tamanho do dojô contrasta com o narrado pelos entrevistados

¹⁹¹ Desde os anos 1970, Obata tem um relacionamento com a Sra. Tania Philips. A história familiar de Obata será abordada no próximo subcapítulo.

anteriormente, mas certamente se trata de uma questão de perspectiva de uma criança em contraposição a adultos que se encontram em grupo para um esporte de projeção. Patricia ressalta que os judocas que lá iam, hoje são nomes importantes do judô gaúcho ou bastante conhecidos no meio, como Cação, Osório, Tatuzinho, César e Moyses¹⁹². Afirma, inclusive, que treinou judô com estes indivíduos quando pequena, dando prosseguimento a sua trajetória na arte marcial no CETE e na Academia Stylo, com o professor César Hernandez, prática que perdurou até seus 12 anos, aproximadamente.

Ainda sobre a academia, comenta que a efervescência social não se resumia aos treinos, mas que haviam competições esportivas e a noite grupos se reuniam para beber e jogar *mahjong* e *Go*. O primeiro jogo citado, bastante popular no oriente e, aparentemente, cultivado entre a comunidade japonesa de Porto Alegre, teve sua origem na China. Comenta Greene (2015) que a sua popularidade era tanta no início do século XX, que o escritor Hu Shi disse que enquanto a Inglaterra tinha o *cricket*, a América o *baiseball* e o Japão o *wrestling*, na China o *mahjong* seria o esporte nacional. O escritor, inclusive, critica o jogo como perigoso à jovem República Democrática da China, tamanha sua adesão e conseqüente perda de tempo dos chineses. Se uma partida demorava em média 4 horas, o milhão de jogos por dia na China representavam 4 milhões de horas perdidas em rendimento de sua população. Um perigo que deveria ser tão combatido quanto o ópio.

Este aspecto do jogo, ainda que trazido em tom de curiosidade por Patrícia Philips, se configura como importante ponto, afinal, os jogos têm historicamente desempenhado um papel de considerável relevância, colocando-se como uma força significativa nos processos de socialização, fomentando interações sociais e reforçando vínculos emocionais.

Em 2013, ao questionar Obata sobre com quem mais jogava, foi dito “sempre quatro homens”. Ao passo que Tania Philips buscou lembrar alguns parceiros. Dentre eles, chama atenção o nome do Sr. Woo Dah Tong, dono do restaurante Pagoda¹⁹³. Interessante devido ao fato de ser um indivíduo de ascendência chinesa, reforçando o aspecto de transposição de barreiras culturais do jogo. Sobre o senhor Tong, em notícia da *Jornal Zero Hora* digital de 15 de março de 2013, “Cinco

¹⁹² Manoel Rodrigues Cação, João Osório Marques Ribeiro, Cesar Almeida Peres Hernandez e Jorge Moyses Schreiner.

¹⁹³ Restaurante de culinária chinesa e extinto em 2011. Era localizado na av. Protásio Alves, 434, Bom Fim, Porto Alegre.

restaurantes que deixaram saudade”¹⁹⁴, é afirmado em caráter de curiosidade: “uma revelação que pode espantar os muito apaixonados pela comida do extinto Pagoda (fechou em 2011): a mulher do dono, que preparava os pratos, não era chinesa. Era japonesa”¹⁹⁵. Um exemplo concreto da integração entre comunidades em Porto Alegre.

Ao avançar para o universo das relações de amizade com mulheres, dentre os japoneses que compõem o círculo de amizade de Obata e que o conheciam desta época, está a Sra. Sakae Suzuki. De acordo com Weber (2020), Sra. Sakae foi “provavelmente a responsável por introduzir o peixe cru na terra do churrasco. Tal afirmação se dá pelo fato de que, com seu sócio e companheiro Tadao Ecchuya, abriu o mais antigo sushi da cidade, fundado em 1973, o Sakae’s”¹⁹⁶. Um breve olhar a sua trajetória traz a esta pesquisa um aspecto que foi problematizado na esfera macro, mas até então não pouco visto de forma concreta: o preconceito. Nas palavras de Luis Fernando Veríssimo, “ela cresceu pelos seus próprios méritos, com muito trabalho, sacrifício e talento empresarial”, mas, por trás das honras do tempo presente, está uma trajetória de uma mulher, imigrante¹⁹⁷, abandonada pelo marido já em território brasileiro, com três filhos e que não sabia português (REIS, Virgínia (nora). *In*: Weber. 2020). Por vezes, homens jogavam frutas de dentro do bonde em Sakae, enquanto a mesma dirigia sua bicicleta para entregar Tofu na casa de japoneses. Na última entrevista realizada com Obata (2023), foi comentado que a Sra. Sakae ainda o visitava, levando sushi aos domingos.

Infelizmente, muitos registros do dojô foram perdidos, dentre eles fotos e troféus. Conta a Sra. Tania Philips (2023) que quando o terreno foi exigido pela Santa Casa, Obata encaixotou todos os pertences que havia no local para a

¹⁹⁴ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurantes-que-deixaram-saudade-4072958.html>, acesso em 10 de outubro de 2023.

¹⁹⁵ Não é citada na notícia o nome da esposa de Woo Dah Tong, mas em consulta ao CNPJ da empresa, encontra-se como sócia-proprietária as Sras. Kinue Masuda Tong e a Sra. Thereza Masuda Chow. Em consulta à Sra. Tania Philips, foi confirmado que a primeira se trata de fato da esposa de Tong e que a mesma usava um nome em português: “Marina”. Em coluna de Milton Ribeiro (2010), contudo, vê-se que o escritor e muitos clientes lembram dela como “Maria”, mas aparentemente se trata da mesma senhora Kinue, afinal, conforme dito em na coluna de Ribeiro: “Grande D. Maria. Sempre sorridente, deve ter adaptado seu nome para o Brasil”.

¹⁹⁶ Completando 50 anos em 2023 e, na altura desta pesquisa, ainda em atividade na rua Castro Alves, nº 690, bairro Rio Branco, Porto Alegre.

¹⁹⁷ De acordo com a lista de passageiros do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, Sakae Suzuki chegou ao Brasil em 08/05/1961, a bordo do navio Argentina-Marú. Conforme Weber (2020): “veio enviada pelo governo japonês, para trabalhar na roça. Os primeiros dois anos de serviço foram dedicados a pagar a passagem: plantou no Cantagalo, área rural de Viamão, e em Esteio, antes de morar na Capital.”

mudança, mas o caminhão que levou o material nunca entregou as caixas ao destino. Não apenas um prejuízo financeiro, mas histórico. Em 2022, João Osório Marques Ribeiro conta que conseguiu reaver as armaduras de kendô desaparecidas há mais de 40 anos. Tal equipamento estaria envolto em um imbróglio familiar que poderia explicar importantes questões destes desaparecimentos, mas que dado o caráter criminal e recente do episódio, opta-se por não apresentar mais informações sobre o evento.

Fotografia 21 – Equipamento de kendô recuperado (Ritmo Judô, 2022)



Fonte: Acervo Pessoal de Roberson Silva dos Passos

O dojô teve seu fim com a tomada do terreno pela Santa Casa de Misericórdia no ano de 1979, conforme afirmações de Obata (2019) e a Sra. Tania Philips (2019).

5.4 Considerações acerca da presença “japonesa” no judô de Porto Alegre

Apesar de Obata se constituir como um nipônico de relevância no cenário formativo da década de 1960 e 1970, não foi o único de ascendência japonesa. Antes de adentrar na vida familiar do biografado, dando seguimento a outros aspectos que compõem a vida do imigrante, deve-se levar em consideração que as obras clássicas e atuais de história do judô não deixam de fazer referência a outros importantes indivíduos que valem a menção, seja em termos de história do judô ou da própria imigração.

Para além de Takeo Yano, a quem já se fez a devida referência nesta tese, mas que deixou o Rio Grande do Sul antes da chegada de Obata, o judô dos anos 1950 possuía em seu quadro outro japonês citado brevemente nesta produção e que não se limitou ao aprendizado, mas também à difusão do judô: Iwao Sugo.

As obras clássicas de Maduro (1999) e Nunes (2011) não o citam. No caso de Maduro, possivelmente por se limitar a uma síntese do surgimento do judô gaúcho e centrar a análise em “Loanzi”. Quanto a Nunes, tal ausência pode ser justificada pela ocupação da pesquisa com a genealogia de atletas olímpicos e campeões mundiais, onde apesar de maior aprofundamento na história do surgimento do judô gaúcho que o primeiro autor, não teve por objetivo descortinar os múltiplos caminhos da modalidade no estado. Não contemplado, também, no Atlas do Esporte (Nunes, Kosmann e Shoura, 2005), a figura de Iwao Sugo aparece nos trabalhos de Jardim (2015) e Boehl (2019), justamente por se tratar de um aluno de Takeo Yano, um dos primeiros faixas pretas do estado e presente nas memórias de Irineu Pantaleão Bazacas.

Como já visto nos estudos feitos de Yano, Sugo teria sido parte da primeira turma no Hotel Majestic, acompanhado à equipe ao Ruy Barbosa e obtido a faixa preta em 1953. Na síntese da sua trajetória, lembrada por Bazacas, é dito:

Ywao Sugo, de nacionalidade japonesa, veio para o Rio Grande do Sul em 1948. Começou a treinar em 1951. Passou pelos 3 Kins [*kyu*] e foi promovido a 1º Dam [*dan*] em 1953. Quando o professor Loanzi assumiu o Ruy Barbosa em 1956, Sugo abriu um departamento no Grêmio Futebol Porto Alegrense. Então começou a realizar torneios com Internacional, que, na época do Januário, eu e o João Graf participávamos. O Sugo formou os judocas faixas pretas Luis Sérgio Casarine, Vitor Pulcaste e Henrique Dias e outros com menor graduação. Em 1960 terminou o Judô no Grêmio e o Sugo ficou parado até 1967 no Ginásio Ringue 12, e voltou a treinar em

1968, no Sporte Clube São José, onde ele lecionava. Sugo também foi um grande incentivador do Judô. (BAZACAS, *In*: JARDIM, 2015, p. 21)

Em consulta ao banco de dados do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (MHIJB) , verifica-se a entrada de apenas um indivíduo de nome Iwao Sugo ao Brasil, em 26/07/1934. Em consulta à lista de passageiros do navio Manila Maru¹⁹⁸, na supracitada data, consta a chegada de um jovem de 12 anos, vinculado à família Tamaoki. Em entrevista com o familiar Shozo Sugo (2023), foi possível constatar que se trata da mesma pessoa. Iwao é indicado na lista de chegada como proveniente de Hokkaido. Sr. Sugo (2023) explica que parte de sua família havia, de fato, se deslocado para o norte do Japão, dentro de uma política de colonização empreendida pelo governo japonês. Na primeira metade do século, a ilha de Hokkaido era território ainda pouco explorado e ocupado pelos nativos ainu.

É válido considerar que com base na documentação de chegada do imigrante se fez a escolha da grafia do nome utilizada nesta pesquisa, “Iwao Sugo”. As demais variações apresentadas, como *Ywao* e *Yvao*, são decorrentes do respeito às fontes e referências bibliográficas.

Em consulta às memórias de Bazacas, em entrevista concedida em 2002 ao Centro de Memória do Esporte, outras informações aparecem. É dito pelo professor que quando Matheus, do Café Matheus, juntou as pessoas para a primeira turma de judô no RS, estavam presentes “Abraão Chames” e “Chico Chames”¹⁹⁹, dois irmãos cujo pai teria uma pelaria na Rua da Praia, um comércio onde trabalhavam dois japoneses: “Iwao” Sugo e Yoshihara, o segundo um costureiro da pelaria e que também teria treinado judô nos primórdios da modalidade, mas que Bazacas não o inseriu nos seus relatos históricos prévios e por isso teria sido esquecido. Nas narrativas de Shozo Sugo (2023), de fato aparece o comércio de artefatos de couro como um dos inúmeros empreendimentos de Iwao Sugo ao longo de sua trajetória.

Nas fontes jornalísticas do período, encontra-se Iwao Sugo em diversas situações no universo do judô e para além dele que permitem compreender um pouco mais sobre este indivíduo à margem das narrativas tradicionais.

¹⁹⁸ LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO MANILA MARU. Santos, 26 de julho de 1934. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005599.pdf Acesso em 26 de outubro de 2023.

¹⁹⁹ Citado em Jardim (2015) como Abraão Chaines (arquiteto) e Francisco Chaines (proprietário da pastelaria Chaines).

Apesar de Bazacas afirmar que Sugo deixou o Ruy Barbosa assim que Loanzi assumiu, indo trabalhar no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, o Jornal Diário de Notícias, em 1954, já apontava Iwao Sugo como preparador da equipe do SORVES (Sociedade dos Veranistas do SESC)²⁰⁰. Dentre as notícias verificadas, há uma que pode oferecer indícios explicativos sobre o cenário de rupturas apresentado por Bazacas. Em notícia intitulada “estão fervendo os meios ligados ao judo”²⁰¹ há um conflito no campo da arbitragem entre “Loanzi”, na altura vice-presidente da Federação de Pugilismo, e Sugo, onde o japonês apontou irregularidades na realização do “Campeonato de Estreantes de Judo”, realizado dia 26 de abril de 1954, no E. C. Ruy Barbosa. Na ocasião, “Loanzi” fez uma defesa à sua própria atuação, condenando a exposição do caso como feito por Iwao Sugo, cujo atleta teria sido prejudicado. Ainda assim, “Loanzi” o reconhece como alguém “tido em alto conceito nos meios pugilísticos pela sua capacidade técnica no ensino do Judo”.

Naquilo que diz respeito à atuação no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, foi encontrada a seguinte fotografia de Iwao Sugo e do atleta Otto Schneider, em 1956.

²⁰⁰ Torneio interno de estreantes de judo da “SORVES”. **Diário de Notícias**, 24 de abril de 1954, ano 30, n° 45, p. 17. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

²⁰¹ Estão “fervendo” os meios ligados ao judo. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 30, n° 52, 5 de maio de 1954, p. 10-11. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Fotografia 22 – Iwao Sugo e Otto Schneider (Porto Alegre, 1956)



Fonte: *Revista do Grêmio* (1956)

Instagram: Imagens Históricas do Grêmio²⁰²

Para além do cenário judoísta, em 1957, o *Jornal do Dia* indica sua residência no centro de Porto Alegre, na rua Dr. Flôres, nº 239, em curioso episódio onde o imigrante devolve uma pasta que havia sido furtada por um menor infrator²⁰³. Encontrou-se, ainda, interessante notícia de Iwao Sugo integrado ao cenário da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, enquanto intérprete. Em janeiro de 1959, o jornal *Diário de Notícias* destaca que:

Dia 20 de corrente, em reunião havida na sêdne da Associação Rural d/cidade foi solenemente fundada a Cooperativa Agrícola Camaquense Ltda, que pretende congregar em seu seio a totalidade dos agricultores do município. A esta reunião de fundação compareceram inumeras pessoas, nem como grupo de imigrantes japoneses que há dez meses operam na lavoura camaquense. Os niponicos foram representados pelo interprete sr. Iwao Sugo, industrialista residente em Pôrto Alegre. Nesta sessão de

²⁰² Disponível, em: <https://www.instagram.com/historiaemfotosgfbpa/>, acesso em: dez. 2023.

²⁰³ Menor não identificado furtou uma pasta com 235 mil cruzeiros. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 10, nº 2978, 13 de janeiro de 1957, p.3. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

fundação, foram eleitos pra presidente o sr. Oswaldo de Souza Gomes, secretário o sr. Valeriano Carmona e gerente o sr. Hisachi Goto, pertencentes ao grupo japoneses. Os trabalhos foram regidos pelo agrônomo regional da Secretaria de Agricultura em Camaquã, dr. Ottoni C. Macedo. (Cooperativa Agrícola. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 282, 31 de janeiro de 1959, p. 6²⁰⁴)

Importante salientar que tal informação é consonante com a tabela de imigração apresentada no segundo capítulo desta tese, onde é apontada ocupação japonesa em Camaquã já em 1958.

Em 16 de agosto de 1959, Iwao Sugo é convocado para apresentação de livros fiscais autenticados da “Comércio Representações Nipo-Brasileira”.²⁰⁵

No *Diário de Notícias*, de 1° de outubro de 1959, p.15, Iwao Sugo é citado como um dos membros encarregados de dar assistência aos visitantes do 6° Campeonato Brasileiro de Judô, com chegadas previstas para o dia 07 de outubro²⁰⁶. Juntamente com “Loanzi”, deu assistência às equipes de São Paulo. Quando trazida a sua figura exclusivamente ao campo do judô, a análise de sua trajetória, pouco estudada até então, pode permitir uma maior complexificação do cenário judoístico gaúcho no seu período formativo.

Como já visto nesta tese, uma das imagens que se buscou desconstruir por autores contemporâneos como Jardim (2015) e Boehl (2019) é justamente o caráter pouco nipônico do judô gaúcho, presente nos estudos clássicos. Aspecto reforçado por autores como Nunes (2014, p.15), que enfatiza que o judô do período (década de 1950) era praticado de forma rudimentar, onde se utilizava os nomes em português, pois os praticantes não sabiam os termos em japonês, usando expressões como “rasteira”, “carregada”, “meia carregada”.

Com os olhos postos em indivíduos como Iwao Sugo, tendo este sido aluno de Takeo Yano, é possível se perguntar se de fato essa noção clássica de que se usavam apenas nomes em português era a regra geral ou específica de alguns espaços. A nomenclatura técnica do judô utiliza termos básicos de língua japonesa, onde se infere que seja de fácil assimilação para um nativo.

²⁰⁴ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

²⁰⁵ Exatória Estadual. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 35, n° 141, 16 de agosto de 1959, p.10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

²⁰⁶ O campeonato, por sua vez, teve as lutas marcadas para os dias 09 (campeonato por faixas), 10 (equipes) e 11 (absoluto) de outubro. Fonte: Inaugura-se dia 9 em nossa capital o 6.o Campeonato Brasileiro de Judô. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, n° 178, 1 de outubro de 1959. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Quem oferece alguns caminhos para a resposta deste questionamento é Bazacas, quando explica o cenário de saída de sua turma do Ruy Barbosa. Comenta que quando Januário vendeu a academia, “Loanzi” levou toda a turma de *Caths*. “Era cada sujeito sujo, sem quimono. Tinha um cara que a gente ia treinar com ele, o cara nunca tinha tomado banho, eu acho, tinha uma asa, então mandava [Loanzi]: Vai treinar imobilização com ele. Eu não vou! Quer dizer, fomos embora” (BAZACAS, 2002, p.6). Ou seja, há uma justificativa de rompimento dos alunos de Yano com “Loanzi” devido ao perfil de lutadores que passaram a ocupar o espaço. Poder-se-ia adentrar neste ponto em reflexões acerca de preconceito, pois o próprio Bazacas (2002, p.16) comenta que o judô em seu início era uma modalidade de classe média e média-alta. Contudo, viu-se também anteriormente que é contemporânea à cisão a discussão entre Sugo e “Loanzi”, podendo a separação também ter ocorrido por razões pessoais e de intrigas que não são narradas por Bazacas.

Retomando a questão central do uso da língua japonesa, quando ocorre este rompimento, em 1954 ou 1955, Bazacas afirma que Januário quis levar os remanescentes alunos de Yano para o Sport Club Internacional, onde havia estabelecido um departamento de judô, e Sugo para o já citado Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Mesmo ele sendo “colorado”, Bazacas comenta que seu grupo optou por ir para o Grêmio porque o Januário tinha um defeito: “os nomes dos golpes ele traduzia para o português, era carregada, meia-carregada: volta com o pé por dentro [...] nós não gostávamos daquilo” (BAZACAS, 2002, p. 7).

Independente de compreender se a motivação para a ida de Bazacas e alguns de seus contemporâneos ao Grêmio tenha sido tão somente o uso de termos em japonês, a existência deste dado confronta afirmações tradicionais de desconhecimento de seus usos pelos judocas gaúchos dos anos 1950. Aspecto consonante com o depoimento de Flávio Vanni Pereira (2023), que afirmou em entrevista que quando treinava com “Loanzi” em cima do Cine Rex e, posteriormente, na Academia Ruy Barbosa da Riachuelo, utilizava-se o nome das técnicas mais básicas em língua japonesa. Em acordo, por sua vez, com a possibilidade de “Loanzi” ter aprendido aspectos terminológicos com Yano, conforme visto anteriormente.

Vê-se, portanto, que a trajetória de Sugo permite uma série de problematizações que permitem novos olhares sobre o cenário de surgimento do

judô no Rio Grande do Sul. Reforça-se, a partir desta pequena análise de trajetória, a necessidade corrente de revisitar as fontes e ampliar o espectro de análise para além de Loanzi e Yano, conforme já enfatizado neste estudo, para que se possa compreender com maior propriedade o surgimento da modalidade no estado. Dando prosseguimento à proposição deste subcapítulo, um fragmento interessante aparece nas supracitadas memórias de Bazacas (2002), onde é afirmado:

Tinha uns outros japoneses aqui que entendiam bastante de judô e eram bons; tinha uma família Takeda que plantavam lá para o lado do Lami; eram verdureiros e tinha dois irmãos, dois Takedas, que eram muito bons no judô, também eram graduados, inclusive um da própria Kodokan e treinou lá no Japão, na própria Kodokan. Daí em diante, o judô começou. (BAZACAS, 2002, p. 3)

Infelizmente, o sobrenome “Takeda” é bastante comum, não tendo sido possível identificar a família apenas com pesquisas em bancos de dados. Ainda, assim, os dados da JAMIC, apresentados nos estudos clássicos de Moacyr Flores (1975), indicam o Lami já na década de 1950 como uma localidade de concentração de imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul, conforme observável na tabela 2 desta tese. Ainda, tal dado dialoga com as informações trazidas sobre a primeira competição de sumô, que possuía equipe própria do local.

Neste caso, também, vale maior aprofundamento de estudos vindouros, pois se trata de mais um elemento nipônico na raiz do judô gaúcho e que destoa de narrativas clássicas.

Na continuidade da análise da presença “japonesa” do judô gaúcho, agora posterior à chegada de Obata, cita-se Shunji Hinata. Maduro (1999, p. 61) já comentava em sua dissertação sobre a passagem deste notório competidor pelos tatames do Rio Grande do Sul nas décadas de 1960 e 1970. Todavia, são os autores Nunes (2011) e Vargas Neto (2022) que trazem importantes descrições de sua trajetória, ainda que com vieses bem distintos.

Shunji Hinata, filho dos imigrantes Meijiro e Sumiko Hinata²⁰⁷, nasceu em 9 de agosto de 1938. Brasileiro, iniciou judô em Tapiraí (SP). Posteriormente, foi aluno de Hikari Kurachi, onde teria, nas palavras de Vargas Neto (2022, p. 24), “desenvolvido sua exuberante técnica e realizado sua carreira brilhante”. Como será visto, o autor

²⁰⁷ De acordo com o MHIJB, oriundos da província de Iwate, a bordo do Manila-Marú, partiram do Japão em 10/03/1933 e chegaram a São Paulo, com destino à Colonia Tiete, em 14/05/1933.

usa das adjetivações conscientemente, dentro de uma perspectiva de exaltação ao indivíduo. Sobre a trajetória de Hinata é dito:

Destaca-se o fato de ter participado em 1955 de uma kachinuki (o vencedor permanece até perder), na famosa academia de Mestre Ryuzo Ogawa, Associação Budokan, onde, possivelmente, pode haver vencido mais de 100 adversários. Em 1958, transferiu-se para o Rio de Janeiro, criando sua própria escola, Academia Japonesa de Judô, desenvolvendo ali um importante trabalho na formação de novos talentos do Judô nacional. (VARGAS NETO, 2022, p. 24)

Vargas Neto (2022, p. 25) continua a produção ao afirmar que Hinata sofreu uma séria lesão no braço esquerdo, fazendo com que tivesse que se afastar do universo de treinamento e competição. Sendo despreparado em gestão financeira, recorreu ao “telecatch” para manter seu padrão de vida e perdeu o controle de sua academia. Acumulou dívidas, não compareceu à audiência judicial, foi preso e, após liberto, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde lecionou em importantes dojôs: Ruy Barbosa, Sogipa, Associação Cristã de Moços, Colégio Militar, dentre outros. Ainda, foi diretor técnico da Federação Gaúcha de Judô. Em vias de conclusão, afirma categoricamente:

Posso garantir que foi um dos maiores nomes do Judô brasileiro, dono de uma técnica insuperável, “excepcional, eficiente e fulminante estilo de Judô”. Foi um dos primeiros Campeões Internacionais do Brasil. Tri Campeão Panamericano e várias vezes Campeão Brasileiro. No Rio Grande do Sul deixou um legado importante e significativo de treinamento, randori intenso de permanente ataque e motivação para a vitória. (VARGAS NETO, 2022, p.25)

Como dito, anteriormente, ao ler Vargas Neto (2022), sabe-se que os usos de determinados adjetivos não são casuais. Na verdade, o autor subsidia uma visão de Shunji Hinata já trazida tradicionalmente por Maduro (1999, p. 61), que destaca Hinata como “um dos atletas mais importantes de sua época”, “um dos maiores atletas de todos os tempos”, “reverenciado tanto no Rio Grande do Sul como em São Paulo” e que “demonstrou no Rio Grande do Sul todo seu judô refinado, em competições ou treinamentos”. Entender a motivação deste reforço da grandeza de Hinata requer a apropriação da escrita do judô gaúcho.

Em 2011, Alexandre Velly Nunes também se ocupou da figura de Shunji Hinata. Na pesquisa, apesar do pesquisador reconhecê-lo com “um dos grandes

atletas brasileiros de sua época”, dedicou maior parte de sua descrição ao mau desempenho de Hinata como professor, afirmando:

Exímio praticante, sensei Hinata não apresentava características de um bom professor. Não dava muita atenção aos alunos e costumava ficar sentado em *agura* no fundo da sala. A aplicação quase perfeita das técnicas e as demonstrações em alta velocidade e sem maiores explicações não chegavam a entusiasmar os iniciantes. Ainda assim, a SOGIPA, que é um dos maiores clubes de judô do Brasil, teve na sua origem a presença de Shunji Hinata que esteve à frente do Departamento de Judô do clube de 1967 a 1971 e, desta semente, surgiu o mais importante dojô do estado do Rio Grande do Sul. (NUNES, 2011, p. 63-64)

Apesar das narrativas de Nunes (2011) e Vargas Neto (2022) não serem exatamente conflitantes, o reforço positivo do segundo autor ao legado de Shunji Hinata pode ser entendido como uma tentativa de valorização da memória daquele que foi o primeiro professor de judô da Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa)²⁰⁸, atuando de 1967 a 1971 (NUNES, 2011, p. 64). Afinal, deve-se considerar que Vargas Neto foi responsável técnico da Sogipa por 20 anos e relevante propulsor da modalidade no clube. Assim, sua produção transita por um universo de pesquisa, mas também de vivências e sentimentos que provocam tensionamentos, onde o salutar e os problemas no campo da proximidade com os objetos de estudo se encontram na mesma proporção.

De todo modo, Shunji Hinata, para além das discussões que hoje se traçam na história do judô gaúcho, é um demonstrativo da irradiação da influência da imigração japonesa para São Paulo e o Rio Grande do Sul. Neste caso específico, a Budokan de Ogawa, da mesma forma que ocorreu com “Loanzi” e seus alunos, se confirma como uma forte raiz técnica do judô no estado gaúcho. Na foto que segue, os dois proeminentes professores dão as mãos na simbólica união desta tradição no sul do Brasil.

²⁰⁸ A tese de Nunes (2011, p. 64) traz a informação de que apesar do primeiro professor da Sogipa ser Shunji Hinata, o responsável pela formação do Departamento de Judô do clube teria sido Irineu Pantaleão Bazacas, aluno de Takeo Yano. Afirma, tendo por subsídio uma entrevista com o próprio, que Bazacas apresentou um plano para ministrar aulas de judô a um dirigente do clube, tendo este respondido que o espaço seria concedido caso fosse comprovado interesse dos sócios, que prontamente apoiaram a causa. Com este trabalho inicial feito, o nome de Hinata foi indicado pelo presidente da FGJ, recém-fundada. O problema do uso deste depoimento é que o próprio pesquisador Alexandre V. Nunes afirma que Hinata iniciou na Sogipa em 1967, informação consonante com a tese de Ana Maria Kich (2022, p.50), que indica o início do judô da Sogipa em 1967 e fundação oficial do Departamento em 1968. Há um elemento, portanto, que não dialoga: a FGJ foi fundada apenas em 1969. Ainda assim, cabe a estudos futuros uma análise maior deste depoimento.

Fotografia 23 – Shunji Hinata e “Loanzi” (Porto Alegre, 1974)

Fonte: Acervo Pessoal de Wilson Jorge Escandiel

De acordo com Escandiel (2023), esta foto foi tirada na ocasião da inauguração de uma “academia relâmpago”, chamada Meibukan, cujo proprietário era o dono do famoso café Rian, localizado na Rua da Praia²⁰⁹ no centro da capital Porto Alegre. O local teve rapidamente seu fim, pois se encontrava localizado em um complexo cenário de relações pessoais, envolvendo conflitos no campo dos relacionamentos familiares, que por opção ética não se apontará nesta pesquisa.

Para além do aspecto simbólico da tradição marcial da imagem e elementos que não dizem respeito ao universo do judô, como o jovem praticante de kung-fu na direita de “Loanzi”, Escandiel (2023) comenta que Hinata possuía um passado “terrível” e foi marcado pelo “mal-caráter” e abuso de álcool, tendo se dirigido a Porto Alegre e ficado “sob tutela” do prof. “Loanzi”, aspecto que explica esta proximidade. Tal narrativa do passado de Hinata encontra vozes concordantes, mas também dissidentes, que problematizam e buscam entender a desestruturação psicológica de Hinata após sua lesão, falência e prisão. Ainda, diversas heroizantes, no universo dos *blogs* e outros canais digitais do mundo das lutas.

²⁰⁹Local de grande fluxo de pessoas, localizava-se no térreo do Ed. Santa Cruz.

Em retorno às relações com o biografado desta pesquisa, Maduro (1999, p.60-61) adiciona Shunji Hinata na categoria de “professores japoneses que contribuíram para o judô do Rio Grande do Sul”. Um equívoco, pois Hinata se trata de um *nissei*, ou seja, filho de imigrante. Possui, portanto, vínculos com a imigração e cultura japonesa, mas nasceu e treinou no Brasil, não podendo ser adicionado ao mesmo grupo de análise de Obata.

Caso diferente ocorre com Naoshige Ushijima, imigrante oriundo de Tokyo, com partida do Japão a bordo do Santos-Marú em 30/03/1960 e chegada no Brasil em 18/05/1960²¹⁰. Maduro (1999, p.61) insere Ushijima, a quem erroneamente nomeia *Naogishe Ushigima*, apenas na década de 70 ao cenário do judô gaúcho, como treinador da Sociedade Gondoleiros, onde formou equipe de atletas, e posterior incorporação à Sogipa. Maduro (1999) comenta que Ushijima sempre manteve outras atividades profissionais ligadas ao comércio exterior, mas que ainda assim colaborou como treinador do clube e técnico de diversas seleções estaduais até a década de 1990. Dentre seus contributos, encontra-se o fato de que se atualizava a cada ida profissional ao Japão e compartilhava com os judocas do Rio Grande do Sul.

Nunes (2011, p. 63), por sua vez, se equivoca quanto à data de chegada de Ushijima ao Brasil, indicando apenas outubro de 1960 para o fato. De todo modo, afirma que o imigrante já estava em Porto Alegre na década 1960, permanecendo na cidade por cerca de 30 anos. Dentre os locais pelos quais passou, cita: Base Aérea de Canoas, Sogipa e Colégio São Pedro. Nunes (2011), apesar do sentimento de gratidão que expressou por Ushijima em seu estudo doutoral, devido à influência deste japonês no seu percurso, não teve na altura acesso a material necessário para um adequado estudo de trajetória. Ainda assim, lembra que o professor, mesmo ao retornar ao Japão na década de 1990, manteve vínculos com os alunos mais antigos, presenteando-os com faixas (*obi*) na ocasião de seus aniversários. É narrado, ainda, que a última contribuição de Ushijima ocorreu quando acompanhou o atleta João Derly em uma competição na capital do Japão. Naoshige Ushijima faleceu em Tóquio, em 1998.

Por fim, é válido considerar que não é possível determinar por quantas vezes imigrantes japoneses estiveram de passagem nos dojôs do Rio Grande do Sul, mas

²¹⁰ LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO SANTOS MARU. Santos, 18 de maio de 1960. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005986.pdf, acesso em 25 de outubro de 2023.

que certamente também deixaram marcas no desenvolvimento da modalidade no estado e nas memórias dos que participavam.

Um dos casos mais emblemáticos dignos de menção é a vinda de Chiaki Ishii, indivíduo que foi mencionado no início da presente tese. De acordo com Nunes (2011, p.63), por volta de 1968, Ishii era um atleta muito superior aos brasileiros e que na entrevista que realizou com Obata, o biografado desta pesquisa lembrou sorrindo de como aquele “espancou todos os presentes” que se arriscaram a participar dos treinos com ele no Ruy Barbosa. Nem Obata e nem os atletas de elite do Rio Grande do Sul puderam fazer frente ao japonês que viria a conquistar o bronze no Campeonato Mundial de 1971 e nos Jogos Olímpicos de Munique de 1972. Durante o credenciamento técnico de 2016, no Grêmio Náutico União, ambos os imigrantes se reencontraram e compartilharam suas memórias.

Fotografia 24 – Obata reencontra Ishii (Porto Alegre, 2016)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata

Finaliza-se este capítulo com a observação de que não é tão numerosa a presença japonesa no processo de formação do judô no Rio Grande do Sul, ainda que intensa. Ademais, vê-se que não é possível restringir apenas a Yano e a Obata o implemento do caráter mais nipônico à modalidade no Estado, apesar de que ambos tenham ocupado papéis de relevância.

Por fim, deixa-se em aberto a possibilidade de aprofundamentos nos estudos sobre esta presença japonesa no judô do RS, que como se observa, desperta possíveis percursos epistêmicos futuros.

5.5 Família, afeto e políticas matrimoniais

Sobre a vida privada de Teruo Obata, naquilo que diz respeito às suas relações familiares, pouco foi trabalhado nas produções que buscaram analisar sua trajetória. Entre os anos de elaboração da presente tese, 2019 a 2023, Obata morava no centro de Porto Alegre com sua esposa, Sra. Tania Maria Philips Obata²¹¹, tendo a mesma auxiliado na construção desta pesquisa desde o primeiro momento.

O relacionamento entre ambos teve início nos anos 1970/1971, quando a Sra. Tania Philips conheceu Obata em uma lancheria que ele teve por um tempo na rua Riachuelo, centro de Porto Alegre. Ela trabalhava em uma loja de calçados nas proximidades e teria ido comprar pastel. A partir disso, Obata a convidou para trabalhar no local e ali teve início uma relação afetiva duradoura.

Junto ao casal, fez parte do núcleo familiar a menina Patricia Philips. Em 1970, a Sra. Tania engravidou dentro de uma relação anterior e em 1º de janeiro de 1971 deu à luz à Patricia. A enteada desde seus primeiros meses de vida morou com Obata e com ele desenvolveu laços de filiação socioafetiva. O reconhece, portanto, como seu pai, independente do conhecimento e relações posteriores com o genitor.

Tanto Tania quanto Patricia moraram nos fundos da Tokyo Esporte Clube e compartilharam a agitada vida do dojô com Obata. As memórias da infância de Patrícia, sobre o espaço, foram citadas no subcapítulo sobre o dojô. Ainda nos anos 1970, no dia 11 de maio de 1977, Teruo Obata e Tania Philips tiveram um filho: Cristiano Obata.

O imigrante, portanto, constituiu uma família no Brasil nos anos 1970. Como visto anteriormente, encontrava-se perfeitamente integrado às dinâmicas da Federação Gaúcha de Judô, ministrando cursos na capital e outras cidades, empreendeu, possuía seu próprio espaço profissional, estava inserido nas dinâmicas da comunidade japonesa em Porto Alegre, possuía um número significativo de vínculos de amizade, seja entre imigrantes, seja entre brasileiros natos. Seu

²¹¹ Brasileira, nascida em 2 de abril de 1954.

relacionamento com uma brasileira, o papel assumido de padrasto e a paternidade consolidam uma visão de plena integração com a sociedade local. As trajetórias, no entanto, reservam caminhos inesperados, situações adversas e, por vezes, obscuras. A vida de Obata não foi diferente.

Na grande parte dos escritos sobre a vida do professor, dado o interesse no campo judoístico, há um lapso temporal comumente ignorado: a década de 1980. O motivo não foi apontado na obra clássica de Maduro (1999), que se limitou a informar que “[Obata] retornou ao Japão algumas vezes, e sempre que esteve em Porto Alegre colaborou com o crescimento do judô gaúcho”. Cid Corrêa Rodrigues Jr. (2018) também não entra na discussão, apenas informando que em 8 de dezembro de 1979 é promovido pela Confederação Brasileira de Judô (CBJ) ao 6º *dan* e logo a seguir retorna para o Japão, voltando ao Brasil em 1989. Vargas Neto (2022, p.16) suprime essa ausência da descrição da trajetória.

É interessante resgatar que ao início desta tese foram apresentados comentários por parte de professores de judô do Rio Grande do Sul sobre a política de graduação da FGJ, onde lamentavam o tempo que Teruo Obata ficou sem nova promoção. Dentre as manifestações, Cid Corrêa Rodrigues Jr. (2015) comentou que por vezes se ouvia dos dirigentes que Obata não estava no meio [do judô]. Justificativa que, de certa forma, dialoga com a informação supracitada de Maduro (1999), sobre os retornos do mesmo ao Japão.

Outro fato intrigante é que na entrevista com Obata, em 2019, o professor, com auxílio da Sra. Tania Philips, comentou rapidamente que seu retorno para o Japão ocorreu no final do ano de 1979, logo após a tomada do terreno da Tokyo, voltando 10 anos depois. Quando questionado sobre o motivo pelo qual voltou à sua terra natal, Obata (2019) comentou que seu irmão, Goro, estava aumentando uma gráfica da Xerox, em Yokohama. No estabelecimento, trabalhou por uma década, fazendo impressões de larga escala, principalmente para o setor de engenharia. Obata (2019) comentou que foi para “trabalhar e trabalhar”, inclusive sendo complementado pela Sra. Tania Philips (2019): “aqui, trabalha e trabalha e não ganha. Lá, tu trabalha, mas tu ganha”. Um indicativo do interesse financeiro no retorno. Sra. Tania, ainda, informou que, em 1986, Obata esteve no Brasil, onde

comprou apartamento em Porto Alegre²¹². Em 1989, retornou por definitivo, comprando uma chácara em Viamão²¹³.

Insistiu-se no questionamento da motivação, onde foi perguntado: o senhor decidiu ir embora, mas e a família? Ao passo que foi respondido imediatamente pela Sra. Tania (2019): “há, japonês é assim, se é para ganhar mais, vai e pronto [...] se não fosse, não se tinha as coisas também”.

Ao questionar a Sra. Tania se não teve vontade de ir junto, foi por ela respondido: “não, naquela época não”. Durante este diálogo, Obata (2019) interrompeu a entrevista para questionar de onde o entrevistador conhecia Matias²¹⁴. Um assunto já encerrado.

Obata retornar sozinho para o Japão, deixando a esposa, enteada e filho no Brasil, permaneceu como um problema no sentido de entender esta relação do japonês com a família, a priorização do trabalho e a criação dos filhos. Não se entendia se era uma questão cultural, como apontou Sra. Tania, um desapego do imigrante ou outro elemento que não estava claro.

A complexificação deste processo ocorreu em uma conversa já citada nesta tese, com Satoe Imasato, em 2022. No episódio, foi comentado com a imigrante sobre este presente estudo. Em tom de informalidade, foi dito que já havia sido feita entrevista com Obata e sua esposa. Afirmção recebida com surpresa pela senhora Imasato, que exprimiu: “esposa de Obata-san? Esposa de Obata-san morreu, era japonesa”.

No mesmo ano de 2022, foram realizadas as diversas leituras complementares da trajetória de Obata que apareceram ao longo da pesquisa e este novo elemento voltou a aparecer. Nunes (2011, p.63) apontou brevemente o motivo da ausência de Obata nos anos 1980: “retornou ao Japão na década de oitenta para tratar a doença de sua esposa e atualmente está de volta a Porto Alegre”. Não especificando de quem se tratava.

Em Walter Reyes Boehl foi encontrada a luz necessária a resolução de algumas questões, ainda que levantando novas dúvidas. Disse:

Em 1979, a Confederação Brasileira de Judô, o promove ao 6º grau. Finalmente, torna-se um kodansha. Porém, neste mesmo ano, é descoberto

²¹² Na Avenida Borges de Medeiros. Oculta-se o número em preservação à privacidade de Obata e sua família.

²¹³ Divisa entre Lami (Porto Alegre) e Itapuã (Viamão).

²¹⁴ Carlos Matias Pauli de Azevedo

um tumor na cabeça de sua esposa, Tomoko Obata. Desolado, retorna ao Japão para o tratamento da doença. Contudo, Tomoko entra em coma e permanece até o ano de 1988, quando vem a falecer. Durante o tempo que permanece em sua terra natal, afasta-se do judô e trabalha, desenhando plantas-baixa para um escritório de arquitetura em Tóquio. (BOEHL, 2018, p.68)

A narrativa de Boehl, todavia, não traz a problemática que ora se apresenta. Pelo contrário, comenta que, na década de 90, Teruo Obata matriculou seu filho Cristiano Obata no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), com Fernando Lemos, que aproveita o retorno de seu mestre para ceder espaço para que o recém-retornado Obata ministre aulas. Após uma breve descrição da trajetória do imigrante nos anos 1990, Boehl conclui com a afirmação que, em 2014, “Obata e a atual esposa Tania Obata muda-se de Porto Alegre para a cidade de Tramandaí no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Porém, a mudança não foi por muito tempo. No ano seguinte, retornam a Porto Alegre para morar no centro”. (BOEHL, 2018, p.68-69).

Portanto, há uma ordenação cronológica correta em Boehl, mas que não sobrepõe episódios: Obata possuía uma esposa (Tomoko), retornando ao Japão (1979) para cuidar da doença dela. Voltou ao Brasil com a morte de Tomoko, matriculou o filho no CETE, teve chácara em Viamão e sua atual esposa é a Sra. Tania. O pesquisador, certamente, não teve intuito de desenvolver este aspecto, ou problematizá-lo, pois a centralidade de seu trabalho residia na história do judô. Situação diversa daquilo que aqui se apresenta.

O quadro que se colocou, em 2022, foi o de narrativas diversas. Nas três horas de entrevista com Obata, em 2019, não foi dita uma palavra sobre uma outra esposa. Pelo contrário, foi enfatizada a razão econômica do afastamento do imigrante do país.

Com lacunas a preencher, fez-se nova entrevista (2022), onde foi questionado: “*sensei*, o senhor tinha outra esposa?”. A reação foi interessante, pois Obata olhou para Tania e perguntou: “eu tive outra esposa?”. Senhora Tania prontamente respondeu: “sim, teve, Tomoko, que morreu”.

Em entrevista com a enteada, Patricia Philips (2022), que morou com Obata nos anos 1970, foi buscada a explicação deste cenário de relações. Patricia comentou que Teruo Obata possuía uma promessa de casamento. Na segunda metade dos anos 1970, foi ao Japão para casar com a Sra. Tomoko e voltou ao Brasil com ela. Patricia,

inclusive, lembra que ia no apartamento da esposa de Obata, em Porto Alegre, e que se tratava de uma pessoa já doente. Inclusive, houve um evento em que Patricia chamou Obata de “pai”, na presença de Tomoko, e ela quis entender o por quê. Obata, então, teve que se retirar da presença de Patricia para explicar a situação a Tomoko. Dada a doença da esposa, Obata partiu para o Japão para tratá-la.

Pelos relatos da Sra. Tania (2022), Obata nunca deixou faltar nada à família brasileira enquanto esteve fora. Escrevia com regularidade e ajudava financeiramente e com bens materiais, como roupas. Inclusive, como visto anteriormente, voltou em uma ocasião para o Brasil, onde comprou um apartamento. Com a morte de Tomoko, retornou por definitivo. Em 1990, comprou uma chácara em Itapuã, para onde foi morar com Tania e Cristiano. Ao questionar Patricia Philips (2022) sobre como ela enxergava essa ausência de Obata e o fato de viver com outra mulher no Japão, foi respondido com naturalidade como “algo normal”, pois tinha conhecimento sobre esta política de casamento.

Tal “normalidade” dos casamentos arranjados, conforme colocado por Patricia, de fato era um elemento muito presente na sociedade nipônica, sendo visto como muito mais conveniente dentro das convenções sociais japonesas que a noção de amor romântico, sem qualquer análise de compatibilidade familiar ou das expectativas sociais. De acordo com Érica Rosa Hatugai (2018, p. 81-83), o *miai*, ou matrimônio arranjado, não apenas foi predominante no Japão ao longo de sua história, como prática majoritária dos japoneses de primeira geração (*issei*) no Brasil. Obata, contudo, apesar de *issei*, imigrou no pós-guerra e se encontrava vivendo em Porto Alegre já há quase 2 décadas quando retornou ao Japão para casar, colocando-o em uma categoria diferente das primeiras levas de imigrantes que vieram ao Brasil e tinham no *miai* uma forma de manter a estrutura familiar japonesa dentro de uma perspectiva de vinda para o enriquecimento e retorno rápido à pátria.

Além disso, o casamento de Obata não parece encontrar eco em muitas das análises antropológicas do contexto colonial pré-guerra, tendo em vista que o imigrante não foi afetado, por exemplo, por proibições nacionalistas da Era Vargas que provocou um efeito reverso à integração nas colônias japonesas, tornando-as mais fechadas. A situação de Obata também não encontra justificativa nas limitações impostas pela língua e pelos hábitos japoneses que dificultavam o estabelecimento de contato dos imigrantes nipônicos com a sociedade majoritária e levavam ao relacionamento entre eles próprios.

Estudos antropológicos contemporâneos há décadas desconstruem uma visão estereotipada e simplória de puritanismo racial nas colônias japonesas a partir da análise do contexto histórico brasileiro que, em conjunto ao *miai*, contribuiu substancialmente para a visão de povo inassimilável dentro de um ideário de nação mestiça. (HATUGAI, 2018, p. 74).

O caso do casamento arranjado de Obata com a Sra. Tomoko é complexo por uma série de motivos. Há clareza que o *miai* no Brasil possui toda uma estruturação própria, com agentes e objetivos em diálogo com o contexto que não correspondem à situação de Obata. O que se vê neste caso é uma imposição ou dever originado das demandas familiares do Japão, elemento que confirma a manutenção dos vínculos familiares e evidencia o complexo universo de tensão social e cultural do imigrante, já visto nos capítulos iniciais da presente tese e novamente posto em questão.

O contexto familiar de Obata demonstra algumas das dificuldades de adaptação do japonês no Brasil, onde a nova vida entra em conflito com valores e relações não rompidas com sua terra natal. Um choque entre dois mundos culturalmente diversos e que exigem renúncias.

Neste caso específico, renúncias que não ocorreram em totalidade. Foram feitas concessões, fator que resultou em duas famílias. O fato de ter duas esposas, por sua vez, certamente gerou desafios culturais, uma vez a poligamia não é um costume socialmente aceito tanto no Brasil como no Japão. Assim, Obata teve estas vidas familiares concomitantes em Porto Alegre.

Como a vida pessoal de Obata não costumava ser assunto/tema de conversa, justificado pelos entrevistados como característica do japonês, “o ser reservado”, sabia-se que Obata tinha esposa. A questão é que alguns conheciam Tania e outros Tomoko.

Difícil determinar o impacto pessoal deste contexto. Em termos familiares, já foi narrado por Patricia Philips a certa “naturalidade” com a qual aceitou o casamento e a década em que seu padrasto esteve no Japão. O ocultamento deste aspecto durante a entrevista em 2019, assim como a reação de Obata em 2022 frente ao questionamento sobre Tomoko, por outro lado, não corresponde à mesma naturalidade de Patricia.

Há, ainda, um quinto indivíduo fortemente inserido nesta dinâmica que é desafiador precisar o impacto com que vivenciou estes tensionamentos culturais. Durante os quatro anos de produção desta tese, não se teve sucesso em entrevistar

Cristiano Obata. Fez-se contato por diversas vezes, inclusive durante estadia do pesquisador no Japão, onde Cristiano possui residência, mas não se percebeu uma preocupação do filho do biografado em buscar este momento de entrevista para relatar os vínculos com o pai. O que se percebeu, efetivamente, durante as marcações e verificações de possibilidades, foi que o próprio filho demonstrou interesse em conhecer a trajetória do pai, até mais do que contribuir.

Na altura da produção desta tese, Cristiano Obata possuía uma rotina familiar e de trabalho intensa no Japão, o que dificultou a realização de uma aproximação e entrevista. De todo modo, em termos analíticos, com os olhos postos na própria trajetória de Cristiano, não é difícil perceber os motivos pelos quais demonstrou interesse em se apropriar da história de vida de seu pai. Ele nasceu em 11 de maio de 1977. Portanto, possuía apenas 2 anos quando o genitor passou a morar no Japão. Apesar de o contato por cartas e da vinda de Obata nos anos 1980, apenas no início dos anos 1990 é que Cristiano passou a morar e ter maior contato com o pai. Ou seja, no alvorecer da adolescência. Poder-se-ia adentrar nos aspectos formativos e psicológicos desta ausência. Entretanto, foge à alçada temporal e de especialidade deste estudo.

A década de 1990 foi marcada por idas e vindas entre o Brasil e o Japão, restabelecimento de vínculos e novos desafios na vida pessoal e familiar de Teruo Obata. Quando da compra da chácara em Itapuã (Viamão), em 1990, Patricia Philips já possuía a maioridade e não mais morava com a família. Deste modo, apenas Obata, Tania e Cristiano se mudaram para a localidade ao extremo sul de Porto Alegre. Distante das dinâmicas do centro da capital, Obata constituiu nesta região uma nova vida com muitas particularidades.

A casa da chácara, de acordo com as entrevistas que abordaram o tema, foi projetada pelo próprio imigrante. Um ponto curioso, pois nunca foi comentado sobre qualquer formação nesta área de construção. Anteriormente, por outro lado, foram apresentadas duas narrativas diversas: uma em que, em Yokohama, nos anos 1980, Obata foi trabalhar na gráfica da Xerox e realizava impressões em larga escala principalmente para o setor de Engenharia (OBATA, 2019); outra, em que desenhava plantas baixas em escritório de Arquitetura em Tóquio (BOEHL, 2018). Não foram encontrados elementos suficientes para confirmar tais eventos, de modo a apontar equívocos interpretativos ou se eram concomitantes. De todo modo, observa-se que, no Japão, Obata esteve envolvido, direta ou indiretamente, com o setor de

Engenharia/Arquitetura. Assim, independente de ter desenhado ou utilizado de um modelo já pronto, a residência da família Obata se constituía como elemento em diálogo com a trajetória do indivíduo.

Para além da habitação, o imigrante tinha dinâmicas de vida bastante intensas. Preparava o solo, plantava e colhia. Esteve integrado à comunidade, inclusive a nipônica, pois a chácara estava situada em uma região que anteriormente foi um dos pontos de colonização japonesa no estado, elemento que pode ter servido de motivação para escolha do local. Ainda, na chácara construiu um dojô, onde ensinava judô às crianças da comunidade e comumente recebia visitas de judocas do estado para aprimoramento técnico e de *Kata*.

Em 1994, conta a senhora Tania (2019) que foi feito um passeio, onde a família de Obata pagou tudo para eles. Na ocasião, ficaram 3 meses. Em imagem deste evento, Obata e Cristiano posam junto à estátua de Jigoro Kano, na frente da *Kodokan*, em Tóquio. Um fragmento não apenas da relação entre pai e filho, mas também do esforço de Obata em aproximar o Cristiano de suas próprias práticas e universo cultural.

Fotografia 25 – Cristiano Obata e Teruo Obata (*Kodokan*, Tóquio, 1994)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata

É narrado por João Osório Marques Ribeiro (2022) que quando Obata deixou o Brasil, “incumbiu” seus alunos a ensinarem judô ao seu filho. Cristiano, assim, não apenas conviveu com este cenário marcial, como com um legado direto de seu pai.

Em outra fotografia bastante emblemática, tirada na chácara de Itapuã, em 1996, Cristiano aparece portando vestimenta tradicional japonesa e uma espada, mais um indício de um esforço de Obata em transmitir elementos muito presentes e que o acompanharam sua história de vida.

Fotografia 26 – Cristiano Obata e Teruo Obata (Itapuã, Viamão, 1996)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata

Em 1998, os 3 integrantes do grupo familiar se mudaram para o Japão para trabalhar, tendo Tania e Obata ficado 2 anos e Cristiano permanecido. Em um primeiro momento, atuavam em uma mesma empresa de metalurgia, em Iseaki, Gunma. Depois, moraram em Gifu, região metropolitana de Nagoya, onde ocuparam

profissões diversas: Cristiano, de acordo com Tania (2019), trabalhou com classificação de papelão, Tania com tecelagem e Obata em empresa de produção de móveis. A motivação para a mudança foi que Cristiano já tinha ido ao Japão anteriormente, gostou e acabou por levar os pais.

Nos anos 2000, o casal foi novamente, onde ficou aproximadamente 1 ano. Não tendo se adaptado, Tania e Obata retornaram ao Rio Grande do Sul. Cristiano, por sua vez, permaneceu no Japão e desde então não teve mais contato presencial com os pais.

Em 2013, em razão da dificuldade de manter a estrutura da chácara em Viamão, somado à insegurança (OBATA, 2019; TANIA, 2019), foi optado pela venda do local e mudança para o apartamento em Porto Alegre. Ainda, conforme visto em Boehl (2018, p.68-69), logo após a venda da propriedade em Viamão, Obata e Tania se mudam para Tramandaí (2014), não se adaptando e retornando no ano seguinte.

Desde 2015, Obata e Tania residem no apartamento da Borges de Medeiros, o mesmo comprado na década de 1980 e onde foi realizada a primeira entrevista desta pesquisa. No local, recebe amigos, como a Sra. Sakae, Koji Sasada e Regina Watanabe; alunos, como Ribeiro e Escandiel; pesquisadores; admiradores.

Nos últimos 20 anos, Teruo Obata permaneceu vinculado ao mundo judoístico, sendo sua trajetória esportiva alvo de estudos e cada vez mais posta em evidência no meio federativo, fato que culminou em sua promoção ao 7º grau em 2016. Mesmo meio que o manteve fortemente ativo em ambientes sociais: seja ministrando aulas e participando de cerimônias de graduação, sobretudo na Ritmo Judô; comparecendo a eventos da Federação Gaúcha de Judô, seja na sede do Grêmio Náutico União, no episódio em que o pesquisador conheceu o biografado; seja nos inúmeros encontros do Conselho dos Kodanshas, onde na companhia de velhos amigos e embalado pelos momentos de descontração, rememorava histórias e cantava, em língua espanhola, sucessos de tango, estilo musical pelo qual era apaixonado.

Sua paixão pelo tango, aliás, não apenas foi reforçada por Cid Corrêa Rodrigues Junior (2022), que sorria ao rememorar as cantorias do professor, como pela enteada Patrícia (2022) e os amigos Koji Sasada e Regina Watanabe (2023). A enteada de Obata comentou em entrevista que por um longo tempo teve uma mala da mãe e do padrasto guardada em sua casa. Recentemente, resolveu abri-la e encontrou uma revista de tango, de 2003, em língua japonesa, com anotações de

Obata. Já os amigos, entre as doações e empréstimos feitos por Obata, possuíam um CD de Astor Piazzola.

Apesar da distância geográfica, talvez não seja por acaso essa paixão pelo tango e o velho sonho do toureiro, que encontram similitudes na língua e na cultura espanhola. Um velho sonho que, aliás, jamais se apagou. Conta Patrícia:

Se tu conhece a trajetória dele, tu sabe que o sonho dele era ser toureiro, né? E isso é uma coisa que reverbera dentro dele até hoje. Isso é muito louco! Esses tempos, no aniversário dele, eu fui ali para confraternizar com ele. E tipo, ele chorou - sabe? - por que ele sempre lembra disso. Ele tem isso muito marcado dentro dele. Dessa fase. [...] ele sonhou muito, era um cara bem sonhador. (PHILIPS, Patrícia, 2022).

O choro de Obata, por sua vez, guarda em si os desafios de uma vida que se aproxima de seu centenário. Os enfrentamentos de um presente que carrega inúmeras memórias de um passado de múltiplos caminhos. De abdições e renúncias, mas também de conquistas e vitórias. No passado recente, o grande desafio de *sensei* Teruo Obata residiu em enfrentar o maior de seus adversários nesta altura da vida, a si próprio. O peso do judoca que já não luta, do toureiro que não foi e da saudade do filho. O ajudaram até então nesta caminhada, a família, os alunos, os amigos, que não pouparam esforços na tentativa de mantê-lo feliz e pleno com as decisões que o levaram até este momento.

Desde o início desta tese, deixou-se claro que não houve por objetivo a abordagem da vida recente de Obata, pois são muitos os aspectos a serem analisados, não apenas em termos de cronologia de vida, mas de complexificações de uma história extensa e não encerrada. De todo modo, julgou-se importante discorrer brevemente sua vida pós-anos 1980 como um contributo à comunidade judoística e pesquisadores que possam vir a se dedicar a história de uma maneira mais abrangente ou, ainda, caso tenha por especificidade a última fase de sua trajetória.

Encerra-se, assim, esta biografia pelo mesmo ponto que teve início: a família.

Fotografia 27 – Patricia Philips, Tania Philips Obata e Teruo Obata (Porto Alegre, 2016)



Fonte: Acervo Pessoal de Patricia Philips

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigou-se Teruo Obata, percorrendo sua trajetória de modo a compreender os múltiplos cenários e contextos pelos quais passou. Contribuiu-se, sobretudo, nos campos da História do Japão, da Imigração, da Cidade e do Esporte.

Sobre o jovem Obata, primariamente, fez-se necessário adentrar não apenas o universo político, econômico e social dos anos 1930, momento do seu nascimento, como retroceder séculos de modo a abarcar os processos de fechamento e abertura do Japão nas Eras Tokugawa e Meiji. Vislumbrou-se, então, de que forma os tensionamentos entre a tradição e o pensamento ocidental, assim como os ideais de passado e de futuro, divergiram em determinados pontos e se uniram em outros, moldando a cultura japonesa do século XX e, por conseguinte, as visões de mundo e ações que permitiram verificar, ainda que parcialmente, elementos que constituíram Obata enquanto indivíduo que decidiu tomar o caminho da imigração para a América do sul.

Percebeu-se o universo de transformações do Japão na transição do século XIX para o XX, onde em diálogo com o contexto da imigração japonesa para o Brasil, mostrou importantes diferenças entre os primeiros nipônicos que chegaram ao território nacional em comparação às levas posteriores. Imigrante que saíram de um território japonês que passava por profundas mudanças, tanto no cenário de conquistas do início do século, das crises econômicas dos anos 1920/1930, da Segunda Guerra Mundial como, ainda, da intervenção americana após 1945. Cenários observados com o judoca, o *kamikaze* e o toureiro, substantivos que correspondem a fragmentos importantes da história de vida de Teruo Obata e que dão nome a esta biografia.

A partir de entrevistas, confronto de textos e fontes, deu-se conta da chegada de Obata a terras brasileiras em 1959. E, por entre as individualidades das narrativas, foi possível entender de que forma o mesmo acabou por se inserir no macro-cenário da imigração japonesa para o Brasil e, especificamente, para o Rio Grande do Sul. Entre singularidades, sonhos e vontades, foi percebida a imigração e seus agentes. Teruo Obata entrou em contato com jornal de imigrantes, rotas, estabelecimentos comerciais e indivíduos fortemente inseridos no contexto da

colonização, como a família de Toyohiko Sasada, um dos responsáveis por uma das principais colônias japonesas no estado gaúcho, a de Ivoti.

A trajetória de Obata permitiu a aproximação de uma minoria étnica na cidade de Porto Alegre e alguns de seus meios de integração e socialização. Revisitou-se da pastelaria do Sr. Torige, no mercado público, onde recém-chegados japoneses eram acolhidos e recebiam orientações, à fazenda e figura de Norberto Jung. E entre os passos e técnicas do *judoca*, adentrou-se nos clubes de judô gaúchos dos anos 1950 e 1960, assim como no universo de outras artes japonesas no estado, como o 1º campeonato de sumô.

Destaca-se que, dentre as principais contribuições desta pesquisa, foi demonstrado o papel do cenário marcial como importante universo de socialização para o japonês, estabelecendo vínculos e a valorização da cultura do imigrante. Inserido neste contexto, viu-se o dojô como espaço de acolhimento e partilha entre comunidades. Espaço que extrapola em muitos âmbitos a sua função técnica, de ensino de luta, configurando-se como um espaço de confraternização de amigos, de família, de lazer, de albergagem, de troca cultural.

Naquilo que se refere à escrita da história do judô no Rio Grande do Sul, observou-se nesta pesquisa que não são muitas as narrativas e que este campo está, hoje, em um processo ainda inicial de discussão, onde há uma centralidade muito grande nas contribuições de Takeo Yano e Aluizio Nogueira Bandeira de Mello, deixando inúmeros espaços de prática e indivíduos carentes de análise, sobretudo da década de 1950, como os casos de Iwao Sugo e família Takeda, trazidos à discussão nesta pesquisa e que permitiram lançar novas problematizações frente a algumas interpretações clássicas. Um cenário de questionamentos que já vinha se desenhando ao longo da última década, a partir das revisitas a Takeo Yano, mas que se mostraram ainda mais complexas quando se adentrou a micro-trajetórias inter-relacionadas que fogem à lógica de grandes nomes.

Outrossim, fez-se um esforço nesta pesquisa para a compreensão dos pontos, fragilidades e diálogos dos autores que produzem sobre o tema supracitado, não apenas permitindo um olhar complexo ao leitor, dentro de uma perspectiva de revisão sistemática, mas adicionando uma série de fontes escritas, orais e imagéticas de modo a fornecer subsídios às discussões correntes e estudos futuros.

Adentrou-se intensamente no universo analítico das intencionalidades e trajetórias dos próprios autores, de modo a contribuir, em diálogo com a história de Obata, com aquilo que se pontuou ao início desta produção enquanto objetivo.

Em vias de conclusão, trouxeram-se elementos da vida privada de Obata. Entre relações, filhos e obrigações, viu-se o imigrante e as complexidades enfrentadas por um indivíduo entre dois mundos. Para, além disso, em uma perspectiva de menor densidade analítica, foi abordada a sua trajetória na fase mais avançada da vida, com conquistas consolidadas, mas também com os desafios e frustrações de um momento muito particular na caminhada dos seres humanos: a ancianidade.

É fundamental dizer que encerrar uma pesquisa biográfica é sempre um desafio. Uma vida, com todos os seus caminhos, tomadas de decisão, enfrentamentos, encontros e desencontros, oferece subsídios para infindáveis percursos reflexivos, tendo o escritor a responsabilidade de determinar até onde é possível descortinar determinados aspectos de uma vida, sem perdê-la de vista. Logo, da mesma forma que é imprescindível a complexificação de elementos de uma história para que se possa contribuir com o conhecimento de determinadas esferas, é também fundamental ter a sensibilidade de estabelecer os pontos finais. Com a clareza de que não há biografia encerrada em si, deixam-se possibilidades, mais do que respostas definitivas.

Encerram-se estas considerações com mais uma imagem - simbólica por inúmeros motivos - um término com um Obata sorridente, que encontrou na comunidade brasileira um espaço onde foi valorizado e reconhecido, onde desenvolveu vínculos tão fortes que excederam o universo das amizades.

Concluem-se essas considerações com uma fotografia que, tal qual esta biografia, permite estabelecer inúmeras relações, sejam elas aparentes, como é caso da relação de Obata com Justino Viana (mais à direita da foto), “professor, do professor, do professor” daquele que esta tese escreve. Ou ainda, relações mais ocultas, como do próprio Palacio Salvo (construção ao fundo), erguido, em 1928, no mesmo local onde havia uma confeitaria de nome “La Giralda”, lugar onde pela primeira vez foi apresentado, por Geraldo Matos Rodríguez, o mais famoso tango uruguaio do mundo: *la cumparsita*. Estilo musical preferido de Obata.

Fotografia 28 – Comitiva de Montevideú (Uruguai, 1962)



Fonte: Acervo Pessoal de Wilson Jorge Escandiel

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Micro-história italiana: modo de uso**. Londrina: Eduel, 2012.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- ALMEIDA, Igor de; NAKAO, Gen. Amae: uma emoção para entender a psique japonesa. *In: Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 44, p. 39-50, 2020
- BARROSO, Véra Maciel. Fontes para a história da cidade e do Rio Grande do Sul: cenários documentais da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. *In: CENTRO Histórico Cultural Santa Casa. Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: histórias reveladas*. ISCMPA, 2009, p. 33 – 41.
- BAUER, Letícia B.; BORGES, Viviane T (orgs). **História Oral e Patrimônio Cultural: potencialidades e transformações**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- BELLO, Helton Estivalet. Arquitetura e planejamento urbano em Porto Alegre: dos anos 30 aos anos 70. *In: KRAWCZYC, Flávio. Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002, p. 95-120.
- BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a espada**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- BERTAUX, Daniel. O “relato de vida” como método das ciências sociais. *In: Tempo social, Revista de Sociologia da Usp*. São Paulo: v. 32, n.1. 2020. p. 319-346. Entrevista concedida a Luciano Rodrigues Costa e Yumi Garcia dos Santos.
- BEUNZA, José Maria Imízcoz. El capital relacional. Relaciones privilegiadas y redes de influencia en el Estado español del siglo XVIII. *In: BEUNZA, José Maria Imízcoz. Economía doméstica y redes sociales en el Antiguo Régimen*. Madrid: Silex, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU Pierre. L'illusion biographique. *In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 62-63, 1986, p. 69-72.
- BOEHL, Walter Reyes. **Senpai: trilhando memórias do Judô gaúcho**. Publicação independente. Ebook Kindle. 2018.
- BOEHL, Walter Reyes. Judô em Porto Alegre (décadas de 1950 e 1960): itinerário da prática na cidade. *In: Lecturas: educación física y deportes*. Buenos Aires, v. 23, n.25d, 2019, p.78-89.

BOEHL, Walter Reyes. Teruo Obata. *In: Revista Randori*. V. 1. 2010. Disponível em: <https://issuu.com/mignoronha/docs/www.portaldojudo.com>, acesso em 05 de fevereiro de 2022.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAIRUS, José. **The Gracie Clan and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu: National Identity, Culture and Performance, 1905 – 2003**. (Tese de doutorado). York University, Toronto, 2012.

CASELATTO, Alessandro. História Oral e Micro-História. *In: Ensaios de Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Editora OIKOS; Editora da Unisinos, 2016, p. 52-71.

CHAUDHURI, Saroj Kumar. **Hindu Gods and Goddesses in Japan**. New Delhi: Vedams eBooks (P) Ltd, 2003

DAIGO, Masao. **Pequena História da Imigração Japonesa no Brasil**. Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. 2008. Disponível em: <http://imigrantesjaponeses.com.br/iminbrasil/Pequena%20Historia%20da%20Imigra%20Japonesa%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2022.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História e memória: Metodologia da história oral. *In: História oral: Memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-31.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *In: Topoi*, vol.10, n.19, 2009, p. 7-16

DEZEM, Rogério. Matizes do “Amarelo”: A gênese dos discursos sobre os Orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Editora Humanitas, 2005.

DOLL, Johannes. A Colônia Japonesa de Ivoti: primeiro relato de uma pesquisa interdisciplinar. *In: Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 2002, p. 140-149.

DOWER, John W. **Embracing defeat: Japan in the wake of World War 2**. Nova Iorque: W. W Norton & Company, 1999.

DULL, Paul S. **A battle history of the Imperial Japanese Navy, 1941-1945**. Washington: Naval Institute Press, 2007.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 12° ed, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FLORES, Moacyr. Japoneses no Rio Grande do Sul. *In: Veritas*, nº. 77. Porto Alegre, março de 1975. p. 65-98

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2006.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 32° ed, 2005.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A trajetória da imigração japonesa no Rio Grande do Sul e a política de reconstrução do Japão após Segunda Guerra Mundial. *In: Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS: Ensino, Direitos e Democracia*. Santa Cruz do Sul, Anais, 2016. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais46/1469449125_ARQUIVO_ANPUH_RS2016TomokoKimuraGaudioso.pdf. Acesso em: 07 de fevereiro em 2022.

GAUDIOSO, Tomoko K.; SOARES, André L. R. Entre o Butsudán e a missa: práticas religiosas de imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul, Brasil. *In: Les Cahiers ALHIM*, v. 20, 2010, p. 137-150.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. Os imigrantes japoneses na história do Rio Grande do Sul. *In: Imigração e relações Interétnicas. Anais do Simpósio de História da Imigração e Colonização* (set. 2006, São Leopoldo, RS). São Leopoldo: Oikos, 2008.

GERALDO, Endrica. A “Lei de Cotas” de 1934: controle de estrangeiros no Brasil. *In: Cad. AEL*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth, v.15, n.27, 2009. p. 173 - 209

GREENE, Maggie. The Game People Played: Mahjong in Modern Chinese Society and Culture. *In: Cross-Currents: East Asian History and Culture Review*. E-Journal, N. 17, 2015. Disponível em: cross-currents.berkeley.edu/e-journal/issue-17, acesso em 06 de janeiro de 2023.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria (org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, 19-38.

GINZBURG, Carlo. **Il Formaggio e i Vermi**. Torino: Einaudi, 1976

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. *In: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. A micro-história e outros ensaios*. Trad. António Narino. Lisboa: Difel, 1989. p. 174-175.

GONÇALVES, Edelson Geraldo. **O dever do sacrifício: uma reflexão sobre as motivações dos pilotos Kamikaze na Segunda Guerra Mundial**. (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

HASHIMOTO, Francisco; OKAMOTO, Monica Setuyo; TANNO, Janete Leiko. **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP,

HATSUDA, Kosei. Tokyo's Black Markets as an Alternative Urban Space: Occupation, Violence, and Disaster Reconstruction. *In: Journal of Urban History*. 2022.

HATUGAI, Érica Rosa. **Um corpo como fronteira. Parentesco e identificações entre descendentes nipônicos “mestiços”**. (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. Lisboa: Edições 70, 2017.

INOUCHI, Rikihei; NAKAJIMA, Tadashi. **Kamikaze: Os Pilotos Suicidas Japoneses**. São Paulo: Flamboyant, 1967. (1953)

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO (INIC). Dicionário do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV). Disponível em: www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-imigracao-e-colonizacao-inic. Acesso em: 08 de fevereiro de 2022.

ISHII, Chiaki. **Os pioneiros do judô no Brasil**. São Paulo: Évora, 2015.

JARDIM, Gustavo Tanger. **O surgimento do Judô no Estado do Rio Grande do Sul: uma análise da década de 1950-1960**. Trabalho apresentado como pré-requisito à graduação de *shodan* na Federação Gaúcha de Judô. Porto Alegre, 2015. Disponível em: portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2015/11/15/um-novo-olhar-sobre-a-chegada-do-judo-ao-rio-grande-do-sul/, acesso em 21 de fev. de 2013.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008

KAPP, Leon; KAPP, Hiroko; YOSHIHARA, Yoshindo. **Modern Japanese Swords and Swordsmiths: From 1868 to the Present**. Japão: ed. Kodansha International, 2002.

KARSBURG, Alexandre. “A Micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias”. In: Maíra Ines Vendrame; Alexandre Karsburg; Beatriz Weber; Luis Augusto Farinatti (orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 32-52.

KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Ines. Investigação e formalização na perspectiva da Micro-História. *In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.). Ensaios de micro-história: trajetórias e imigração. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, p.86-113.*

KICH, Ana Maria. **Representações culturais construídas pelas judocas gaúchas por meio de suas experiências nos jogos olímpicos**. UFRGS, dissertação de mestrado, 2022.

KIKUCHI, Wataru. **Relações Hierárquicas do Japão Contemporâneo: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa**. USP, tese de doutorado, 2012.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004

LAMONT-BROWN, Raymond. **Kamikaze: Japan's Suicide Samurai**. Londres: Cassel Military Paperbacks, 1997.

LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. Os Antigos Hotéis de Porto Alegre. In: **Arqtexto**. Porto Alegre, 2000, p.4-12.

LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LEVI, Giovanni. "30 anos depois: repensando a Micro-história". In: VENDRAME, Maíra (et.all.) (orgs.). **Ensaio de Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Editora OIKOS; Editora da Unisinos, 2016, p. 18-31.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.

LIMA, Espada Henrique. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

MADURO, Luis Alcides. **A História do Judô no Rio Grande do Sul: das primeiras Manifestações aos Jogos Olímpicos de Atlanta**. UFRGS. Dissertação de Mestrado, set 1999.

MADURO, Luis Alcides. **A Formação e a sua influência no papel do treinador de judô no planejamento dos treinos e nas competições**. Universidade do Porto. Tese de doutoramento. 2011.

MADURO, Paula Andreatta. **Memórias do automobilismo de rua em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1920-1950)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, 2010.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2010

MAINARDES, J.; CARVALHO, I. C. M. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. In: **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019.

MARICHAL, Carlos. **Nova História das grandes crises financeiras: uma perspectiva global 1873-2008**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016

MARQUES, Bruno Scalzilli Vieira. **Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre: o primeiro clube do futebol gaúcho a competir no exterior**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

MEIHY, José Carlos. Os novos rumos da História Oral: o caso brasileiro. In: **Revista de História**, nº 155, 2º sem., 2006, p. 191-203.

MEIHY, José Carlos e HOLANDA, Fabíola. **História oral – como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, José Carlos e RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: Panorama e Perspectivas. *In: Fronteiras*, Dourados, MS, v.12, n.22, jul./dez, 2010. p.11-35.

MONTEIRO, Charles. Construindo a cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra, SANTOS, Nádia M. Weber dos, ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais. Percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 148-171.

MONTEIRO, Charles. Crônica e cidade: a Porto Alegre dos anos 70 entre a nostalgia da cidade perdida e a cidade labirinto. In: BOTELHO, Denilson. **História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p. 124 - 142.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa**. *Métis história & cultura*, v.5, n.9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

MONTEIRO, Charles. **Entre história urbana e história da cidade: questões e debates**. *In: Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v.5, n. 1, jan./jun. 2012. P. 101-112.

MONTENEGRO, Antonio. **História oral e memória – a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, Antonio. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NOAL FILHO, Valter Antonio. **Os viajantes olham Porto Alegre**. Santa Maria: Anatterra, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Khoury. Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993

NORONHA, Miguel. O cara: Teruo Obata. In: **Revista Randori**. V. 8. 2015. Disponível em: https://issuu.com/revistabastidordabola/docs/pdf_output, acesso em 05 de fevereiro de 2022.

NUCCI, Priscila. O perigo japonês. *In: História Social*. Campinas, nº 12, 2006, p. 133-139.

NUNES, Alexandre Velly. A História Oral e as subversões ao método. *In: Olimpianos*, v. 3, p. 1-19, 2019.

NUNES, Alexandre Velly. **A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais**. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NUNES, Alexandre Velly. **Judô: caminho das medalhas**. 1. ed. São Paulo: Kazuá, 2013. v. 1. 247p

NUNES, Alexandre Velly; KOSMANN, Fernanda Torres; SHOURA, Maurício L. Judô no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Alberto Reinaldo Reppold (org.) **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em: <http://www.crefrs.org.br/atlas/cd/texto/judo.pdf>, acesso em 23 de out. 2020.

OGASAWARA, Kôei. Kieta Ijûti wo motomete (A procura das colônias japonesas desaparecidas). In: **Livro comemorativo cem anos da imigração japonesa**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros. V. 3, 2004. p. 230-243

PARISOTO, Felipe. Entre deuses e sarjetas: chegar em Porto Alegre no alvorecer do Século XX (1890-1920). In: **Revista Aedos**, v. 12, n. 27, 2021, p. 145–166. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/108328>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e Política na Era Roosevelt: o “American Dream” nos filmes de Frank Capra (1933-1945). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856700_28ddb3de9ffca218b6e52a066528ef71.pdf. Acesso em 15 dez. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos. Narração, significados e interpretação nas memórias e nas fontes orais**. Tempo. Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? In: **Projeto História**. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

REZENDE, Tereza Hatue. **Ryu Mizuno - Saga Japonesa Em Terras Brasileiras**. Instituto Nacional do Livro/Aliança Cultural Brasil-Japão. Curitiba, 1991.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Editora da UNICAMP, 2007.

SAITO, Hiroshi (Org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1980.

SAKAMOTO, Rumi. Pan-pan Girls: Humiliating Liberation in Postwar Japanese Literature. In: **Journal of Multidisciplinary International Studies**. Sydney: UTS ePress, vol. 7, no. 2, 2010. Disponível em: <https://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/portal/issue/view/127>, acesso em 15 de junho de 2022.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SANTOS, Geraldine Alves dos. A integração cultural do japonês na cultura brasileira a experiência da Colônia de Ivoti. *In: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito*. Porto Alegre. N. esp., 2003, p. 53-62.

SANTIAGO, Alfonso Gutiérrez. Estudio cronológico sobre los acontecimientos más importantes en la vida de Jigoro Kano. *In: Lecturas Educación Física y Deportes*. Buenos Aires , ano 8, nº 51, agosto de 2002, p.1-5. Disponível em:

SCHATZ, Thomas. **O Gênio do Sistema. A Era dos Estúdios em Hollywood**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *In: História* (São Paulo), v. 33, n. 1, 2014, p. 124-144.

SHIRAIISHI NETO, Joaquim e SHIRAIISHI, Mirtes Tieko. **Código amarelo: dispositivos classificatórios e discriminatórios de imigrantes japoneses no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2016.

SHUN, Inowe. The invention of the Martial Arts: Kano Jigoro and Kodokan Judo. *In: VLASTOS, Stephen. Mirror of Modernity: invented traditions of Modern Japan*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1998.

SILVA, Alexandra Begueristain da. **“Deus é Eles”: práticas religiosas familiares dos imigrantes japoneses de Santa Maria/RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

SILVA, Alexandra Begueristain da. **Nihonjinkai – a associação dos imigrantes japoneses de Santa Maria/RS – século XX**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

SILVEIRA, Thiago Coelho. **Nos Rastros de Gil Martins: Comércio, Política e Industrialização na Primeira República Brasileira (1889-1930)**. 2019. 343f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SILVA, A.B.; SOARES, A. L. R. Identidade e Memória Nikkei: o caso das mulheres japonesas em Santa Maria. *In: História Oral*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 103-123, 2013.

SKLAR, Robert. *História Social do Cinema Americano*. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOARES, André Luis R.: GAUDIOSO, Tomoko Kimura; MORALES, Neida Ceccim; SOUZA, Cristiéle Santos de. **50 anos de História: imigração Japonesa em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil (1958-2008)**. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2008. Texto bilíngue português/japonês.

SOUSA, Adriano Amaro de. O industrial nipo-brasileiro na formação territorial do interior paulista. *In: Anais eletrônicos do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP*. São Paulo: 2020. Disponível em: www.encontro2020.sp.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados. acesso em 02 de fev. 2022.

TAKEMURA, Masayuki; MOROI, Takafumi (2004). Mortality Estimation by Causes of Death Due to the 1923 Kanto Earthquake. In: **Journal of Jaee**. v. 4, 2004, p. 21–45. Disponível em: doi:10.5610/jaee.4.4_21, acesso em 1º de fevereiro de 2022.

TAKEUCHI, Keiichiro. Imigração Nipônica no Brasil. In: **Veritas**, nº. 154, jun 1994, p. 231-241

TAKEUCHI, Michiko. **Pan-Pan Girls and GIs: The Japan -U.S. military prostitution system in occupied Japan (1945-1952)**. Tese (doutorado em História) – Universidade da Califórnia, Los Angeles, 2009.

TANAKA, Aline Midori de Moraes. Imigração e colonização japonesa no Brasil – um resumo. In: **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPG DIR./UFRGS**. Porto Alegre, Edição Especial v.1, n.3, p. 55, nov. 2003

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

USHIDA, Marco Antônio Tuchtegen. **A imigração Nipônica no Rio Grande do Sul**. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, PUCRS, Porto Alegre, dezembro de 1999.

VARGAS NETO, Francisco Xavier de. **Academia Ruy Barbosa, dojô prof. Loanzi: o velho casarão**. (Sem dados de publicação), 2022.

VENDRAME, Maíra Ines. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. 2013. 479p. Tese (Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre. **Territórios da Micro-História**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2023.

VIRGÍLIO, Stanlei. **Conde Koma – O invencível Yondan da história**. Campinas: Editora Átomo, 2002.

WALKER, Brett L. **História Concisa do Japão**. São Paulo: Edipro, 2017.

WATSON, Brian N.. **The Father of Judo: A Biography of Jigoro Kano**. Trafford Publishing, 2012.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Do centro à periferia: “malocas” e remoções na constituição do espaço urbano de Porto Alegre (1952-1973). **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, 2017.

YIANNAKIS, Andrew. **Jujutsu: Traditions, Ways & Modern Practices**. Ed. Belford & Bastion, 2017.

YOSHIMI, Shunya. What Does “American” Mean in Postwar Japan?. *In: Nanzan Review of American Studies*. Nagoya: The Center for American Studies at Nanzan University, V. 30, 2008, p. 83-87.

SITOGRAFIA

100 anos de imigração japonesa no Brasil. **Biblioteca Nacional da Dieta**. Disponível em: www.ndl.go.jp/brasil/pt/index.html, acesso em 01 de março de 2022.

CASA DE CULTURA MÁRIO QUINTANA. **Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/ccmq>, acesso em 17 de julho de 2023.

CINCO RESTAURANTES QUE DEIXARAM SAUDADE. **Jornal GZH**. 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2013/03/cinco-restaurantes-que-deixaram-saudade-4072958.html>, acesso em 10 de outubro de 2023.

Hajime Isogai. **Kodokan Judo Institute**. Disponível em: kodokanjudoinstitut.org/doctrine/palace/hajime-isogai/, acesso em 24 de julho de 2023.

HISTÓRIA. **Prefeitura de Esteio**. <https://www.esteio.rs.gov.br/conteudo/21/102?titulo=História>, acesso em 11 de setembro de 2023.

HISTÓRIA. **Ritmo Judô**. <http://ritmojudors.com.br/ritmo/historia/>, acesso em 22 de out. 2020.

MESSNER, Nicolas. The IJF Releases the new Version of the Kodomo-No-Kata. 2020. **IJF**, 2020. Disponível em: www.ijf.org/news/show/new-version-kodomo-no-kata, acesso em 03 de outubro de 2023.

MORRE MASSAO SHINOHARA, ÚNICO 10º DAN DO BRASIL E TÉCNICO DA EQUIPE OLÍMPICA DE JUDÔ EM 1984. **Globo Esporte**, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/judo/noticia/morre-massao-shinohara-unico-10o-dan-do-brasil-e-tecnico-da-equipe-olimpica-de-judo-em-1984.ghtml>, acesso em 13 de outubro de 2023.

PINTO, Paulo. Judô brasileiro perdeu seu maior representante. **Federação Paulista de Judô**. Disponível em: <https://fpj.com.br/judo-brasileiro-perde-seu-maior-representante/>, acesso em 14 de outubro de 2023.

RIBEIRO, Milton. O restaurante Pagoda fechou. **Milton Ribeiro**, 2010. Disponível em: <https://miltonribeiro.ars.blog.br/2010/04/30/o-restaurante-pagoda-fechou/>, acesso em 11 de outubro de 2023.

SENSEI ROBERSON PASSOS AGRADECE APOIO APÓS TÍTULO. **Federação Gaúcha de Judô**. <http://www.judors.com.br/2013/10/29/sensei-roberson-passos-agradece-apoio-apos-titulo/>, acesso em 22 de out. 2020.

SILVA, Francine. Concessionária mais antiga do RS, Ribeiro Jung é comprada pela SuperAuto Show. **Jornal GZH**. 2020. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/01/concessionaria-mais-antiga-do-rs-ribeiro-jung-e-comprada-pela-superauto-show-k5satyoe0azr01mv9c6_y3ko8.html, acesso em 20 de outubro de 2023.

SISTEMA DE BUSCA. **Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil**. Disponível em: imigrantes.ubik.com.br, acesso em 13 de outubro de 2023.

UMA BREVE HISTÓRIA DA NOSSA CIDADE. **Prefeitura de Sapucaia do Sul**. <https://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/historia/>, acesso em 28 de janeiro de 2023.

WEBER, Jéssica Rebeca. Conheça Sakae, a imigrante japonesa que apresentou o sashimi e o yakissoba a Porto Alegre. **Jornal GZH**. 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/03/conheca-sakae-a-imigrante-japonesa-que-apresentou-o-sashimi-e-o-yakissoba-a-porto-alegre-ck7zca0xj065w01pqxw99cie4.html>, acesso em 10 de outubro de 2023.

GLOSSÁRIO

<i>Budo/ budô</i>	Japonês. Caminho Marcial. Pode-se referir: 1 - à ampliação do universo do <i>Bujutsu</i> , onde são agregados e enfatizados aspectos de filosofia e formação integral; 2 – denominação genérica para o conjunto das Artes Marciais japonesas.
<i>Bujutsu</i>	Japonês. Técnica guerreira / arte marcial.
<i>Daimyo</i>	Japonês. Do século X ao século XIX, foram os grandes senhores terra do Japão que governavam, de forma hereditária, os territórios em uma relação de subordinação ao grande chefe militar da nação (<i>Shogun/Xogun</i>). <i>Lato sensu</i> : senhores feudais.
<i>Dan</i>	Japonês. O mesmo que “grau”. Termo utilizado para se referir aos níveis de faixa preta, coral e vermelha no judô. Atribui-se a numeração da graduação de forma a criar uma palavra composta: <i>shodan</i> (1° grau), <i>nidan</i> (2° grau), <i>sandan</i> (3° grau), <i>yondan</i> (4° grau), <i>godan</i> (5° grau), <i>rokudan</i> (6° grau), <i>shichidan</i> (7° grau), <i>hachidan</i> (8° grau), <i>kudan</i> (9° grau), <i>judan</i> (10° grau).
<i>Dojo</i>	Japonês. Local do “caminho”. Lugar onde se vivencia uma arte marcial. Por extensão: local de treino.
<i>Grappling</i>	Inglês. Termo genérico para lutas agarradas.
<i>Mudansha Dangai</i>	Japonês. Sem <i>dan</i> . Graduação inferior. Faixa Branca até a Marrom.
<i>Jos</i>	Japonês: medida de superfície e módulo de tatame.
<i>Judogi</i>	Japonês. Uniforme específico utilizado para a prática do judô. No Brasil, é comum a utilização do termo <i>kimono</i> como forma genérica ao se referir aos uniformes utilizados em Artes Marciais japonesas como judô, jiu-jitsu, karatê e aikidô.
<i>Jujutsu Jiu-Jitsu</i>	Japonês. Arte Suave. Conjunto de técnicas de combate. No Brasil, é comum a distinção popular dos termos <i>jujutsu</i> (柔術) e <i>jiu-jitsu</i> . Tal diferença é enfatizada como diferenciação das práticas antigas frente ao sistema contemporâneo centrado no combate de solo (<i>Ne-Waza</i>). Contudo, trata-se da mesma palavra que sofreu alterações devido às [controversas] interpretações fonéticas.
<i>Kata</i>	Japonês. O mesmo que forma. No judô é o termo utilizado para sequências técnicas pré-definidas.
<i>Katana/ Catana</i>	Japonês. Espada tradicional japonesa de lâmina curva e fio único.
<i>Kamikaze</i>	Japonês. Traduz-se por “Vento Divino” e é uma alusão às tempestades que permitiram vitórias derradeiras sobre os mongóis no século XIII (1247 e 1281). Em linhas gerais, eram pilotos que davam suas vidas em ataques aéreos suicidas.
<i>Kodansha</i>	Japonês. Faixa coral ou vermelha do 6° ao 10° grau.

<i>Kohai/ Senpai</i>	Japonês. Formas de tratamento baseadas no status. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o <i>Kohai</i> é uma espécie de novato em comparação ao membro mais veterano (<i>senpai</i>) de uma organização. Trata-se de uma relação pautada em princípios de respeito e exemplo.
<i>Makiwara</i>	Japonês: a tradução literal é “palha enrolada”. Trata-se de um instrumento muito comum nas Artes Marciais que usam técnicas de pancada, como socos e chutes (<i>atemi-waza</i>). Tem escopo semelhante ao saco de boxe, servindo para condicionar o corpo. Seus modelos mais difundidos são o <i>shuri</i> (tábua chata de madeira com alvo na altura do osso externo), <i>naha</i> (semelhantes ao anterior, mas com altura diversa para possibilitar golpes mais baixos) e <i>ude makiwara</i> (arrendado para permitir golpes laterais).
<i>Mokuso</i>	Japonês: contemplação silenciosa, meditação.
<i>Randori</i>	Japonês. A luta em treino para fins exclusivos de treinamento.
<i>Sensei</i>	Japonês. Aquele que veio antes. Ainda que no meio marcial tenha um significado mais profundo, traduz-se de forma genérica como “professor”.
<i>Shiai / Shiai Kumite</i>	Japonês. Luta recreativa. Combate com regras e tempo definido.
<i>Shihan</i>	Japonês. Indica nível de maestria e grande distinção. Possui forma de atribuição diversa entre as Artes Marciais.
<i>Taisou/ Taisô</i>	Japonês. Ainda que o conceito ultrapasse os aspectos físicos, é usado no universo das Artes Marciais como exercícios gerais.
<i>Yudansha</i>	Japonês. Faixa preta do 1° ao 5° grau.
<i>Zaibatsu</i>	Japonês: “Círculo Financeiro”, refere-se aos conglomerados financeiros ou industriais verticalmente ligados ao Império do Japão. Controlavam boa parte da economia japonesa entre o Período Meiji e a Segunda Guerra Mundial. Com a intervenção dos aliados no território japonês pós-1945, as <i>zaibatsu</i> foram reconfiguradas em <i>keiretsu</i> .

APÊNDICE A - FONTES PRIMÁRIAS

ENTREVISTAS/DEPOIMENTOS ORAIS E ESCRITOS

BAZACAS, Irineu Pantaleão. Depoimento escrito a Breno Herbert Jones. *In*: JARDIM, Gustavo Tanger. **O surgimento do Judô no Estado do Rio Grande do Sul: uma análise da década de 1950-1960**. Trabalho apresentado como pré-requisito à graduação de *shodan* na Federação Gaúcha de Judô. Porto Alegre, 2015. Disponível em: portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2015/11/15/um-novo-olhar-sobre-a-chegada-do-judo-ao-rio-grande-do-sul/, acesso em 21 de fev. de 2013.

BAZACAS, Irineu Pantaleão. **Depoimento**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2002. Disponível em: repositorio.univasf.edu.br/bitstream/123456789/918/1/E011bazacas.pdf, acesso em 10 de jul. de 2023.

BOEHL, Walter Reyes. Capão da Canoa: entrevista concedida a Felipe Parisoto, dez. 2022.

ESCANDIEL, Wilson Jorge. **Depoimento Oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, 2023.

GASTON, Ricardo. **Depoimento**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/49972>, acesso em 28 de fevereiro de 2023.

RODRIGUES JUNIOR, Cid Corrêa. **Depoimento**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/194713>, acesso em 23 de out. 2020.

RODRIGUES JUNIOR, Cid Corrêa. **Depoimento Oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, 2022.

NUNES, Alexandre Velly. **Depoimento**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/103673>, acesso em 22 de agosto de 2023.

OBATA, Teruo. **Depoimento oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, fev. 2019.

OBATA, Teruo. **Depoimento oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, jul. 2022.

OBATA, Teruo. **Depoimento oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, jan. 2023.

PEREIRA, Flávio Vanni. **Depoimento oral**. Online: entrevista concedida a Felipe Parisoto, jul. 2023.

PHILIPS, Patrícia. **Depoimento oral**. Online: entrevista concedida a Felipe Parisoto, dez. 2022.

PHILIPS OBATA, Tania. **Depoimento oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, fev. 2019.

PHILIPS OBATA, Tania. **Depoimento oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, jul 2022.

PHILIPS OBATA, Tania. **Depoimento oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, jan. 2023.

RIBEIRO, João Osório Marques. **Depoimento**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/194736>, acesso em: 22 de out. 2020.

RIBEIRO, João Osório Marques. **Depoimento Oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, 2022.

SANTOS, Osvaldo Monteiro dos. **Depoimento**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/133680>, acesso em 22 de agosto de 2013.

SASADA, Koji. **Depoimento Oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, out. 2023.

SCHREINER, Jorge Moyses. **Depoimento Oral**. Online: entrevista concedida a Felipe Parisoto, 2023.

SUGO, Shozo. **Depoimento Oral**. Osório: entrevista concedida a Felipe Parisoto, dez. 2023.

VARGAS NETO, Francisco Xavier de. **Depoimento Oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, jan. 2023.

WATANABE, Regina. **Depoimento Oral**. Porto Alegre: entrevista concedida a Felipe Parisoto, out. 2023.

LEGISLAÇÃO (Ordem Cronológica)

BRASIL. **Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890**

BRASIL. **Lei n.º 97, de 5 de outubro de 1892**

SÃO PAULO. **Lei n.º 356, de 29 de agosto de 1895**

SÃO PAULO. **Lei 1045-C, de 27 de dezembro de 1906.**

SÃO PAULO. **Decreto nº 1458, de 10 de abril de 1907.**

BRASIL. **Decreto n.º 4.247, de 6 de janeiro de 1921**

BRASIL. **Decreto n.º 16.761, de 31 de dezembro de 1924**

BRASIL. **Decreto n.º 24.215, de 09 de maio de 1934**

BRASIL. **Constituição (1934) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934.**

BRASIL. **Decreto n.º 24.258, de 16 de maio de 1934**

BRASIL. **Constituição (1937) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1937.**

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 383, de 18 de abril 1938**

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 406, de 4 de maio de 1938**

BRASIL. **Decreto n.º 3.010, de 20 de agosto de 1938**

BRASIL. **Decreto-lei n.º 1.968, de 17 de janeiro de 1940.**

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 3.911, de 9 de dezembro de 1941**

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 4.166, de 11 de março de 1942**

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 7.967, de 18 de setembro de 1945**

BRASIL. **Constituição (1946) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1946.**

DOCUMENTOS

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Certificação de 6º Dan conferido a Teruo Obata.** Rio de Janeiro, 1979.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE JUDÔ. **Ata N.º 1.** Porto Alegre, 11 de março de 1969.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE JUDÔ. **Ata N.º 3.** Porto Alegre, 7 de maio de 1969.

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO ARGENTINA MARU. Santos, 13 de agosto de 1959. Disponível em: www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005915.pdf. Acesso em 25 de julho de 2023.

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO ARGENTINA MARU. Santos, 08 de Maio de 1961. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_006013.pdf, acesso em 10 de outubro de 2023.

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO RIO DE JANEIRO MARU. Santos, 16 de dezembro de 1931. Disponível em: www.inci.org.br/acervodigital/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005527.pdf, acesso em 25 de julho de 2023.

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO SANTOS MARU. Santos, 18 de maio de 1960. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005986.pdf, acesso em 25 de outubro de 2023.

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO MANILA MARU. Santos, 26 de julho de 1934. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005599.pdf Acesso em 26 de outubro de 2023.

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS DO NAVIO TJISADANE. Santos, 08 de novembro de 1955. Disponível em: http://acervodigital.museudaimigracao.org.br/upload/listas/BR_APESP_MI_LP_005788.pdf, acesso em 20 de outubro de 2023.

ONISHI, Takijiro. Carta de Suicídio de Onishi Takijiro. *In*: INOBUCHI, Rikihei; NAKAJIMA, Tadashi. **Kamikaze: Os Pilotos Suicidas Japoneses**. São Paulo: Flamboyant, 1967. (1945). p. 209.

SEKI, Yukio. Cartas de Seki Yukio. *In*: AXELL, Albert; KASE, Hideaki. **Kamikaze: Japan's Suicide Gods**. Londres: Pearson Education, 2002. p. 50

JORNAIS

A Feira: Grande Sucesso. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, nº 205, 01 de novembro de 1959, p. 12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: ago. 2023.

AMARO JÚNIOR. Os gaúchos no primeiro Campeonato Brasileiro de Judô. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 13 out. 1954, p.10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. Hoje a inauguração do dojô Prof. Loanzi. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, nº 45, 23 de abril de 1958, p. 15. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. Judô em Revista. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, nº 127, 31 de julho de 1958, p. 31. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. Judô em Revista. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, nº 151, 28 de agosto de 1959, p. 10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. O desenvolvimento do “judo” no Rio Grande do Sul. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 43, 20 de abril de 1958, p. 36. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. O prof. Loanzi no “dojô” do Esporte Clube Ruy Barbosa. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 34, 10 de abril de 1958, p. 12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. Pleno êxito na inauguração do “Dojô” prof. Loanzi. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 53, 3 de maio de 1958, p. 11. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

AVELINE, Jorge. Primeiro torneio de Sumo no RGS. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 37, n° 84, 11 de junho de 1961, p. 18. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: out. 2023.

Chessman Esgotado. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, n° 205, 01 de novembro de 1959, p. 12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: ago. 2023.

Cooperativa Agrícola. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 282, 31 de janeiro de 1959, p. 6. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Decidir-se-á uma grande rivalidade: George Gracie e Takeo Yano lutarão hoje no Stadio Brasil. **RING**, Rio de Janeiro, ano 2, n° 58, 28 de setembro de 1935, p. 1-2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Departamento de Judô. **Jornal de Caxias**. Caxias do Sul, ano 6, n° 279, 17 de junho de 1978, p.34. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Desmaiaram os dois lutadores. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, ano 12, n° 3905, 18 de março de 1940, p.1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Estão “fervendo” os meios ligados ao judo. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 30, n° 52, 5 de maio de 1954, p. 10-11. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Exatória Estadual. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 35, n° 141, 16 de agosto de 1959, p.10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Feira do Livro: encerrada ontem com grande êxito. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 35, n° 211, 8 de novembro de 1959, p.1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: ago. 2023.

“Feira do Livro” Inaugurada ontem. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 35, n° 198, 24 de outubro de 1959, p.8. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Fundado um novo clube de halterofilismo: Grimeck. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, n° 133, 7 de agosto de 1959, p. 12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Inaugura-se dia 9 em nossa capital o 6.o Campeonato Brasileiro de Judô. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, n° 178, 1 de outubro de 1959, p. 15. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Infanto Juvenil de Judô. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 43, n° 170, 22 de setembro de 1967, p. 10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Jiu-Jitzu: o sport científico do Japão. **Sport Ilustrado**, Rio de Janeiro, ano 3, n° 156, 2 de abril de 1941, p. 14. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Menor não identificado furtou uma pasta com 235 mil cruzeiros. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 10, n° 2978, 13 de janeiro de 1957, p.3. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

NUNES, Elcy. Prof. Loanzi: “êste será o maior campeonato brasileiro de judô”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 35, n° 184, p.13. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Ono é um lutador extraordinário. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 5, n° 1324, p.4. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Judô: “Academia Prof. Loanzi” em franca atividade este ano. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 18, n° 4658, 30 de abril de 1964, p. 11. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: out. 2023.

Judô: ceder para vencer. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 19, n° 5171, 27 de janeiro de 1966, p. 20. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Judocas em Caxias do Sul. **Pioneiro**, Caxias do Sul, ano 30, n° 62, 10 de junho de 1978, p.60. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: out. 2023.

Reunião de técnicos de judô na FRGP. **Diário de Notícias**, ano 31, n° 148, 31 de agosto de 1955, p. 13. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Tomam grande incremento em Bagé os esportes do ringue. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 34, n° 263, sexta-feira, 09 de janeiro de 1959, p.10. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Torneio interno de estreantes de judo da “SORVES”. **Diário de Notícias**, 24 de abril de 1954, ano 30, nº 45, p. 17. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: nov. 2023.

Um Novo Crack Para Os Nossos Rings. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 4, nº 1041, 7 de outubro de 1934, p.5. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

Uma luta que ensina a viver. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, ano 45, nº 53, 4 de maio de 1969, p. 16. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, acesso em: set. 2023.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro estar ciente de minha participação na pesquisa doutoral de Felipe Parisoto, no Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, sendo ela **voluntária** e **gratuita**. Autorizo, deste modo, o uso e divulgação de meu nome, imagem, depoimento e acervo documental para fins acadêmicos, tendo a possibilidade de retirar esta autorização até 01/12/2023. Declaro, ainda, estar ciente que são objetivos de pesquisa: a complexificação do fenômeno imigratório japonês para o estado do Rio Grande do Sul, assim como a compreensão dos aspectos de inserção e sociabilidade de Teruo Obata em Porto Alegre nos anos 1960 e 1970.

Nome completo do participante

Assinatura

Local e data

PROF. ME. FELIPE PARISOTO

Doutorando em História (PPGH - Unisinos)

End. profissional: Av. Santos Dumont, nº 2127, Osório, RS. (IFRS – *Campus* Osório)

E-mail: felipe.parisoto@gmail.com / felipe.parisoto@osorio.ifrs.edu.br

**ANEXO A – CERTIFICADO DE PROMOÇÃO DE OBATA AO 6º DAN DE JUDÔ,
REGISTRO 6/248 DE 8 DE DEZEMBRO DE 1979 DA CONFEDERAÇÃO
BRASILEIRA DE JUDÔ**



Fonte: Registrada pelo autor. Acervo pessoal de Teruo Obata.

**ANEXO B – CRONOLOGIA DA VIDA DO MESTRE TERUO OBATA 7 DAN.
REPRODUÇÃO DA PUBLICAÇÃO DE CID CORRÊA RODRIGUES JÚNIOR,
FACEBOOK, EM 27 DE OUTUBRO DE 2018**

Cronologia da vida do Mestre Teruo Obata 7 dan

Um dos grandes Mestre que atua no judo do RS , sensei Teruo Obata VII dan, nasceu na cidade de YOKOHAMA – JAPÃO.

- 30/nov/1931 na cidade de YOKOHAMA – JAPÃO nasce TERUO OBATA.
 - 1939 na Escola no primeiro grau começa a praticar judô.
 - 7 /dez/1941 JAPÃO bombardeia PEARL HARBOR, no HAVAÍ, entrando na 2 guerra mundial.
 - Jan/ 1945 aos 14 anos Teruo Obata entra na escola de aviação Japonesa (kamikaze, vento divino).
 - 15/ago/ 1945 JAPÃO se rende e sensei Teruo Obata e liberado da escola de aviação. G.H.Q governa o JAPÃO, e proíbe treinos de judo, aikido, karate, kendo no país.
 - 1947 a Escola Secundária, destruída por bombardeios. O judo era praticado no mato em locais escondidos, pois era proibido.
 - 1950 JAPÃO se torna novamente independente e passa a ser liberado os treinos de artes marciais, KODOKAN reabre em dezembro deste ano, e TERUO OBATA é promovido a SHODAN.
 - 1952 TERUO OBATA, é promovido a NI DAN na KODOKAN.
 - 7 /abr/1959 OBATA é promovido a SAN DAN na KODOKAN.
 - 4/JUL/1959 com 28 anos OBATA viaja de YOKOHAMA para o porto de SANTOS-BRASIL. Sensei Obata conta que queria ir para a ESPANHA, e alguém na época lhe disse que em Porto Alegre – RS, a cada duas semanas saia um navio para ESPANHA, então ele comprou passagem para PORTO ALEGRE, onde acabou ficando. Já neste ano trabalhou no Mercado Público numa lancheria. Lá conheceu o Sensei Tatu Luiz Escandiel, que na época comentou com um Policial chamado Pedro do Choque (amigo do sensei Osvaldo Monteiro), dono de uma academia no Bairro Menino Deus chamado, Clube de Cultura Fisica, que ele Obata era faixa preta de judo, então foi convidado para dar aula lá pelo Pedro.
 - 1962 Sensei Obata e Luiz Escandiel passam a treinar na academia Rui Barbosa, a convite do professor Loanzi. Nesta época conta que começou a ensinar a sistemática de treinos de judo, começou a ensinar o NAGUE NO KATA e KIME NO KATA, até então ninguém tinha conhecimento disso no estado.
 - 1971 /1973 foi proprietário de uma Pastelaria na Rua Riachuelo esquina com a Marechal Floriano, lembra que na época ainda passava o bonde lá.
 - Nos anos seguintes deu aula na Academia Tóquio e fundou o Dojo Obata, ministrou aula também na ACM e por ultimo no Ginasio da Brigada Militar.
 - 8/dez/1979 é promovido pela CBJ 6 DAN, logo a seguir retorna para o Japão.
 - 1989 retorna para o Brasil.
 - 18/fev/2016 Teruo Obata é promovido a 7 dan.
- Sensei Obata conta que ministrou aula a diversos professores de judo em determinado momento de suas vidas
- Luiz Escandiel 7 dan (falecido)

- Breno Jones 8 Dan.
- Wilson Escandiel 6 dan
- Fernando Machado de Lemos 7 dan
- Cleto Alves Mendes 8 dan (falecido)
- Almerindo Batista 8 dan
- Carlos Matias Azevedo 7 dan
- Antônio Fontoura 6 dan
- Jorge Moises
- Gabriel Jose Ferreira da Luz
- Mario Sérgio Pinto de Almeida
- João Carlos Salton Boff
- Cesar Cação (atual presidente da FGJ)

Dentre tantos outros.

Fonte Sensei Teruo Obata, Tania Maria Philips Obata

Obs. a foto abaixo é Sensei Obata aos 17 anos em frente a sua escola destruída com os bombardeios da segunda guerra, em YOKOHAMA - JAPÃO. Nesta época treinava judo escondido no campo.

Cid Júnior



ANEXO C – LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS Nº 709 – TERUO OBATA

0100 (BRASIL)

LISTA POSITIVA DE PASSAGEIROS

OSAKA SHOSEN KAISHA

FI-26

A lista deverá ser escrita em caracteres inteligíveis, sem omissões nem idas ou rasuras e vouper sua folha respectiva. Os nomes não deverão ser agrupados, mas colocados seguindo a ordem numérica da viagem. Nenhum nome poderá ser omitido.

Nome do passageiro: **OSAKA SHOSEN KAISHA**

Porto: **S. Paulo** (República a que se destina)

Localidade: **S. Paulo** de **19** de **Agosto** de **1959**

Lista de passageiros. **Fernandes** do **Havão** (nome)

Japoneses "Arquiteta" **Yasui** de **6,403,55** (quantidade e valor embarcação no avião)

Formulário de registro n.º **110** pessoa de tripulação procedente de **Kobe, Japão** com **04** dias e **04** horas de viagem sob o comando de **Yasudachi Jiori**

conduzido neste porto a **Wilson Sons S.A.**

No	NOME E COGNOME	Sexo	Idade	Estado Civil	Nacionalidade	Profissão	Parentesco com o chefe da família	Retorno	ULTIMA RESIDENCIA			País	Porto de procedência	Destino ou Residência	No do Passap.	PASSAPORTE	
									Interméd.	Localidade	Localidade					DATA	LUGAR
695	Akiko Inoue	F	23	C	Japonesa	Domest.	Esposa	Jin	Saitama	Japão	Yokohama	Coop. Agric. de Ju	24/5/59	Yasudachi	285588	Japão	
696	Takiko Ogawa	F	22	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	285776	"	
697	Hannko Taka yasugi	F	31	"	"	"	"	"	Saitama	"	"	"	"	"	285739	Saitama, Japão	
698	Yukie Horigome	F	24	"	"	"	"	"	Yama	"	"	"	"	"	285779	Yama, Japão	
699	Isako Tomita	F	20	"	"	"	"	"	Ibaragi	"	"	"	"	"	285780	Ibaragi, Japão	
700	Toshiko Ishida	F	22	"	"	"	"	"	Saitama	"	"	"	"	"	285702	Saitama, Japão	
701	Yoshie Ono	F	49	"	"	Agric.	Chefe	"	Chiba	"	"	Tabatigawara, São Paulo	"	"	286850	Chiba, Japão	
702	Masako Ono	F	12	S	"	stud.	Filha	"	"	"	"	"	"	"	286851	"	
703	Kiame Ono	F	41	C	"	Domest.	Esposa	"	"	"	"	"	"	"	286852	"	
704	Setauro Ono	M	15	S	"	Agric.	Filha	"	"	"	"	"	"	"	286854	"	
705	Teruko Ono	F	16	S	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	286853	"	
706	Kaoru Ono	F	21	"	"	"	Filho	"	"	"	"	"	"	"	286741	Saitama, Japão	
707	Ieshige Taketsu	M	26	C	"	"	Chefe	"	Saitama	"	"	"	"	"	286740	"	
708	Hiroko Taketsu	F	23	"	"	Domest.	Esposa	"	"	"	"	"	"	"	277420	Kan Gave, Japão	
709	Teruo Obata	M	27	S	"	Agric.	So	"	Yamagawa	"	"	"	"	"	284913	Yamagawa, Japão	
710	Mituo Koshimichi	M	22	"	"	"	"	"	Iagano	"	"	"	"	"	285773	Yamaguchi, Japão	
711	Hatsuyoshi Kazuno	M	20	"	"	"	"	"	Yamaguchi	"	"	"	"	"	285773	Yamaguchi, Japão	
712	Sumikatsu Uchiyama	M	20	"	"	"	"	"	Yama	"	"	"	"	"	285706	Yama, Japão	
713	Yoshie Miwa	F	27	"	"	"	"	"	Tokio	"	"	"	"	"	286737	Tokio	
714	Asao Yamada	M	31	C	"	"	Chefe	"	"	"	"	Praca Ijoca, São Paulo	"	"	284973	"	
715	Yukiko Yamada	F	30	"	"	Domest.	Esposa	"	"	"	"	"	"	"	284972	"	
716	Keiko Yamada	F	16	S	"	Menor	Filha	"	"	"	"	"	"	"	"	"	
717	Ayoko Yamada	F	3	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	
718	Ko Makamura	M	24	C	"	Agric.	Chefe	"	"	"	"	Las Florenço de Abreu, SP	"	"	285015	"	
719	Yusiko Makamura	F	20	"	"	Domest.	Esposa	"	"	"	"	"	"	"	285403	"	
720	Fadyoshi Michimura	M	26	"	"	Agric.	Chefe	"	"	"	"	"	"	"	276574	"	
721	Seiko Michimura	F	23	S	"	Domest.	Esposa	"	"	"	"	"	"	"	285713	"	
722	Nichio Koba	M	23	S	"	Agric.	So	"	"	"	"	"	"	"	284934	"	
723	Teruo Fujii	M	16	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	284977	"	
724	Takemi Kubo	F	25	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	284978	"	

Fonte: Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

ANEXO D – UM NOVO CRACK PARA OS NOSSOS RINGS. TAKEO YANO FALA AO “JORNAL DOS SPORTS”. A SIMPLICIDADE DE UM LUTADOR VALOROSO

Um Novo Crack para Os Nossos Rings
TAKEO YANO FALA AO “JORNAL DOS SPORTS”. A SIMPLICIDADE DE UM LUTADOR VALOROSO

Temos entre nós, mais um “crack” para os nossos rings”. É elle o japonês Takeo Yano, um tipo sympathico de lutador, de uma simplicidade admiravel. Não conta proezas nem se julga capaz de executar nenhumas. É de uma modestia rara.

Em companhia do illustre sportamen capitão Luiz Souto, director da Liga de Sports da Marinha, Takeo Yano veio a nossa redacção, tendo palestrado longamente com-nosco.

Trata-se de um jovem japonês, de 70 kilos, que se encontra em nosso paiz ha 3 annos. Começou a praticar o Jujitsu no Japão, onde disputou mais de 200 combates. No Brazil, lutou apenas uma vez, em Manaus, com um sargento pernambucano, um homem de 84 kilos. A luta era em 6 rounds, de accordo com o regulamento japonês. Em cada um dos tres primeiros rounds, o adversario bateu e acabou desistindo da luta. No Pará, além de instructor auxillar do Conde de Koma, tendo ensinado a uma turma de officiaes da nossa Armada, foi treinador da Policia e do Club do Remo, tendo preparado numerosos rapazes.

Aqui, está contractado pela Liga de Sports da Marinha, onde está treinando uma turma de cerca de 20 officiaes, e lá breves treisar também uma tur-

ma de 60 rapazes da Escola Naval.
Takeo Yano lutará bre-



TAKEO YANO

ve no Rio, possivelmente com George Gracie. Elle está disposto a enfrentar qualquer adversario, de accordo com as regras do professor Jiguro Kano.

Fonte: Um Novo Crack Para Os Nossos Rings. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 4, nº 1041, 7 de outubro de 1934, p.5. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

– Brasil (Hemeroteca Digital)

ANEXO E – GEORGE GRACIE ENFRENTA TAKEO YANO (1935)

Grillo, Oliveira e Liberato Pugilistas Portuguezes, Chegarão Ao Rio Segunda-Feira Para Actuar No Estadio Brasil

Direcção: ANGELO BULGÃO TENOIO D'ALBUQUERQUE

RING

Circula juntamente com JORNAL DOS SPORTS

ANNO II Rio de Janeiro, Sabado, 28 de Setembro de 1935 NUM. 58

Decidir-Se-A' Uma Grande Rivalidade

George Gracie E Takeo Yano Lutarão Hoje No Stadio Brasil



Takeo Yano

O Brasileiro E O Japonês Encontram-Se Em Optimas Condições - Os Dois Estão Confiantes Na Victoria

Defrontar-se-á hoje à noite no Stadio Brasil, os dois velhos rivais, Yano e Gracie. Finalmente, dúvidas, comentários, alegrias e críticas terão seu desfecho com a realização, desde que emocional, aguardada com tanta ansiedade pelo fã do scientifico sport do Imperio do Sol Nascente.

Quase será a possibilidade de cada um dos contendores?

BALANÇO GERAL.

Uma análise severa das possibilidades de, finalista da noite da mixta de Ju-Jitsu e box, indicaria equilíbrio de forças.

Gracie actualmente está em suas melhores condições físicas e de preparo. Argumenta-se de não estando muito mais forte. Submette-se a um rigoroso regimen alimentar. Por meio de gemas esportivas e em horas adequadas, armazena grande numero de energias e fortifica o seu sistema nervoso.

O atleta brasileiro para a tablado, plenamente confiante, num estado psychico ideal.

Takeo Yano também apresentar-se-á em condições, excepcionaes. Tem tre'nado no Flamengo e no Club Naval, onde é instructor da officialidade da nossa marinha de guerra. Seus discípulos ficam maravilhados com seu sangue frio "nipponico" e com sua multiplicidade de recursos. Embora velho, possui uma agilidade feliz, aproveitando-se do minimo descuido do adversario.

Cum o seu modo original de atacar (Yano cruza as mãos) está attento aos movimentos mais imperceptíveis do adversario, observando até as contrações dos musculos faciaes.

YANO É O FAVORITO

O japonês Yano treina no Flamengo e no Club Naval. Dezenas de pessoas assistiram aos seus preparativos. Está em condições excellentes. O mestre japonês deixou optima impressão nos seus treinos. A sua agilidade é extraordinaria. É o franco favorito na luta de hoje.

Campeonato Europeu Dos Moscas

A REALIZACAO DA LUTA HUGENIN X KID DAVID A Internacional Boxing Union accediu officialmente do donato da Hugenin a Kid David, campeão europeu dos moscas.

O combate deverá effectuar-se até 1. de Dezembro.



George Gracie

Fonte: Decidir-se-á uma grande rivalidade: George Gracie e Takeo Yano lutarão hoje no Stadio Brasil. **RING**, Rio de Janeiro, ano 2, nº 58, 28 de setembro de 1935, p. 1. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Hemeroteca Digital)

ANEXO F – JIU-JITZU O SPORT SCIENTIFICO DO JAPÃO (1941)

3.º Anno — SPORT ILLUSTRADO — N.º 156

14

3 de Abril de 1941

JIU-JITZU o sport scienti- fico do Japão

As varias maneiras
de levar o
adversario ao chão



A' esquerda: o Tsurigoni-seoa-nage.
Ao centro: o Uchimata.
A' direita: o Haraigoshi.

O jiu-jitsu, o scientifico sport dos nipponês, a defesa consciente do homem de pequena estatura e pouca força contra os ataques dos typos grandes, tem como um dos seus principaes recursos a forma rapida de derrubar o adversario.

Ante um ataque em plena rua, numa briga, e mesmo no ring, o recurso primordial é fazer tombar o contendor.

No caso do ataque na rua a queda poderá annullar o assaltante e na peor das hypotheses permittirá a applicação de novo e decisivo golpe.

Nos competições do tablado o tombo é o elemento adjuvante, indispensavel já para desmoralizar o adversario, já para cansal-o, já para o levar a uma posição que facilite a applicação de um estrangulamento ou "chave" que decidirá a luta.

No ultimo combate realizado no stadium Brasil tivemos occasião de ver a applicação das quedas, duma forma brilhante, fulminante, inesperada. Yano, o jovem japonês discipulo do Conde Koma, que é um mestre nas quedas, empolgou a assistencia com a sua maneira, aparentemente facil, de tombar George Gracie, seu valoroso contendor brasileiro. E se não fosse a calma e perfeita defensiva de Gracie, por certo Yano sehiria vencedor.

As quedas são a coisa mais impressionante e espectacular que tem o jiu-jitsu. Um bom cultor do sport nipponico sabe tirar desse recurso grandes vantagens e ellas são levadas em conta nos combates com decisão por pontos quando um dos contendores não consegue vencer por desistencia, "foul" ou perda de sentidos.

A primeira coisa que se aprende em jiu-jitsu é cair e fazer cair. Cair, para quando projectado

á lona por um golpe do contendor, poder ficar em boa posição para defender deitado e não se ferir ou traumatizar na queda.

Fazer cair, para na lona applicar o golpe decisivo; para tonlear ou cansar o adversario.

Nesta pagina damos tres medalidades de quedas. A demonstração foi feita por Yano e Geo Omori.

O jovem instructor da marinha e o veterano lutador posaram para o nosso photographo e explicaram como applicar tres das principaes quedas, que são: o "Uchimata", o "Haraigoshi" e o "Tsurigoni-seoa-nage".

A applicação das quedas e a escolha da modalidade particular depende, é claro, das caracterist-



Sergio, que ha pouco completou 3 annos, já possui bons predicados... tambem pudera... E' filho de Brasílio Grané sobrinho de Pedro Grané, "foot-ballers" de reais valores no sport paulista.

cas do adversario e das oportunidades que oferece o decorrer da luta.

Ha, comtudo, certas regras geraes. A posição do adversario, a sua situação de equilibrio, seu peso e sua altura são factores que influem na escolha do genero da queda.

Para tombar um adversario, ou melhor, para que o golpe surta effeito, é preciso surprehendel-o num momento de equilibrio pouco estavel ou enão leva-lo a essa posição por meio de uma manobra previa — um passo ou mudança no apoio das mãos.

Uchimata: esta queda obtem-se enfiando a perna direita nas do adversario, enclanchando-a na perna esquerda do mesmo. Para isso vira-se o tronco para a esquerda, com rapidez, ao mesmo tempo que se puxa o adversario pelo kimono, bruscamente, para a esquerda fazendo com que seu tronco se choque com o flanco esquerdo que actuará como um calce, fazendo-o cair dasmparadamente.

Haraigoshi: a operação é a mesma mas em vez da perna ser collocada entre as do adversario é applicada por fóra, sobre a perna direita do mesmo, para "prender" seus movimentos, enquanto as mãos arrastam a parte superior do corpo para esse mesmo lado.

Nestes dois golpes, como o adversario fica com as pernas "calçadas", isto é, não as pode deslocar para recuperar o centro de gravidade, cãe desamparadamente. Nellas as mãos ficam apoiadas á golla do kimono. E' por ahí que o homem é puxado.

Tsurigoni-seoa-nage: A mão direita, neste golpe, é collocada na manga esquerda do kimono do adversario.

Com esta mão puxa-se o braço do contendor para o alto e para

a frente, mantendo a esquerda na golla ou hombro direito do adversario. Enquanto se faz isso vira-se bruscamente o tronco para a esquerda, recebese o adversario, assim deslocado bruscamente, sobre o flanco ou as costas e atira-se o mesmo com um movimento de cintura á lona. Neste caso o contendor descreve uma cambalhota por cima das nossas costas.

Todas estas quedas podem ser seguidas de immediato e novo ataque na lona.

Para isso não se deve largar o kimono do oponente e segui-lo na queda.

Se este souber cair, porém, cairá em posição de defesa como fez sempre George Gracie no caso acima citado.

Nos ataques na rua estes tombos dados com rapidez e grande impulso num leito na materia, proporcionam quedas perigosas que só por si bastam para annullar o atacante.

**Os scepticos ficarão
apprehensivos e os
optimistas sorrirão
com demencia, de-
frontando-se com o
panorama da vida real
que palpita nas paginas
de GANDAIA, o
novo romance de
Octavio Tavares.**

Preço. . . . 6\$000
Pedidos á
**COMPANHIA EDITORA
AMERICANA S. A.
R. Maranguape, 15. Rio**

ANEXO G – TERUO OBATA É CONTRATADO NO RUY BARBOSA (1964)

JUDÔ: "ACADEMIA PROF. LOANZI" EM FRANCA ATIVIDADE ESTE ANO

Esteve em nossa redação na tarde de ontem, o Judoca Carlos Alberto Marquez, Delegado de Relações Públicas de Judô Prof. Loanzi. Aquele representante, falando à reportagem do Jornal do Dia, esclareceu vários pontos relacionados com as atividades daquele clube para o ano de 1964.

Entre os assuntos abordados, salientou-se o referente aos novos valores do clube, de idade inferiores à 18 anos, os quais durante esta temporada subirão à categoria de faixas pretas. Outro assunto de grande interesse para os pupilos do Prof. Loanzi e simpatizantes do esporte do tatami, é a presença, já para este ano, do renomado Prof. Obata, um dos maiores conhecedores da técnica judoística do Brasil. Na Academia, o referido Prof. será o encarregado de ministrar as aulas diárias, o que até a presente data, vinha sendo feito, com grande esforço, somente pelo Prof. Ubirajara Custódio. A presença do renomado Prof. Obata,

é sem dúvida alguma, um motivo de grande júbilo para os simpatizantes do judô, já que o mesmo tem além de um 2.º ano no judô, títulos honrosos no caratê, sumô, luta-livre e tantos outros galardões do esporte pugilístico japonês.

O judoca Carlos Alberto Marquez, para finalizar, informou-nos a cerca dos seus grandes empreendimentos para esta temporada sabendo-se por seu intermédio, que a Academia pretende realizar vários torneios internos, alusivos às mais importantes datas da seara judoística. O competente encarregado das Relações Públicas, agradeceu ao Departamento Amador do JORNAL DO DIA, pelo muito que vem fazendo em benefício do judô, e principalmente ao Dojô Prof. Loanzi.

A São Paulo, o alto procer colorado Paulo Regnato, que tendo a permanência de Flávio, no plantel de profissionais até o dia 6 de maio e tudo indica que será mesmo o "meia-cancha", de reconhecidas qualidades técnicas e cir.

Fonte: **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano 18, nº 4658, 30 de abril de 1964, p. 11.

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Hemeroteca Digital)

ANEXO H – TERUO OBATA É CONVOCADO PARA O CAMPEONATO INFANTO
JUVENIL COMO MEMBRO DA C.S. ISRAELITA (1967)

Infanto Juvenil de Judô

O Campeonato Citadino Infanto-Juvenil de Judô, cuja realização estava programada para o último fim de semana, foi transferido para os próximos dias 23 e 24 e terá como local o Ginásio do Colégio Concórdia.

O Campeonato começará às 14 horas de sábado, dia 23 com provas que se sucederão até às 18 horas. No domingo as competições se desdobrarão entre as 9 e às 11, e às 14 e 18 horas.

Professores convocados para juizes: Dilamar T. da Silva — Ruy Barbosa; Osvaldo T. dos Santos—Ruy Barbosa; Carlos Matias — Ruy Barbosa; Rafael Cabeda — Ruy Barbosa; Dario Letona — Ruy Barbosa; Emilio Santos — Instituto Portoalegrense de Judô; Teruo Obata —C.S. Israelita; Edson Cassia — Dojô Club Pralana; Lela Linhares — Soc. Gondoleiros; Henrique Dias— Sociedade Gondoleiros e Claudio Goulart—C. S. Israelita.

Fonte: Infanto Juvenil de Judô. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, ano 43, nº 170, 22 de setembro de 1967, p. 10. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Hemeroteca Digital)

ANEXO I - ACERVO FOTOGRÁFICO

Teruo Obata em sua juventude (sem datação)



Fonte: Acervo Pessoal de Teruo Obata.

Tokyo Esporte Clube (Porto Alegre, anos 1970)



Fonte: Acervo de Jorge Moyses Schreiner

Tokyo Esporte Clube, fotografia 2 (Porto Alegre, anos 1970)



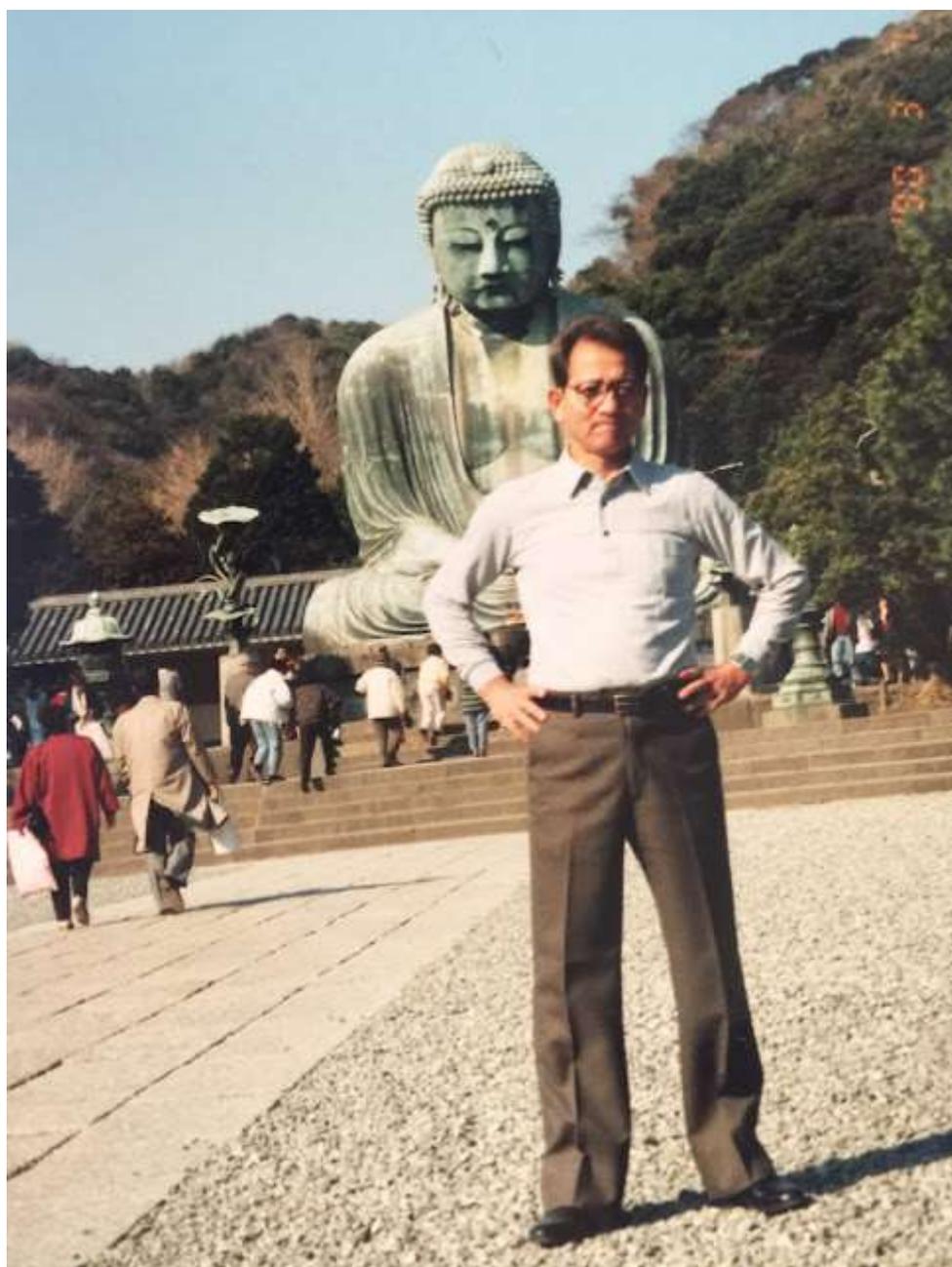
Fonte: Acervo de Jorge Moyses Schreiner

Teruo Obata e a floração das cerejeiras (Japão, 1990)



Fonte: Acervo de Teruo Obata.

Teruo Obata visita o grande Buda de Kamakura (Japão, 1990)



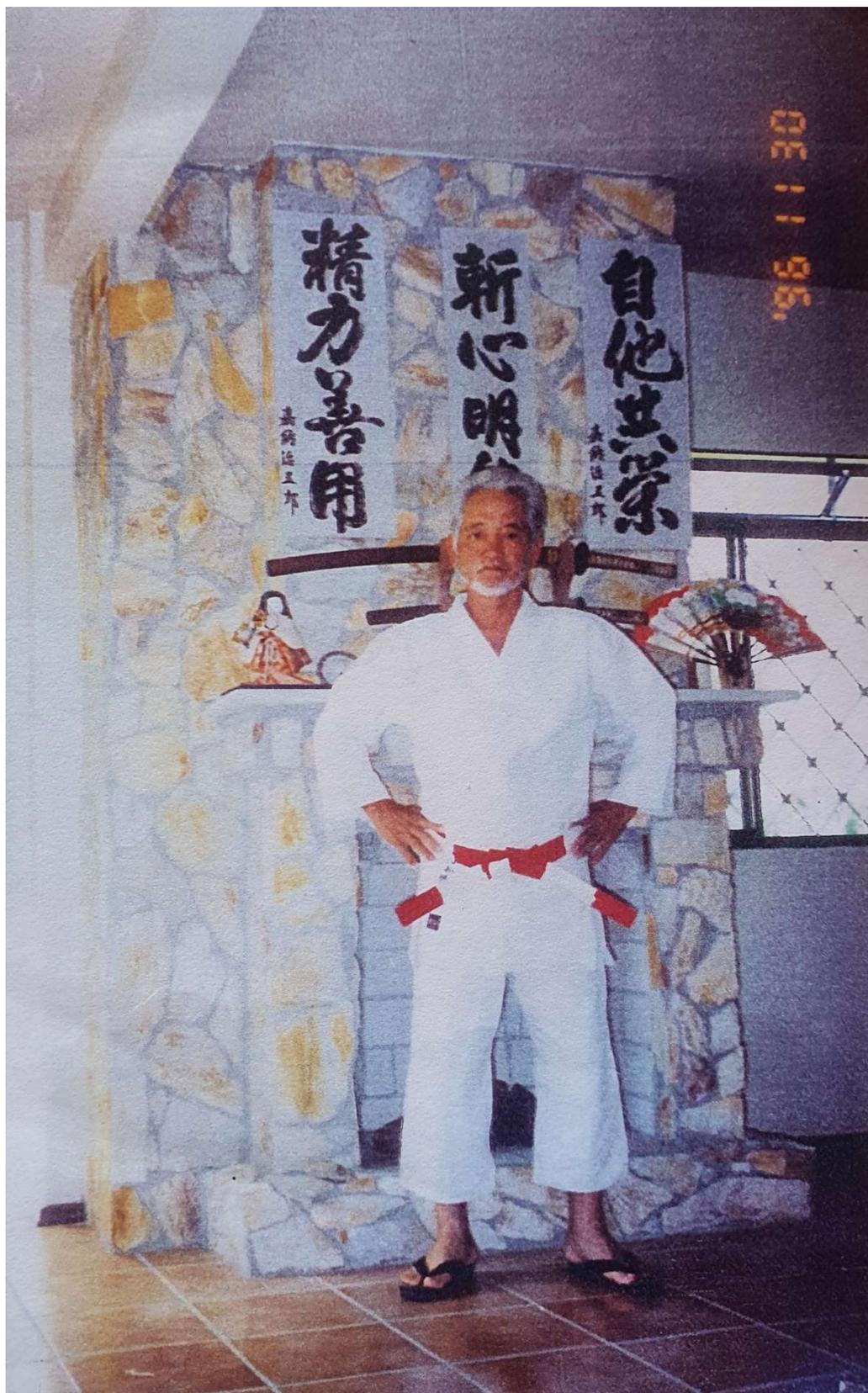
Fonte: Acervo de Teruo Obata.

Teruo Obata com espada e *hakama* (Viamão, Itapuã, 1996)



Fonte: Acervo de Teruo Obata

Teruo Obata com *judogi* e faixa coral (Viamão, Itapuã, 1996)



Fonte: Acervo de Teruo Obata

Teruo Obata ensina os princípios da espada à Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski e integrantes da Ritmo Judô. (Viamão, Itapuã, anos 2000).



Fonte: Acervo de Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski